

Maria Cristina Gobbi e Julianà Gobbi Betti (Organizadoras)
Prefácio: Luciana Renó

Mulheres da comunicação em São Paulo

RIA
Editorial

MULHERES DA COMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO

Organizadoras | Maria Cristina Gobbi
Juliana Gobbi Betti

Prefácio: Luciana Renó

RIA
Editorial

Ria Editorial – Comité Científico

Abel Suing (UTPL, Equador)

Alfredo Caminos (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina)

Andrea Versuti (UnB, Brasil)

Anton Szomolányi (Pan-European University, Eslováquia)

Carlos Arcila (Universidad de Salamanca, Espanha)

Denis Porto Renó (Universidade Estadual Paulista - UNESP, Brasil)

Fátima Lopes Cardoso (ESCS/IPL, Portugal)

Fernando Gutierrez (ITESM, México)

Fernando Irigaray (Universidad Nacional de Rosario, Argentina)

Florian Andrei Vlad (Ovidius University of Constanta, Romania)

Gerson Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Brasil)

Hernán Yaguana (UTPL, Equador)

Jenny Yaguache (UTPL, Equador)

Jerónimo Rivera (Universidad La Sabana, Colombia)

Jesús Flores Vivar (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)

João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal)

John Pavlik (Rutgers University, Estados Unidos)

Joseph Straubhaar (Universidade do Texas - Austin, Estados Unidos)

Juliana Colussi (Universidad Rey Juan Carlos, Espanha)

Koldo Meso (Universidad del País Vasco, Espanha)

Lionel Brossi (Universidad de Chile, Chile)

Lorenzo Vilches (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)

Manuela Penafria (Universidade da Beira Interior, Portugal)

Marcos Pereira dos Santos (Univ. Tec. Federal do Paraná - UTFPR e
Fac. Rachel de Queiroz (FAQ), Brasil)

Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista - UNESP, Brasil)

Mauro Ventura (Universidade Estadual Paulista - UNESP, Brasil)

Octavio Islas (Instituto Tecnológico Superior de Monterrey, México)

Osvando J. de Moraes (Univ. Estadual Paulista – UNESP, Brasil) (*in Memoriam*)

Oksana Tymoshchuk (Universidade de Aveiro, Portugal)

Paul Levinson (Fordham University, Estados Unidos)

Pedro Nunes (Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Brasil)

Piero Dominici (Universidade de Perugia, Italia)

Raquel Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Brasil)

Ricardo Alexino Ferreira (Universidade de São Paulo - USP, Brasil)

Sergio Gadini (Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Brasil)

Thom Gencarelli (Manhattan College, Estados Unidos)

Vicente Gosciola (Universidade Anhembi Morumbi, Brasil)

FICHA TÉCNICA

Copyright ©Autoras, autores e organizadoras. Todos os direitos reservados.

Foto de capa: ©Piotr Krzeslak - stock.adobe.com (arquivo nº 119088290).

Design capa: ©Denis Renó

ISBN 978-989-9220-54-6

Título: Mulheres da Comunicação em São Paulo

Organizadoras: Maria Cristina Gobbi e Juliana Gobbi Betti

Prefácio: Luciana Renó

1ª edição, 2026



Esta obra tem licença Creative Commons *Attribution-NonCommercial-NoDerivatives*, sendo que qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora, não utilizá-la para fins comerciais e não modificar a obra de nenhuma forma.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

RIA
Editorial

riaeditora@gmail.com

<http://www.riaeditorial.com>

ESSA OBRA FOI AVALIADA INTERNA E EXTERNAMENTE POR PARES

O livro foi aprovado pelo avaliadora externa Dra. Diana Vilas Boas Souto Aleixo (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES), que informou parecer positivo à publicação da seguinte forma:

*A obra *Mulheres da Comunicação em São Paulo* possui grande importância por reunir trajetórias femininas que não apenas contribuíram para o campo da Comunicação, mas ajudaram a constituir-lo em sua diversidade, densidade e potência intelectual. Seu valor está em dar visibilidade a mulheres, produções e olhares que, por vezes, permanecem à margem dos referenciais acadêmicos, embora sustentem parte essencial da história da área. Ao percorrer o livro, percebe-se que essas trajetórias ultrapassam o registro biográfico: elas convocam à memória, ao reconhecimento e à responsabilidade de manter vivas presenças que inspiram novas formas de pesquisar, ensinar e compreender a Comunicação.*

O parecer foi enviado previamente ao lançamento.

Diretor do projeto
Omar Rincón

Coordenação Nacional
Nilda Jacks, Lírian Sifuentes e Guilherme Libardi

Organização
Maria Cristina Gobbi e Juliana Gobbi Betti

Biografadas (Bionotas) de São Paulo, Brasil
Autoras / Autores

Apoio

- Departamento de Jornalismo - DJor (UNESP)
- Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCom (UNESP)
- Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia - PPGMiT (UNESP)
- Grupo Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA)
- PCLA - Mulheres na Comunicação
- RIA Editorial
- Fundação Friedrich Ebert para a América Latina e o Caribe
- <https://fescomunica.fes.de/>

SUMÁRIO

Prefácio.....	12
<i>Luciana Renó</i>	

Apresentação.....	15
<i>Maria Cristina Gobbi</i>	
<i>Juliana Gobbi Betti</i>	

MULHERES DA COMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO

Alice Mitika Koshiyama.....	23
Ana Claudia de Oliveira.....	34
Anamaria Fadul.....	41
Ana Silvia Lopes Davi Médola.....	50

Anna Maria Balogh.....	58
Beatriz Jaguaribe.....	66
Brasilina Passarelli.....	71
Célia Maria Retz Godoy dos Santos (Célia Retz).....	83
Claudia Lago.....	88
Cremilda Medina.....	94
Dulcília Helena Schroeder Buitoni.....	102
Elizabeth Nicolau Saad Corrêa (Beth Saad).....	111
Esther Imperio Hamburger (Esther Hamburger).....	119
Gisela Castro.....	127
Gisela Swetlana Ortriwano.....	136
Heloiza Helena Matos e Nobre.....	144

Irene de Araújo Machado (Irene Machado).....	154
Jeanne Marie Machado de Freitas.....	162
Jerusa de Carvalho Pires Ferreira.....	169
Lucia Isaltina Clemente Leão (Lucia Leão).....	178
Lucrécia D’Alessio Ferrara.....	185
Malena Segura Contreras (Malena Contrera).....	190
Margarida Maria Krohling Kunsch.....	196
Maria Aparecida Baccega (Professora Baccega).....	206
Maria Aparecida Ferrari.....	214
Maria Clotilde Perez Rodrigues.....	225
Maria Cristina Castilho Costa (Cristina Costa).....	234
Maria Cristina Gobbi.....	242

Maria Cristina Palma Mungoli.....	253
Maria Dora Genis Mourão (Dora Mourão).....	265
Maria Immacolata Vassallo de Lopes.....	271
Maria Lucia Santaella Braga (Lucia Santaella).....	283
Maria Teresa Miceli Kerbauy.....	290
Marli dos Santos.....	299
Mayra Rodrigues Gomes.....	308
Nelly de Camargo.....	318
Regina Celia Baptista Belluzzo.....	327
Rosana de Lima Soares.....	334
Rose de Melo Rocha.....	339
Roseli Aparecida Figaro (Roseli Figaro).....	348

Simone Luci Pereira.....	354
Sonia Maria Bibe Luyten.....	362
Tânia Márcia César Hoff (Tânia Hoff).....	373
<i>Sobre as organizadoras</i>	379
<i>Índice Remissivo</i>	381

Prefácio

NÓS, MULHERES, EM TODOS OS LUGARES

Luciana Renó

Ria Editorial

Escrever o prefácio da obra “Mulheres da Comunicação em São Paulo” foi, para mim, um desafio, mas também uma honra. O livro reúne uma seleção de bionotas de algumas das mais expressivas pesquisadoras do campo da comunicação do cenário paulista, escritas por autoras e autores que, de alguma maneira, tiveram uma relação direta com estas mulheres em algum momento das suas trajetórias.

Mais do que isso: o livro demonstra o papel das mulheres nesta importante área do conhecimento, ocupando uma real função de protagonismo, apesar dos obstáculos tradicionalmente patriarcais e, em diversos momentos, misóginos que acabam por ofuscar as nossas realizações. Nós, mulheres, estamos em maior número. Nós, mulheres, oferecemos conhecimento diferenciado. Uma das nossas características, como mulheres, é o olhar detalhista e aguçado, o que colabora com pesquisas apuradas. Este livro colabora com a confirmação sobre o papel

que as autoras ocupam em suas subáreas, todas elas sustentadas pela nossa grande área: a comunicação.

A partir do convite das organizadoras da obra – professoras Maria Cristina Gobbi e Juliana Gobbi Betti, mãe e filha, ambas comunicadoras por essência -, decidi apoiar a publicação do livro pela Ria Editorial, um projeto que nasceu em 2018 quando vivia em Aveiro, Portugal, e que desde o princípio teve como base de sua missão a disseminação do conhecimento de forma livre e ilimitada. Quando penso nos pilares da Ria (uma marca que tem como base um substantivo feminino – ria), observo neles a essência da mulher, o único gênero capaz de dar frutos, de gestar. Afinal, a Ria Editorial abriga, nutre e desenvolve novas vidas (científicas e artísticas) em seu ventre. Diante disso, tornou-se inevitável apoiar esta publicação.

Já tive uma trajetória pessoal envolvida com a academia, nas funções de pesquisadora e professora, especialmente no período em que desenvolvi o meu doutorado sobre Jornalismo de Dados, na Universidade Complutense de Madri (2016). Porém, descobri, quando fundei a Ria Editorial, que, para mim, o maior estímulo é conhecer de maneira detalhada (e antecipada) as pesquisas que passam pelo processo editorial. Ao ler este livro, algo novo nesta experiência, consolidei em meus pensamentos o quão importante fomos, somos e seremos no campo da comunicação. Certamente, quem ler esta obra, que também assume o papel de glossário para encontrarmos referências em nossos campos de interesse científico, sentirá algo semelhante, por mais consciente que seja, para todas e todos nós, a importância das mulheres na ciência. Como mulher, deixo o meu convite e os meus sinceros agradecimentos por poder conhecer e participar desta linda obra. Boa leitura.

Apresentação

A PRESENÇA FEMININA NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO EM SÃO PAULO

O livro *Mulheres da Comunicação em São Paulo*, organizado por Maria Cristina Gobbi, Juliana Gobbi Betti e Luciana Renó, editado pela Ria Editorial, faz parte de um projeto mais amplo, que vem sendo desenvolvido na América Latina. Sob a coordenação Nilda Jacks, Lírían Sifuentes, Guilherme Libardi (coordenação Nacional) e sob a direção do projeto de Omar Rincón, este volume traz parte representativa das mulheres que vem contribuindo na construção do campo da comunicação na região.

Construídas por diversas mãos, as bionotas das mulheres da Comunicação em São Paulo possibilitam conhecer um breve perfil do protagonismo feminino presente nas múltiplas produções, ações, conquistas e contribuições para o campo acadêmico-profissional da Comunicação no país. Algumas mulheres pertencem a geração das pioneiras, que abriram o caminho para que as gerações seguintes - consolidadoras, desbravadoras e emergentes -, pudessem avançar, como demonstrado no volume.

Considerando o amplo cenário da América Latina, a memória do campo acadêmico da comunicação nos diversos países que compõem

essa região e a ampliação dos espaços de formação, que favoreceu o ingresso da mulher na educação superior, especialmente a partir do século XIX¹, a literatura da área, de fato, evidencia uma condição de invisibilidade de referenciais dos estudos realizados pelas mulheres. E esse foi um dos fatores que nos estimularam na organização e na publicação desse material.

Optamos, no desenvolvimento desta proposta, pelo cuidado de não separar a produção das mulheres em “espaços de experiência”, como definido por Reinhart Koselleck (2006²). Assim, as bionotas estão organizadas em ordem alfabética. Também não conseguimos abarcar no volume toda a contribuição feminina de São Paulo para a área da Comunicação. Neste sentido, os resultados apresentados residem no intercâmbio no campo prático-conceitual, considerando as experiências individuais capazes de mostrar outros olhares para a pesquisa em comunicação.

O volume reúne 43 mulheres, que tratam de temas diversificados, como: jornalismo, semiótica, telenovela, educação, audiovisual, linguagem, ficção televisiva, cinema, cultura, publicidade, comunidades virtuais, literacias, competência de informação, relações públicas, gênero, sexualidade, educomunicação, jornalismo feminino, políticas públicas, televisão, consumo, sociabilidade, sistemas de produção, redes digitais, longevidade, teorias, metodologias, relações sociais de gênero, radiojornalismo, redes, capital social, perspectivas políticas, semiosfera, linguagem, mídia, cordel, cultura das redes, inovação, tecnologias, epistemologias, mitologia, teorias do imaginário,

1. Embora o exercício profissional ainda ocorra, em muitos casos, em uma posição de menor prestígio se comparada com os colegas do sexo masculino.
2. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

comunicação organizacional, análise do discurso, violências, estudos para a paz, telenovelas, memória, estudos latino-americanos em comunicação, *streaming*, narrativas televisivas, adaptações, *remakes*, teoria da comunicação, inteligência artificial, política e gestão educacional, telecomunicações, legislação dos mídias, linguística, filosofia da comunicação, cidadania, culturas juvenis, ativismos, música, trabalho, folkcomunicação, quadrinhos, cultura pop, mangá, entre muitos outros que têm no campo da comunicação, da informação e da mídia o tripé de sustentação.

Esse grupo, formado por múltiplos saberes e por exercícios de práticas cotidianas quer nos espaços acadêmicos ou de produção comunicativa, está representado por pesquisadoras de diversas instituições paulistas e que produzem estudos teóricos ou aprimoram a prática nos diferentes estágios de desenvolvimento de suas pesquisas. São elas: Alice Mitika Koshiyama, Ana Claudia de Oliveira (Mei), Ana Sílvia Lopes Davi Médola, Anamaria Fadul, Anna Maria Balogh, Beatriz Jaguaribe, Brasilina Passarelli, Célia Maria Retz Godoy dos Santos, Claudia Lago, Cremilda Medina, Dulcília Helena Schroeder Buitoni, Elizabeth Saad Corrêa, Esther Império Hamburger, Gisela Grangeiro da Silva Castro, Gisela Swetlana Ortriwano, Heloiza Helena Matos e Nobre, Irene Machado, Jeanne Marie Machado de Freitas, Jerusa de Carvalho Pires Ferreira, Lucia Isaltina Clemente Leão, Lucrécia D'Alessio Ferrara, Malena Contreras, Margarida Maria Krohling Kunsch, Maria Aparecida Baccega, Maria Aparecida Ferrari, Maria Clotilde Perez, Maria Cristina Castilho Costa, Maria Cristina Gobbi, Maria Cristina Palma Mungiolli, Maria Dora Genis Mourão, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Maria Lucia Santaella Braga, Maria Teresa Miceli Kerbauy, Marli dos Santos, Mayra Rodrigues Gomes,

Nelly de Camargo, Regina Beluzzo, Rosana de Lima Soares, Rose de Melo Rocha, Roseli Figaro, Simone Luci Pereira, Sonia Maria Bibe Luyten e Tânia Márcia César Hoff.

O volume não teria sido possível sem as/os autoras(es) das bionotas, que com o cuidado, respeito, sensibilidade, carinho, reconhecimento e o olhar atento conseguem nos brindar com trajetórias de vida, escolhas acadêmicas e os desafios enfrentados para além da produção comunicativa das Mulheres de São Paulo. São pesquisadoras(es) que se nutriram e se nutrem da produção e do conhecimento dessas mulheres. Foram orientandas(os), colegas, parceiras(os) e amigas(os) de trajetória e que construíram igualmente seu legado. Assim, agradecemos as colaborações nas bionotas de: Adriana Lima de Oliveira; Alessandra Barros Marassi; Alexandra Fante; Aliana Barbosa Aires; Angélica Parreira Lemos Ruiz; Antonio Hélio Junqueira; Beatrice Bonami Rosa; Beatriz Carvalho de Souza; Camila Escudeiro; Carla de Araujo Riso; Clarice Greco Alves; Cláudia Nonato; Clotilde Perez; Cristiane Oliveira Reimberg; Daniela Osvald Ramos; Eliza Bacheга Casadei; Eula Dantas Taveira Cabral; Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetrutti; Fernanda Elouise Budag; Gabriela Machado Ramos de Almeida; Issaaf Karhawi; Karin Müller; Kellyanne Carvalho Alves; Liana Milanez; Ligia Prezia Lemos; Lourival da Cruz Galvão Júnior; Luciano Victor Barros Maluly; Marcio Serelle; Maria Amélia Paiva Abrão; Maria Aparecida Ferrari; Mayra Rodrigues Gomes; Melanie Retz Godoy dos Santos Zwicker; Monica Martinez; Monica Nunes; Nádia da Cruz Senna; Nara Lya Cabral Scabin; Ofélia Torres de Morales; Paula Sibilia; Pollyana Notargiacomo; Priscila Gonçalves; Raquel Cabral; Regiane M. de O. Nakagawa; Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco; Rose Mara Pinheiro; Roseane Andrelo;

Roseli Figaro; Simone Alves de Carvalho; Simone Luci Pereira; Thiago Tavares das Neves e Waldomiro Vergueiro. Sem o olhar atento de cada uma (um), o volume não teria se concretizado

Se, por um lado, os resultados deste trabalho demonstram a produção das mulheres, por outro essa produção ainda não se faz presente na academia, quer nos referenciais teóricos das disciplinas ou mesmo nas possibilidades de aplicação, nem mesmo nos espaços da web, onde é possível fazer determinados controles de acesso por meio dos “algoritmos”. Na literatura da área, de fato, parece evidenciar-se uma condição de exclusão de referenciais dos estudos realizados por mulheres, bastando uma consulta aos manuais de teorias da comunicação vigentes em diversos países para comprovar a afirmação. Embora esforços importantes vêm sendo realizados.

Assim, os resultados da incursão, que disponibilizamos neste volume, podem ser apontados como “achados” que contribuem com os estudos da área da Comunicação, na perspectiva das mulheres produtoras de conhecimento. Tornando possível reconfigurar e trazer outros olhares para o quadro de referências dos estudos na área. Para isso é necessário não somente visibilizar as produções femininas, mas tomá-las referências acadêmico-profissionais ao incluí-las nas indicações bibliográficas, permitindo que as teorias e metodologias propostas gerem reflexões críticas e sejam validadas nos espaços de formação acadêmica. O significativo número de resultados obtidos se constitui em estímulo para a proposição de um olhar atento para esse conhecimento que está disponibilizado.

Agradecemos a Nilda Jacks, Lírian Sifuentes, Guilherme Libardi (coordenação Nacional) pela possibilidade do encontro com o conhecimento das Mulheres da Comunicação, que ampliou de forma

significativa outras miradas para os estudos da área. Igualmente a Ria Editorial, que não mediu esforços para que a publicação do material fosse possível.

Maria Cristina Gobbi

Juliana Gobbi Betti

ALICE MITIKA KOSHIYAMA

por Cristiane Oliveira Reimberg

Filha de imigrantes japoneses, Alice Mitika Koshiyama nasceu no bairro do Sumaré, na Zona Oeste de São Paulo/SP, em 26 de fevereiro de 1948. Seu pai chegou ao Brasil em 1929, vindo de *Hokkaido*. Sua mãe veio de *Tottori* em 1933. Na capital paulista, tiveram uma vida precária. Grande parte da infância e da adolescência, Alice viveu na Zona Leste da cidade, onde teve sua formação educacional.

Estudou o ensino primário no Educandário São Francisco de Assis, no Tatuapé, e depois continuou os estudos nas escolas estaduais Infante Dom Henrique, na Vila Carrão, e Domingos Sarmiento, no Brás. Dos 15 aos 16 anos, começou a trabalhar em uma farmácia em Belém. Como pretendia prestar vestibular, passou a estudar à noite no antigo Colégio Estadual da Penha, atual Escola Estadual Nossa Senhora da Penha, em que tinha aulas de francês todos os dias, o que era importante para alcançar esse objetivo na época.

Lá as aulas de história foram fundamentais para sua formação. Alice teve um professor que ensinou os alunos a relacionarem os fatos históricos. Era o início da ditadura militar, nos anos 1964, 1965 e 1966. Ela já tinha a vontade de fazer a graduação em História, mas a

cobertura do jornal Folha de S.Paulo sobre uma enchente em Ubatuba/SP, com dimensões catastróficas, somada ao desejo de conhecer lugares, escrever sobre diferentes questões e ter acesso às manifestações culturais, fizeram com que também optasse pelo Jornalismo.

Assim, ao concluir o Clássico, equivalente ao Ensino Médio atual, Alice ingressou, em 1967, na primeira turma de Jornalismo da então Escola de Comunicações Culturais (ECC) da Universidade de São Paulo (USP), que em 1969 passou a se chamar Escola de Comunicações e Artes (ECA). Em 1968, ela também iniciou o curso de História na originalmente Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), rebatizada como Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), também na USP.

Alice cursava Jornalismo durante o dia e História à noite e morava no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (Crusp), que cumpria um papel para agrupamentos e trocas de ideia. Já fazia redação de textos, pesquisas de mercado e ‘frilas’ como jornalista para sobreviver. No final de 1968, houve a expulsão dos alunos do local por conta da ditadura militar. Assim, em 1969, ela interrompeu o curso de Jornalismo e ficou cursando apenas História à noite. Com a perda da moradia, precisava se organizar financeiramente para dar conta das duas graduações e sobreviver.

Em 1970, voltou para a ECA. Acabou se formando na segunda turma do curso de Jornalismo em 1971. Chegou a ser estagiária do jornal Última Hora e trabalhou na Agência Folha. A transição para o ensino de Jornalismo se deu sem que houvesse a preparação que se exige atualmente. Os professores da ECA não tinham titulação. Além de aluna do professor e fundador do curso de Jornalismo, José Marques de Melo, Alice foi monitora dele por um ano.

Em 1972, passou a dar aula no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. A primeira disciplina que ministrou foi História da Editoração. As leituras para preparar o curso a motivaram a estudar Monteiro Lobato durante o mestrado em Ciências da Comunicação, que iniciou nesse mesmo ano e novamente na primeira turma do curso, na própria ECA. Em 1972 também concluiu o bacharelado e a licenciatura em História.

A dissertação de mestrado - Monteiro Lobato: Empresário, Trabalhador, Intelectual e Ideólogo da Indústria do Livro no Brasil -, sob orientação de Virgílio Benjamin Noya Pinto, foi concluída em 1978. Considerado um dos trabalhos mais importantes de sua carreira, deu origem ao livro Monteiro Lobato / intelectual, empresário, editor, que se encontra na segunda edição, publicado pela Edusp (Editora da Universidade de São Paulo).

Alice considera que Virgílio foi a pessoa que a preparou para a pesquisa. Com ele passou a reescrever o texto várias vezes e a organizar dados dispersos, um método que buscou expandir para os seus alunos. Era um processo de discussão constante não só com seu orientador, mas também com os colegas que trabalhavam com ele.

Paralelamente, foi se envolvendo cada vez mais no processo de docência da ECA-USP. Alice substituiu o professor Ciro Marcondes, quando ele foi fazer doutorado na Alemanha, na disciplina de Jornalismo Comparado, mais uma oportunidade para ampliar seus estudos ao preparar as aulas.

A professora e pesquisadora também acompanhou um momento essencial para a fundação e consolidação da Comunicação no Brasil, o início da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da qual é a sócia número sete. A instituição

nasceu, em 1977, da vontade de José Marques de Melo, a quem Alice coloca como um visionário, fazer uma instituição para a área. Ela recorda os primeiros folhetos que traziam os trabalhos defendidos em Comunicação, que instituía a categoria dos pesquisadores nesse tema. Ela busca participar dos congressos da entidade apresentando trabalhos, publicados nos anais dos eventos, e faz parte do Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo.

Em 1980, Alice Mitika Koshiyama ingressou no doutorado em Literatura Brasileira, na FFLCH-USP. A tese *O Tempo de Levindo: Ficção e História no Romance de Quarup*, sob orientação de Alfredo Bosi, foi defendida em 1987. Na década seguinte, defendeu sua livre docência, que obteve em 1993, com o título - *Histórias do Jornalismo: das práticas jornalísticas às práticas pedagógicas*.

História do jornalismo é o tema ao qual se dedicou ao longo de sua carreira docente, dando aula para a graduação em disciplinas com essa abordagem, apesar de ter sido aprovada em concurso na ECA-USP para professora de Jornalismo Opinativo. Instituiu disciplinas como Fundamentos Teóricos da História, História do Jornalismo I (Geral) e História do Jornalismo II (Brasil), que formaram diferentes gerações de profissionais.

De auxiliar de ensino em 1972, no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, traçou uma trajetória de professora assistente mestre, professora doutora e professora associada livre-docente, cargo em que se aposentou em 1998. Mesmo aposentada continuou atuando como docente na graduação de Jornalismo de forma contínua. Após afastamento das salas de aulas durante a pandemia de Covid-19, voltou à universidade em 2023 para oferecer aos alunos disciplina optativa.

No Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), atuou como professora-orientadora de 1988 a 2017, no qual ministrou disciplinas como Jornalismo e história: a construção da cidadania e Jornalismo, história e cidadania: política e estratégias de comunicação na sociedade capitalista. Também coordenou o Grupo de Pesquisa Jornalismo e a Construção da Cidadania.

As pesquisas que realizou ou orientou abordam temas como comunicação e cidadania, comunicação e história, história do jornalismo, jornalismo brasileiro, comunicação dos nikkeis, estudos feministas, história das mulheres jornalistas e censura. Seu primeiro orientando no PPGCOM-USP foi Bernardo Kucinski, entre os anos de 1988 e 1991, que defendeu a tese *Jornalistas e revolucionários: a imprensa alternativa no Brasil (1964-1980)*. Kucinski era professor assistente na ECA-USP desde 1986 e lá desenvolveu sua carreira até se aposentar como professor titular em 2007.

Outra professora da ECA-USP, orientada por Alice, foi Maria Otilia Bocchini, que atuou como docente no curso de Editoração (1985-2011) e como docente e orientadora no PPGCOM-USP (1995-2013). O doutorado foi realizado entre 1989 e 1994 e resultou na tese *Formação de redatores para a produção de textos acessíveis a leitores pouco proficientes: o caso da mulher e saúde, boletim do SOF na luta pela saúde das mulheres*.

Ao longo de sua carreira na Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Alice Mitika Koshiyama orientou 23 dissertações de mestrado e 15 teses de doutorado. Sobre a atividade docente na graduação, há o registro no seu lattes de orientação de 79 trabalhos de conclusão de curso.

As orientações de pós-graduação, na década de 1990, abordaram, no caso de mestrados, a experiência feminina em vídeo; a relação

entre democracia, cidadania e informação; Cláudio Abramo; Cásper Líbero; mulheres, Aids e representações; e em relação aos doutorados, construção simbólica da realidade de pescadores por José Bonifácio; e o caso Herzog através da imprensa.

Entre 2000 e 2010, foram pesquisados, no caso dos doutorados, a pauta feminina no jornal A Gazeta; cobertura presencial de 1999 da imprensa colombiana e a presença do narcotráfico; a revista Veja e a campanha presidencial de 1989; processo comunicativo e o ciberespaço; violência letal dolosa no Notícias Populares; e interface e tecnologia da informação. Já os mestrados trouxeram os temas: tratamento e assistência ao HIV/Aids na imprensa diária; Veja, cidadania e pessoa com deficiência; repórteres pioneiras; comunicação de imigrantes brasileiros na Inglaterra; Caros Amigos e imprensa alternativa; edição lobatiana de Memórias de um Sargento de Milícias; comunicação do Sindicato dos Servidores da Justiça Eleitoral; discurso autoritário e jornalismo empresarial; jornalistas da imprensa nipo-brasileira; parceria entre ONGs e imprensa no noticiário sobre crianças e adolescentes; cobertura sobre violência contra jovens na Folha de S.Paulo e em O Estado de S.Paulo; mulheres jornalistas no telejornalismo; comunicação, educação e saúde na Pastoral da Criança; e relação entre jornalismo e política nas eleições de 2008 na capital paulista.

Entre 2011 e 2017, as teses defendidas tratavam de comunicação, saúde mental e o projeto Maluco Beleza; mulheres no jornalismo nipo-brasileiro; sofrimento e prazer no trabalho do jornalista; e representação jornalística das mulheres em situação de rua. Já as dissertações versaram sobre Jornal Sem Terra; direito à informação e o telejornal Repórter Brasil da TV Brasil; diretrizes para nova abordagem

mediática da alimentação; jornalismo nas revistas femininas Cláudia e Marie Claire e controle de comportamento; e o processo de trabalho de jornalistas e profissionais de direito na cobertura do caso Roger Abdelmassih (estupros) pela Folha de S.Paulo.

Presença marcante nas edições do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom, nos eventos da Anpuh (Associação Nacional de História) e nos encontros do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo, Alice costuma apresentar trabalhos atrelados às questões atuais do jornalismo, com perspectiva crítica acurada. Característica que também leva aos grupos de pesquisa, sempre muito participativa, fazendo a ligação entre história e jornalismo, que a marcou desde as escolhas dessas duas graduações. No seuattes, retiradas as duplicações, há 73 trabalhos completos publicados em anais de eventos.

Dos trabalhos apresentados nos congressos da Intercom, Alice destaca alguns como mais importantes. Em 2016, artigo sobre o ensino de jornalismo para os direitos humanos, relacionando a aprendizagem com a experiência dos jornalistas. Em 2014, discutiu multiculturalismo e hibridização cultural, analisando nação, etnias e identidades em Discover Nikkei. Em 2008, com Maria Otilia Bocchini, falou sobre comunicação e educação para cidadania de gênero, traçando diagnósticos e propostas; e apresentou outro trabalho sobre os estudos da história nos cursos de jornalismo. Em 2005, levou ao congresso discussão sobre o assassinato da jornalista Sandra Gomide, analisando a violência de gênero em uma rotina de assédio moral no trabalho.

Dos eventos da Anpuh, os destaques vão para trabalho de 2016 no XXIII Encontro Regional de História da Anpuh-SP sobre maternidade, obrigação, recusa e escolha; em 2014, no XV Encontro

Estadual de História da Anpuh-SC, artigo sobre Carmen Silva e a construção da autonomia da mulher na revista *Cláudia* (1963-1985); em 2008, no XIX Encontro Regional da Anpuh-SP, material sobre a educação de uma nova mulher e Ercilia N. Cobra; e em 2003, no XXII Simpósio Nacional de História, levou texto sobre história, intelectuais feministas e cidadania da mulher.

Das publicações que marcaram sua carreira, além da já citada obra sobre Monteiro Lobato, Alice Mitika considera como principais trabalhos o artigo *Técnicas de mascarar interesses*, publicado na *Revista de Comunicações e Artes* (v.12, n.15) de 1986; o livro *Mulheres jornalistas: opções profissionais para a construção da cidadania*, de 2000; e os capítulos: *Mario Kaplún: como educar o comunicador?*, de 2013, no livro *Pensar e Comunicar a América Latina*; *Antonio Callado, jornalismo para a cidadania*, de 2009, no livro *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*; e *Imprensa Nikkey em língua portuguesa: o fenômeno da globalização e o caso da revista Made in Japan*, de 2008, no livro *A língua portuguesa no Japão*.

Em reconhecimento a todo seu trabalho em prol da docência e na formação de jornalistas de diversas gerações, Alice Mitika Koshiyama recebeu, em 2019, o Prêmio Personalidade Destaque no Ensino de Jornalismo da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Em 2023, ela completou 51 anos de dedicação ao ensino de Jornalismo na ECA-USP, contribuindo ao pensamento crítico não só em suas aulas, mas também por meio das orientações de 119 trabalhos, entre teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso (conforme somatória de dados do seu lattes, retiradas repetições), e na participação ativa nos eventos e debates sobre comunicação, história e jornalismo, trazendo olhares voltados para a cidadania e para o papel das mulheres.

Sugestões de obras da perfilada

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Antonio Callado, jornalismo para a cidadania. In: José Marques de Melo. (Org.). **Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história**. São Paulo/S.Bernardo do Campo: Imprensa Oficial do Estado, Universidade Metodista, 2009, vol. 4, p. 1-288.

KOSHIYAMA, Alice Mitika.; BOCCHINI, M. O. Comunicação e educação para a cidadania de gênero: diagnósticos e propostas. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 2008, Natal. São Paulo: Intercom, 2008.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Ensino de Jornalismo para os direitos humanos: a aprendizagem com a experiência dos jornalistas. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Imprensa, feminismo e vida cotidiana: Carmen da Silva e a construção da autonomia da mulher na revista Cláudia (1963-1985). In: **XV Encontro Estadual de História da ANPUH-SC & II Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**, 2014, Florianópolis. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. História, intelectuais feministas e cidadania da mulher. In: **XXII Simpósio Nacional de História da ANPUH - Associação Nacional de História**, 2003, João Pessoa. João Pessoa: Anpuh, 2003.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Imprensa nikkey em língua portuguesa: o fenômeno da globalização e o caso da revista Made in Japan. In: Gabriel Antunes de Araújo; Pedro Aires. (Org.).

A língua portuguesa no Japão. São Paulo: Paulistana, 2008, p. 1-89.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Mario Kaplún: como educar o comunicador?. In: José Marques de Melo; Maria Cristina Gobbi; Mauro de Souza Ventura. (Org.). **Pensar e Comunicar a América Latina.** 406 ed. São Paulo: Intercom, 2013, p. 229-248.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Maternidade: obrigação, recusa e escolha. In: **XXIII Encontro Regional da ANPUH-São Paulo,** 2016, Assis. São Paulo: Anpuh SP, 2016.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato/ intelectual, empresário, editor.** 2a. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. v. 1. 228p.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a construção da cidadania.** São Paulo: COM-ART, 2000, 78p.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Multiculturalismo e hibridização cultural: nação, etnias e identidades em Discover Nikkei. In: **VI Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação,** 2014, Foz do Iguaçu. São Paulo: Intercom, 2014.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. O assassinato da jornalista Sandra Gomide: violência de gênero em uma rotina de assédio moral no trabalho. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom,** 2005, Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2005.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. O estudo da história nos cursos de jornalismo. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom,** 2008, Natal. São Paulo: Intercom, 2008.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Técnicas de Mascarar Interesses.
Revista de Comunicações e Artes, v. 12, n.15, p. 113-137, 1986.

Sobre a autoria da bionota:

Cristiane Oliveira Reimberg

Jornalista pela Faculdade Cásper Líbero, especialista em Jornalismo Social pela PUC-SP, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, analista em ciência e tecnologia da Fundacentro, onde coordena a área de Comunicação.

ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA

por Alessandra Barros Marassi

Escrever sobre a trajetória profissional de Ana Claudia de Oliveira é algo de tamanha responsabilidade, tanto pela sua produção quanto por seu reconhecimento como pesquisadora da comunicação e da semiótica. Sua carreira acadêmica se destaca pela densidade de suas pesquisas e pelo seu trabalho contínuo no ensino, pesquisa e na extensão que envolve acordos com centros de investigação nacionais e internacionais.

Ana Claudia Mei, nasceu em 03 de janeiro de 1954 e aos 21 anos, formou-se em Língua e Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). No ano seguinte, em 1976 concluiu sua segunda graduação em Publicidade e Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo, a qual cursou simultaneamente. Ainda jovem, aos 22 anos já possuía duas graduações concluídas e na mesma época iniciou um estágio na área de propaganda cujo trabalho envolveu a criação de uma nova disciplina no currículo do Ensino Básico da PUC-SP.

Ainda sobre sua formação, em 1983, defendeu seu Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica na

PUC-SP, com dissertação intitulada *Regressão/Progressão: Neolítico/Arte moderna*, sob a orientação do Prof. Dr. Décio Pignatari que, em 1995 recebeu o Prêmio de Melhor Dissertação da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Neste trabalho, Ana Claudia faz uma comparação entre duas revoluções que se aproximam pelas manifestações da geometria abstrata: a do neolítico e a da arte moderna como proposições de modos de expressão em face das adversidades de um estar na disjunção entre homem e mundo (Castilho, 2021).

Animada com este resultado, iniciou seu Doutorado, no mesmo Programa, onde desenvolveu a Tese intitulada: *A Fala Gestual*, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Segolin, defendida em 1989, em que abordou a gestualidade em lugares públicos, e que foi publicada no mesmo ano pela Editora Perspectiva. As duas pesquisas desenvolvidas tanto no mestrado quanto no doutorado receberam apoio do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, CEPE. Em sua trajetória como pesquisadora, realizou dois estágios Pós-Doutorais na *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, EHESS, na França, sendo o primeiro entre os anos de 1990-1991 e o segundo entre os anos de 1992-1994, ambos com Bolsa FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo, e com pesquisas vinculadas à área de Linguística, Letras e Artes.

Sua atividade profissional na área acadêmica foi majoritariamente construída na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP quando começou a atuar como Professora Titular na graduação em 1994. Nesta instituição desenvolveu diversas outras atividades acadêmicas também na Pós-Graduação, quando foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PPGCOS) de 2005 a 2009 e Vice Coordenadora de 2009 a 2011. Participou da

Comissão de Bolsas do PPGCOS e desde 2014 é coordenadora da Linha de Pesquisa 1 – *Regimes de Sentidos nos Processos Comunicacionais*, fundamentada em teorias semióticas, dos dispositivos e de suas linguagens específicas.

Os projetos de pesquisa vinculados a esta linha investigam e contribuem a produção de sentido e seus regimes de interação, visibilidade e sociabilidade, incluídos os processos de subjetivação e identitários. Suas áreas de pesquisa incluem fundamentos teóricos da Semiótica estrutural, Semiótica visual, Semiótica da moda e do corpo, Semiótica da mídia, Semiótica das práticas da vida urbana, Semiótica da cidade, entre outras. Desde 2009 participa das comissões de avaliação de dissecções e teses e da seleção de novos alunos. Sua atividade como orientadora de mestrado e doutorado no PPGCOS já formou mais de 160 de pesquisadores, desde Paolo Demuru em 2006, sendo pesquisas, inicialmente, suportadas pela teoria da semiótica de Peirce e posteriormente pela Semiótica Greimasiana francesa.

Ana Claudia é uma investigadora ativa e apaixonada pelo que faz (Castilho, 2021) e, em decorrência desse perfil, sua atuação não se resume ao trabalho desenvolvido na universidade, mas é ampliada pela participação como membro de diferentes conselhos, comissões e associações. É essencial destacar que sua presença e atuação nestas associações acontecem continuamente desde 2005, a exemplo da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (Abes) a qual atua como membro e que organizou o III Congresso Internacional da Abes. Também é membro do Conselho de Ex-Presidentes da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP.

Desde 1995, atua como consultora “*ad hoc*” para instituições como Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP),

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Plano de Incentivo à Pesquisa (Pipeq), uma iniciativa da PUC-SP.

Dentre os anos de 1999 a 2021, foi Coordenadora do GP Com Semiótica da Compós. E dentre os anos 1999 a 2024 foi membro da Diretoria da Associação Ibero-americana de Comunicação (Assibercom) em que co-coordena a DTI 7: Estética dos discursos mediáticos. Desde 2018 é Vice-presidente da Federazione Romanza di Semiotica (Fedros) e faz parte do Conselho Científico da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda (Abepem) e co-coordena o GT3: “Corpo, moda e comunicação” no Colóquio de Moda.

Ana Claudia de Oliveira também é líder do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS), que codirige com Eric Landowski (CNRS, França), e está envolvida em diversos acordos nacionais e internacionais para o desenvolvimento da pesquisa semiótica. Além disso, atua como Diretora da revista *Acta Semiótica* e como parecerista de vários periódicos acadêmicos.

Nas áreas da Comunicação, Letras e Linguística, Ana Claudia possui uma vasta produção bibliográfica composta por artigos científicos publicados em periódicos qualis, bem como pela publicação de aproximadamente 60 livros. Pela enorme produção, não seria possível apresentar todos os livros publicados. Por isso destacamos alguns deles. Iniciamos pela obra *As interações Sensíveis. Ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski*, publicada em 2013 pela Estação das Letras e Cores juntamente com o Centro de Pesquisa Sociosemiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), uma importante coletânea que reúne – em

suas 1.102 páginas - artigos de pesquisadores de diversas partes do mundo, escritos em cinco idiomas (português, inglês, espanhol, italiano e francês), com objetivo de abordar a trajetória do semioticista Eric Landowski e sua contribuição para a compreensão da semiótica como um agente social que transcende a linguística.

Com a Coleção Sociossemiótica, Ana Claudia oferece uma contribuição valiosa a partir da série de obras publicada pela mesma editora, a Estação das Letras e Cores, composta pelos livros: *Sociossemiótica I. Moda, consumo e construção da imagem* (2021), que discute como as pessoas utilizam a moda para construção de sua imagem nas práticas sociais; *Sociossemiótica II. Sentido, estesia, gosto* (2021), composto por textos teóricos que abordam a sintaxe da visibilidade, os chamados jogos ópticos, elaborados por Eric Landowski; *Sociossemiótica III. Interação, mídia e cultura participativa* (2021) que acompanha a evolução da convergência dos meios que se sobressai a cultura participativa no campo do jornalismo, do audiovisual e dos discursos tanto religiosos quanto publicitários. E o *Sociossemiótica IV. Mídia e Política* (2021), cujas pesquisas trazem um enfoque na construção da aparência de uma pessoa, de um estabelecimento, de um ponto de venda, de uma marca, de um governo como configurações dinâmicas do parecer. Essa publicação comemora os 25 anos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS).

Vale destacar também sua obra mais recente *Sentidos da Cultura Paulistana*, organizada em parceria com a Maria Aparecida Junqueira, que foi publicada em 2022 pela Estação das Cores e Letras, que em suas 508 páginas aborda os modos de estar no mundo e como as interações e práticas sociais são (re)significadas na constituição do sentido.

Diante do que foi exposto até aqui, compreendemos a importância do trabalho desenvolvido desde o início como pesquisadora e docente de Ana Claudia de Oliveira, cuja carreira é marcada por sua dedicação à pesquisa em Semiótica e à promoção do estudo interdisciplinar da comunicação e da estética.

Sugestões de obras da perfilada

CASTILHO, Kathia. Uma referência na pesquisa que alicerça a moda no Brasil. Entrevista. **Revista Dobras**. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1306>. Acesso em: 10 out. 2023.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Interações sensíveis**. Ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Sociosemiótica I**. Moda, consumo e construção da imagem. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Sociosemiótica II**. Sentido, estesia, gosto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Sociosemiótica III**. Interação, Mídia e Cultura Participativa. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Sociosemiótica IV**. Mídia e Política. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2021.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. JUNQUEIRA, Maria Aparecida. **Sentidos da Cultura Paulistana**. São Paulo: Estação das Cores e Letras, 2022.

REPOSITÓRIO PUCSP. **Repositório de Dissertações e Teses PUCSP**. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/>. Acesso em: 10 out. 2023.

Sobre a autoria da bionota:

Alessandra Barros Marassi

Docente na Pós-Graduação em Comunicação e Gestão de Mídias Digitais do SENAC. E-mail: alebarrosmarassi@gmail.com

ANAMARIA FADUL

por Eula Dantas Taveira Cabral

Anamaria Fadul é uma das mulheres cientistas de grande destaque e prestígio na área de Comunicação no Brasil. É membro fundadora da maior entidade científica comunicacional do país, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Com seu grande conhecimento, somado ao seu jeito singelo, educado e firme, conquistou a amizade e respeito de muitos intelectuais, sendo responsável pela formação de dezenas de pesquisadores na graduação e na pós (mestrado e doutorado) na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

Fadul, como é conhecida por seus ex-orientandos de mestrado e doutorado, nasceu no interior de São Paulo, mesmo não tendo aquele sotaque gracioso do R dos paulistas, na cidade de Assis, no dia 16 de junho de 1943. Lugar onde seu pai, José Fadul Júnior, atuava como advogado, e sua mãe, Dativa Lutti Fadul, como a responsável pelo cuidado e estudos dos filhos. Seus pais são exemplos que influenciaram seu comportamento e atuação em prol da sociedade brasileira.

Com sua busca incessante pelo conhecimento, sua formação começou em Assis, onde estudou até completar o Ensino Fundamental,

o antigo ginásial, indo para Campinas, onde cursou o Ensino Médio, outrora chamado de Colegial. Pensou em cursar Direito, mas seu pai não permitiu. Preferia que ela fizesse Economia. Como Anamaria Fadul não concordou em ir para o campo econômico, foi para São Paulo e lá fez graduação na Universidade de São Paulo (USP) no curso de Filosofia (1963-1967), época em que o Brasil entrou na Ditadura Militar, perseguindo universitários, professores e todos os brasileiros que fossem contra seus posicionamentos.

O curso de graduação em Filosofia na USP era ministrado por grandes intelectuais que influenciaram o pensamento científico na área de Humanas, como os franceses Jacques Rancière, que era o colaborador do Althusser, Danielle Ancier e Michel Debrand. Conforme Anamaria Fadul, a Filosofia da USP era o berço da intelectualidade paulista, mas que sempre esteve sob a mira dos militares brasileiros, que perseguiram e mataram alunos e professores que eram contra a Ditadura no país.

Mesmo vivendo momentos complexos no país, Anamaria Fadul não desistiu de sua formação científica. Fez sua graduação em Filosofia (1963 - 1967) e, em 1965, após ser submetida a um concurso para dar aula no cursinho do grêmio da USP, foi aprovada e, durante dois anos (1966 a 1967), ministrou aulas para candidatos ao curso de Filosofia. Ali iniciava sua vida acadêmica na USP, onde presenciou as perseguições da Ditadura, mesmo não se envolvendo no campo político, pois temia os militares.

Em 1968, Anamaria Fadul entrou na pós-graduação. Em seu Mestrado em Filosofia (1968 - 1972) desenvolveu a dissertação “Categorias econômicas e políticas do segundo Tratado sobre o Governo Cívil de John Locke”, sob orientação de Maria Sylvia de Carvalho

Franco. É importante destacar que sua orientadora tinha formação na área de Ciências Sociais, com doutorado em Sociologia (1964), pós-doutorado pela Yale University, nos Estados Unidos (1969), livre-docência na USP (1970), defendendo a pesquisa “O Moderno e suas diferenças”, se tornando em 1976 professora titular do departamento de Filosofia da USP.

Em 1969, Anamaria Fadul é convidada para entrar no departamento de Filosofia da USP como professora, sendo designada para a Escola de Comunicação e Artes (ECA), lugar visto pela comunidade universitária como o mais artístico e criativo da instituição. Mesmo passando por três processos de contratação, e após perder dois colegas professores do departamento, seu contrato finalmente é feito para ministrar aulas de Filosofia na ECA. Lá começa a participar das atividades e pesquisas na área de Comunicação. Seu interesse pela pesquisa sobre telenovela se dá no final dos anos 60, quando conhece o professor José Marques de Melo, que também trabalhava na ECA e a incentivou a criar o Núcleo de Pesquisa de Telenovela, em 1992, no qual ficou até 1996, quando se aposentou na USP.

O Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN), hoje chamado de Centro de Estudos de Telenovela (CETVN) da USP, foi um marco na história da ficção televisiva no Brasil e teve início sob a coordenação de Anamaria Fadul. Seu acervo era composto por todo tipo de material sobre as telenovelas brasileiras, reunindo pesquisadores do Brasil e do exterior que buscavam entender a influência das telenovelas brasileiras sobre as pessoas que estivessem no Brasil ou em outros países. Exemplo disso é a percepção nas pesquisas que o conteúdo dos teledramas mexiam com o cotidiano e atitudes tomadas pelos telespectadores. Além disso, ele possibilitou que os estudos científicos e de mercado

detectassem que o Brasil conseguira romper a total dependência da programação estrangeira consumida, indo no contrafluxo, ou seja, seu conteúdo televisivo rompia as fronteiras brasileiras, conquistando a preferência de telespectadores em vários países.

Com grande reconhecimento científico, no ano de 2000, o antigo Núcleo de Pesquisa de Telenovela, criado por Anamaria Fadul, passou a estudar também outras ficções televisivas seriadas como minisséries e seriados. Um ano depois, exatamente em 2 de outubro de 2001, mesmo instalado no prédio central da ECA, sofreu um incêndio e perdeu todo o seu acervo: mais de 2 mil boletins do Ibope; centenas de revistas nacionais e internacionais; 2.500 artigos de jornais, como os dos suplementos de TV; dossiês de telenovelas, datadas desde 1965; mais de 400 roteiros de novelas; 1.500 sinopses; 900 capítulos de novelas; além de fotografias, fitas de vídeo, discos e pôsteres. Com a campanha “S.O.S. Telenovela – O que você guardou de lembrança pode ajudar nossa memória”, o NPTN começou o novo acervo, voltando a funcionar no dia 15 de maio de 2002, se mantendo até hoje como referência de pesquisa sobre ficção televisiva.

A trajetória de Anamaria Fadul foi fundamental para que a Comunicação ganhasse reconhecimento no cenário acadêmico nacional. Ainda em 1973, iniciou seu doutorado em Filosofia na USP, propondo como tema de pesquisa a área comunicacional. Neste mesmo ano, ganhou uma bolsa da Fulbright para fazer o doutoramento na Universidade de Nova York, mas foi obrigada a desistir por problemas de saúde relacionados à sua coluna, levando-a a ficar afastada da academia por três anos para tratamento de saúde. Terminou o doutorado somente em 1980, sob orientação de Maria Sylvia de Carvalho Franco, com a tese “O futuro no presente: perspectiva para uma Teoria da Comunicação”.

Com seu envolvimento na área de Comunicação, em 1986, faz a Livre-docência na USP, defendendo a pesquisa “Os meios de comunicação de massa: um desafio à Igreja (O São Paulo - 1979-1985)”. Dois anos depois, em 1988, vai para Roma, ficando até 1990, onde faz seu pós-doutorado na Università degli Studi Roma Tre (Uniroma), na Itália. Nessa época, os estudos sobre os sistemas de comunicação, principalmente a atuação dos conglomerados midiáticos, ganharam mais importância nas pesquisas de Anamaria Fadul.

Com sua aposentadoria na USP, em 1996, vai para a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) ministrar aulas e orientar alunos no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social nas áreas de comunicação internacional, mídia global e mídia regional. É na UMESP que os estudos midiáticos começaram a conquistar alunos de todo o Brasil interessados em pesquisar, sob orientação de Anamaria Fadul, a regionalização e a internacionalização da mídia brasileira, verificando os fluxos e contrafluxos comunicacionais.

Durante o período em que Anamaria Fadul atuou no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social na Umesp (1996 a 2008), conseguiu formar um grande grupo de pesquisadores brasileiros. Em seu currículo Lattes são registrados 21 orientandos de Mestrado, sendo que quatro são da USP. Os temas das dissertações eram redes de televisão, agências de publicidade, indústria fonográfica, telenovela, rádio, TV por assinatura, telejornais, fotojornalismo e imprensa.

Os orientandos de Anamaria Fadul no Mestrado foram: Ruth Penha Alves Vianna (USP, 1989), Enio Leite (USP, 1990), Lisandro Magalhães Nogueira (USP, 1995) e Monica de Moraes Oliveira (USP, 1997). Na Universidade Metodista de São Paulo orientou: José Carlos Aronchi de Souza (1997); Robinson Borges Costa (1998); Djalma da

Paz Gomes (1998); Ilka Margot Goldschmidt (1998); Robison Borges (1998); Teresa Patrícia de Sá Teixeira Santoro (1999); Angela Nelly Gomes (1999); Flávio Falciano (1999); Hélio Alberto de Oliveira Freitas (1999). Nos anos 2000, destacam-se na Umesp: Sérgio Luiz Cunha dos Santos (2000); Eula Dantas Taveira Cabral (2000); Vera Lúcia Spacil Raddatz (2000); Rosane Innig Zimmermann (2000); Maria Ataíde Malcher (2001); Edison Delmiro Silva (2001); Débora Cristina Tavares (2002) e Larissa Perfeito Barreto Redondo (2005).

Anamaria Fadul registrou 10 orientandos de Doutorado em seu currículo Lattes, sendo também quatro da USP. Os temas das teses eram comunicação política, rádio, comunicação popular, minisséries, internacionalização da mídia brasileira, grupos de mídia e imprensa. Seus orientandos na USP foram: Domingos Freitas Filho (1988); Ana Maria Cardoso de Andrade (1990); Círcia Peruzzo (1991); e Julio Freire Narciso Lobo (1997). Na Umesp teve como orientandos: Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho (2001); Djalma da Paz Gomes (2003); José Edgard Rebouças (2003); Fernando Kuhn (2005); Eula Dantas Taveira Cabral (2005) e Maria Érica de Oliveira Lima (2005).

É importante destacar que, além dos orientandos de Mestrado e Doutorado, Anamaria Fadul também orientou pesquisas de alunos de graduação, com os quais passou a ter grande contato após a abertura da Intercom para os jovens que estavam iniciando o ensino superior. Isso aconteceu em 1984, época em que ela era presidente da maior associação de pesquisadores do Brasil na área de Comunicação, a Intercom.

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) foi criada em 12 de dezembro de 1977, porém Anamaria Fadul passou a se envolver mais somente em 1978, quando

retornou dos Estados Unidos, depois de ter concluído seu tratamento de saúde. Fez parte da primeira diretoria da Intercom como membro do Conselho Fiscal (1979-1981), se tornando vice-presidente na segunda diretoria (1981 – 1983) e, finalmente, presidente em 1983, ficando no cargo até 1985. Hoje atua como membro do Conselho Curador.

É importante destacar que, na década de 1980, a Intercom começou seu processo de internacionalização, reunindo pesquisadores estrangeiros, como os dos Estados Unidos, França, Canadá, Itália, além dos países da América Latina. Mesmo já existindo a Associação Latino-Americana de Pesquisadores da Comunicação (Alaic), criada no ano seguinte da Intercom, 1978, Anamaria Fadul somente passa a participar efetivamente de seus eventos da ALAIC no congresso realizado em Lima (Peru), em 1982, quando é convidada para falar no evento como palestrante.

Com uma carreira científica marcante na área de Comunicação, no currículo Lattes de Anamaria Fadul (atualizado em 2019), são registrados em sua produção bibliográfica: 20 artigos completos publicados em periódicos; três livros; 10 capítulos de livros; cinco textos em jornais; três trabalhos completos publicados em anais de congressos; e 51 apresentações de trabalhos em eventos científicos. Ao indagar Fadul sobre as obras que escreveu, quais recomendaria para leitura, deixa claro que todas são fundamentais. Assim, para que o leitor entenda a contribuição de Anamaria Fadul no campo comunicacional são apresentadas quatro obras.

“Serial fiction in TV: the latin american telenovelas with an annotated bibliography of brazilian telenovelas” foi publicada em 1992 pela USP, sendo um marco nas pesquisas sobre telenovela. Reúne no livro autores do México, Estados Unidos, Brasil, Argentina e Peru

que analisam as telenovelas a partir da recepção, entretenimento e educação, disponibilizado aos leitores o levantamento e organização de uma bibliografia anotada sobre o gênero, contabilizando 164 obras, além de índices temático, de telenovelas e o remissivo de autores.

Sobre ficção televisiva também se destaca “Telenovela e família no Brasil”, publicado por Anamaria Fadul na revista *Comunicação & Sociedade* n. 34, em 2000. Ela apresenta os resultados da pesquisa “O impacto social da televisão sobre o comportamento reprodutivo no Brasil e nos Estados Unidos”, resultado da parceria de instituições de pesquisa dos dois países. A partir do panorama sobre a telenovela no Brasil no período de 1950 a 1980, Fadul apresenta as semelhanças e diferenças dos formatos de famílias ficcionais com dados oficiais sobre família no Brasil.

No campo da análise sobre os conglomerados de mídia no Brasil e suas estratégias de atuação, dentre os artigos publicados por Anamaria Fadul em periódicos científicos, é importante ressaltar a contribuição de “A internacionalização dos grupos de mídia no Brasil nos anos 90”, publicado na revista *Comunicação & Sociedade* n. 29, de 1998. O artigo apresenta ao leitor as bases para se compreender como se dá o processo no país, a partir dos estudos sobre comunicação internacional, fluxos comunicacionais, internacionalização dos grupos de mídia e os processos de globalização, concentração, diversificação e desregulamentação.

No campo midiático destaca-se, ainda, a obra “Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática”, resultado da organização feita por Anamaria Fadul e Maria Cristina Gobbi, publicada pela editora *Arte & Ciência* em 2006. Resultado do XI Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento

Regional (Regiocom 2006), oferece ao leitor 18 artigos assinados por 24 pesquisadores que analisam a relação entre o global, o nacional e o regional, a diversidade regional e a pluralidade local.

Anamaria Fadul é uma pesquisadora que faz bastante diferença na área científica. Filósofa, de formação, depositou todo o seu conhecimento para somar com o campo da Comunicação. Não hesitou em ir além. Acreditou nos pares, fez parte da fundação da Intercom e trouxe pesquisadores de várias partes do Brasil e de outros países para investigarem cientificamente a mídia brasileira, entendendo, a partir dos ângulos cultural, social, econômico, político e tecnológico, suas estratégias e influência sobre a sociedade.

Sobre a autoria da bionota:

Eula Dantas Taveira Cabral

Professora do Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). E-mail: eula.cabral@rb.gov.br

ANA SILVIA LOPES DAVI MÉDOLA

por Kellyanne Carvalho Alves

Ana Silvia Lopes Davi Médola nasceu em 3 de junho de 1964, na cidade de Cornélio Procópio, Estado do Paraná. Filha de Aldemar de Souza Davi e Maria Rosa Lopes Davi é irmã de Dayse Mari Lopes Davi. Casada com Oger Luiz Soares Médola, com quem tem duas filhas, Laís Davi Médola e Beatriz Davi Médola. Ela é professora do Curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet e integrante do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM (mestrado e doutorado), da Unesp – Campus de Bauru.

Em sua trajetória profissional no mercado, trabalhou em emissoras da Rede Globo e afiliada da extinta Rede Manchete. No ano de 1991, já formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e ainda cursando a graduação de História, Ana Silvia Lopes Davi Médola ingressa na academia como professora do magistério superior pelo Departamento de Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru. A partir de então, dedicou-se às atividades de ensino, pesquisa e extensão no campo da Comunicação. Em 1993, começou seu percurso na pós-graduação por

meio do mestrado em Projeto, Arte e Sociedade pela Unesp, na área de concentração em Comunicação e Poéticas Visuais, desenvolvendo, sob a orientação da professora Dr^a Maria Teresa Miceli Kerbauy, a dissertação que tem o título “A produção comercial de vídeo em Bauru”.

Desde o início de seu percurso como pesquisadora, Ana Silvia Médola elegeu e manteve como principal objeto de análise das suas pesquisas o texto televisual. No mestrado, investiga questões relativas à linguagem audiovisual a partir da análise de textos videográficos por meio de arcabouços teóricos como: a Retórica Nova, a Teoria da Informação e a Semiótica Peirceana. No período do doutorado em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, tornou-se membro do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – CPS (PUC-SP, USP-FFLCH, CNRS-Paris). Centro interinstitucional que reúne pesquisadores nacionais e internacionais interessados nos estudos da semiótica de linha francesa.

Na oportunidade, participou de atividades de formação de pesquisadores oferecidas pelo CPS, entre elas; cursos, seminários, palestras e ateliês de pesquisas. Estes momentos colaboraram na construção de sua carreira como pesquisadora em pesquisas sociosemióticas ao possibilitar um aprofundamento de seus conhecimentos na semiótica discursiva. Foi membro do atelier de Semiótica Visual e do atelier Semiótica Sincrética, chegando a ser coordenadora deste último no ano 2000. Coordenou ainda os trabalhos do atelier Sincretismo e Mídia (2001) e do atelier Sincretismo e Televisão (2002).

A partir dos estudos da semiótica discursiva de linha francesa, Ana Silvia Médola construiu seu quadro teórico por meio de técnicas e métodos que foram aplicados em suas análises de textos televisuais. A sua abordagem investigativa centrou-se no problema

do sincretismo de linguagens no texto audiovisual. Os métodos e técnicas foram usados nas suas pesquisas desenvolvidas tanto no CPS como em projetos e orientações conduzidas na pós-graduação em Comunicação, da FAAC-Unesp.

Em 2001, defendeu a tese intitulada: “Novela das oito e suas estratégias de textualização”. Terra Nostra: a saga ressemantizadora”, sob a orientação da professora Dr^a. Ana Claudia Mei Alves de Oliveira. Em 2010, aprovou sua livre-docência na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, com o título: “Televisão: linguagem e significação”.

No campo de investigação, Ana Silvia Médola tem sua produção científica estruturada pela linha de pesquisa com ênfase nos estudos da comunicação, televisão e semiótica da linguagem audiovisual. Além de participações em livros, periódicos, congressos e palestras, ela tem coordenado diversos projetos de pesquisa e extensão na graduação. No ensino, ministrou disciplinas direcionadas à televisão, estética televisual, teoria da imagem e som, roteiros de TV, direção de programas de TV, narrativa televisual, semióticas das mídias e teoria da comunicação. As bibliografias adotadas e aulas ministradas nessas disciplinas possibilitaram a formação acadêmica de muitos estudantes de graduação a partir de um olhar mais atento às abordagens teóricas e métodos consolidados pela base da semiótica discursiva na compreensão da linguagem e significação televisual.

Em 2006, a professora Ana Silvia Médola organiza o Grupo de Estudos Audiovisuais (GEA) com a participação de discentes da graduação e pós-graduandos por meio de projetos de pesquisa e extensão universitária. O GEA reúne pesquisadores com interesse nos estudos da linguagem, estética e os modos de produção audiovisual,

notadamente no processo de convergência tecnológica nas mídias digitais (especialmente a televisão) e plataformas digitais, bem como, suas implicações na forma de produção e circulação de conteúdo.

Na pós-graduação, a docente está vinculada à linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação, da FAAC-Unesp, denominada “Produção de Sentido na Comunicação Midiática”. Esta linha tem como foco central investigar a construção do sentido nas produções da mídia. Ana Silvia Médola também foi coordenadora do referido programa no período de 2004 a 2007. Integrou ainda o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: informação e conhecimento da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, durante o período de 2007 a 2014.

As pesquisas executadas pela docente têm como eixo central a televisão, conteúdos audiovisuais, semiótica da linguagem televisual e significação. A professora coordenou diversos projetos de pesquisas, dentre eles estão: “A TV Digital no Brasil: linguagem e perspectivas para a inclusão digital”; “Projeto integrado de pesquisa em TV Digital: interatividade, conteúdo e estética”; “TV Unesp: produção e circulação de conteúdos audiovisuais em plataforma convergente” e “Televisão interativa: estratégias enunciativas e interações sociais”. Os projetos de pesquisas recentes coordenados são: “Televisão: linguagem e significação” e “Regimes de interação e sentido na comunicação audiovisual em conteúdos autônomos: o papel actancial da IA na enunciação”.

Na extensão universitária, o interesse da docente versa pelas atividades de ação social com parcerias com órgãos públicos dos poderes executivo, legislativo e judiciário. Pode-se citar a participação na discussão sobre protocolo de orientações para o enfrentamento ao desaparecimento de crianças no âmbito do projeto “Rede Estratégica

e de Enfrentamento ao Desaparecimento de Crianças - Redesparc”, coordenado pela Unesp. Também desenvolveu projetos extensionistas junto à equipe da TV Unesp. Um exemplo disso foi o projeto “AAPAE Bauru e o que ela tem de melhor: gente”, que criou produtos educativos junto à TV Unesp. As produções visavam explicitar, informar e conscientizar a população de Bauru dos serviços e atendimentos prestados pela APAE Bauru. Outros projetos de experimentação com a TV Unesp foram executados pela docente, tendo como objetivo produzir produtos audiovisuais interativos, bem como, articular ensino, pesquisa e extensão favorecendo o aprendizado técnico dos alunos em relação à produção audiovisual em televisão.

Além de sua atuação na docência, na universidade tem ocupado espaços na administração e gestão desempenhando o papel de diretora da TV Unesp (2010-2017) e do Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativa da Unesp (1993-1998). Também foi diretora de Relações Institucionais da Associação Brasileira de Televisões Universitárias - ABTU (2014-2017). Ana Silvia Médola ainda ocupou o cargo de vice-presidente em instituições sem fins lucrativos que atuam no fortalecimento, fomento e divulgação de conhecimentos científicos no campo da Comunicação como a Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (2007-2009); a Socicom - Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (2008-2012) e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom (2014-2017). É líder do GEA - Grupo de Estudos Audiovisuais, da Unesp, e membro do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (PUC-SP, USP-FFLCH, CNRS-Paris).

Entre as principais publicações produzidas pela professora consolidadora estão o livro de sua autoria “Televisão: linguagem e

significação”, publicado em 2019 pela editora Appris. O livro é uma coletânea sistematizada de textos elaborados por meio de pesquisas produzidas após seu doutorado. Os textos foram compilados em três eixos centrais que analisam os processos de significação dos produtos televisuais a partir da base teórica e metodológica da semiótica discursiva.

A coletânea traz na primeira parte uma análise semiótica das estruturas discursivas no texto das telenovelas a partir do sincretismo de linguagens e suas lógicas de articulação dos elementos significantes nas semióticas sincréticas. A segunda parte reúne artigos da autora em que há um redirecionamento da sua pesquisa para a questão da transição tecnológica da televisão no processo de digitalização e a convergência midiática iniciada no final do século XX, investigando os processos de enunciação televisiva e as novas configurações e as alterações na estrutura de produção e consumo. A terceira parte é composta por artigos que têm como foco as práticas interativas em televisão que criam modalidades diferentes na forma de fruição por meio de sua narrativa expandida.

Ana Silvia Médola também colaborou na organização de livros. Em 2020, participou como coorganizadora, juntamente com Laan Mendes de Barros e José Carlos Marques, do e-book “Produção de sentido na cultura midiática”, da coleção Olhares Transversais, do selo PPGCOM/UFMG (Belo Horizonte). Também organizou e-books de distribuição gratuita, publicados pela RIA Editorial em 2019. O e-book “A nova Televisão - do YouTube ao Netflix” tem como organizadores Alfredo Caminos, Ana Silvia Médola e Abel Suing (2019). Cabe destacar ainda o livro publicado pela Editora Sulina (Porto Alegre), em 2007, “Imagem, visibilidade e cultura midiática:

Livro da XV Compós”. A publicação foi organizada em colaboração com Denize Correa Araujo e Fernanda Bruno.

Dentre as publicações em periódicos e anais de congressos, destaca-se aqui o artigo de Ana Silvia Lopes Davi Médola e Henrique da Silva Pereira intitulado “*The Effect of Sense of Movement in Audio-visual Media: A Study on Kineticism as a Formant of Expression in Globo News’ Institutional Motion Sequence Intolerância*”, publicado em 2021, na Revista *Comunicación y Sociedad* da Universidad de Guadalajara. Outra referência importante é o artigo fruto de pesquisa de doutorado publicado na Revista Galáxia (PUC-SP), no ano de 2002, com o título: “Terra Nostra: estratégias de textualização na novela das oito”. Entre trabalhos completos em anais de congresso, tem-se o artigo “Da TV analógica para a digital: elementos para a compreensão da práxis enunciativa”, divulgado nos Anais do XV Compós - Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, em 2006.

Nas produções que resultaram em capítulos de livros que ilustram a trajetória de pesquisa da professora Ana Silvia Médola, três trabalhos são interessantes ressaltar. O primeiro é o capítulo “Globo Media Center: televisão e internet em processo de convergência midiática”, que integra o livro “XIV Compós - Narrativas Midiáticas Contemporânea”. A obra foi organizada pelos pesquisadores André Lemos; Christa Berger; Marialva Barbosa, sendo publicado pela editora Sulina (Porto Alegre), em 2006. O segundo é o capítulo “Televisão digital, mídia expandida por linguagens em expansão”, que integra o “Livro da Compós - 2009 – Televisão digital: desafios para a comunicação”. Esta obra foi organizada por Sebastião Squirra e Yvana Fachine e publicada pela editora Sulina (Porto Alegre), em 2009.

O terceiro trabalho a destacar tem como título: “Lógicas de articulação de linguagens no audiovisual”. Ele compõe o livro “Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semióticas sincréticas”, organizado pelas pesquisadoras Ana Claudia de Oliveira e Lucia Teixeira, no ano de 2009, e editado pela Estação das Letras e Cores, em São Paulo.

Durante três décadas de atuação como docente na FAAC-Unesp, Ana Silvia Lopes Davi Médola consolidou-se como um dos nomes femininos de referência no campo da Comunicação. A partir de um trabalho de ensino, pesquisa e extensão pautado pelo rigor científico por meio de olhar atento às questões de linguagem, estética e significação audiovisual. Ana Silvia Médola firmou seu percurso com contribuições relevantes para os estudos da semiótica discursiva de linha francesa desenvolvidos no Brasil. As colaborações resultantes de suas análises sobre o discurso presente nos textos televisuais acompanharam o processo de transformação tecnológica, cultural e social da produção e consumo de conteúdo televisual brasileira. Transformações essas que reconfiguraram o cenário comunicacional por meio da convergência midiática e hibridizações de linguagens e hoje são marcas estruturantes do atual ecossistema midiático digital.

Sobre a autoria da bionota:

Kellyanne Carvalho Alves

Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) e professora do Departamento de Comunicação - Decom, do Centro de Comunicação, Turismo e Artes - CCTA, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: kellyanne@lavid.ufpb.br

ANNA MARIA BALOGH

por Maria Amélia Paiva Abrão

Filha de Theresia Anna Balogh e Peter Janos Balogh, Anna Maria Balogh nasceu em Bad Reichenhall-Alemanha em quatro de julho de 1945, mas mudou-se ainda criança para o Brasil e naturalizou-se brasileira. Coursou o ensino fundamental no Colégio Juvenal Müller no Rio Grande do Sul e, já no ensino médio, mudou-se para a cidade de São Paulo – SP, onde estudou nos colégios Liceu Eduardo Prado e Mackenzie. Foi nesta cidade que construiu a sua trajetória acadêmica no departamento de Cinema, Rádio e TV (CTR) da Escola da Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), tendo como lócus privilegiado de investigação a ficção cinematográfica e a ficção televisiva seriada.

Em 1966, Balogh inicia o curso de bacharelado e licenciatura em Letras (Português e Espanhol) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Finalizada a graduação, a pesquisadora muda-se para a Espanha para realizar o curso Hispano-Brasileiro no Instituto de Cultura Hispânica (ICH), em Madrid, que lhe garante o diploma de *Profesor de Filología Española* em 1971.

Em junho deste ano, cursou os Estudos de Literatura Infantil Iberoamericana no Instituto de Cultura Hispânica-Madrid (ICHM).

Ainda na Espanha, começa o doutorado em Literaturas Estrangeiras Modernas na Universidad Complutense de Madrid (UCM) com bolsa do ICHM. Regressa ao Brasil e permanece com a pesquisa de doutoramento à distância, cujo tese, “El Concepto de Poesía en la Obra de Octavio Paz”, foi defendida em 1979 – para a defesa em Madrid, Balogh recebe auxílio da Capes.

Anna Maria Balogh realiza o Mestrado em Ciências da Comunicação em concomitância com o Doutorado. Dessa forma, em 1975 inicia seus estudos na ECA-USP sob orientação do Eduardo Peñuela Cañizal e defende a dissertação, intitulada “Vidas Secas”, em 1980.

O despertar para a docência ocorre em 1973 quando passa a lecionar no Curso Superior de Letras, Tradutores e Intérpretes da Faculdade Iberoamericana de Letras e Ciências Humanas. Em maio de 1974, ela inicia o trabalho como professora assistente no departamento CTR da ECA-USP. Ainda, leciona na Universidade Mackenzie, nos cursos de Comunicação e Artes e no de Desenho Industrial e Arquitetura no ano de 1978.

Em 1980, Balogh é aprovada no concurso do CTR da ECA-USP para a disciplina “Semiologia da Imagem” e passa a lecionar em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP) na Universidade de São Paulo. Dentre as disciplinas ministradas, destacamos: Linguagem de TV, Direção e Produção, Redação em TV. Ademais, a docente ministrou a disciplina Semiótica da Narrativa para Cinema e TV na *Escuela Internacional de Cine y Television* de San Antonio de Banos-Cuba em 1987.

Para além das orientações de trabalho de conclusão da graduação, Balogh orientou alunos do sétimo semestre em uma pesquisa requerida pela revista *Veja* em que os estudantes deveriam monitorar e contabilizar, ao longo de uma semana, cenas de nudez, erotismo e violência mostradas na televisão brasileira. O resultado da pesquisa foi apresentado no artigo “Sexo, socos e babás” na revista de quatro de julho de 1990.

No que tange à pesquisa, Anna Maria Balogh dedicou-se aos estudos de Linguagens da Ficção televisiva seriada e do Cinema. Sua pesquisa para a tese de Livre-Docência, denominada “Adaptações, Conjunções, Disjunções, Transmutações: do literário ao filmico”, foi contemplada com bolsa Capes em 1989 e publicada no formato de livro. Sua linha de atuação era a “Configuração de Linguagens e produtos audiovisuais na cultura midiática”. Em 1994, foi para a França para realizar o Pós-Doutorado na Université Stendhal em Grenoble.

Ao longo de sua trajetória na ECA USP, foi chefe do departamento CTR e vice-chefe do de Rádio e TV (RTV) em 1989. Balogh esteve vinculada ao quadro de funcionários da USP, atuando na Graduação e Pós-graduação entre 1974 e 1999.

Em 2000, Anna Maria Balogh tornou-se professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Paulista (Unip), ministrando as disciplinas “Tempo e Espaço na Expressão Mediática” e “Intertextualidade na Cultura Midiática”.

Reconhecida por suas pesquisas sobre ficção seriada, Balogh é convidada a integrar a Rede de Pesquisadores em Ficção Televisiva (Obitel Brasil), coordenada pela Profa. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. No ano seguinte, criou a equipe Obitel Unip para a realização da pesquisa bienal dentro da Rede Obitel Brasil, resultando no capítulo “As astúcias da linguagem na narrativa seriada”.

Dentre as atividades realizadas na Unip, destacam-se o apoio à reestruturação do PPGCOM em 2002 e a contribuição à redação da proposta de Doutorado em 2007. A pesquisadora deixou o PPGCOM da Unip em meados da década de 2010.

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Balogh foi membro do Centro de Estudos Semióticos, responsável pela criação da revista *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, da Associação Brasileira de Semiótica (ABS) e do Grupo de Estudos sobre o Tempo – grupo interdisciplinar que reunia professores de diversas áreas de USP - pertencente ao Grupo de Estudos Avançados (GEA).

Anna Maria Balogh possui vasta produção bibliográfica voltada para a televisão e para o cinema. Suas pesquisas evidenciam o caráter interdisciplinar do Campo da Comunicação em que a pesquisadora se aproxima da linguística e volta-se aos produtos comunicacionais para um olhar mais amplo sobre a produção audiovisual brasileira, percorrendo os componentes verbais e visuais de um texto.

Nesse sentido, listamos algumas de suas publicações mais relevantes. A primeira delas, é o livro publicado em 1996 e reeditado em 2005, intitulado *Conjunções, disjunções transmutações: da literatura ao cinema e a TV*. Neste, Balogh investiga como as narrativas são adaptadas e transformadas ao migrarem da literatura para o cinema e/ou televisão. A autora utiliza uma perspectiva interdisciplinar, combinando teoria literária, semiótica e estudos de cinema para analisar os processos de transmutação (transformação criativa) que ocorrem nas adaptações a partir de três conceitos: o de (1) *conjunções*, em que a obra recriada mantém uma relação enriquecedora com o texto original, ou seja, ocorre a convergência entre as linguagens literária e audiovisual possibilitando a manutenção do sentido original, (2) *disjunções*, quando

a obra falha em capturar a essência da obra literária em decorrência das diferenças midiáticas, como cortes narrativos, simplificações ou reinterpretações radicais e (3) *transmutações*, quando ocorre um afastamento do texto original e o processo criativo redefine a obra de forma autônoma, não como uma cópia.

Outra obra de destaque é o livro “O discurso ficcional na TV: sedução e sonho em doses homeopáticas” lançado em 2002. O livro é o resultado de anos de pesquisa e ensino no CTR da ECA USP. Cada capítulo traz uma análise da produção televisiva seriada brasileira, cuja linguagem, segundo a autora, é um hibridismo de outras mídias e gêneros. Para ela, a televisão proporciona uma ficção *homeopática*, administrada em doses pequenas e diárias para envolver o receptor.

Dentre os artigos publicados em revistas, destaca-se “O Perfume de Mulher nas Minisséries Brasileiras” publicado na Significação em 2005 em que Balogh lança o olhar sobre o aumento da participação feminina em todas as etapas da produção do audiovisual, mais especificamente nas minisséries, que permitem um adensamento da narrativa e das personagens femininas contribuindo para a construção simbólica da identidade cultural brasileira. Vale ressaltar que a pesquisadora inicia um projeto de pesquisa para investigar o feminino a partir das representações fílmicas em 2009.

Outro artigo, “Televisão: ficção seriada e intertextualidade” foi publicado na revista Comunicação & Educação em 2007. Neste, Balogh apresenta como os conceitos clássicos aplicados à literatura - intertextualidade, paratextualidade e arquitextualidade – podem ser utilizados para a análise de ficção televisiva seriada.

Por fim, o artigo publicado na revista Rumores em 2015, “Poética da imagem e TV: vinhetas de abertura e encerramento em

programas ficcionais brasileiros”, investiga, a partir da semiótica e da poética da imagem, as vinhetas de abertura e encerramento dos produtos ficcionais televisivos do Brasil como elementos artísticos e comunicacionais. Objetos de poucas análises, mas que permeiam o imaginário coletivo tal qual as obras ficcionais que apresentam e encerram. Segundo a autora, as vinhetas são capazes de traduzir as identidades das obras e preparar os receptores para a narrativa ao sintetizar os sentidos do produto ficcional.

Anna Maria Balogh foi uma das precursoras do Campo da Comunicação no Brasil a investigar a ficção televisiva seriada e o cinema, objetos de pesquisa tidos como irrelevantes quando adentram ao Campo. Sua vasta produção científica investiga os sentidos dos textos e das imagens por meio da inter-relação entre linguagem, semiótica, narratologia e comunicação. A pesquisadora abriu o caminho para que outros pesquisadores pudessem compreender e investigar a Comunicação enquanto campo interdisciplinar, mostrando que os meios são ferramentas comunicacionais que vão se modificando com os avanços tecnológicos, cujas novas linguagens, além de híbridas, são frutos da convergência.

Sugestões de obras da perfilada

BALOGH, Anna Maria. **Conjunções, disjunções, transmutações**: da literatura ao cinema e a tv. São Paulo: Editora USP, 1996.

BALOGH, Anna Maria. **Currículo Lattes**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4394121079998563>.

BALOGH, Anna Maria. **O discurso ficcional na TV:** sedução e sonho em doses homeopáticas. São Paulo: Editora USP, 2002.

BALOGH, Anna Maria. **Entrevista:** Anna Maria Balogh analisa séries e minisséries brasileiras. Entrevista concedida à Globo Universidade em 22 nov. 2011. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002247204.pdf>.

BALOGH, Anna Maria. **Memorial apresentado para concurso de Livre-Docência na ECA USP**, 1991.

BALOGH, Anna Maria. O perfume de mulher nas minisséries brasileiras. **Significação** v. 32 n. 24, 2005, p. 9-21. Disponível em: <https://revistas.usp.br/significacao/article/view/90547>

BALOGH, Anna Maria. Poética da imagem e TV: vinhetas de abertura e encerramento em programas ficcionais brasileiros. **Rumores**, v. 9 n. 17, 2015, p. 44-64. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/88630>.

BALOGH, Anna Maria. Televisão: ficção seriada e intertextualidade. **Comunicação & Educação**, ano XII, N. 3, 2007, p. 43-49. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comeduc/article/view/37657>.

VEJA. Sexo, socos e babás. **VEJA**, São Paulo: edição 1137, ano 23, n. 26, 04 jul. 1990, p. 50-56.

Sobre a autoria da bionota:

Maria Amélia Paiva Abrão

Professora da Universidade de Brasília (UnB) e palestrante nas áreas de Comunicação e Consumo, Consumer Insights, Marketing/Marketing Digital, Diversidade & Inclusão. É pesquisadora e vice-coordenadora do Centro de Estudos de Telenovela (CETVN - ECA/USP). E-mail: maria.abrao@unb.br

BEATRIZ JAGUARIBE

por Paula Sibilía

Beatriz Jaguaribe é uma ensaísta, professora e pesquisadora de referência nas áreas de Comunicação e Literatura, que se desempenhou com destaque na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de ter sido docente e palestrante convidada em várias instituições dos Estados Unidos, da América Latina e da Europa. Formada em Letras pela PUC-Rio, fez pós-graduação em Literatura Comparada na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Seus principais temas de pesquisa abordam as invenções do *eu* na literatura e nas artes visuais, bem como as culturas urbanas e os imaginários da modernidade na América Latina.

Nascida no Rio de Janeiro em 8 de agosto de 1959, filha de Maria Lucia e Helio Jaguaribe, teve três irmãs, Anna Maria, Claudia e Izabel, e um irmão, Roberto. Em 1964, após o golpe militar, seu pai, Helio Jaguaribe, cientista político e sociólogo, declarou a sua oposição ao regime, o que levou a família a se mudar para os Estados Unidos. Por isso, Beatriz Jaguaribe foi alfabetizada em inglês, assistindo à escola pública primeiramente em Boston e, depois, continuando a sua escolarização em Palo Alto, na Califórnia. Em 1969 ela voltou ao

Brasil, onde continuou seus estudos na Escola Americana do Rio de Janeiro. Em 1974 foi matriculada no Colégio São Vicente de Paula, instituição na qual se graduou em 1977. Sua formação na adolescência foi marcada pela atmosfera contestatária e o ensino crítico característico dessa escola, que formou várias gerações de jovens cariocas destacados.

Naquele mesmo ano de 1977, Beatriz ingressou na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, onde cursou a Graduação em Literatura. Vários professores notáveis, como o escritor Silviano Santiago, faziam parte do Departamento de Letras dessa instituição na época. Ela se graduou no início de 1980 e, no mesmo ano, com 21 anos de idade, ingressou no Programa de Literatura Comparada da Universidade Stanford, na Califórnia, onde fez pós-graduação com bolsa integral. Durante seu período de estudos nessa instituição dos Estados Unidos, os programas de literatura passaram por uma reestruturação acadêmica advinda da influência crescente dos Estudos Culturais interdisciplinares. Em 1985, Beatriz Jaguaribe finalizou a sua tese sobre ideários de modernidade, totalização e literatura em quatro romances latino-americanos, realizada sob a orientação da professora Mary L. Pratt, figura destacada nos Estudos Culturais norte-americanos.

No ano seguinte, em 1986, ela foi contratada pelo Dartmouth College, uma universidade pertencente à prestigiosa Ivy League dos Estados Unidos. Em 1987, porém, Beatriz optou por regressar ao Brasil, tendo obtido uma bolsa de recém-doutora concedida pelo CNPq. Após vários anos como professora visitante na Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e um ano com o mesmo cargo na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1994 fez um concurso público e foi contratada pela ECO-UFRJ,

instituição na qual se desempenhou ao longo de três décadas, até se aposentar em 2023.

Durante esse extenso período trabalhando como docente e pesquisadora na ECO-UFRJ, Beatriz Jaguaribe contribuiu para a dinamização dos Estudos Culturais na área da Comunicação no país. Inicialmente, ela atuou junto ao Centro de Estudos Contemporâneos (CIEC), fundado e dirigido pela professora Heloisa Buarque de Hollanda e pelo professor Carlos Alberto Messeder Pereira. Em seguida, nos anos 2000, juntou-se ao grupo IDEA, destacando-se nesse núcleo de pesquisa a sua colaboração com o professor Mauricio Lissovsky. Em 2021, ela criou o site *Arquivos Abertos das Cidades Latino-Americanas*, em parceria com colegas da UFRJ, da PUC-RJ e da Flacso.

Entre os anos de 2004 e 2018 Beatriz Jaguaribe foi bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq. Ela realizou vários estágios de pós-doutoramento no exterior, em alguns casos com bolsas da CAPES, sediando-se em instituições da Argentina, da Espanha e da França.

Sua produção escrita é ampla e variada, plasmada em artigos, capítulos e livros integrais que foram publicados em diversos países e em línguas como o português, o inglês e o espanhol. Entre suas principais obras, cabe destacar os livros *Fins de século* (Rocco, 1998), *O choque do real* (Rocco, 2007), e *Rio de Janeiro: Urban Life Through the Eyes of the City* (Routledge, 2014).

Beatriz Jaguaribe ministrou inúmeras conferências em instituições tanto do Brasil como do exterior, e foi professora visitante nas universidades de Harvard, Princeton, New York University, New School of Social Research, Stanford, Dartmouth e University of Texas, todas nos Estados Unidos, além de Université de Cergy-Pontois, na França, e Flacso, no Equador.

Seu trabalho foi reconhecido com vários prêmios e bolsas de pesquisa. Em 2004, ela ganhou a prestigiosa Bolsa Guggenheim, para realizar uma pesquisa sobre os ideários de modernidade e nação na produção fotográfica da Era Vargas Além de ter sido bolsista de produtividade do CNPq e de estágio pós-doutoral no exterior pela CAPES, Beatriz Jaguaribe também recebeu outras bolsas internacionais e várias premiações acadêmicas, tais como a Robert F. Kennedy Fellowship do David Rockefeller Center for Latin American Studies da Universidade de Harvard (2020), a Bolsa PLAS do Program in Latin American Studies da Princeton University (2008), a Cátedra Andrés Bello da New York University (2012), a Bolsa Tinker da Universidade do Texas em Austin (2024), entre outras.

Tanto em seus textos como em suas conferências, a pesquisa realizada por Beatriz Jaguaribe se caracteriza pelo destaque dado à problemática dos imaginários culturais como produtores de subjetividades individuais e coletivas. Seu interesse na literatura e nas artes visuais, seu engajamento com as culturas urbanas da América Latina, sua crítica aos ideários de modernidade, sua preocupação com expressões midiáticas e com as novas tecnologias sociais, foram pautados pela busca da imaginação crítica e estética em contextos contemporâneos permeados pelo consumo, pela fragmentação, pela desigualdade social e pela devastação ambiental.

Sugestões de obras da perfilada:

JAGUARIBE, Beatriz. **Desmemória e cartografia**: uma crônica da Carta do Mato Grosso, **Serrote**, 41, Rio de Janeiro & São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2022, pp. 4-25.

JAGUARIBE, Beatriz. Nambiquaras in Paris: Archival Images, Appearances, and Disappearances. **Libraries and Archives in the Digital Age**, editado por Susan Mizruchi, Londres e Shanghai: Palgrave Macmillan, 2020, pp. 111-140.

JAGUARIBE, Beatriz. **Rio de Janeiro**: Urban Life Through the Eyes of the City. Londres & New York: Routledge, 2014.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

JAGUARIBE, Beatriz. **Fins de século**: cidade e cultura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

Sobre a autoria da bionota:

Paula Sibilía

Professora do curso de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Departamento de Estudos Culturais e Mídia (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense - (UFF).

E-mail: paulasibilia@gmail.com

BRASILINA PASSARELLI

por Antonio Hélio Junqueira, Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco,
Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetritti e Beatrice Bonami Rosa

Brasilina Passarelli é natural de São Paulo (SP). Filha e neta única de uma família de imigrantes italianos. Teve infância dedicada aos estudos, em escola feminina de freiras católicas, de onde saiu para fazer o preparatório para o vestibular. Sua expectativa era a de cursar Arquitetura ou Cinema, mas, por desvio de rota, ingressou na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA), no curso de Biblioteconomia e Documentação, concluído em 1976.

Da universidade para o mercado, seu primeiro emprego foi como chefe da Biblioteca Central da Themag Engenharia Ltda., uma grande empresa de consultoria em engenharia sediada no Largo do Arouche, em São Paulo. Com um acúmulo de experiências profissionais que se seguiu e envolvida com processos de informatização, voltou à ECA para o mestrado em Ciências da Comunicação, oportunidade em que conheceu o Professor Frederic Litto, reconhecido pelo entusiasmo que tinha pelos sistemas de informação automatizados e que se tornaria, desde então seu mentor e amigo pessoal.

Seduzida pelas possibilidades de atuação na academia, deixou o trabalho como executiva e ingressou no doutorado em Ciências da Comunicação (ECA), em 1993, com bolsa do CNPq. Novamente sob orientação do Professor Litto, defendeu sua tese intitulada “Hipermissão na Aprendizagem-Construção de um Protótipo Interativo: A Escravidão no Brasil”. Tratava-se de uma monografia impressa acompanhada de uma interface multimídia utilizando o software *Hypercard*, propiciando acesso a cenas de filmes e entrevistas que realizou.

Do seu doutorado resultaram, ainda, inúmeras conexões com o exterior. Nos anos de 1992 e 1993 esteve em estágio sanduíche na *Michigan State University*, sob orientação do professor Carrie Heeter. Mais tarde, em 2008, foi a vez do seu pós-doutorado, agora na Espanha, em Madri, na Universidad Carlos III, como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Tratou-se de um produtivo e bem-sucedido desdobramento do período em que foi professor visitante do curso de doutorado intitulado “Análise Documental de Conteúdo e Organização do Conhecimento em Educação” daquela universidade, a convite do Dr. Miguel Ángel Marzal, professor titular e diretor do Programa de Doutorado em Documentação.

Já com doutorado concluído, em 1995, foi convidada a assumir a Diretoria de Desenvolvimento de Negócios para Educação da Apple Computer Brasil Ltda. Iniciou, então, uma série de viagens, visitas técnicas e intercâmbios, quer incluíam tanto os EUA, como o Canadá. Entre suas atribuições, estava tanto a concepção e supervisão da implementação de campanhas publicitárias quanto o desenvolvimento de projetos educacionais estratégicos em todos os níveis da educação formal.

Mas tais experiências com projetos voltados para educação não se restringiam à Apple. Na sua relação com a ECA, já tinha visto nascer e colaborado com a ambiciosa criação de seu orientador, Professor Litto: a Escola do Futuro. Inicialmente um laboratório departamental da ECA que, com o passar dos anos, e dada sua natureza interdisciplinar, teve diferentes vínculos institucionais, culminando com a denominação que tem atualmente como Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão (Nace), vinculado à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

Após defender sua tese e a convite do Professor Litto, desenvolveu uma série de projetos na Escola do Futuro, voltados especialmente para uma perspectiva multimídia, hipertextual e interativa, envolvendo desenvolvimento de jogos, sites e outros instrumentos voltados para estudantes de diferentes níveis e com objetivos, em linhas gerais, de introdução ao universo da informática.

Em 1998, enquanto coordenava o Laboratório de Interfaces em Educação da Escola do Futuro, prestou concurso público para Professora Assistente no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA. De volta à casa onde se formara e já com a liberdade que a docência lhe permitia, continuou o trabalho na Escola do Futuro, coordenando o desenvolvimento de projetos e pesquisas com o objetivo de construir comunidades virtuais de aprendizagem e de prática.

O seu desenvolvimento na carreira acadêmica manteve-se sempre em permanente evolução, registrando avanços notáveis. Assim, em 2003, prestou o concurso de Livre-Docência na ECA, com a tese “Interfaces Digitais na Educação: @lucin[ações] Consentidas”, que veio, em 2007, a ser publicada em livro, pela Escola do Futuro.

Quatro anos depois, novamente por meio de concurso público, foi aprovada para o cargo de Professora Titular do Departamento de Informação e Cultura, também da ECA.

Nesta relação com a Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, presenciou mudanças importantes tanto nos desafios que lhe foram sendo impostos ao longo dos anos pelo processo de transformação digital – que sempre foi o foco do seu interesse de pesquisa –, como também na própria área, que passava por debates e mudanças de paradigma. O Departamento onde cursou Biblioteconomia, em 1976, quando de sua titularidade, por exemplo, já havia mudado de nome, passando a ser chamado de Departamento de Informação e Cultura.

Imersa no conjunto de todas essas transformações, atuou como vice-chefe do Departamento, no biênio 2006-2007 e como chefe do Departamento nos períodos de 2010-2012 e de 2012-2014. Entre 2017-2021 foi vice-diretora da ECA e, em 2021 foi eleita sua Diretora, com cargo que se estende até 2025. Na USP, atuou como vice-presidente da Aguiá - Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica, no período de 2020 a 2022 e é, desde 2007, Coordenadora Científica do NACE Escola do Futuro.

Ao longo de sua carreira acadêmica, além da Ciência da Informação, se dedicou também às Ciências da Comunicação, onde se formou na Pós-Graduação. Desde 2002, como docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (ECA), orienta dissertações de mestrado, doutorado e supervisiona estágios de pós-doutorado que transitam entre interesses de pesquisa no entorno da cultura digital, das perspectivas netnográficas sobre consumo de informação e produção do conhecimento pelos atores em rede, das literacias de

mídia e informação de professores do ensino fundamental e médio, bem como de ingressantes no terceiro grau, da cultura *maker* e da transformação digital, discutindo impactos da Inteligência Artificial, Internet das Coisas e Big Data entre outros relevantes fenômenos da ecologia midiática contemporânea.

As Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática que outrora eram alvo de projetos da Escola do Futuro, vieram a se constituir como uma linha de pesquisa, abrangendo diferentes projetos e intervenções. Da agregação e confluência de toda essa atuação, nasceu, em 2008, o Observatório da Cultura Digital, funcionando como uma linha e, também, como um grupo de pesquisa certificado pelo CNPq, com objetivos de prover uma plataforma tecnológica e de referencial teórico para reflexão sobre os cenários mundiais e nacionais envolvendo a educação presencial e a distância na sociedade da produção do conhecimento. Além disso, visa conceber, implementar e avaliar ambientes virtuais de aprendizagem e suas comunidades virtuais de aprendizagem e de prática; utilizar métodos etnográficos para estudos sobre a cultura digital; identificar e avaliar o capital social em comunidades virtuais de aprendizagem e de prática; realizar estudos teóricos e de campo acerca da inclusão digital e das literacias emergentes nas redes sociais online.

Nesta trajetória, muitos foram os seus projetos de pesquisa e outros tantos que orientou e supervisionou. Com destaque, podem ser citados: “Ecossistema de Inovação na Educação Básica” (2020-Atual); “O Futuro-Agora e os Desafios do Contemporâneo Hiperconectado nos Currículos da Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação” (2018-2019); “Conectividade Contínua e Acesso Móvel à Informação Digital; jovens brasileiros em perspectiva” (2016-2017);

“Coworking nos postos do ACESSA SP: Conexões Científicas do Programa de Inclusão Digital ACESSA SP” (2016); “Educação & Tecnologia: Estado da Arte dos cursos livres disponíveis na Internet, com ênfase na aprendizagem de programação (Coding) (2015); “Juventude Conectada” (2013-2014); “Abordagens Comparativas sobre Inclusão Digital nas Américas: mapeamento, caracterização e sistematização dos programas e ou projetos em diferentes geografias” (2013-2014); “Tecnologia Social e Empreendedorismo no Universo Web: proposta de narrativa transmídia” (2013); “O Estado da Arte no Uso da Internet sem Fio Onde Existem Postos do ACESSA SP” (2012-2013); “Gerações Interativas Brasil: Crianças e Adolescentes Diante das Telas” (2011-2012); “TôLigado - o Jornal Interativo da sua Escola” (2001-2006); “Nexus - Da Informação ao Conhecimento”(2001-Atual) e “Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática” (2001-Atual).

Até 2023, a pesquisadora conta com 26 livros publicados, incluindo organizações e edições, entre os quais se destacam: VALERO, P. P.; SIMEÃO, E.; PASSARELLI, B.; PALETTA; F. C. (Org.). **Competência em informação** [recurso eletrônico]: avanços hispanos-brasileiros = avances hispanos-brasileños en competencias en información. 1. ed. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, 2021. v. 1. 182p. PASSARELLI, B.; STRAUBHAAR, J.; CUEVAS-CERVERÓ, A. (Org.). **Comparative Approaches to Digital Age Revolution in Europe and the Americas**. 1. ed. New York: Idea Group reference, 2015. v. 01. 562p.; PASSARELLI, B.; SILVA, A. M.; RAMOS, F. (Org.). **e-Infocomunicação: Estratégias e Aplicações**. 1. ed. São Paulo: Senac, 2014. v. 1. 382p.; PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A. H. **Juventude Conectada Brasil**. 1. ed. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014. v. 1. 200p.; PASSARELLI, B.;

JUNQUEIRA, A. H. **Gerações Interativas Brasil**: crianças e jovens diante das telas. 1. ed. São Paulo: Escola do Futuro - USP, 2012. v. 01. 352p.; PASSARELLI, B.; AZEVEDO, J.M. (Org.). **Atores em Rede**: Olhares Luso-Brasileiros. 1. ed. São Paulo: Editora SenacSP, 2010. v. 1. 254p. PASSARELLI, B. **Inclusão Digital e Empregabilidade**. 1. ed. São Paulo: SENAC, 2009. v. 1. 151p. PASSARELLI, B. **Interfaces digitais na educação: @lucin[ações] consentidas**. 01. ed. São Paulo: Escola do Futuro - USP, 2007. v. 01. 200p.

Possui, também, 19 capítulos de livros publicados, com destaque para: PASSARELLI, B.; ANGELUCCI, A. C. B. The Hyperconnected Contemporary Society. In: Laura Robinson, Jeremy Schulz , Apryl Williams. (Org.). **Media from the Country of the Future**. 13ed. London , UK: Emerald Group, 2017, v. 13, p. 343-362; PASSARELLI, B.; VETRITTI, F. Education Challenges in a Hyperconnected Society Based on the National Survey #ConnectedYouthBrazil. In: Álvaro Rocha; Ana Maria Correia; Hojjat Adeli; Luis Paulo Reis; Marcelo Mendonça Teixeira. (Org.). **Advances in Intelligent Systems and Computing**. -ed. Berlim: Springer International Publishing, 2016, v. 2, p. 209-218.; PASSARELLI, B.; PALETTA, F. C . Living inside the NET:. In: PASSARELLI, B.; ; STRAUBHAAR, J.; CUEVAS-CEVERÓM, A. (Org.). **Handbook of Research on Comparative Approaches to the Digital Age Revolution in Europe and the Americas**. 1ed.Hershey: IGI Global, 2015, v. 1, p. 1-15. PASSARELLI, B.; ANGELUCCI, A. C. B. Interactive Generation Brazil Research. In: George Leal Jamil; Armando Malheiro; Fernanda Ribeiro. (Org.). **Rethinking the Conceptual Base for New Practical Applications in Information Value and Quality**. 1ed.New York: IGI Global, 2013, v. 1, p. 284-303.

Sua produção publicada em Anais de congressos soma 27 artigos, com destaque para: PASSARELLI, B.; ANGELUCCI, A. C. B. Media and Information Literacy Among Brazilian K-12 Teachers: A Case Study at Guarujá Municipal Education System. In: **27th World MultiConference** on Systemics, Cybernetics and Informatics, 2023, Orlando. org.crossref.xschema._1.Title@5cfa66c3. Orlando: International Institute of Informatics and Systemics, 2023. p. 152-156.; PASSARELLI, B.; ANGELUCCI, A. C. B. A Decade of Youth Behavior Studies Regarding ICT's Impacts: Notes on the Experience of School of the Future Research Laboratory at the University of São Paulo - Brazil. In: **26th World MultiConference** on Systemics, Cybernetics and Informatics, 2022, Orlando. Orlando, FL: International Institute of Informatics and Systemics, 2022. v. 3. p. 34-41. PALETTA, F. C.; PASSARELLI, B.; ANGELUCCI, A. C. B.; JUNQUEIRA, A.H. Gestão do Conhecimento, Criatividade e Ética no Acesso e Uso da Informação. In: **I Congresso ISKO** Espanha e Portugal, 2013, Porto. I Congresso ISKO Espanha e Portugal / XI Congresso ISKO Espanha. Porto, 2013. v. 1. p. 1-12.; PASSARELLI, B.; GUZZI, A.A.; ANGELUCCI, A. C. B.; JUNQUEIRA, A.H. . The impact of mobility in Brazilian infocenters: Acessasp case study. In: **2013 IEEE 63rd Annual Conference International Council for Educational Media (ICEM)**, 2013, Singapore. 2013 IEEE 63rd Annual Conference International Council for Education Media (ICEM), 2013. v. 1. p. 1-2.; JUNQUEIRA, A.H. ; PASSARELLI, B. ; BOTELHO, R. F. . Literacias digitais nas escolas públicas brasileiras: uma abordagem do papel do professor à luz dos resultados da Pesquisa TIC Educação 2010. In: **Intercom Fortaleza 2012. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2012, Fortaleza - CE. Anais do XXXV Congresso

Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012; PASSARELLI, B.; JUNQUEIRA, A.H.; BOTELHO, R. Literacias digitais emergentes na web 2.0: uma abordagem da inclusão digital de idosos no Programa ACESSA SP. In: **Anais**. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2011, Recife - PE. Anais do IV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM.

É relevante mencionar a apresentação de 117 trabalhos em eventos, incluindo congressos, seminários, simpósios e encontros científicos. Além disso, ela desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento de programas de computador, produtos tecnológicos, processos e técnicas de avaliação para atividades de produção do conhecimento, bem como na supervisão e avaliação técnica do Programa ACESSA São Paulo de Inclusão Digital (Ponline).

Ao longo de sua carreira, tem participado de inúmeros eventos técnico-científicos, registrando presença em 151 deles. Trabalhou, ainda, na organização de 16 eventos, principalmente congressos nacionais e internacionais. Compôs 19 bancas de mestrado, 18 de doutorado, 14 qualificações de doutorado, 11 qualificações de mestrado, além de bancas de conclusão de curso. Participou de duas bancas de Concurso para Professor Titular, 10 de concursos públicos e seis de Livre-docência.

Até 2023, acumula orientações em andamento de três dissertações de mestrado, 8 teses de doutorado e duas supervisões de pós-doutorado. Como orientações concluídas soma 11 dissertações de mestrado, sete teses de doutorado, quatro supervisões de pós-doutorado, 20 pesquisas de iniciação científica, além de nove orientações de outra natureza.

A partir da constatação de que a união entre prática e teoria é capaz de contribuir para os projetos de pesquisa-ação, bem como

para o pensamento comunicacional, engrandecendo o entendimento acerca da importância dos eventos, Brasilina Passarelli, como coordenadora científica do NACE Escola do Futuro - USP concebeu e passou a promover, entre outras iniciativas, os Seminários de Pesquisa e o Inventando Futuros.

De 2013 a 2016, foram realizadas seis edições nacionais e uma internacional dos Seminários de Pesquisa, sendo que esse último que contou com a presença do pesquisador Dr. Joseph Straubhaar, por meio do convênio internacional vigente entre o NACE Escola do Futuro - USP e a Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos.

A possibilidade de a comunicação promover o exercício da observação e do pensamento crítico sobre a sociedade contemporânea, sobretudo em relação à comunicação mediada por dispositivos digitais e pelas literacias de mídia e informação (*Media and Information Literacy – MIL*) foi um dos fatores que deu origem ao Inventando Futuros. Liderados por Brasilina Passarelli, os pesquisadores do Observatório da Cultura Digital foram responsáveis pelas duas edições do evento, realizadas em 2014 e 2015, na Universidade de São Paulo, sendo a primeira delas por ocasião da celebração dos 25 anos de criação da Escola do Futuro.

No cenário internacional, Brasilina Passarelli é coordenadora dos convênios de cooperação acadêmica entre o Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação da Escola do Futuro - USP e Information Communication Technologies for Development (ICT4D Collective), órgão da Royal Holloway da Universidade de Londres. O ICT4D Collective, iniciado em 2004 foi premiado com o status de um UNESCO Centre for ICT4D <http://www.ict4d.org.uk/> Centro de

Estudos de Tecnologias e Ciências da Comunicação (CETAC.media -Universidade do Porto).

Ao longo de sua carreira, Brasilina Passarelli tem conduzido uma perspectiva de trabalho que combina projetos de intervenção (pesquisa-ação) sobre inclusão social e aquisições e desenvolvimento de literacias informacionais, com pesquisas destinadas a avaliar seus impactos e compreender as dimensões e implicações dos seus resultados. Assim, constrói um caminho próprio que permite e estimula os pesquisadores a ela relacionados a atuarem em um contexto histórico e socioeconômico amplo e contemporâneo, avaliando permanente e criticamente suas intervenções em uma dupla articulação que retroalimenta e favorece as relações entre projetos e pesquisa, ciência e vida, realidade e virtualidade.

Sobre a autoria da bionota:

Antonio Hélio Junqueira

Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP), Desenvolvendo pesquisas e projetos em Qualidade Ambiental, Cidades Verdes, Resilientes e Sustentáveis, Circularidade e Sustentabilidade dos Processos de Produção, Consumo e Pós-consumo. No IEA/USP conduz pesquisa sobre Gestão de Resíduos Sólidos e Educação para o Consumo e o Pós-consumo Responsável. E-mail: heliojunqueira@usp.br

Beatrice Bonami Rosa

Professora do Centro Internacional de Ética e Tecnologia da Universidade de Tübingen [Alemanha] e Diretora de Educação do Instituto Vero [Brasil]. Em 2019, ela foi eleita Jovem Embaixadora para os Países da

América Latina e do Caribe pela MIL Alliance, um programa liderado pela UNESCO, onde foi co-fundadora da Health and Information Literacy Access Alliance. E-mail: beatrice.bonamirosa@gmail.com

Fabiana Grieco Cabral de Mello Vetritti

Professora no Instituto Presbiteriano Mackenzie (2025). Pesquisadora Associada do Observatório da Cultura Digital do Núcleo de Pesquisa para Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação - Escola do Futuro - USP (EF-USP). Pesquisadora filiada à Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). Colaboradora do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP). E-mail: fabianagrieco@usp.br

Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco

Diretor do Setor de Ciências Sociais Aplicadas e Professor Associado do Departamento de Ciência e Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Livre-docente em Informação e Tecnologia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: rodrigobotelho@ufpr.br

CÉLIA MARIA RETZ GODOY DOS SANTOS (CÉLIA RETZ)

por Angélica Parreira Lemos Ruiz e Melanie Retz Godoy
dos Santos Zwicker

Célia Maria Retz Godoy dos Santos é uma pesquisadora de referência em Pesquisa de Opinião Pública e Metodologias de Pesquisa. É Livre-Docente em Pesquisa de Opinião Pública pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (FAAC/Unesp), doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Araraquara (2002), mestre em Comunicação e Poéticas Visuais e graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela PUC. Sua trajetória acadêmica é marcada pela convergência entre Comunicação, Sociologia e Ciência Política, com ênfase em opinião pública, metodologias de pesquisa e formação em Relações Públicas.

Célia nasceu em Piracicaba, interior de São Paulo, em 20 novembro de 1951. Primogênita dos seis irmãos e filha de um agrônomo e uma dona de casa, morou seus seis primeiros anos na Fazenda Monte Alegre, usina de açúcar implementada por imigrantes italianos, onde seu pai trabalhava como gerente agrícola. Iniciou seus

estudos por lá, no Grupo Escolar de “Monte Alegre”, bem ao lado de sua casa – tão colado que sua mãe passava o lanche pelo muro de divisa. Em 1958, voltou para a zona urbana em Piracicaba e fez o primário no Grupo Escolar Dr. Prudente de Moraes, que exigia como uniforme obrigatório para as meninas um avental branco e laço de fita.

No ginásio, mudou-se para a Escola Estadual Sud Mennucci, onde seguiu os estudos optando pelo Curso Normal, que preparava professores primários. Lá teve o primeiro contato com disciplinas como Didática, Psicologia Social e Comportamental e também Metodologia, que foram o impulso inicial para a docência e a pesquisa.

Em 1971, já casada e com uma filha nos braços (a primeira de quatro filhos), ingressou na Pontifícia Universidade Católica de Campinas para cursar Publicidade e Propaganda, formando-se em 1974. Ainda na Universidade, desenvolveu um trabalho acadêmico junto ao Departamento de Pesquisa de Mercado da Gessy-Lever, uma enorme empresa brasileira de bens de consumo (que viria a se tornar Unilever), e se encantou com como os dados dos consumidores que subsidiam estratégias de marketing para seus produtos, percebendo o quão valiosa poderia ser uma pesquisa. E foi a partir daí que se identificou com a pesquisa de opinião: uma maneira estratégica de ouvir as pessoas, clientes ou funcionários sistematicamente, de conhecer as opiniões dos públicos, seja no mercado ou no ambiente social e político, e obter insights e feedbacks que ajudam a tomar melhores decisões. Em seguida, começou a fazer trabalhos como freelancer nessa área e, quando regressou a sua cidade natal, foi chamada a lecionar na Universidade Metodista, onde iniciou sua carreira como docente, além de desenvolver pesquisas de opinião e estudos para a prefeitura da cidade.

Na década de 1980, percebendo a carência dos serviços de pesquisa no interior, fundou a “Promark Pesquisas S/C Ltda, uma agência que desenvolvia pesquisas eleitorais, políticas e de mercado para prefeituras, agentes públicos e organizações nas cidades de Piracicaba, Limeira, Rio Claro, Cordeirópolis, Americana, Santa Bárbara, entre outros. Uma grande novidade para a região. A tabulação dos dados levantados era realizada por computadores alugados por hora da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo (USP). Na programação usada, Foltran, os cartões eram perfurados e inseridos para a contagem e cruzamentos dos dados. Depois, os gráficos e tabelas eram desenhados à mão.

Em 1982, mudou-se para a cidade de Bauru e, cinco anos depois, passou a lecionar na Fundação Educacional de Bauru (FEB), ministrando as disciplinas de Pesquisa de opinião, Marketing e Comunicação Comparada para os cursos de Relações Públicas e Jornalismo. Em 1989, a FEB foi incorporada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E, então, aprofundou-se cada vez mais na Pesquisa de Opinião Pública.

Docente em regime de dedicação exclusiva da Unesp desde 1989, atua hoje no curso de Relações Públicas e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia. É docente e pesquisadora do Departamento de Audiovisual e Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Unesp, câmpus de Bauru, além de integrar conselhos e comissões acadêmicas estratégicas da Unidade e da Universidade, incluindo Congregação, Comitê de Ética em Pesquisa e Comissões Permanentes de Ensino. Sua atuação institucional revela compromisso contínuo com a gestão

universitária, o aprimoramento pedagógico e a consolidação de políticas acadêmicas.

Com produção científica consolidada, publicou mais de 130 trabalhos em anais de eventos nacionais e internacionais, 20 livros, 43 capítulos de livros e cerca de duzentos itens de produção técnica. Orientou pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e investigações aplicadas em pesquisa de opinião, formando profissionais e pesquisadores nas áreas de Comunicação, Relações Públicas e Opinião Pública. Em seu currículo, destacam-se como eixos recorrentes os termos comunicação, pesquisa de opinião, opinião pública, relações públicas, ensino e metodologias ativas, evidenciando coerência temática e densidade investigativa ao longo de sua trajetória.

É coordenadora e participante de projetos de pesquisa vinculados ao Grupo “Opinião Pública, Comunicação e Relações Públicas”. Sua livre-docência, intitulada *A Pesquisa de Opinião: Vertentes, Reflexões e Práxis*, de 2023, sintetiza décadas de experiência teórica e aplicada no campo, reafirmando sua contribuição para o desenvolvimento metodológico da área.

Ao longo da carreira, exerceu funções de coordenação de curso de graduação, presidência de comissões acadêmicas, coordenação de cursos de especialização e liderança de grupos de pesquisa certificados. Sua atuação ultrapassa os limites da sala de aula, envolvendo assessorias técnicas, pesquisas institucionais e colaboração com órgãos públicos e organizações da sociedade civil, sempre pautada pelo rigor metodológico e pelo compromisso ético.

A trajetória de Célia Maria Retz Godoy dos Santos evidencia uma pesquisadora que alia consistência teórica, experiência empírica e

liderança acadêmica. Sua contribuição para o campo da Comunicação, especialmente na consolidação da Pesquisa de Opinião Pública como instrumento crítico, estratégico e formativo, inscreve-se como referência para estudantes, pesquisadores e profissionais que compreendem a comunicação como prática social fundamentada em evidências e responsabilidade pública.

Sobre a autoria da bionota:

Angélica Parreira Lemos Ruiz

Doutora em Mídia e Tecnologia pela Unesp, pesquisadora em comunicação organizacional, gestão pública e tecnologias da informação.

E-mail: angelica.ruiz@unesp.br

Melanie Retz Godoy dos Santos Zwicker

Doutora em Mídia e Tecnologia pela Unesp e pesquisadora nas áreas de comunicação, inovação e neurociência aplicada à educação e às organizações. E-mail: melanie.retz@unesp.br

CLAUDIA LAGO

por Monica Martinez

Dados pessoais e familiares

Claudia Lago, nascida em 12 de julho de 1964, na cidade de Florianópolis (SC), é uma renomada pesquisadora brasileira cujo trabalho tem se concentrado na interseção entre estudos de gênero e mídia. Filha de Mara Coelho de Souza Lago – uma pioneira nos estudos de Gênero – e Paulo Fernando Lago – geógrafo, um dos expoentes na área nos estudos sobre Santa Catarina –, cresceu em um ambiente que valorizava a educação e a busca pelo conhecimento, fatores que influenciaram profundamente sua trajetória acadêmica e profissional.

Formação escolar

A busca pela excelência acadêmica guiou Claudia desde cedo. Ela concluiu sua graduação em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero em 1989 (Facasper), onde já demonstrava um interesse marcante pela análise crítica das representações operadas pelo campo jornalístico. A dedicação a suas pesquisas a levou a prosseguir com estudos avançados, obtendo um mestrado em Antropologia em 1995

pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde teve o primeiro contato com a obra do sociólogo Pierre Bourdieu – com quem trabalha até os dias atuais –, tendo produzido obras importantes sobre o autor, relacionando-o ao jornalismo, e posteriormente, um doutorado em Ciências da Comunicação em 2002 pela Universidade de São Paulo (USP).

Atuação profissional

Claudia Lago iniciou sua carreira como docente na Universidade Paulista (UNIP), na década de 1990, quando ainda cursava o doutorado em Ciências da Comunicação, tendo ministrado aulas em várias universidades privadas. Anteriormente sua trajetória como profissional se deu em assessorias de imprensa e especialmente em assessorias políticas. Foi assessora de comunicação da liderança do PT durante a constituinte paulista (1988-1989), foi diretora da então Radiobrás em São Paulo (1995) e posteriormente assessora do então deputado estadual Pedro Dallari (1996-1999), entre outras. Em 2004, passou a compor as equipes gestoras de projetos levados a cabo pelo Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, do qual faz parte até hoje, como o Educom.rádio, o Educom.centro-oeste e o Educom.saúde. Em 2005, após a conclusão do doutorado, foi professora da Universidade Anhembi Morumbi, onde coordenou grupos de pesquisa. Esteve na Anhembi até 2014, quando prestou concurso e, em 2015, passou a ser professora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP

Além de suas atividades acadêmicas, Claudia também despendeu esforços consideráveis em associações profissionais, durante um

período crucial de expansão e diversificação dos debates no campo da comunicação, especialmente junto à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), tendo sido sócia fundadora (2003), diretora administrativa (2005-2009) e, posteriormente, presidente (2013-2017). Na SBPJor, atuou especialmente para transformar a *Brazilian Journalism Research* (BJR), a revista científica da associação, num importante periódico nacional e internacional. Também faz parte de entidades internacionais, especialmente a *International Association for Media and Communication Research* (IAMCR), tendo sido vice-chair e posteriormente chair da *Journalism Media and Education Section* (JRE) de 2010 a 2016, e atualmente membro do *International Council* da entidade (desde 2020). Participa de vários projetos com equipes internacionais, como o Media System in Flux (2012-2016) e atualmente o WJS3 (a partir de 2022).

Principais publicações e contribuições

Desde que ingressou na ECA/USP, Cláudia passou a dedicar-se às pesquisas e aos trabalhos que aproximam o campo da comunicação do campo de estudos de gênero, em um enfoque multidisciplinar. Criou o grupo de pesquisa Alteridade, Estudos de Gênero e Performances nas Comunicações e Artes (AlterGen) e o projeto de extensão Diversidade na ECA, que desde 2017 produzem conjuntamente o evento Fazendo e Desfazendo Gênero na ECA (FZDZ). Além disso, faz parte da Rede Não Cala USP de professoras e pesquisadoras contra a violência de gênero na universidade, em uma trajetória em que as questões teórico-metodológicas não se dissociam da atuação política. Desde 2020, integra a equipe que realizou os levantamentos do GMMP,

coordenando o grupo de São Paulo. A experiência permitiu pensar em uma metodologia que permita realizar mapeamentos sistematizados e com possibilidade de replicagem por pesquisadores/as outros/as. No geral, ampliou as redes com pesquisadoras/es nacionais e internacionais, fazendo parte de equipe de pesquisa sobre a diversidade na pós-graduação; da Section de Gender Studies da IAMCR; bem como na formação de uma rede de Jornalismo e Gênero dentro da SBPJor. Além da produção científica, que se traduz especialmente pelas publicações, tem importante atuação no incentivo a esta produção.

Para uma compreensão mais profunda das contribuições, em sua multidisciplinaridade, de Claudia Lago, aqui estão algumas de suas produções bibliográficas recomendadas (por ordem cronológica).

Sugestões de obras da perfilada

LAGO, Claudia. Educação, Pesquisa e Engajamento: uma trajetória imbricada. In: Trindade, E.; Vassalo de Lopes, M. I.; Ohlson, M. P. (Org.). **PPGCOM-USP 50 anos: entre o passado e o futuro, nosso percurso**. 1ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023, v. 1, p. 237-248.

SILVA, Dayana K. Melo da. (Org.) ; LAGO, Claudia. (Org.). **Educomunicação e outras epistemologias**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2023. v. 1. 2493p .

LAGO, Claudia; (et al). Gênero e sexualidades como centrais nas pesquisas em comunicação. In: Clotilde Perez; Eneus Trindade; Maria Immacolata Vassallo de Lopes; Marcia Ohlson. (Org.). **Comunicação na Agenda do Século XXI**. 1ed. São Paulo: Letras e cores, 2023, v. 1, p. 125-142.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Claudia; HEIDEMANN, Vanessa. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil. **Revista Famecos**, vol. 29, p. e41919, 2022.

LAGO, Claudia. Feminismo e Comunicação: uma relação necessária. *Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas*, v. 19, p. 62-73, 2022.

LAGO, Claudia. Falas sobre gênero e sua relação com a mídia. **Delictae: Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito**, v. 5, p. 247-271, 2020.

CRUZ, Elizabete Franco; ALMEIDA, Heloisa Buarque de; DOLIVEIRA, Ana Flavia Pires Lucas; LIMA, Elizabeth Freire de Araújo; LAGO, Claudia; MACHADO, Adriana Marcondes. Don't stay silent: Network of female professors against gender violence at University of São Paulo (USP). **Annual Review of Critical Psychology**, v. 15, p. 223-245, 2018.

LAGO, Claudia. Pierre Bourdieu e algumas lições para o Campo da Comunicação. **Intexto** (UFRGS. Online), v. 1, p. 728-744, 2015.

LAGO, Claudia. Anthropological Teachings - the possibility of apprehension of the Other in Journalism. **Brazilian Journalism Research** (Online), v. 6, p. 156-170, 2010.

LAGO, Claudia; BENETTI, M. (Org.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. 3a. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. v. 1. 286p.

LAGO, Claudia; ALVES, P. H. . Educom.rádio: uma política pública que pensa a mudança na prática pedagógica. **Revista Científica da FAMEC**, São Paulo, v. 3, p. 09-18, 2004.

Para concluir, a partir de formação no mestrado em Antropologia Social, em que se fundamentou na obra de Pierre Bourdieu para pensar o campo jornalístico, e na Escola de Comunicações e Artes, onde aprofundou esta perspectiva e passou a relacioná-la ao campo de estudos de gênero, Claudia Lago tem trabalhado na centralidade dos sistemas midiáticos na constituição das subjetividades, da vida contemporânea e, portanto, na desconstrução dos estereótipos e lugares de gênero, sexualidades, raça/etnia. Isso é feito por meio de um olhar interseccional que percebe, sobretudo, os marcadores de sexualidade, raça/etnia e classe social. Lago tem produzido, individualmente ou em grupo, pesquisas que sinalizam para a necessidade da aproximação dos campos.

Sobre a autoria da bionota:

Monica Martinez

Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso). É líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Literário e Narrativas de Transformação Pessoal e Social (JORLIT). E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br

CREMILDA MEDINA

por Liana Milanez

Cremilda Celeste de Araújo Medina, Cremilda Medina, como é conhecida por sua extensa produção acadêmica, como Jornalista (não abre mão de ser jornalista), pesquisadora e professora titular aposentada/sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Nasceu em Portugal, na cidade do Porto, em 16 de março de 1942, período conturbado pela Segunda Guerra Mundial. O pai, José Pereira de Araújo, filho de um pastor anglicano, Armando Pereira de Araújo, sobrinho em segundo grau de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810- 1877) escritor, poeta e historiador português do romantismo - autor de *Eurico, o Presbítero*; a mãe Josefa, professora. O José casou-se com Joaquina Celeste, filha de Manuel e Filomena.

Cremilda iniciou os estudos em Vila Nova de Gaia, distante três quilômetros do Porto, na escola de dona Emilinha, “a professora que regia as quatro classes do primário grau, de segunda a sexta, em dois turnos” (2012). No ano seguinte, em 1952, concluiu a escola primária, foi aprovada no exame de admissão ao liceu, e matriculada no Colégio

Nossa Senhora da Bonança. Seria um período breve. A continuidade já se daria no Brasil, quando, aos 11 anos recém completados em 1953, faz a viagem com a mãe Joaquina, e a irmã caçula Dina, ao encontro do pai, já instalado no sul do País, na cidade de Porto Alegre. Com a irmã (paleontóloga, hoje residente em Porto Alegre), ingressa, em 1954, no Colégio Farroupilha, escola luterana, então reduto alemão no Rio Grande do Sul. Conclui o ginásio e escolhe cursar o clássico no Colégio Júlio de Castilhos.

As vivências definem as escolhas e em 1960, é aprovada no vestibular para Jornalismo, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Na mesma universidade, é também aprovada em Letras Clássicas. Com determinação, frequenta os dois cursos, sabendo usufruir do que ambos ofertam: “no Jornalismo, a mediação social da informação de atualidade, e em Letras, é seduzida pela pedagogia interativa educador/educando na sala de aula”. A primeira opção a atrai sobremaneira: “Ir à rua, viagens ao Outro e sua circunstância”. Mas a segunda opção também a inspira: “O convívio como educadora, partilhando com os alunos o imaginário da Língua e da Literatura” (Medina, 2023).

É nesse período na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que conhece o companheiro da vida, o escritor Sinval Medina, colega do curso de Jornalismo. A formatura dos dois acontece no dia 31 de março de 1964, a trágica data do golpe militar, que lá adiante, já em São Paulo, os afastaria como professores da ECA/USP. A formatura em Letras, curso com quatro anos de duração, será no ano seguinte.

Entre 1967 e 1970, conquista sua primeira experiência como docente no curso de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), - pela manhã na disciplina Técnica de Jornal e

Periódico; e à tarde, já então profissional, atua na revista e na Editora Globo de Porto Alegre. Entre os autores com quem convive na editora, Erico Verissimo e Mario Quintana, além de outros ilustres intelectuais.

Os desejos de mudanças não cessam. Em 1970, ao tomar conhecimento do projeto para implantação do pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), deixa Porto Alegre com o companheiro Sinval Medina, já então com os dois filhos pequenos (Ana Flávia com cinco anos, e Daniel, um ano e quatro meses) em busca do aperfeiçoamento como professora e pesquisadora. Na visita à ECA, encontra o professor José Marques de Mello (1943-2018), chefe do Departamento de Jornalismo, que lhe faz o convite para que ingresse como auxiliar de ensino, em 1971, na Escola de Comunicações e Artes da USP.

A pós-graduação, motivo do deslocamento, só começaria no ano seguinte. Essa mudança radical contou com o apoio e a parceria intelectual e de compromissos familiares de Sinval Medina e ambos cursaram o primeiro pós-graduação em Ciências da Comunicação, além de trabalharem como auxiliares de ensino no Departamento de Jornalismo e Editoração da mesma unidade. Seriam agora em 2023, no total 52 anos de convívio com o DNA de pesquisa na Universidade de São Paulo, não fora a ação repressiva da ditadura militar que interrompeu de 1975 a 1985 essa intensa dedicação. Quando o pós-graduação da ECA/USP, o primeiro do Brasil e da América Latina, completa 51 anos neste 2023, merece ser lembrado que Cremilda Medina foi a primeira mestre formada em 1975.

Nos dez anos em que esteve ausente da Universidade, se dedicou à atividade profissional sendo repórter e editora em veículos como o jornal O Estado de S. Paulo, TV Cultura e TV Bandeirantes,

período em que foi companheira de trabalho de Vladimir Herzog. Levou para essa atividade, o legado do pós-graduação.

Em 1978, publica sua dissertação, *Notícia, um Produto à venda, Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*, hoje com várias edições, que traz uma bibliografia nacional, latino-americana e internacional. Alguns autores desta obra foram garimpados durante os três anos de mestrado em livrarias de Barcelona, Paris ou Londres. Nessa obra, introduz as discussões sobre a produção jornalística. Em 1986, retorna à USP, onde permanece, mesmo aposentada em 2011 se dedicando exclusivamente às atividades de pesquisa e ensino.

Em 1987, ano seguinte ao doutorado e à docência na USP, inicia a série *São Paulo de Perfil*, 27 livros-reportagem, com os alunos de graduação de Jornalismo, alunos do programa pioneiro da terceira idade na USP, e colaboradores ou alunos da pós-graduação. Com uma ou duas edições por ano, essa coleção desenvolveu até a primeira década do século XXI itinerários que desbravam, na reportagem-ensaio, histórias de vida, marcas de identidade cultural e contextos de São Paulo.

Nos cursos de pós-graduação na ECA e no Prolam/USP (Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina) mestres, doutores e pós-doutores, parceiros da Epistemologia do Diálogo Social, contribuíram para a quebra de fronteiras disciplinares. A partir do primeiro seminário transdisciplinar que promoveu em 1990, cria a série *Novo Pacto da Ciência*, hoje com onze exemplares em livro e o 12º título, em *e-book* no Portal Livros Abertos da USP, que celebra 30 anos do projeto transdisciplinar, sob o título *Nas trilhas do Saber Plural*.

O alimento permanente dessa pesquisadora e seus colaboradores são as interrogantes na mediação do debate transdisciplinar

sobre o discurso fragmentalista da ciência e as possibilidades de se cruzarem noções e incertezas epistemológicas entre físicos, químicos, matemáticos, médicos, psicanalistas/psicólogos, sociólogos, antropólogos, economistas, juristas, geógrafos, historiadores, engenheiros, educadores, arquitetos, filósofos, artistas (lato-senso) ou comunicadores. A iniciativa que vai além da interdisciplinaridade e alcança pontes transdisciplinares nasce na ECA/Prolam no início da última década do século passado e alcança outras universidades com a publicação de seminários textos de ensaístas que compõem hoje 12 edições da série *Novo Pacto da Ciência*. No espaço disciplinar, Cremilda se dedica também à produção simbólica das Narrativas da Contemporaneidade, laboratório que tem sido também oferecido a idosos. Os livros da série *Reproposta*, prestam homenagem póstuma a Ecléa Bosi (1936-2017), hoje nomeado Programa USP 60+.

No final dos anos 1990, Cremilda Medina lidera mais um importante projeto interdisciplinar, o *Signo da Relação*, que se configurou uma política abrangente para as mídias universitárias, refletindo em novas dimensões a relação entre ciência e sociedade. Foi quando assumiu a Coordenadoria de Comunicação Social da USP (entre 1999 e 2006). A ação prática, na perspectiva da pesquisadora, exigia a aplicação da teoria, com ênfase da narrativa dos profissionais da então Coordenadoria de Comunicação Social. Esse projeto, transcrito em livro e em relatórios, dá conta do elo democrático ciência-sociedade, bem como seu inverso, sociedade-ciência.

Além de 20 livros de sua autoria, Cremilda Medina acumula gerações de jornalistas/docentes/ensaístas/pesquisadores cujos trabalhos (dissertações e teses) foram orientados no pós-graduação em Comunicação (ECA/USP) e Integração da América Latina (Prolam/

USP). Para Cremilda, o ato de narrar configura-se como uma ação que busca reportar simbolicamente a realidade. Nesse sentido, o jornalista ao escrever (lato sensu) as narrativas da contemporaneidade expressa uma autoria na mediação social. Desse percurso, resulta ampla obra para os estudos da Comunicação hoje e sempre.

A professora Cremilda organizou, em cinco décadas, 60 coleções que registram debates em universidades brasileiras e internacionais, produção coletiva de alunos de graduação e pós-graduação, ensaios de pesquisadores de comunicação social e de outras áreas de conhecimento, volumes escritos por colaboradores das oficinas para idosos que desenvolve. O diálogo social e a autoria ética, técnica e estética nas mediações jornalísticas constituem os principais eixos temáticos de sua obra. Do ponto de vista epistemológico, sempre persegue a complexidade na produção simbólica da dialogia social. Destacam-se entre seus livros, *Notícia, um produto à venda – Jornalismo na sociedade urbana e industrial*; *A arte de tecer o presente* (em coautoria de Paulo Roberto Leandro); e *Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos*; e ainda *El rol del periodista*; *Profissão Jornalista, Responsabilidade Social*; *Viagem à literatura portuguesa contemporânea*; *A posse da terra - Escritor brasileiro hoje*; *Sonha Mamana África*; *Povo e Personagem*; *Símbolos e Narrativas*; *Casas da Viagem. De bem com a vida, afetos do mundo*. Numa perspectiva interdisciplinar, sua obra colhe os desafios paradigmáticos do Saber Plural e traz para a comunicação social e o jornalismo a teoria-prática que registra em seu título: *Atravessagem, reflexos e reflexões na memória de repórter*.

Um acervo relevante de contribuições para esse momento em que o Jornalismo se depara com profundas transformações no campo

técnico, com a convergência digital, e de sustentabilidade financeira das empresas jornalísticas, além das condições de trabalho dos profissionais. Mais de meio século se passaram desde aquela formatura em 1964, momento igualmente atribulado e repleto de interrogantes. A resistência, uma constante na vida dessa pioneira dos estudos da comunicação, seguirá sua parceira em busca de respostas para as questões da contemporaneidade.

Sugestões de obras da perfilada:

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente—narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo—da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista** – O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978

MEDINA, Cremilda. **Profissão Jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. **Povo & personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDINA, Cremilda. **Profissão Jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**—da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Casas da Viagem, de bem com a vida ou afetos do mundo**. Edição de Autor, São Paulo, 2012.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**. Reflexos e reflexões na memória de repórter. Summus Editorial, São Paulo, 2014.

Sobre a autoria da bionota:

Liana Milanez

Doutora em Ciência pelo PROLAM/USP, integra o Grupo de Pesquisa Epistemologia do Diálogo Social, coordenado pela Profa. Dra. Cremilda Medina. Participa como uma das colaboradoras ministrando cursos promovidos pelo PROLAM / Memorial da América Latina. E-mail: limilanez@gmail.com

DULCÍLIA HELENA SCHROEDER BUITONI

por Rose Mara Pinheiro

Do jornalismo ao feminismo, dos estudos de imagem às pedagogias de educação infantil, são temas que têm a professora Dulcília Buitoni como referência, que possui uma trajetória acadêmica tão produtiva e importante quanto às instituições de ensino que a formaram e consolidaram a sua carreira e o seu protagonismo em Comunicação, como a Universidade de São Paulo, a Faculdade Cásper Líbero e a Universidad Autonoma de Barcelona.

Nascida e criada em São Paulo, em 5 de agosto de 1947, filha mais velha de um casal de origem europeia, mais especificamente dos países Alemanha, pelo lado do pai Ricardo Brasilico Paes de Barros Schroeder, e Portugal e Espanha, pela mãe Sylvia Helena Schroeder, Dulcília estudou do jardim de infância ao terceiro colegial (hoje ensino médio) no Colégio Notre Dame, construído pelas Irmãs de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Castres, no bairro Sumaré, onde morou por 24 anos.

Cresceu num ambiente familiar que incentivava à aventura pela literatura e logo se apaixonou por livros, revistas e jornais. Criou o hábito de ler histórias em quadrinhos, sendo a do Pato Donald

a preferida. Viu crescer o império da Editora Abril e ao mesmo tempo a consolidação da comunicação de massa no país. Tinha três anos quando houve a primeira transmissão televisiva no Brasil, morando ao lado da TV Tupi, primeira estação brasileira a entrar no ar.

Casada há mais de 50 anos com o advogado Ademir Buitoni, um amigo da época do cursinho preparatório para o vestibular, chamado Castelões, na Rua São Bento, que funcionava em cima da farmácia Ao Veado D'ouro, uma botica tradicional no centro histórico da capital paulista. A amizade do cursinho foi tomando outros contornos durante o curso na Faculdade de Direito da USP, onde os dois haviam ingresado no processo seletivo. Começaram a namorar por volta do quinto ano do curso, se formaram em 1970 e se casaram dois anos depois.

Uma relação construída em meio a efervescência política da época, auge do período de exceção vivenciado pelo país, com inúmeras manifestações de resistência e de protesto dos estudantes universitários contra o regime militar no Largo de São Francisco. Com interesses comuns, gostos e ideais semelhantes, o jovem casal compartilhava e compartilha literatura, cultura, arquitetura, música, artes plásticas, filosofia e, claro, política.

Frutos dessa relação os três filhos do casal, Cássia Schroeder Buitoni (1975), arquiteta formada pela FAU-USP, mãe de dois meninos, Noel e Marco; Lucas Schroeder Buitoni (1977), arquiteto formado pelo Mackenzie, pai de Pedro e Tomás; e Gláucia Schroeder Buitoni (1983), cineasta, mais conhecida como Gal Buitoni.

Um ano depois de iniciar o curso de Direito, a paixão pelo jornalismo também aflorou, com a abertura da Escola de Comunicações Culturais, passando em 1969 para Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Dulcília fez o vestibular, que contou com 1.247 candidatos

para 200 vagas, e iniciou o curso de jornalismo em 1967, com uma primeira turma formada por alunos dos cursos de jornalismo, rádio e TV, arte dramática, cinema, biblioteconomia, documentação e relações públicas. Nesse período, a ECA/USP tinha professores como Paulo Emilio Salles Gomes, Jean Claude Bernadet, Lupe Cotrim, Isidoro Blikstein, Egon Schaden, Eduardo Peñuela, e os jovens professores José Marques de Melo e Gaudêncio Torquato.

A mescla entre a austeridade da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e a recém-criada Escola de Comunicações Culturais ampliou o repertório e abriu as portas da universidade no seu sentido mais profundo, uma diversidade de conhecimentos, processos de ensino e aprendizagem, contrastando o rigor e a lei com a liberdade e a interação da comunicação. Todo esse arcabouço teórico-prático impactou a jovem Dulcília, que se viu mais deslumbrada pelos encantos comunicativos, com a multiplicidade de formas e formatos e por ver aflorar o desejo pela justiça social, entendendo o jornalismo como uma alavanca para superar desigualdades.

Um ano após de formada em jornalismo, iniciou o mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas também na USP, sob orientação do professor João Alexandre Barbosa. Como já trabalhava em revistas na Editora Abril, sua dissertação tratou sobre fotonovela, intitulada “O quadrado amoroso”. Algumas considerações sobre a narrativa de fotonovela”. Em 1972, iniciou sua carreira docente na própria ECA/USP.

Nas décadas de 1970 e 1980, entre inúmeras atividades profissionais, destacam-se suas passagens principalmente pelas revistas da Editora Abril, como Capricho, Intervalo, Ilusão, Contigo, Noturno, Carícia, Casa de Cláudia e Cláudia, além de tantas outras participações e contribuições em veículos de comunicação de outras editoras e grupos.

A fotonovela virou tema de pesquisa depois de tentar analisar uma série de contos cedidos pelo professor Antonio Candido selecionados do concurso nacional do Paraná organizado pela Fundepar – Fundação de Desenvolvimento Educacional do Paraná. Mas como não avançou nos critérios de análise, conseguiu convencer seu orientador a mudar o foco da dissertação para a imprensa feminina, demonstrando sua força, suas origens cinematográficas e sua abrangência. O interesse pelo tema foi tamanho que continuou a pesquisa no doutorado, focando na representatividade e na imagem da mulher no contexto histórico e em textos da época.

Assim, em 1980, defendeu a tese de doutorado, também com a orientação do prof. Dr. João Alexandre Barbosa, com o título “Mulher de papel – a representação da mulher na imprensa feminina brasileira”, e em 1986 a Livre Docência, com o trabalho “Texto-documentário: espaço e sentidos”. É membro do NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero), da USP, desde 1985.

Também fez parte da Comissão de Pós-graduação da ECA/USP, sendo vice-presidente por dois mandatos entre os anos de 1985 a 1989, quando ajudou a ampliar o número de membros e a representatividade de todos os cursos.

Na graduação, um dos professores de maior influência em sua formação foi Eduardo Peñuela e, na pós-graduação, a orientação de João Alexandre Barbosa e aulas com Antônio Candido, Boris Chnaiderman, Walnice Galvão; e Ecléa Bosi, que participou de todas as suas bancas, desde o mestrado, doutorado, livre-docência e titular.

Em 1993 e 2000 foi professora visitante na Facultad de Ciencias de la Comunicación da Universidad Autònoma de Barcelona, período em que teve contato com o professor Jesús Martín-Barbero,

que ocupava uma cátedra da Unesco, e com professores como José María Tresseras, Pere Costa, Teresa Velazquez, Maria Pia Barenys. Montserrat Linnés, Rosa Franquet, Emili Prado, entre tantos outros. Em 1994, passou a coordenar o convênio USP/UAB, que trazia dois professores da UAB para a ECA no mês de agosto e enviava à UAB dois professores da ECA no mês de fevereiro.

No final dos anos 1990, conheceu o professor Josep Maria Català, grande pesquisador de imagem, com o qual tem trabalhado em algumas pesquisas até hoje.

Foi chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP de 1994 a 1998.

De 2009 a 2012, foi coordenadora do GP Fotografia da Sociedade Brasileira para os Estudos da Comunicação - Intercom e editora da revista Líbero, do Programa de pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero.

Foi professora permanente do Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero, de 2006 a 2015, quando criou e coordenou o grupo de pesquisa Comunicação e Cultura Visual e atuou como editora da Revista Líbero, de 2009 a 2012. Nesse período, foi responsável pela vinda ao Brasil do professor Josep Català como palestrante no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, bem como por sua palestra no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

Em 2016, recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo, como pesquisadora sênior, conferido pela SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

De 2017 a 2018, foi professora do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM.

Desde 2020, é professora sênior do Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, onde ministra a disciplina Estudos Visuais: elementos para análise de visualidades brasileiras em jornais, revistas e livros.

Em sua trajetória acadêmica, Dulcília transitou entre várias áreas da Comunicação e suas relações, sendo suas principais vertentes as narrativas da contemporaneidade no jornalismo, publicidade e entretenimento, as relações texto-imagem na comunicação impressa, nos meios audiovisuais, nas redes sociais e em conteúdos educacionais; a comunicação e relações de gênero; comunicação e consumo; comunicação e educação. Tem importantes contribuições e referências nos estudos visuais aplicados à cultura visual, o jornalismo digital, a fotografia, o documentário e webdocumentário a história do jornalismo, jornalismo de revista, jornalismo cultural, além de pedagogias de educação infantil.

Ao longo dos seus mais de 30 anos na Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo, onde desenvolveu a sua carreira acadêmica, desempenhou inúmeras atividades tanto administrativas quanto de ensino, pesquisa e extensão, tendo orientado e participado de mais de 100 teses e dissertações. Foi coordenadora de diversos projetos relacionados às suas áreas de interesse e atuou ativamente como representante nos conselhos superiores e membro dos colegiados e direção de departamentos da ECA/USP.

Entre as participações em bancas de doutorado merecem ser destacadas as de autores referências na comunicação, como Carlos Eduardo Lins da Silva com Muito Além do Jardim Botânico, em 1984; Joseph Luyten, com A Notícia na literatura de Cordel, em 1984; José Coelho Sobrinho, com a Liberdade como pressuposto para

a aprendizagem, em 1986; Sonia Luyten, com Poder e Difusão dos quadrinhos japoneses como reflexo da sociedade nipônica, em 1988; Ismar de Oliveira Soares, Do Santo Ofício à Libertação: o discurso (e a prática) do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social, em 1986, entre outros.

Para compreender sua contribuição acadêmica, as pesquisas sobre imprensa feminina resultaram nos livros *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, publicadas em duas edições pela Edições Loyola, em 1981, e Summus Editorial, em 2009. Esse tema também fundamentou suas primeiras disciplinas na pós-graduação da ECA/USP, quando também iniciou sua participação no Núcleo de Estudos sobre a Mulher e Relações de Gênero, em 1985, fundado pela professora Eva Blay, da Sociologia da FFLCH.

Outra referência fundamental é fruto de suas pesquisas sobre as pedagogias da educação infantil, a partir da tese de livre docência, marcando sua contribuição para a relação Comunicação e Educação, com as publicações *Quintal Mágico: Educação Arte na Pré-Escola*, editado pela Brasiliense em 1988, e *De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte*, pela Ágora em 2006, que acrescenta perfis de professores e alguns capítulos. Com essa temática foi convidada a palestras e seminários relacionados a educação infantil; e pelo menos três escolas de educação infantil foram criadas a partir de sua leitura. Os livros também foram uma fonte para o documentário longa-metragem “Sementes do Nosso Quintal” (2012), dirigido por Fernanda Heinz, que foi aluna da Te-Arte no final da década de 1970, premiado como melhor documentário na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e em outras mostras em estados brasileiros. Teve exibição em festival na França e tem sido apresentado em universidades e em escolas de ensino fundamental e médio em todo o sistema público.

A experiência dos dois livros relata o olhar da mãe Dulcília, com a passagem de seus três filhos na escola Te-Arte, desenvolvida pela educadora Therezita Pagani, com formas inovadoras de educação que mesclavam natureza, música, cultura e muita diversão, sem divisão por faixa etária. O registro da pesquisadora Dulcília mostra o ambiente de liberdade e arte para a formação e desenvolvimento das crianças.

Por fim, o livro *Fotografia e jornalismo: informação pela imagem*, publicado pela Saraiva em 2011, é resultado de suas pesquisas sobre fotografia, imagens jornalísticas e documentário, que ocupam grande espaço em suas produções acadêmicas, além de fundamento para as últimas disciplinas de estudos visuais que ministrou na ECA/USP, na Faculdade Cásper Líbero e na ESPM. Nesse sentido, além de autores como Arlindo Machado, Lucia Santaella, Eduardo Peñuella, e autores estrangeiros como Joan Fontcuberta, Susan Sontag, Roland Barthes, Andre Rouillé, Gaston Bachelard, Margarita Ledo, Vilem Flusser, Lev Manovich, seu principal referencial teórico é Josep M. Català, que escreveu o tratado “La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual” (2005) e tem importante produção sobre cinema, documentário, mídias digitais (*El mu rmullo de las imágenes: imaginación documental y silencio*, 2012; *Viaje al centro de las imágenes: una introducción al pensamiento esferico*, 2017; *Posdocumental: la condición imaginaria del cine documental*, 2021).

Os estudos e análises sobre a imagens e suas narrativas compõem suas mais recentes contribuições acadêmicas e pesquisas, como a construção de conceito do embrião narrativo, que permite interpretar a imagem relacionando passado e futuro, e a discussão sobre a imagem complexa, sua relação com a arte e com a subjetividade.

A inquietação e a generosidade são características que marcam a trajetória de Dulcília, que está sempre aberta para aprender e compartilhar conhecimento, num movimento dinâmico e coletivo, com a crença perene na educação e no jornalismo como elementos de transformação da sociedade, incitando uma mudança, uma intervenção no mundo, assim como a arte. Talvez com influência freireana, Dulcília escolha a palavra confluência para caracterizar a experiência do conhecimento, que para ela se faz na troca, na interação, no encontro. E sua vivência acadêmica reforça que todos nós somos mestres e aprendizes, na alteridade que construímos a nossa existência e permanecemos.

Sobre a autoria da bionota:

Rose Mara Pinheiro

Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (mestrado e doutorado), em Campo Grande/MS. É diretora da Agência de Comunicação Social e Científica da UFMS desde 2018. Sócia fundadora da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação). E-mail: rose.pinheiro@ufms.br

ELIZABETH NICOLAU SAAD CORRÊA (BETH SAAD)

por Issaaf Karhawi

Beth Saad – ou, no Lattes, Elizabeth Nicolau Saad Corrêa – é Professora Titular Sênior do Departamento de Jornalismo e Editoração, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a ECA-USP. Do campo da Comunicação Digital e das Tecnologias, Beth é comumente associada à inovação. E não é por acaso. Se inovar vem de realizar algo novo, fazer algo que nunca havia sido feito até então, Beth Saad nasce em uma família que rompeu com o *status quo* antes mesmo de sua chegada.

Filha única de Nicolau Michael Kyriakos e Latifa Saad Kyriakos, imigrantes libaneses, de Rachaia El Wady no Vale do Becaá, Beth nasceu a 10.666 km de distância da então terra dos pais, em São Paulo, no dia 24 de janeiro de 1954. A partir da ruptura com o solo libanês, a família Saad construiu algo novo: uma família definida por sonhos renovados, pelo trabalho duro do imigrante e pelo estímulo ao pensamento livre e autônomo.

Beth considera que teve uma infância e juventude *privilegiadíssimas*, em suas próprias palavras, por conta das escolas que

frequentou, dos cursos extracurriculares que fez, dos livros aos quais pôde ter acesso. Mesmo as aulas de piano – que detestava, mas que agradavam à mãe – resultaram em um gosto musical invejável, como toda boa beatlemaníaca. Já as estantes de livros, e depois de revistas, foram sendo lentamente abarrotadas pelo estímulo familiar que guardava orgulho da filha leitora e certa curiosidade com a língua ainda pouco desbravada pelos pais letrados no alfabeto árabe.

As sementes da juventude a levaram para a Universidade de São Paulo, para o curso de Administração de Empresas, em 1972, com o sonho “tradicional” de se tornar uma executiva. Mas o caminho da inovação não é o das linhas retas, dos planos executados sem ajustes e Beth não chegou a alcançar a meta de atuar como administradora desde que, em um estágio no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), conheceu o caminho da gestão de projetos em tecnologia.

A partir da conclusão do curso de Administração de Empresas, em 1975, a carreira na área tecnológica transitou entre a iniciativa pública e privada na posição de executar projetos de inovação. O retorno ao espaço acadêmico se deu em 1980 em uma entrada dupla: na pesquisa – por meio do mestrado em Administração de Empresas na FEA, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo – e na docência na ESPM, Escola Superior de Propaganda e Marketing. Essa última entrada, via comunicação, era o início de um diálogo multidisciplinar inerente à atuação com inovação e tecnologias.

A relação com a Escola de Comunicações e Artes da USP se iniciou com um convite para atuar como professora substituta no curso de jornalismo. Foi ali que se consolidou o perfil multidisciplinar que acompanharia Beth Saad ao longo de toda sua carreira. Também

foi no diálogo com a ECA que a necessidade de uma formação na comunicação, como chave para compreender as mudanças em curso na vanguarda da digitalização no Brasil, se materializou. Mais adiante, outro convite: o de atuar como consultora autônoma de gestão tecnológica na então Agência Estado – justificativa inquestionável para um diálogo mais sólido com a comunicação.

Em 1989, Beth iniciou o doutorado em Ciências da Comunicação sob orientação do Prof Dr. José Marques de Melo, com a tese “Tecnologia, jornalismo e competitividade: o caso da Agência Estado” e passou, também, a ocupar o cargo de professora tempo integral na ECA-USP. Hoje, uma investida multidisciplinar parece cotidiana e até incentivada. À época, no entanto, Beth precisou lidar com questionamentos a respeito do tema híbrido de pesquisa: um pouco de jornalismo, outro tanto de gestão e uma aposta na tecnologia. A tese incompreendida e ousada já dava pistas do papel inovador e visionário do trabalho de Beth Saad para o campo da Comunicação. Em 2003, o doutorado seria lançado em formato de livro pela editora Senac sob o título “Estratégias para a mídia digital: internet, informação e comunicação”, publicação que receberia duas novas edições em 2008 e 2012.

Beth Saad é referência nacional não apenas nos estudos sobre comunicação digital, mas, sobretudo, nas pesquisas sobre jornalismo e comunicação corporativa digitais. Mas sua história é de uma *outsider* (no melhor dos sentidos!), de alguém que vem de outro campo e passa a observar aquilo que poderia ser revisto, repensado, atualizado na comunicação. Sua atuação como docente no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da ECA-USP se baseou, desde o princípio, em discussões que endereçavam noções como a de *web centric business*, um modelo de negócio jornalístico centrado na internet – que ainda

engatinhava no Brasil. A proposta era incentivar novas formas de fazer e pensar o jornalismo, a partir de modelos híbridos, relações com o mercado de tecnologia, conteúdo personalizado e convergência das redações. Proposições bem anteriores ao aquecido debate sobre cultura da convergência ou qualquer pista de conteúdo hipersegmentado como o das contemporâneas *big techs*.

À docência na graduação somou-se também a pós-graduação em Ciências da Comunicação, em 1997. No programa, até então, Beth formou 24 mestres, 21 doutores e segue como orientadora. E há uma característica comum entre as pesquisas orientadas por Beth Saad: os projetos reconhecem a *centralidade* do digital, igualmente lidam com a *transversalidade* ou capilaridade das tecnologias digitais e assumem uma postura *resiliente* frente aos objetos fluidos, mutantes e instáveis tipicamente digitais. Mais do que um *ethos* de pesquisador ou uma predileção por objetos relacionados ao digital, a tríade *resiliência – centralidade – transversalidade* passa a ser também pressuposto metodológico incorporado a esse fazer científico.

E esse fazer se construiu de forma coletiva ao longo dos últimos anos. Desde 2006, Beth Saad coordena o COM+, Grupo de Pesquisa em Comunicação, Mídia e Jornalismo Digitais registrado no CNPq e na Comissão de Pesquisa da ECA-USP. Como integrante do grupo há quase uma década, testemunho diariamente a condução de Beth baseada na liberdade de pensamento – aquela mesma que a constituiu – no incentivo à autonomia dos pesquisadores, na busca pelo o que há de mais contemporâneo na área em termos de literatura e, sobretudo, no que se refere aos objetos de pesquisa. No COM+, não há objetos menos nobres, não há discussões anacrônicas e o diálogo com o mercado não é demérito ou superficialidade, mas exigência para

uma pesquisa responsável, crítica e contextualizada em seu tempo. Ao mesmo tempo, o rigor metodológico está calcado no *e*, não no *ou*. Não se pesquisa *ou* a Administração *ou* o Jornalismo *ou* a Tecnologia, mas o diálogo entre áreas, objetos e perspectivas teóricas é incentivado em uma soma que almeja a complexidade do pensamento e do fazer científico. Há até certa *indisciplina* na ausência de filiação formal e longeva a autores ou metodologias, mas que, na verdade, materializa um olhar renovado, inovador e multidisciplinar para o campo.

Como docente e pesquisadora, Beth Saad também atuou ao lado de importantes associações de pesquisa da área da comunicação. Entre 2007 e 2010, coordenou o GP Comunicação Digital da Abrapcorp (Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas). Em 2015, o GT passou por processo de reativagem, sendo intitulado GP Comunicação, Inovação e Tecnologias, e marcando o último ano de coordenação de Beth. Entre 2009 e 2010, foi coordenadora do GT Economia Política da Compós (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação); além de ter presidido o prêmio Adelmo Genro Filho, da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, entre 2017 e 2018.

E ainda que os cargos de coordenação indiquem dedicação exclusiva à pesquisa, em nenhum momento de sua carreira Beth se distanciou do mercado. Ainda que não ocupasse mais postos corporativos, seu nome era lembrado por altas lideranças em momentos de consultorias estratégicas, por departamentos de Relações Públicas em momentos de palestras, e pela mídia em momentos de busca por fontes especializadas em tecnologia e mídias digitais. Sua relevância para o mercado foi consagrada com o prêmio “Os 50 mais inovadores do mercado brasileiro de comunicação e marketing”, conferido

pela ProXXima, do Grupo Editorial Meio & Mensagem, em 2013. Em sua trajetória, o diálogo para além dos muros da academia é marca inquestionável.

Mais atualmente, esse diálogo também se insere na discussão de políticas públicas. Em 2023, Beth Saad passou a integrar o conselho do Grupo de Trabalho de Gênero do Observatório da Violência Contra Jornalistas e Comunicadores Sociais, capitaneado pelo Ministério das Mulheres, como parte da agenda do governo federal. A atuação também está relacionada a outro projeto, o *Safety Matters*, financiado pelo *Norwegian Research Council*, em que Beth atua em uma nova frente de pesquisa: a investigação e proposição de saídas para a violência contra jornalistas em países como Brasil, Estados Unidos e África do Sul. À primeira vista, a temática não estaria relacionada à discussão acerca das mídias digitais, mas a violência contra jornalistas, hoje, passa pelas plataformas de redes sociais e pela segurança digital.

A relação com pesquisadores noruegueses, se iniciou em 2018, em período como professora visitante na Oslo Metropolitan University. Mas o compromisso com a internacionalização da pesquisa brasileira é constante na carreira de Beth Saad. Em 2016, pela Cátedra Unesco de Comunicação Internacional, Beth foi professora visitante na Université Grenoble-Alpes, na França. Antes disso, em 1998, também foi professora visitante na Universitat Autònoma de Barcelona, além de ter mantido um longo diálogo com a Universidade do Minho, em Portugal.

Em vias de completar três décadas de atuação acadêmica apenas no nível da pós-graduação, Beth Saad deixa diversas lições para o campo e para os recém-ingressos na área. A minha lição favorita, como ex-orientanda, é nunca abandonar a vigilância epistemológica

e o rigor metodológico, mas sem abrir mão da experimentação, da inovação, do diálogo com diferentes áreas & mercados & países & bibliografias. Afinal, é de mentes inquietas que o campo avança e se renova. E, muito melhor, se isso tudo for feito a partir de uma ciência coletiva e afetuosa... *with a little help from my friends!*

Sugestões de obras da perfilada:

SAAD, Beth. **Estratégias 2.0 para a mídia digital**: internet, informação e comunicação. São Paulo: Editora Senac, 2012.

SAAD, Beth. (Org.). **Caminhos da Comunicação**: tendências e reflexões sobre o digital. Curitiba: Appris, 2020.

SAAD, Beth; SILVEIRA, Stefanie. (Org.). **Tendências em Comunicação Digital**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

SAAD, Beth; SILVEIRA, Stefanie. (Org.). **Tendências em comunicação Digital - Volume 2**. São Paulo: ECA-USP, 2017.

Sobre a autoria da bionota:

Issaaf Karhawi

Professora da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Coordena o GP Tecnologias e Culturas Digitais da Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e atua como Líder Regional da América do Sul da rede de pesquisa TikTok Cultures Research Network. E-mail: issaaf@usp.br

ESTHER IMPERIO HAMBURGER (ESTHER HAMBURGER)

por Karin Müller

Esther Imperio Hamburger é uma figura importante na área da Antropologia, Ciências Sociais e Comunicação social e reconhecida por sua pesquisa sobre o contexto social na área do audiovisual, especialmente nas produções de telenovelas brasileiras.

Nasceu na cidade de São Paulo e cresceu no bairro do Butantã, junto com seus cinco irmãos mais novos. É filha de Ernst e Amélia Hamburger, um casal de físicos que atuaram como professores da Universidade de São Paulo até falecerem em 2018 e 2011, respectivamente. Seu pai ainda foi membro fundador da Academia Brasileira de Ciências e conquistou o Prêmio Kalinga de Divulgação Científica, em 2000, concedido pela Unesco, quando ainda era diretor do projeto Estação Ciência, na USP.

Ernst Hamburger era judeu, alemão, nascido em Berlim e veio para Brasil com apenas três anos de idade, fugindo da guerra com sua família. Amélia Império Hamburger era católica e descendente de italianos.

Flavio Imperio, irmão de Amelia, talvez tenha sido a grande inspiração para os irmãos de Esther. Flavio foi um dos mais prestigiados cenógrafos e diretores de arte, pois participou de montagens como Roda Viva, de Chico Buarque, e dividiu diversas direções de teatro, algumas com Paulo José. Dos irmãos de Esther, Cao Hamburger é um dos roteiristas mais reconhecidos por seu trabalho no Castelo Rá-Tim-Bum, programa infantil da TV Cultura.

No caso de Esther, a vida acadêmica se tornou o foco de sua carreira profissional, possivelmente influenciada pelos pais. Foi alfabetizada em inglês e passou por diversas escolas, como a Escola do Jockey, Instituto Pirajussara de Ensino, Rainha da Paz e, o ensino médio, cursou no tradicional Colégio Equipe. Na graduação, cursou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) por influência de sua mãe, entre 1978 e 1982, e logo depois já iniciou o mestrado em Sociologia na mesma instituição para estudar antropologia urbana.

Nessa época, os movimentos estudantis seguiam fortes na luta pela democracia, o que também a incentivou a entrar na área de Ciências Sociais para analisar os cenários políticos e sociais daquele tempo, como pesquisadora e como membro atuante dos movimentos. Fez parte da reconstrução da UNE e, na própria universidade, formou grupos de alunos para construir um centro de pesquisa no Departamento de Ciências Sociais da USP.

Durante o período da graduação, trabalhou como estagiária na Fundação Seade e na Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE). No mestrado, trabalhou como assessora técnica na Secretaria de Planejamento e Finanças da Prefeitura de São Paulo. E este cargo a levou a escrever sua dissertação de mestrado, quando analisou o movimento autonomista de Santo Amaro, justamente por conta de

sua experiência com os movimentos estudantis dos quais participou ativamente.

Em 1985, a pesquisadora iniciou no Cebrap como assistente de pesquisa e coordenadora de campo da Profa. Ruth Cardoso, em uma pesquisa sobre a participação popular no governo da prefeitura de São Paulo. Permaneceu lá por 15 anos, tornando-se bolsista em 1987 e interrompendo o período de bolsa para ingressar no doutorado fora do País, em 1988. Além disso, também coordenou um projeto sobre telenovelas e fecundidade, o que classificou como uma experiência rica que teve durante seu doutoramento como bolsista da Capes nos Estados Unidos.

Esther decidiu se dedicar aos estudos sobre a televisão americana na Universidade de Chicago, mas acabou trazendo seu foco para as telenovelas brasileiras com a tese *Politics and intimacy in Brazilian Telenovelas*. O motivo que levou a pesquisadora a trilhar esse caminho foram os índices de audiência do formato naquela época, considerado um fenômeno nacional. Após seu doutorado, ainda permaneceu no país para realizar o pós-doutorado na Universidade do Texas, em Austin, entre os anos de 1999 e 2000.

De volta ao Brasil, se tornou livre-docente da USP, título obtido em 2008, e foi chefe do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP) entre os anos de 2006 e 2010. Logo depois, até 2014, presidiu o CINUSP Paulo Emílio, sala de cinema gratuita e aberta ao público dentro do Campus da USP, e hoje continua na equipe gestora como vice-presidente.

Nesta mesma época, entre os anos de 2009 e 2013, foi membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta, mantenedora dos canais da TV Cultura, de São Paulo. Recentemente, em 2019, atuou

como professora em cursos de verão na Universidade de Zagreb, na Croácia. No ano seguinte, como professora convidada, ministrou disciplinas na Universidade de Columbia, nos EUA, com temas sobre a história do audiovisual e o audiovisual no Brasil.

Atualmente, Esther é membro do Conselho da ECA-USP e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais. Ministra disciplinas como Expressões Audiovisuais de Desigualdades, A Evolução do Cinema Vérité, Off-Hollywood: uma História de Cinema Independente Americano, Noções Estéticas de um Cinema Radical, Representações da Pobreza e da Violência no Cinema e na Televisão, História do audiovisual brasileiro III, História do audiovisual III, História do audiovisual IV, Projeto Temático Orientado e Gênero, Literatura e Cinema. A pesquisadora também atua como líder no projeto de pesquisa Imagem e Vida na Metrópole e coordena o Laboratório de Investigação e Crítica Audiovisual (LAICA) da USP.

O seu atual projeto de extensão na universidade é realizado dentro da Cátedra UNESCO *Media Information Literacy and Intercultural Dialogue*, e recebe o mesmo nome da cátedra. Neste projeto, a pesquisadora conta com outros cinco parceiros internacionais para realizar pesquisas sobre estudos midiáticos. É membro do corpo editorial de seis revistas acadêmicas, entre elas a Revista Laika, a Significação e da Revista Barca, do programa de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense.

Fora da Universidade de São Paulo, Hamburger exerce importantes cargos, um deles como representante da USP na Rede Unitwin Unesco de Universidades em Letramento Midiático e Diálogo Intercultural, vinculada à UNESCO. Esther também faz parte de comitês de assessoramento da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo

(FAPESP) e do Centre International de Liaison des Ecoles de Cinéma et de Télévision, da França.

Além destes, é a atual presidente da Associação Cultural Kinoforum, com sede em São Paulo, uma entidade brasileira sem fins lucrativos que tem como objetivo realizar projetos e atividades para a promoção do audiovisual brasileiro e da inclusão social. A associação trabalha com o olhar voltado para três dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS, das Organizações das Nações Unidas – ONU: Educação de qualidade, Igualdade de gênero e Redução das desigualdades.

Sobre suas obras, Esther publicou uma única obra individual, fruto de sua tese de doutorado. O livro *Brasil Antenado – A Sociedade das Novelas* foi lançado em 2005 e traz um estudo aprofundado sobre televisão, telenovelas e sociedade. Em suas reflexões, apresenta sua visão sobre a televisão, afirmando que são ingênuos aqueles que acreditam que a intervenção dos meios de comunicação, principalmente a TV, no contexto social dá-se de maneira isenta, “uma vez que subestima a interferência de fatores como ênfases, enquadramentos e jogos de poder que limitam ou estimulam a maior ou menor visibilidade de certas imagens na definição dos acontecimentos” (2005, p.15).

Para a pesquisadora, a televisão tem sua maneira de educar a sociedade, pois cada um absorve e decodifica do seu jeito tudo aquilo que é transmitido por este meio. Em uma novela, por exemplo, o telespectador é convidado a participar daquela dinâmica social, com seus dramas dentro de uma narrativa, incorporando a trama em sua vida, repetindo e confrontando comportamentos da vida real.

Na obra, Esther reflete sobre a interpretação da nacionalidade em tramas como *Vale Tudo* e *Roque Santeiro*, além de fazer

uma crítica aos anos de 1970 e 1980, quando a televisão ainda agia como se estivesse apenas atingindo uma audiência feminina abastada quando, na verdade, esses dados de audiência estavam completamente errados. Ao encerrar sua obra, traz uma reflexão importante quando as produções de televisão se encontram em alguns dilemas, afinal, por um lado existem grandes corporações transnacionais atuando e, do outro, movimentos que acompanham as mais diversas identidades culturais do Brasil e do mundo.

Além de sua obra individual, a pesquisadora também participou de outras três obras como organizadora, duas delas como publicação internacional pela UNESCO e outra pela Universidade Autônoma de Barcelona. São elas: *Media and Information Literacy: Reinforcing Human Rights*, pela editada em Paris pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), em 2016; e *Media and information literacy in critical times: Re-imagining learning and information environments*, editada em Barcelona em 2019. A publicação nacional recebe o título de *Estudos de cinema SOCINE IX*, editada pela Anablume, em São Paulo, e publicada em 2008.

Esther Hamburger também participou como autora de capítulos em mais de 40 obras publicadas, nacionais e internacionais. O mais recente capítulo publicado, *Eduardo Coutinho: cinema de conversa*, foi na obra *Cabra marcado para morrer*, volume editado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, neste ano de 2023, organizado por Almeida, Rogério; Christiane Pereira de Sousa; Kamilla Medeiros.

Ainda há duas publicações, anteriores às citadas acima, que a própria pesquisadora também destaca em sua carreira. Uma delas foi um capítulo publicado na Revista da Universidade de Campinas

(UNICAMP), em 2001, com o título *Representações sobre Reprodução nas Telenovelas Brasileiras*, que fez parte da obra *Saúde Reprodutiva na Esfera Pública e Política*. A segunda publicação é internacional e foi publicada no livro *Brazil and the Americas*, em 2008, e seu capítulo *Wired Up to the World: Performance and Media in Contemporary Brazil* fez parte dessa edição alemã, editada pela Vervuert, em Frankfurt.

Os estudos e reflexões de Esther Hamburger nos fazem refletir sobre como os meios de comunicação, especialmente a televisão, precisa produzir produtos que prezem pela qualidade para que possam, de fato, entreter, educar e informar. Além disso, sua única obra faz uma reflexão importante sobre o papel social da telenovela no Brasil e demonstra como a construção da audiência nas classes mais baixas da população se deu e como a interpretação por parte deste público ocorreu. Afinal, essas comunidades interpretavam um mundo de pele mais branca e de maior poder aquisitivo, o que proporcionava a ideia de não poderem consumir o que estavam assistindo.

Portanto, sua contribuição nesse sentido foi e é fundamental para uma construção mais crítica e consciente das produções audiovisuais, abrindo caminhos para uma reflexão sobre tudo aquilo que é construído e transmitido nos diversos meios de comunicação. Suas publicações e, principalmente, sua forte atuação nos mais diversos cargos ligados ao cenário do audiovisual fazem com que seja uma das principais pesquisadoras da área, levando os estudos midiáticos brasileiros a serem reconhecidos e reverberados também fora do País e, principalmente, possibilitando uma reflexão crítica e precisa sobre as produções midiáticas.

Sobre a autoria da bionota:

Karin Müller

Professora das áreas de Comunicação e Marketing da Universidade Metodista de São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Também atua como professora estrangeira convidada na Wuhan University of Science and Technology (China).
E-mail: mullerkarin@gmail.com

GISELA CASTRO

por Adriana Lima de Oliveira

Gisela Grangeiro da Silva Castro, mais conhecida como Gisela Castro, nasceu no Rio de Janeiro em 21 de dezembro de 1958. Sua mãe, Elza Regina Grangeiro da Silva Castro e seu pai, Jalcias Baptista da Silva Castro, já tinham um filho, Guilherme, hoje músico sediado há muitas décadas em Berlim, na Alemanha. Depois veio a caçula, Claudia, que se tornou arquiteta e urbanista junto à Prefeitura do Rio de Janeiro. O pai, oficial da Marinha, submarinista, chegou ao fim da carreira como Almirante de Esquadra. A mãe formou-se em Jornalismo depois de ser aprovada em primeiro lugar no vestibular, mas jamais exerceu a profissão. O casal celebrou uma parceria longeva. Foram mais de 70 anos de casamento com família composta por 3 filhos, 5 netos e 2 bisnetos.

Gisela Castro casou cedo e logo teve duas filhas: as gêmeas Flavia e Paula Castro Travassos, nascidas em julho de 1980. Se o primeiro casamento foi curto, a segunda união “metaestável” com o compositor experimental LC Csekő já dura quatro décadas. Baiano, músico e educador, a combinação perfeita de arte, pensamento e afeto

em sua vida. Não é por acaso que a música se tornou um de seus objetos de investigação. A estreita convivência com as avós, Annita e Elza, de temperamentos muito diversos e formações religiosas distintas – sendo uma ligada à Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e a outra, católica – seria importante para impelir a decisão de estudar o envelhecimento e a longevidade na sua maturidade.

Em sua formação escolar, frequentou bons colégios do ensino público do Rio de Janeiro, na época excelente. Mas, por conta das viagens do pai, terminou o primário e cursou parte do Ginásio em Natal, RN (1968-69) e mais tarde a *Middle School* em Rhode Island (1970-71), e parte da *High School* em New Jersey (1974-75), nos EUA. Bilingue desde os 11 anos de idade, Gisela cursou os dois últimos anos na Cultura Inglesa no Rio de Janeiro e obteve o *Cambridge Certificate of Proficiency in English* (CPE) ainda adolescente. Graduiu-se em Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1980) e cursou Complementação Pedagógica em Língua Inglesa na Universidade Santa Úrsula (USU, 1984). Integrou, durante anos, os emblemáticos grupos de estudos em Filosofia ministrados por Claudio Ulpiano no Rio de Janeiro (1990-1996). Concluiu o mestrado (1998) e o doutorado (2003) em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ).

No mestrado, como bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e sob orientação de Ieda Tucherman, apresentou a dissertação intitulada “A Canção de Ariana”, uma importante fonte de pesquisa sobre a concepção de som musical na música contemporânea e suas articulações com o pensamento filosófico atual. No doutorado, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e sob orientação

de Liv Sovik, defendeu a tese “Música, Tecnologia, Escuta & Comunicação: as canções inumanas”, em que abordou as transformações na escuta musical proporcionadas por diversos tipos de associação entre música e tecnologia. Este trabalho foi apontado como um dos pioneiros na pesquisa sobre escuta musical, distribuição e consumo de música via internet, em um momento de franca transformação. Neste percurso, o prazer de escutar e pensar a música jamais a deixou.

O pós-doutorado (2014), sob supervisão do respeitado sociólogo britânico Mike Featherstone, também contou com bolsa de fomento, desta vez pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o que possibilitou a sua estadia em Londres para estudos no Goldsmiths, University of London (UL), Inglaterra.

Como professora recém doutora, contemplada com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ), atuou como docente (2004) da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Um ano depois, em 2005, transferiu-se para São Paulo após ter sido aprovada em primeiro lugar em concurso público nacional para integrar a equipe que estava estruturando o primeiro programa *stricto sensu* da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) na capital paulista. A primeira turma de mestrado do recém-criado Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo ESPM iniciou as aulas em 2006.

Atualmente é professora titular do PPGCOM ESPM, tendo exercido os cargos de Vice Coordenadora (2006-2008) e Coordenadora (2009-2011). Integrou a coordenação editorial da revista Comunicação, Mídia e Consumo (CMC), da mesma instituição, de 2006 até 2014. Em 2023, retorna à função de coordenadora editorial da

CMC com a missão de promover a discussão acadêmica relacionada ao campo da Comunicação Social, articulando os estudos de mídia e do consumo, entendido como prática sociocultural definidora da cena contemporânea. Sua atuação como docente na ESPM SP não se limita aos mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, mas se estende aos alunos de Graduação, lecionando turmas, orientando projetos de Iniciação Científica e Trabalhos de Conclusão de Curso.

É coordenadora do Conex.lab, ativo Grupo de Pesquisa CNPq/ESPM em Comunicação, Consumo, Subjetividade e Sociabilidade que reúne seus orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado, egressos e colegas em estágio de pós-doutoramento. Desde 2018, coordena também o Comitê ESPM de Direitos Humanos, projeto de extensão que envolve a instituição como um todo em torno de pautas sociais ligadas à Agenda 2030 da ONU.

Como pesquisadora do campo da comunicação interligado aos estudos do consumo, tem se dedicado a temas como a produção de subjetividades; os modos de sociabilidade; a cibercultura; as dinâmicas do entretenimento e as figurações midiáticas do envelhecimento e da longevidade. Dentre as suas principais contribuições teóricas para o campo estão as reflexões sobre o papel ativo do consumidor-fã; o *coaching* midiático das subjetividades e o combate ao idadismo, ou etarismo (*ageism*), nas interações intergeracionais.

Associada da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), tem atuado junto à coordenação do GP Cultura e Tecnologias Digitais, desde 2006. Sócia fundadora e membro do Conselho Científico Deliberativo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), integrou a diretoria da

associação de 2009 a 2011. Foi vice-coordenadora da Rede Brasileira de Pesquisadores da Ficção Televisiva (Obitel Brasil), na gestão de 2016-2017. Nesta época (2016), tornou-se membro da Associação Latino-Americana de Investigadores em Comunicação (ALAIC). Integrou a diretoria da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), na gestão 2017-2019, e da Associação Ibero-Americana de Investigadores em Comunicação (Assibercom) na gestão de 2015 a 2019. Atualmente, integra a coordenação colegiada da DTI-5 Comunicação e Identidades Culturais do Congresso Ibero-Americano de Comunicação (Ibercom) e do GT-3 Comunicação, Consumo e Subjetividade do Congresso Internacional de Comunicação e Consumo (Comunicon).

Uma das principais características de Gisela Castro é seu entusiasmo e o prazer que expressa na elaboração de trabalhos e projetos em diferentes parcerias acadêmicas. Uma de suas grandes amigas e principal inspiração foi Maria Aparecida Baccega, com quem compartilhou a experiência de fundação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM São Paulo. Com ela organizou publicações que se tornaram referência na área, tais como “Comunicação e consumo nas culturas locais e globais” (2009); além de artigos e capítulos de livro sobre teleficção, no âmbito dos estudos da rede Obitel Brasil. Um exemplo é o capítulo “Precisamos discutir sobre a velhice na telenovela brasileira”, escrito em coautoria e publicado na coletânea “Comunicação, educação e consumo: as interfaces da teleficção” (Pimenta Cultural, 2022).

Gisela também é uma referência nos estudos de música e comunicação, tema que suscitou a produção de seus primeiros projetos de investigação ainda no mestrado e que rendem até hoje a sua

participação em bancas e avaliações. Dois desses trabalhos são o artigo “Web Music: produção e consumo de música na cibercultura” publicado na revista CMC em 2004 e “Para pensar o consumo de música digital”, publicado em 2005 na revista Famecos. Seus trabalhos sobre música foram reunidos no ebook “Música serve para pensar: comunicação em rede, consumo e escuta musical” (ESPM, 2014), disponível para download gratuito.

Conforme o rastreamento do Google Acadêmico, um de seus artigos mais citados é “Entretenimento, sociabilidade e consumo nas redes sociais: cativando o consumidor-fã”, publicado em 2012 na Revista Fronteiras. Nos seus textos sobre comunicação e culturas do consumo e também sobre o idadismo na contemporaneidade encontramos a potência de suas reflexões mais recentes. “O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias”, publicado em 2016 na revista Galáxia, é um bom exemplo, bem como o livro organizado em parceria com a colega Tania Hoff, intitulado “Comunicação, consumo e envelhecimento no contemporâneo: perspectivas multidisciplinares” (Sulina, 2018).

A preocupação com a produção de subjetividades nas culturas midiáticas e do consumo, seu ativismo em prol da diversidade e da cultura da paz no ambiente universitário a impulsionaram a fundar e dirigir o Comitê ESPM de Direitos Humanos. A apresentação na XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã/Mídia Cidadã (2021) do trabalho intitulado “Literacias para a cidadania: uma proposta com foco na promoção dos direitos humanos no ambiente universitário” reflete uma ação propositiva com essa pauta, uma maneira de compartilhar mais amplamente as atividades do Comitê.

Imersa e atenta ao conturbado ambiente social atual, publicou textos que versam sobre os fluxos comunicacionais que atravessam o espaço urbano, face aos acontecimentos recentes que afetaram de forma indelével o País e planeta. É o caso de “Cidades na pandemia – São Paulo e Rio de Janeiro: comunicação, sociabilidade, vigilância e cidadania”, artigo escrito em plena pandemia, em coautoria com Raquel Paiva e Adriana Lima. Foi publicado em 2020 na revista RECIIS. Dentre outros mais recentes, “Desinformação, negacionismo e antidemocratização: glossário político no Brasil de 08 de janeiro de 2023, com Adriana Lima de Oliveira foi publicado no *Journal of Latin American Communication Research* (Alaic, 2023).

Durante o seu percurso na produção de conhecimento no campo da Comunicação, se ocupou de questões relacionadas às lógicas e sistemas de produção que se evidenciam nos processos, formatos e objetos comunicacionais. Uma referência nos estudos que investigam a comunicação à luz das lógicas do consumo, sua formação diversa possibilitou a construção de pontes entre contribuições das áreas como a psicologia, a comunicação e a sociologia. Desta forma, seus trabalhos de pesquisa trafegam em diferentes perspectivas. Na virada do século XX para o XXI, seus primeiros projetos focalizaram a formação de novas modalidades de escuta musical fomentada por apropriações sociais e comerciais de novas tecnologias informacionais de comunicação. Na primeira década dos anos 2000, o foco recai sobre as articulações entre comunicação, consumo e entretenimento na então chamada “cibercultura”. Ao longo de todo este período, investigou as apropriações sociais e mercadológicas no âmbito do que denominou, apropriadamente, como “as redes digitais de comunicação, sociabilidade e negócios”. Enquanto esteve como integrante da rede

Obitel Brasil, desenvolveu estudos sobre as concepções e práticas de consumo na ficção televisiva, construção de representações nas narrativas das diferentes plataformas e presença dessa diversidade na cena sócio midiática, como no artigo “Ella, John, Jeanne e Albert: amor, envelhecimento, finitude, desvelo e (des)razão”, escrito e coautoria e publicado na revista E-compós em 2021.

Comunicação, consumo, subjetividade e sociabilidade estão entre os seus principais temas de pesquisa acadêmica. A reflexão a partir dessas conexões deu origem aos estudos sobre as figurações midiáticas do envelhecimento na contemporaneidade. A relevância da pesquisa é evidenciada ao se constatar que o envelhecimento da população mundial coloca a velhice no centro do debate social, mesmo em países tradicionalmente considerados jovens como o Brasil. Seu projeto de pesquisa pós-doutoral (2014), investigou em caráter comparativo as relações entre mídia, consumo e envelhecimento no Brasil e Reino Unido. Os resultados deste estudo e seus primeiros desdobramentos podem ser conferidos no ebook “Os velhos na propaganda: atualizando o debate” (Pimenta Cultural, 2018), disponível para download gratuito no site da editora. Mais recentemente, publicou o capítulo “Ageism and the promotion of agelessness in Brazilian advertising” na coletânea internacional “Ageing and the Media: international perspectives” (Polity Press, 2022).

As investigações em andamento estão divididas em duas frentes complementares: envelhecimento e culturas digitais. A primeira é uma continuidade de seu interesse pela imbricada relação entre comunicação, consumo e longevidade, em que investiga as velhices na mídia e a modulação dos significados do longeviver nas lógicas do consumo. A segunda examina a produção de subjetividades e os

modos de sociabilidade mediados pelas tecnologias e culturas digitais. Ao lado de seus orientandos e egressos nucleados no Conex.lab, estudam as transformações em andamento na cultura comunicacional e de consumo que têm como pano de fundo os processos de dataficação, algoritmização e plataformização dos ambientes online.

O resultado de todo esse trabalho acadêmico que já soma mais de uma centena de produções e quase setenta orientações está registrado no Lattes na forma de apresentação de trabalhos em congressos acadêmicos nacionais e internacionais, publicações de livros, capítulos e artigos em periódicos qualificados, participação em centenas de bancas e expressiva atuação na formação de novos quadros. Um legado valioso para os estudos que estruturam e dão forma dinâmica ao campo da Comunicação no Brasil.

Sobre a autoria da bionota:

Adriana Lima de Oliveira

Professora Orientadora no MBA da USP-ESALQ e Professora na Pós-Graduação da FAU e do CCL - Mackenzie. Membro do Grupo de Pesquisa CONEX.lab (Comunicação, Consumo, Subjetividades e Sociabilidade) no PPGCOM-ESPM-SP e do Comitê ESPM de Direitos Humanos. Email: publicidade.dri@gmail.com

GISELA SWETLANA ORTRIWANO

por Lourival da Cruz Galvão Junior e Luciano Victor Barros Maluly

Breve Biografia

Nascida em Füssen, Alemanha, cidade bávara ao norte da fronteira com a Áustria, em 7 de junho de 1948, Gisela Swetlana Ortriwano é filha primogênita de Wassili Ortriwano e Barbara Dominika Maria Stampfel, casal que se conheceu no final da segunda grande guerra mundial. O pai de Gisela era apátrida, ou seja, não tinha nacionalidade conhecida, apesar de ter lutado pela Rússia na invasão alemã à Leningrado, hoje São Petersburgo.

Ferido, feito prisioneiro e levado à Alemanha, Wassili conheceu a alemã Maria, que era enfermeira. Ambos se casaram em 1947 e, após dois anos vivendo na Alemanha pós-guerra, emigraram para a ‘América’. Porém, o casal desconhecia o fato de que a América para qual se dirigiam era a ‘do Sul’, vindo a desembarcar do navio a vapor ‘Charlton Sovereign’, no porto da cidade do Rio de Janeiro, em 26 de julho de 1949.

Gisela, à época, tinha pouco mais de um ano de vida. Em seguida, a família Ortriwano seguiu para São Paulo, estabelecendo-se na avenida São Miguel, 3428, Vila Marieta, zona leste de

São Paulo, onde Wassili montou uma oficina mecânica junto à casa da família. No Brasil, o casal Ortriwano teve dois filhos: Herbert e Rodolfo Woufgang, ambos nascidos na capital paulista entre 1953 e 1955, respectivamente. Rodolfo é o único integrante vivo do núcleo original da família. Herbert faleceu em 2017, aos 62 anos; e Gisela faleceu em 19 de outubro de 2003, aos 55 anos, por complicações de um câncer.

Rodolfo Ortriwano é o parente mais proeminente de Gisela, principalmente pelo fato de a irmã tê-lo incentivado a seguir trajetória parecida a dela. Graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, Rodolfo iniciou a carreira na TV Globo, no início da década de 1970, no Departamento de Pesquisa de Telejornais criado pela irmã. Depois ele atuou em emissoras de rádio por mais de 40 anos, com passagens pela Excelsior, Eldorado e Jovem Pan, onde se aposentou em 2007. Rodolfo foi docente e coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Braz Cubas, em Mogi das Cruzes, São Paulo.

Formação escolar

No início de 1968, Gisela Swetlana Ortriwano ingressou na Universidade de São Paulo meses antes de completar 20 anos de idade, para cursar licenciatura e bacharelado em Sociologia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Optar por essa área era um caminho natural, uma vez que ela se preparou durante a infância e a adolescência para o magistério. Um ano depois, Gisela fez de forma concomitante a faculdade de Jornalismo, concluindo os dois cursos simultaneamente, em 1972.

O título de Mestre veio em 22 de junho de 1982, com a dissertação “Informação no rádio: critérios de seleção de notícias”,

orientada por André Casquel Madrid. Neste estudo, Gisela abordou as origens e a evolução do rádio no Brasil até a década de 1980, a situação da radiodifusão e seus sistemas de exploração no país, a política e os interesses internos e internacionais, a economia, a publicidade, as leis que regulam o rádio, as estruturas radiofônicas e jornalísticas e o tratamento da informação.

A titulação de Doutora foi obtida em 06 de junho de 1990, com a tese “Os (des)caminhos do radiojornalismo”, com a orientação de Ciro Juvenal Rodrigues Marcondes Filho. A investigação, primeira dedicada exclusivamente ao Radiojornalismo no Brasil, adotou a pesquisa bibliográfica e documental sobre o rádio como meio jornalístico e instrumento de informação e tratou das barreiras que impediam o não aproveitamento do meio a partir de entrevistas com profissionais que atuavam em emissoras paulistanas nos anos 1980. O estudo ainda tratou do ensino e da formação em Radiojornalismo mediante depoimentos de professores que atuavam em faculdades da grande São Paulo. Por fim, a tese indicou pontos de estrangulamento que impediam o uso do rádio como meio jornalístico.

Os títulos de Mestrado e Doutorado foram obtidos pelo PPGCOM-ECA/USP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo).

Atuação profissional

Após um ano da graduação em jornalismo, em 1973, Gisela Swetlana Ortriwano atuou como “auxiliar de ensino voluntária” no Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE-ECA/USP), apoiando

as atividades acadêmicas do primeiro professor de Radiojornalismo da ECA/USP, João Walter Sampaio Smolka. A contratação em regime parcial com a mesma função aconteceu em 1974 e foi mantida até 22 de junho de 1982. A promoção como professora assistente ocorreu com a obtenção do grau de mestre na ECA/USP, em 1982, sendo que o enquadramento funcional como professora doutora da Universidade de São Paulo em regime de dedicação exclusiva efetivado em 1990, após a obtenção do doutorado.

Entre as décadas de 1970 e 1980, Gisela dividiu o exercício da docência com a carreira profissional nas TVs Globo e Cultura, em São Paulo, onde atuou na criação dos centros de documentação e pesquisa para telejornais em ambas as emissoras. Ela trabalhou como produtora de grandes reportagens e na edição de programas especiais, como Fantástico, da TV Globo; e na organização de coberturas jornalísticas, como a visita do Papa João Paulo 2º ao Brasil, em 1980, pela TV Cultura.

Entre 1974 e no fim da década de 1980, além da ECA/USP, Gisela integrou o corpo docente de outras Instituições de Ensino Superior, como a fundação Karnig Bazarian, em Itapetininga, São Paulo; o Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernardo do Campo; o Centro Universitário Braz Cubas, em, Mogi das Cruzes; e as Faculdades Integradas Alcantara Machado, a FIAM, em São Paulo.

Gisela orientou trabalhos de conclusão de curso, projetos de extensão, dissertações de mestrado e teses de doutorado, em grande parte disponíveis na biblioteca da ECA/USP. Nestes trabalhos, a docente instiga a reflexão crítica e a compreensão do papel social de gerações de alunos, professores, pesquisadores e profissionais do Rádio. Em três décadas dedicadas à vida acadêmica na Universidade

de São Paulo, Gisela pesquisou, escreveu e orientou produções científicas não apenas sobre jornalismo, mas de outras facetas que envolvem o meio ao qual deixou sua maior contribuição. Dentre os assuntos que pesquisou ou orientou destacam-se a história, as teorias, as programações, a dramaturgia, o esporte, a política, o ensino e o mercado de trabalho, a comunicação popular e regional, a emissão e a recepção, a publicidade e, por fim, a internet. Ela ainda se dedicou ao estudo do rádio público, educativo e comercial, às interfaces com outras mídias, os processos de produção de notícias e a interatividade.

Na graduação, Gisela desenvolveu diversos projetos, como o “Clipe Mulher”, boletim com até três minutos de duração divulgado duas vezes ao dia pela Rádio USP a partir de 21 de fevereiro de 2000. Originário do projeto “Rádio: Mediação de Informações para a Mulher” do NEMGE (Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero) e com o apoio de Dulcília Helena Schroeder Buitoni, ex-professora e amiga de Gisela no CJE-ECA/USP, o programa permitiu a formação complementar de alunos de Radiojornalismo.

Na extensão, a última iniciativa da educadora meses antes de seu falecimento foi o programa “Cantores Bons de Bico”, transmitido pela Rádio USP durante 14 meses, três vezes ao dia, com dois minutos e quarenta e cinco segundos de duração, entre 2002 e 2003. O programa foi resultado do trabalho final da disciplina de rádio ministrada por Gisela em 2002 aos alunos do Curso de Especialização em Divulgação Científica do Núcleo José Reis (NJR). Em cada episódio, músicas do cancionário popular eram somadas à narração descritiva dos hábitos e peculiaridades das aves brasileiras, com o acréscimo dos cantos das aves, muitas deles gravados em parques ou em outras áreas.

Principais publicações

Gisela Swetlana Ortriwano publicou dois livros, sendo o primeiro deles “A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos”, lançado em 1985 pela Summus Editorial. A obra, originária da dissertação de sua dissertação de mestrado, é adotada por várias grades curriculares da graduação e da pós-graduação em comunicação no Brasil. “A Informação no Rádio”, ainda publicado em sua 5ª edição, tornou-se uma das principais referências bibliográficas sobre o rádio, sendo adotado por pesquisadores e docentes, inclusive do exterior.

O segundo livro de Gisela é “Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais”, que foi publicado pela editora Com-Arte, em 1987. Trata-se de uma coletânea de trabalhos apresentados na ECA/USP no “II Curso para Professores de Jornalismo”, realizado entre 8 e 18 de julho de 1986, sendo pioneiro à época ao tratar prioritariamente da regionalidade do Rádio e do Radiojornalismo, temática ainda pouco explorada no campo acadêmico.

Gisela Swetlana Ortriwano deixou ainda uma vasta produção bibliográfica, mas há textos que se tornaram referências. Um deles é “Ok marcianos: vocês venceram!”, capítulo de livro publicado em 1998 pela Editora Insular no 1º volume de “Rádio e Pânico - a Guerra do Mundos 60 anos depois”. Na obra, ela fala do legado da peça radiofônica veiculada na Rádio CBS em 1938, nos Estados Unidos, por Orson Welles, apontando à necessidade de empreender estudos de audiência e de recepção que tratem do poder do rádio na formação da opinião pública e de seu potencial interativo ampliado pela informática.

Outro texto proeminente, mas disponível na internet, é “Rádio: interatividade entre rosas e espinhos” (1998), no qual Gisela estrutura

uma análise sobre os atributos e imperfeições do rádio contemporâneo a partir dos textos que compõem a “Teoria do Rádio” formulada pelo ensaísta alemão Bertold Brecht entre 1927 e 1932. A docente parte da interatividade como um anseio do ouvinte, sendo a interação uma característica radiofônica que pode manipular receptores inseridos em um cenário em que a tecnologia é prevalente. Para traçar essa análise ela se baseia no desenvolvimento do rádio, cercado-se de referenciais teóricos que permitem cotejar esse processo com o cenário existente ao final dos anos 1990. Gisela incita à reflexão ao enfatizar que, mais do que pensar em rádio, é preciso desenvolver o conceito de cidadania, com seus direitos e responsabilidades.

O último artigo publicado pela Gisela foi “Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história”, de 2003. A obra, disponível no formato digital na Revista Comunicação & Educação” do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, aborda de forma descritiva e analítica o desenvolvimento do rádio até o início deste século. À época, Gisela salientava a capacidade interativa do rádio que transmutava o destinatário em emissor, que passava a estabelecer um fluxo informativo com duas mãos de direção, uma vez que a tecnologia digital permite o diálogo real com outros indivíduos.

Fechamento

A construção de um marco teórico sobre o Rádio é um dos legados de Gisela Swetlana Ortriwano à formação acadêmica que se soma ao incentivo às atividades práticas baseadas nos conteúdos debatidos em sala de aula. Apesar de seu passamento ter ocorrido há 20 anos, a Gisela incita a compreensão do caminho que a levou

a se transformar na principal referência nos estudos sobre Rádio e Radiojornalismo no Brasil.

Parte dessa trajetória foi detalhada, em 2021, no audiolivro “O Rádio de Gisela”, de autoria de Lourival da Cruz Galvão Junior e Luciano Victor Barros Maluly, disponível para acesso gratuito no YouTube e no Portal de Livros Abertos da USP. Formado por sete capítulos que totalizam cinco horas de conteúdo sonoro, a obra detalha a formação do pensamento teórico e a trajetória acadêmica de Gisela a partir de depoimentos de nove pessoas que conviveram com ela em diferentes momentos de sua carreira acadêmica.

Empreender essa iniciativa foi uma forma de reverenciar essa brasileira que estudou, lecionou e dedicou a vida à USP. Gisela foi além das referências bibliográficas e dos projetos nos quais atuou, pois ela continua a instigar àqueles que acreditam no rádio como meio de comunicação participativo, plural e democrático – necessário hoje e no futuro.

Sobre a autoria da bionota:

Lourival da Cruz Galvão Junior

Professor do Curso de Jornalismo na Universidade de Taubaté (SP) e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: galvao.junior@unitau.br

Luciano Victor Barros Maluly

Professor do Curso de Jornalismo e doutor em Ciências da Comunicação, ambos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: lumaluly@usp.br

HELOIZA HELENA MATOS E NOBRE

por Simone Alves de Carvalho

Heloiza Helena Matos e Nobre nasceu em Caratinga (MG) em 27 de novembro de 1939. Foi casada algumas vezes e teve três filhas, Celina, Thais e Júlia. Mas a vida pessoal e a maternidade não resumem a vida desta mulher precursora na área de comunicação pública no Brasil.

Após o término dos cursos primário, ginásial e normal em sua terra natal, Heloiza ingressou na faculdade em Jornalismo na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), finalizado em 1966, um período conturbado não apenas em questões de gênero, mas principalmente em questões políticas.

Ela iniciou sua carreira profissional na área pública como supervisora do Movimento de Educação de Base (1964) e seguiu para o INCRA, Instituto Brasileiro de Reforma Agrária do Ministério da Agricultura, em 1967, com o objetivo de gerenciar as relações com o público interno e modernizar o relatório anual, dentro do que se convencionaria chamar de Relações Públicas Governamentais, além de fazer a assessoria de imprensa de diversos órgãos. Entre 1980 e 1988 foi assessora de imprensa da Secretaria de Planejamento da Presidência

da República; técnica em assuntos educacionais da Delegacia Regional do Ministério da Educação em São Paulo; e assessora de imprensa adjunta da SEPLAN, Secretaria de Planejamento.

A docência universitária foi iniciada em 1971, no Centro Unificado de Brasília (então CEUB), com as disciplinas Teoria da Opinião Pública e Informação e Pesquisa de Opinião Pública. A partir de 1975, ministrou a disciplina Pesquisa de Opinião Pública na então Faculdade de Comunicação Social Anhembi, e a mesma disciplina no ano seguinte na FIAM – Faculdades Integradas Alcântara Machado. Ainda em 1975 atuou na PUCCAMP Pontifícia Universidade Católica de Campinas com a disciplina Relações Públicas Governamentais.

Estas atividades profissionais e discentes levaram ao convite para chefiar o Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (SP) em 1981, além de ministrar as disciplinas Introdução às Relações Públicas; Relações Públicas Governamentais; e Teoria de Opinião Pública. Em 1989 ministrou as disciplinas Propaganda Ideológica e Sociologia Geral e da Comunicação da ESPM Escola Superior de Propaganda e Marketing.

Durante este período de docência acadêmica, Heloiza manteve os estudos e pesquisas continuamente. Em 1982, obteve o título de mestre com a dissertação “Processos de comunicação dos migrantes na formação de uma nova sociedade: o caso de Brasília”, orientada pelo Prof. Dr. Virgílio B. Noya Pinto, pela ECA-USP. Doutorou-se pela mesma instituição e com o mesmo orientador em 1989, com a tese “Modos de olhar o discurso autoritário no Brasil (1969-1974): o noticiário de primeira página na imprensa e a propaganda governamental na televisão”.

Ingressou como docente na ECA-USP entre 1990 e 2002, e na graduação ministrou as disciplinas Teoria da Comunicação II; Língua Portuguesa V: Criação e Redação de Mensagens Institucionais; Língua Portuguesa VI: Linguagem na Comunicação de Massa; e Relações Públicas Governamentais; enquanto na pós-graduação ofertou a disciplina Modelos de Comunicação Política no Estado e o Imaginário Popular.

Em 1995 realizou estágio pós-doutoral no GRESEC (Groupe de Recherche sur les Enjeux de la Communication), Université Stendhal, Grenoble III, (França), com pesquisa sobre o processo eleitoral francês e em 2007, pesquisou sobre capital social e comunicação. Sua livre-docência ocorreu em 1996, com a pesquisa “Abordagens da Comunicação Política no Brasil e na França: Mudanças Sociopolíticas e Formas de Obtenção”, pela ECA-USP.

Até 2010 foi docente do Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero e neste ano retornou para a ECA-USP para fazer parte do PPGCOM-USP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) como pesquisadora sênior, ministrou na pós-graduação, lato e stricto sensu, as disciplinas Comunicação Pública, Capital Social e Comunicação Política: da Mídia de Massa às Redes Sociais; Comunicação pública e política: perspectivas teóricas e metodológicas; Media training; Comunicação e Poder Executivo, e é bolsista por produtividade do CNPq. Durante sua carreira, foi agraciada com o Prêmio Intercom 2000 – honra ao mérito pela orientação de tese de doutorado; Mulher de Ouro pelo Rotary Club em 1992 e professora homenageada pelos formandos do curso de Relações Públicas da ECA-USP em 1991.

Heloiza idealizou o Grupo de Pesquisa em Comunicação Pública e Política (Compol) e integra a ABCPública (Associação Brasileira de Comunicação Pública) como sócia-honorária. Entre tantas atividades, ela ainda encontra tempo para se dedicar a outras atividades acadêmicas, como ser parecerista ad hoc do CNPq, consultora de avaliação do MEC – SINAES, parecerista ad hoc da CAPES e parecerista de revistas e congressos científicos e acadêmicos.

Suas pesquisas dissecaram vários temas da comunicação pública e política, sempre com a preocupação de integrar estudantes da graduação e da pós-graduação.

Entre 1992 e 1994, a pesquisa “Liturgias políticas na transição brasileira: uma abordagem de comunicação e cultura” buscava analisar as matrizes culturais da liturgia política na transição brasileira e as transformações do processo de legitimação do poder com a mediação dos meios de comunicação.

Entre 1996 e 1998, pesquisou sobre “Comunicação Pública e Comunicação Política: trajetória e perspectiva no processo de redemocratização brasileira”, com o ponto de partida de que a comunicação governamental no Brasil apresentou progressivas alterações desde o período autoritário, nos modos e técnicas de comunicação e dos suportes que sustentam o fluxo, a dinâmica e a qualidade dessas relações comunicativas. A comunicação entre governo e sociedade se deu através de um modelo original elaborado durante a ditadura militar, em que a atividade de Relações Públicas foi preponderante na remodelação desse espaço de comunicação, substituindo a propaganda política em seus moldes tradicionais por um discurso político indireto, ligado a padrões de comportamento e à educação cívica. Progressivamente, durante o processo de redemocratização, observou-se um

deslocamento na atividade de Relações Públicas, representado pela incorporação de princípios mercadológicos utilizados nas técnicas de marketing político. Pôde ainda ser observado a tendência de associação entre a lógica de mercado e as razões institucionais da administração pública. Neste cenário, o papel das Relações Públicas na comunicação governamental precisa ser repensado na sua função estratégica, em que se reconheça sua importância para o planejamento e estabelecimento de canais de comunicação entre governo, opinião pública e cidadãos.

Finda esta pesquisa, ela se debruçou sobre a “Imagem pública do empresariado brasileiro: interfaces com a imprensa e o governo 1985-1999”, que pretendia, através dos registros na imprensa escrita e das campanhas institucionais do governo no período, delinear o perfil do empresariado nacional, visando entender as variáveis da relação entre a classe empresarial e o Estado, a inserção do empresariado no jogo político democrático e conseqüentemente, enquanto classe, compreender qual é o seu projeto político percebido pela opinião pública.

2003 marca o início da pesquisa realizada até 2006, sobre “A Comunicação Empresarial dos Grupos de Mídia Brasileiros”, com o objetivo de estudar como os Grupos de Mídia Brasileiros comunicam a si mesmos, através do próprio canal/ suporte que disponibilizam à sociedade, ou seja, procurar entender de que forma um Grupo de Mídia utiliza de seus meios de comunicação (ou de meios de comunicação alheios) para falar de si e de seus pares e outros Grupos de Mídia.

A pesquisa sobre “Capital Social, Redes e Processos Políticos” vai de 2007 a 2010 e visa estudar como o capital social é constituído nas organizações e instituições atuais, tendo em vista as noções de reciprocidade, cooperação, redes e confiança. As tendências trazidas pela tecnologias digitais são consideradas ao lado das relações

comunicativas concretas que se estabelecem entre as organizações, governo, sociedade civil e colaboradores. Além disso, busca refletir e investigar como o capital social é definido atualmente em suas interfaces com dinâmicas conversacionais do cotidiano, deliberações em esferas públicas conectadas em rede e processos políticos de busca por reconhecimento social. As intersecções entre o capital social e processos de deliberação pública são investigadas em arenas mediadas pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias, de modo a ressaltar como questões de interesse coletivo ganham forma por meio do debate público, fazendo com que cidadãos passem a buscar cooperativamente o entendimento e alternativas de solução que envolvam a publicização de argumentos e posições, a reflexividade, a postura crítica e autônoma, a confiança, a reciprocidade, a abertura aos outros e a solidariedade.

Esta pesquisa evoluiu entre 2010 e 2013 para “Comunicação pública, capital social e comunicação política: espaços institucionais e midiáticos”, que pretendia analisar como processos de formação do capital social podem ser associados a formas de participação cívica entre cidadãos desejosos de conhecer seus direitos, de entender questões públicas e de encontrar soluções alternativas para seus problemas mais urgentes. Esses conceitos serão, igualmente, associados com as pesquisas em comunicação pública e comunicação política. O eixo principal da investigação realizada compreendeu dois contextos comunicativos específicos: os espaços institucionais de convivência, encontros e conversações cotidianas face a face (redes cívicas de solidariedade, participação, associação etc.) e os espaços midiáticos de circulação de informações. Tais espaços compreenderam: a mídia impressa (jornais e revistas de grande circulação nacional); e fóruns

de conversação e debate na internet (redes sociais, blogs, fóruns de discussão etc.).

Entre 2013 e 2018, as “Perspectivas políticas e sociais da comunicação pública e política como princípio de inclusão social, engajamento cívico e de deliberação” foram pesquisadas a partir da intersecção entre três variáveis : comunicação pública; redes sociais e internet; e comunicação política. A ideia básica era entender como as políticas e as estratégias da comunicação participam da mobilização e do engajamento cívico, e qual o papel reservado às instituições e às mídias nesse processo. A perspectiva teórica se ancora na longa tradição de estudos sobre a comunicação política, onde inclui-se a discussão da comunicação governamental, e dos marketing político e eleitoral; sobre o contemporâneo debate acerca da comunicação pública, onde se cruzam as tradições europeias, americanas e brasileiras; e sobre a novíssima pesquisa que une capital social e ciências da comunicação. O método utilizado foi inicialmente a pesquisa bibliográfica, e numa segunda etapa uma pesquisa empírica para captar como a comunicação pública tem sido abordada pelas instituições públicas, e organizações sociais e privadas.

Finalmente, a pesquisa entre 2014 e 2021 foi sobre “A Comunicação como vetor para a Cidadania e Democracia: a capacitação de comunicadores públicos e comunicadores políticos”, buscando evidências da promoção da capacitação em comunicação pública e em comunicação política dentro e fora do Brasil, dentro e fora da escola, seja para crianças, jovens ou adultos, sem distinção da fonte promotora. Os objetivos gerais da pesquisa foram: obter uma comparação internacional das estratégias/ações de capacitação de comunicadores públicos e de comunicadores políticos e evidenciar as relações entre

Cidadania e habilidades em comunicação pública, e entre Democracia e habilidades em comunicação política.

Sua produção acadêmica ainda inclui a participação em: 13 bancas de graduação, 41 bancas de especialização, 83 bancas de mestrado, 44 bancas de doutorado; além de orientações de 2 iniciações científicas, 2 trabalhos de conclusão de curso de graduação, 23 monografias de especialização, 30 dissertações de mestrado, 18 teses de doutorado e 4 supervisões de pós-doutorado. Também participou de 4 bancas de professor titular, 4 bancas de concurso público e 4 bancas de livre-docência.

Suas pesquisas originaram mais de 30 artigos publicados em periódicos, 9 livros publicados, mais de 30 capítulos de livros, 7 prefácios de livros, quase 40 trabalhos completos publicados em anais de congressos e mais de 50 apresentações em congressos.

Seu livro de 2009, “Capital social e comunicação: interfaces e articulações” trouxe o conceito de capital social, um conjunto articulado que propicia a circulação de informações que facilitam a articulação das ações coletivas.

Ainda sobre o tema, em 2011 ela organiza uma coletânea sobre “Comunicação e política: capital social, reconhecimento e deliberação pública”, em que vários autores discorrem sobre os temas, acrescentando na construção do arcabouço teórico do campo.

O grupo de pesquisa que ela capitaneava, Compol, teve três publicações, todas disponíveis graciosamente no Portal de Livros Abertos da USP. O primeiro, de 2013, foi “Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas” buscavam apresentar os conceitos mais recentes de comunicação pública e política, sob uma perspectiva teórica, uma perspectiva da aplicação no campo

da intersecção entre comunicação e saúde pública e finalmente uma discussão destes conceitos em outros setores.

O segundo livro, de 2016, “Pesquisas em comunicação pública e política: vertentes teóricas e metodológicas” aprofundou as interfaces entre comunicação e saúde e educação públicas, finalizando com situações sociais que demandam um olhar analítico da comunicação pública, que colabora com o debate e com a criação de políticas públicas.

Em 2019 foi publicado o derradeiro livro, “Comunicação, políticas públicas e discursos em conflito”, em que foram apresentados os temas pesquisados em maior profundidade, além de uma clarificação cada vez maior dos conceitos de comunicação pública. Nestes três livros, a maioria dos autores participou ativamente do compol, que engrandeceu pessoal e profissionalmente cada um de seus membros.

Se as primeiras atividades como docente de Heloiza foram de alfabetização de alunos na roça do município em que morava, antes de iniciar a graduação e, segundo ela, o desejo de receber conhecimentos era tão grande quanto o de disponibilizá-los aos alunos e colegas, ela atingiu o objetivo com louvor. Eu, que fui sua aluna na graduação e no mestrado, além de orientanda no doutorado, posso afirmar que ela transformou esse desejo em realidade e abriu portas com sua presença esfuziante e sua generosidade ímpar. Obrigada! E que seu nome ressoe sempre que pensarmos em comunicação pública e comunicação política!

Referência

NOBRE, Heloiza Helena Mattos. **Currículo Lattes**. Disponível em <http://lattes.cnpq.br/4310705135489684>. Acesso em 20 abr. 2027.

Sobre a autoria da bionota:

Simone Alves de Carvalho

Graduada em Relações Públicas, Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Também é jornalista e designer educacional. Atua com relações públicas governamentais e é docente universitária. Atualmente é responsável pelas publicações acadêmicas da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp) e docente universitária na Fiam Faam. E-mail: profasimonealvesdecarvalho@gmail.com

IRENE DE ARAÚJO MACHADO (IRENE MACHADO)

por Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa

Irene Machado é professora e uma importante pesquisadora sobre o pensamento do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin e do semioticista da cultura Iúri Mikhailovich Lotman.

Nasceu na zona norte da cidade de São Paulo, no dia 13 de março de 1954, numa família de classe média baixa. É filha de Clarício de Araújo, militar e descendente de pessoas escravizadas, e Clarice Noale de Araújo, descendente de italianos.

Durante sua trajetória escolar, sempre estudou em escola pública. Em 1972, ingressou no curso de Letras Orientais Russo, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), em pleno regime militar. Na época, as aulas dos cursos de Ciências Sociais, Letras e Filosofia ocorriam em locais improvisados, similares a barracões, sem iluminação, de modo a dificultar a presença dos estudantes na universidade.

Logo nas primeiras semanas do curso, engajou-se no comitê local dos presos políticos, quando ocorreu o assassinato do estudante Alexandre Vannucchi Leme que, posteriormente, passou a dar nome

ao Diretório Central dos Estudantes da USP. Ainda durante a graduação, participou do “Grupo de Teatro das Letras” onde, em parceria com outros colegas, desenvolveu estudos sobre o teatro de Bertold Brecht e realizou traduções e adaptações de obras clássicas, como Édipo Rei, de Sófocles, Prometeu Acorrentado, de Ésquilo e Medéia, de Eurípedes. Todas essas atividades foram de grande importância para sua formação.

Foi ainda na graduação que teve o primeiro acesso à obra de Mikhail Bakhtin, por meio de uma tradução em francês que havia chegado à biblioteca da FFLCH/ USP, em 1973. Também foi naquele período que foi aluna do professor, tradutor e escritor de origem ucraniana Boris Schnaiderman, com quem desenvolveu longa amizade. Inclusive, como a graduação em Letras Orientais Russo era muito visada na época do regime militar, o prof. Boris era constantemente solicitado para comparecer ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) para prestar esclarecimentos. Em virtude das constantes interferências sofridas pelo curso, que causavam interrupções no desenvolvimento das aulas e demais atividades, Irene Machado finalizou sua graduação em Letras Vernáculas em 1977, opção oferecida pela universidade para os estudantes de russo da época.

Ingressou no mestrado em Comunicação e Semiótica (COS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) em 1979, decidida a estudar semiótica pela perspectiva russa. Apesar de não haver tal disciplina no programa, o ambiente intelectual do COS PUCSP foi extremamente favorável para que ela desenvolvesse sua investigação. Na época, reencontrou o prof. Boris, que era docente convidado da PUCSP, porém, ele não pôde orientá-la. Foi quando sugeriu que ela procurasse o poeta e tradutor Haroldo de Campos,

então docente do COS, que prontamente a aceitou assim que soube do seu histórico de estudos sobre cultura e teóricos russos. Com ele, Irene Machado igualmente desenvolveu grande amizade e parceria.

Sua dissertação de mestrado, intitulada “Analogia do dissimilar. Bakhtin e o Formalismo Russo”, foi contemplada no II Concurso de Teses Universitárias no campo das Ciências Humanas, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo em 1986, que resultou na sua publicação pela Editora Perspectiva.

Por sugestão do prof. Haroldo de Campos, Irene Machado retornou à USP para a realização do Doutorado em Letras, onde desenvolveu a tese “O romance e a voz. A poética dialógica de Mikhail Bakhtin”, defendida em 1993 e orientada pelo prof. João Alexandre Costa Barbosa.

Desde o término de sua graduação, atuou como professora de ensino médio em importantes escolas privadas da cidade de São Paulo, como Móbile, Palmares, Logos, Mater Dei e Pinheiros onde, de fato, formou-se como docente. Ainda durante o período de doutorado, foi convidada pela editora Scipione para redigir um livro sobre literatura e redação para professores de ensino médio e fundamental, que resultou na obra “Literatura e redação. Gêneros literários e tradição oral”, publicada em 1994, voltada ao ensino do processo de escrita por meio de diferentes gêneros, como quadrinhos, cultura popular, teatro, conto de fadas, dentre outros. Em virtude desse trabalho e, a convite da editora, Irene Machado viajou por diferentes cidades do país para ministrar palestras e cursos.

No final do doutorado, foi aprovada no concurso da então Escola Técnica Federal, onde passou a lecionar na cidade de Cubatão, litoral de São Paulo, cujos estudantes eram procedentes, em sua

maioria, das metalúrgicas locais. Como consequência dessa experiência, realizou o documentário de curta metragem junto com o então companheiro, Arlindo Machado, intitulado “Cubatão transfigurada”, filmado em 35mm, sobre uma invasão de punks nas siderúrgicas, que foi contemplado pela Lei do Curta e exibido nas salas de cinema de São Paulo antes dos filmes de longa-metragem. Após dois anos e meio, conseguiu sua transferência para a Escola Técnica Federal de São Paulo, quando passou a atuar apenas na capital.

Começou a lecionar na graduação ainda durante o mestrado, a convite da profa. Lúcia Santaella, até hoje docente do COS PUCSP, responsável pela elaboração do projeto pedagógico do curso de Letras da UNIP – Universidade Paulista, onde ministrou a disciplina Literatura Portuguesa durante oito anos. Também a convite da profa. Santaella, Irene Machado atuou em cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e desenvolveu cadernos e apostilas para o órgão.

Logo após a defesa do seu doutorado e, em virtude do seu amplo conhecimento da obra de Mikhail Bakhtin, foi convidada para ser professora visitante do Departamento de Linguística da USP, onde permaneceu até começar a atuar como docente permanente do COS PUCSP, em 1998. Lá, assumiu a disciplina Semiótica da Cultura e desenvolveu um importante trabalho de difusão da obra de Iúri M. Lotman e formação de pesquisadores na área.

Constituiu o grupo de pesquisa *Oktiabr*, vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e, em 2005, foi a responsável pela organização do I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera, ocorrido no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, que contou com a presença de relevantes pesquisadores da área, procedentes

tanto do Brasil quanto do exterior, cujos trabalhos foram publicados em 2007 no livro “Semiótica da Cultura e Semiosfera” (Editora Annablume). Foi, sem dúvida, o principal evento sobre Semiótica da Cultura realizado no país até hoje.

Cumprir destacar ainda a publicação, em 2003, do livro “Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscú para o Estudo da Cultura” (Ateliê Editorial), obra de referência sobre a Escola de Tártu-Moscú e de grande relevância para a afirmação do campo de estudos em Semiótica da Cultura no Brasil.

Fundou a Associação Brasileira de Estudos Semióticos (Abes) em 2001 e foi sua presidente nos dois primeiros anos, tendo sido uma das responsáveis pela organização, naquele mesmo ano, do V Congresso Brasileiro de Semiótica, ocorrido no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, e do I Congresso Internacional de Estudos Semióticos, realizado na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp (FCL), campus Araraquara, em 2003. Também coordenou o Núcleo de Pesquisa (NP) de Semiótica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) de 2000 a 2008.

Foi a idealizadora do projeto editorial e editora científica dos sete primeiros números (2001-2004) da Revista “Galáxia: Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura”, vinculada ao COS PUCSP, um dos principais periódicos do campo da Comunicação. Em alusão ao livro experimental feito por Haroldo de Campos, inicialmente, o título definido por ela foi “Galáxias”, porém, por sugestão do próprio autor, foi realizada a alteração para “Galáxia”, no singular.

Em 2005, Irene Machado aprovada para a vaga de Linguagem Verbal I, II, III, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde permanece até hoje. Logo após sua

entrada na ECA, foi convidada para compor a comissão responsável pela concepção da revista “MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP”, onde atuou como Editora Científica dos três primeiros números, de 2007 a 2009. Posteriormente, exerceu a mesma função na revista “Significação. Revista de Cultura Audiovisual”, de 2012 a 2020. Também foi presidente da Comissão de Pesquisa da ECA USP de 2018 a 2023. Em 2011, defendeu sua livre-docência, com o trabalho intitulado “Língua entre linguagens: a argumentação gráfica na comunicação da ciência”.

Além da graduação, Irene Machado foi professora permanente no PPGCOM-USP de 2007 a 2012, onde também ofereceu a disciplina Semiótica da Cultura e criou o Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Em seguida, foi credenciada no PPG Meios e Processos Audiovisuais, tendo sido sua coordenadora de 2017 a 2019 e onde ministra a disciplina Tradução Intersemiótica. Também tem atuado no PPG em Artes Visuais na ECA-USP, mediante o oferecimento de disciplinas voltadas à discussão da experiência estética segundo o ponto de vista da teoria lotmanina. Atualmente, é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 1C.

Cumprir destacar ainda seu vínculo de longa data com o Encontro Nacional da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação –, onde foi coordenadora dos GTs Comunicação e Cultura, Epistemologia da Comunicação e Comunicação e Experiência Estética. Também fez parte da comissão editorial da Revista E-Compós de 2013 a 2016, vinculada à associação.

Foi a responsável pela organização, edição e tradução do livro “Mecanismos imprevisíveis da cultura”, obra de Iúri M. Lotman,

publicado em 2022 (Hucitec Editora), cuja versão em inglês foi editada pela Biblioteca Lotmaniana da Universidade de Tallin, na Estônia, em 2013.

Cumprе destacar o compromisso intelectual e ético-político de Irene Machado com a difusão e o ensino da Semiótica da Cultura e o desenvolvimento de pesquisas voltadas à promoção do diálogo entre tal abordagem e os campos da Comunicação, do Cinema e das Artes. A perspectiva colocada pela autora vai de encontro à visão da semiótica como mero instrumento de análise, situando-a como um modo de raciocínio que, antes de tudo, deve servir de base para a formulação de problemas e questionamentos voltados à apreensão dos processos de semiose em diferentes fenômenos de linguagem.

Sugestões de obras da perfilada

MACHADO, Irene. **Algalia do dissimilar**. Bakhtin e o formalismo russo. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, Irene. **O filme que Saussure não viu**. O pensamento semiótico de Roman Jakobson. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2007.

MACHADO, Irene. **O romance e a voz**. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Imago, 1995.

MACHADO, Irene. O ponto de vista semiótico.
In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO; Luiz C.;
FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação**. Petrópolis:
Vozes, 2001.

MACHADO, Irene. Semiótica como teoria da comunicação.
In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT,
Antonio. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**.
Porto Alegre: Sulina, 2002.

MACHADO. Irene. **Vieses da comunicação**: explorações de
Marshall McLuhan. São Paulo: Annablume, 2014.

Sobre a autoria da bionota:

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa

Docente do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
(CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
(UFRB). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação
em Comunicação (PPGCOM/ UFRB) e do PPG em Culturas,
Linguagens e Territórios (PPGCULT), ambos da mesma instituição.
E-mail: regianemo@ufrb.edu.br

JEANNE MARIE MACHADO DE FREITAS

por Mayra Rodrigues Gomes

Jeanne Marie Machado de Freitas nasceu em Jaraguá, Goiás, no dia 12 de maio de 1931 e faleceu em São Paulo, em 12 de junho de 2009.

Descendia de antepassados fazendeiros, mas seu pai, Clotário de Freitas, era farmacêutico e cultivava seus dotes artísticos como violinista. Sua mãe, Graciema Machado de Freitas, segundo palavras da própria Jeanne Marie, era “senhora formosa de inúmeras prendas”.

Jeanne Marie sempre manteve uma ligação muito afetuosa com suas origens, tanto em relação ao núcleo familiar acima descrito quanto em relação aos modos culturais de Goiás.

Em seu Memorial, “Palavra que sou, Palavra que falo”, ela descreve as disputas políticas que grassavam em sua cidade natal, com direito a ameaças de morte e eventuais assassinatos. Os jagunções, como ela mesma disse, alimentavam essas rinhadas que, certa vez, fez com que a família inteira, com seus nove filhos, se mudasse por algum tempo para o Rio de Janeiro, até que tudo se acalmasse em Jaraguá.

Foi para ela uma experiência traumática, com seus posteriores efeitos, resultado do confronto com um estilo de vida muito diferente

do de sua terra natal. Ficou feliz, e bem mais apegada a suas origens, com o retorno aos hábitos, aos quitutes locais, ao arroz de pequi que tanto amava, às histórias contadas pela preta velha da casa, essa, com certeza, remanescente dos tempos da escravidão pelo sertão afora.

No clima acima descrito, menina rebelde que era a Jeanne, e na ausência de boas escolas por perto, a família decidiu pela educação em internato de freiras, segundo tradição da época. Esteve sob tutoria de dominicanas, de salesianas e mais tarde completou seus estudos no Colégio Santa Marcelina em São Paulo. Esse tipo de formação, convencional e distante da família, reforçou traços correntes, a serem mais tarde contestados, porém, em primeiro momento, fez com que a apreciação pelos modos de ser de sua origem se intensificasse.

Formou-se e voltou para Goiás onde atuou no ensino básico e implementou melhorias em várias escolas rurais, sempre lutando por condições de ensino, uma de suas bandeiras.

Retornou a São Paulo para prosseguir seus estudos.

Foi na universidade que Jeanne Marie conheceu seu futuro marido, o Dr. Sebastião Interlandi, quando ainda eram estudantes de graduação na USP. Casaram-se e tiveram quatro filhos: Saulo, Sebastião ou Junior, Silvio e Antônio. Os três netos, Gerônimo, Maria e Maria Julia, foram bem lembrados em artigo que Jeanne Marie dedicou a eles e que tem como título exatamente esses três nomes.

Dos seus estudos em nível universitário é preciso salientar as áreas diversas em que os desenvolveu porque esse fato é sintomático de certo modo de ser na vida acadêmica.

Primeiramente, em 1951, completou a graduação em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de São Paulo. Posteriormente, obteve a graduação em Jornalismo em 1970 e, concomitantemente,

em 1971, o bacharelado em Ciências Sociais, também pela Universidade de São Paulo.

Depois da diplomação nesses cursos, dedicou-se ao campo da comunicação, com o mestrado, em 1979, e doutorado em 1986, ambos na área de Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.

Essa composição eclética reverberou mais tarde em suas propostas de ensino junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração e até mesmo nos vieses metodológicos assumidos, pois ela sempre agregou e cruzou o instrumental de diversos campos de conhecimento em suas investigações.

Jeanne Marie se referia ao ano de 68 como um momento notável porque assinalou uma virada em sua vida. Muito da transformação pessoal, em termos intelectuais e também afetivos, se deve aos movimentos políticos estudantis que vivenciou como estudante da Escola de Comunicações e Artes, marcada que foi por fortes manifestações contra a ditadura militar.

Participou desses levantes dos quais lhe brotaram novos laços, calcados na comunhão de ideais, de forma a apontar perspectivas de vida antes impensadas.

Por outro lado, ela, para quem o sertão e suas tradições eram tão fundamentais, vivenciava nesses movimentos o desprezo pelas ordens estabelecidas, pelos costumes sempre preservados como um valor per se. Assim, a contestação, como chave para entender muitas manifestações das décadas de 60 e 70, foi também a chave de negociações consigo mesma para reenquadrar suas raízes e suas tradições.

Enquanto começava a lecionar como professora assistente junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo em 1978, foi funcionária da Assembleia Legislativa do

Estado de São Paulo de 1983 a 1989, portanto, mais uma vez na tônica das atividades diversificadas.

Esteve como Visiting Scholar na Graduate School of Journalism, da Columbia University, na cidade de New York, com Bolsa de Pós-Doutorado, Fulbrigh-CAPES em 1992, em pesquisa que foi fundamental para sua tese de Livre-Docência.

Tornou-se Professora Livre Docente da Escola de Comunicações e Artes, junto ao Departamento de Jornalismo de Editoração da Universidade de São Paulo em 1989, e Professora Titular, do mesmo Departamento, em 1992.

Foi como aluna e professora desse Departamento que teve contato com nomes chaves dos estudos de comunicação na época, nomes vinculados ao estruturalismo e que explicam suas escolhas na continuidade de sua atividade acadêmica. Também por esse tempo, no ano de 1972, interessou-se pela psicanálise na vertente freudiana idealizada por Jacques Lacan, tanto assim que foi uma das fundadoras do Centro de Estudos Freudianos.

Da combinatória dos conhecimentos advindos da linguística saussuriana, da semiologia barthesiana e da psicanálise lacaniana brotam os pontos de amarração das bases teóricas e conceituais que constituíram o panorama de sua identificação, permanecendo no horizonte de suas pesquisas.

Essa trajetória de saber explica Jeanne Marie como pesquisadora comprometida com a proposta de trabalhos investigativos sob o viés psicanalítico e, sobretudo, como docente empenhada em considerar nos estudos de comunicação, e fazer com que outros também considerassem, o papel do inconsciente como concebido pela psicanálise.

Para efeito dos cursos de comunicação, ela praticamente cunhou o termo Ciências da Linguagem, já utilizado por alguns

pensadores entre as décadas de 70 e 80 no contexto da filosofia, e que passou a ser adotado por outros cursos fora da USP.

A terminologia assim importada para os estudos de comunicação marcou uma ruptura com as metodologias, advindas das ciências sociais e da linguística, até então preponderantes nos estudos de comunicação, em prol da incorporação de aparatos teóricos diversificados. Estes, a serem abraçados desde que tratassem linguagem não como instrumento de comunicação, mas como lugar em que se fazem os sujeitos, como lugar dos discursos e de seres nascidos e formados dentro da língua/cultura que lhes oferece ideias a serem assumidas, modos de ser a serem vividos e os lugares de fala a serem ocupados.

Justifica-se a importância dos dados acima mencionados pelo fato de que constituem a substância em que Jeanne Marie se firmou para a criação da área de pesquisa Ciências da Linguagem e Mídia, integrada ao currículo do curso de Jornalismo e ao curso de pós-graduação em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes. Nesse mesmo registro encontra-se a criação do grupo de Estudos em Ciências da Linguagem, de que foi a coordenadora, que congregava professoras do Departamento, alunos de pós-graduação e orientandos. Com reuniões quinzenais, em que se analisavam e se discutiam temas relevantes para a área, com a presença periódica de palestrantes, convidados a falar sobre assuntos correlatos aos eixos de pesquisa desenvolvidos, alcançou-se a consolidação do grupo ao longo dos anos nas décadas de 80 e 90.

Jeanne Marie deixou várias publicações que são bem representativas de seus estudos, de suas pesquisas, das aulas que ministrava e dos aportes teóricos em que se firmava.

Entre os artigos, destacam-se “Jornalismo, a busca de um destino”. *Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo*. São Paulo, v. 1, p. 153-165, 1992; “Discurso jornalístico e discurso republicano”. *Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo*. São Paulo, v. 2, p. 7-12, 1993; “Ciências da linguagem: contribuição para o estudo dos mídias”. *Revista Comunicações e Artes*. São Paulo, v. 29, p. 11-23, 1996.

Os títulos desses artigos são sintomáticos: a preocupação com a prática do jornalismo, considerando seu relevante papel social face a novos meios de expressão, face as TICs que já se faziam notar nessa época; a atenção aos meandros entre jornalismo e política, injunções e determinações; a importância das Ciências da Linguagem, para análise e desvelamento das correntes discursivas que permeiam as mídias em geral.

No âmbito dos livros ocorre a mesma situação, pois eles seguem e se conformam a seu exercício como professora e pesquisadora:

Os primeiro de maio (política, ideologia inconsciente). São Paulo: USP, 1988; *Bemaldivida*. (tese de Livre Docência) São Paulo: EDUSP, 1992; *Comunicação e Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1992.

É preciso ressaltar o livro *Os primeiro de maio...* pela observação atenta e análise refinada que pode ser considerada como uma psicanálise da cultura, ao aplicar conceitos psicanalíticos na análise de discursos políticos. Na sequência, sua tese de Livre Docência é um exemplo de reflexão que cruza a teoria com a vida vivida.

Entretanto, destaca-se *Comunicação e psicanálise* por ser o livro em que Jeanne Marie, a partir dos quatro discursos dispostos por Lacan, desenvolve suas ideias e, sobretudo, tece a conexão entre psicanálise, discurso, jornalismo e mídias, conexão que a alimentou em todas as suas atividades acadêmicas.

A presença de Jeanne Marie no conjunto de professores considerados seminiais para o campo da comunicação se faz bem apropriada porque ela deixou um exemplo bem sucedido da árdua tarefa de cruzar conceitos de diferentes campos de saber com o objetivo de obter captações e análises mais refinadas. Ainda assim, pesa positivamente na balança o fato de ter fundado uma linha de pesquisa inovadora que tem a psicanálise como eixo fundante.

Sobre a autoria da bionota:

Mayra Rodrigues Gomes

Professora Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É líder do Midiato - Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas.. Aposentou-se em 2020, passando à categoria de Professor Sênior. E-mail: mayragomes@usp.br

JERUSA DE CARVALHO PIRES FERREIRA

por Monica Nunes

Jerusa nasceu em 01 de fevereiro de 1938, em Feira de Santana, estado da Bahia. Faleceu dia 21 de abril de 2019 em Salvador. Primeira filha de Celso Freitas de Carvalho, farmacêutico, músico, flautista – homem do sertão, natural de Feira, e de Cesarina Castro Lima de Carvalho, nascida na capital baiana. Passa a infância e adolescência em Salvador onde conclui o Ginásio no Instituto Feminino da Bahia em que é a sanfoneira oficial, ainda que o mundo sertanejo, de cantos orais e vaqueiros, tenha acompanhado sua trajetória e seus interesses. Estuda francês na Casa da França e inglês na Associação Brasil-Estados Unidos, mas também aprende alemão e ensina português e latim.

Casou-se bem jovem com o engenheiro Ruy Pires Ferreira e tiveram três filhos, Rubens Pires Ferreira, Ricardo Pires Ferreira e Inácio Pires Ferreira. Faz a Graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia (1964-1967). A seguir, foi bolsista do Instituto de Alta Cultura em Lisboa (1970/71), desenvolvendo estudos sobre a Novela de Cavalaria. Realiza formação em Semiótica no Centro Internacional de Semiótica, Urbino/Itália (1975 e 1976). Interessa-se

vivamente pela Semiótica, em especial pela Escola Russa de Iúri Lotman e Uspenskii, aprofunda conhecimentos em Etnografia e Etnologia. Conclui o Mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (1977), orientada por José Calasans Brandão da Silva, pioneiro dos estudos de História Oral. Recebe o título de Mestre com o trabalho *O Passo das Águas Mortas: Cavalaria em Cordel*, posteriormente publicado pela Editora Hucitec, em 1979, e pela Edusc, em 2016.

No final da década de 1970, muda-se para São Paulo, já separada, e conhece o historiador e medievalista suíço-canadense Paul Zumthor, de quem se tornará amiga, tradutora e divulgadora de sua obra no Brasil. Dirige, assim, um projeto tradutório em que traduziu os livros *A Letra e a Voz* (Companhia das Letras, 1993); *Introdução à poesia oral* (Hucitec/Educ, 1997), *Escritura e Nomadismo* (Ateliê Editorial, 2005), *Performance, Recepção e Leitura* (Cossac Naify, 2007), além de organizar uma coletânea em homenagem ao autor intitulada *Oralidade em Tempo e Espaço* (Educ, 1999) resultado de um colóquio que Jerusa promoveu na PUC-SP (1997).

Em 1980, conclui o Doutorado em Ciências Sociais (Sociologia da Literatura) pela Universidade de São Paulo, sob orientação de Ruy Galvão de Andrada Coelho. Recebe o título de Doutora em Ciências Sociais com o trabalho *No Metal da Fala*.

Em 1983, inicia suas atividades como professora nos cursos de Jornalismo e Editoração e nos cursos de Pós-Graduação da ECA-USP, onde ministrou disciplinas sobre livros e edições populares; cultura popular; memória editorial brasileira. Aulas que relacionam cultura e edição; memória e identidade. Também na USP, dirigiu e coordenou a Coleção *Editando o Editor*, da Editora da USP (EDUSP), que aborda o trabalho de editores como Jorge Zahar, Jacob Guinsburg,

Ênio Silveira, entre outros. Depois de ter sido companheira, por nove anos de Olympio Pinheiro, casa-se com o ensaísta e tradutor Bóris Schnaiderman em 27 de maio de 1987.

Realiza a Livre-Docência em Ciências da Comunicação (ECA/USP), em 1988, e o Pós-Doutorado em Erlangen-Nürnberg, na Alemanha, sobre o tema do Fausto (1988/1989), com bolsa DAAD/FAPESP. De seu estágio de pós-doutorado, nasceu a obra *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*, publicado pela editora Perspectiva, em 1992. Este trabalho apresenta, mapeia, analisa o complexo trânsito transmissivo oral-impresso, desde terras ibéricas ao Brasil, que atravessa e constitui o grande texto mágico de Cipriano. A obra ganhou o Prêmio Jabuti na categoria Estudos Literários (Ensaio) em 1993.

Naquele ano, Jerusa inicia atividade docente na PUC-SP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, onde implementa primeiramente o Núcleo de Estudos da Oralidade e, posteriormente, o Centro de Estudos da Oralidade (CEO), reunindo pesquisadores internos à PUC, seus orientandos e alunos, e externos, como artistas, poetas, acadêmicos de outras instituições. As discussões do CEO, conduzidas pela erudição e generosidade de Jerusa, alimentou a pesquisa-vida de inúmeros mestrandos, doutorandos, artistas, pesquisadores mais maduros, por mais de vinte anos.

Na PUC-SP, organizou mais de dez colóquios e seminários internacionais, além das disciplinas ministradas. Destacam-se: Cultura é Memória; De Escutas, Espaços, Territórios- os sons migrantes; Memória do Futuro em Atos Comunicacionais; Oralidades Hipertextuais; Oralidade, Corpo, Mídia; O Riso e suas Interdições na Cultura; Poéticas do Oral, Ritmo, Velocidades; Estudos Russos de Cultura Popular; Semiótica da Cultura na URSS e suas Extensões Latino-americanas;

Cultura das Bordas em Construção Midiática; Ambientes Midiáticos e Processos Culturais: Princípios e Fundamentos da Comunicação Oral e suas Poéticas. Igualmente coordenou o Núcleo de Estudos do Livro e da Edição da ECA/USP (NELE), com Plínio Martins Filho.

Em 2004 recebe a Comenda Áureo de Oliveira, Câmara Municipal de Feira de Santana (BA). Jerusa de Carvalho Pires Ferreira, com mais de 20 livros publicados, 72 capítulos, produções de artigos e participações em seminários nacionais e internacionais, orientou 56 dissertações de mestrado e 51 teses de doutorado, além de supervisões de pós-doutoramento, segundo dados do currículo Lattes atualizado dois meses antes de seu falecimento.

Sua importância no campo da Comunicação vai além dos números. Funda um campo teórico para pensar a Cultura em suas bordas (desenvolvendo o conceito de “cultura das bordas”), sobreposições, esmaecimentos de conceitos estanques tais quais erudito, popular ou massivo, a exemplo de sua dedicação ao entendimento das relações múltiplas entre o mundo medieval, o conto popular e os ciclos narrativos que sobrevivem no nordeste brasileiro, ampliando as conexões entre oralidade e escritura. Sua obra supera, precocemente, inúmeras dualidades, como centro-periferia; erudito-popular, vanguarda-massivo, percebendo a complexidade do tecido cultural em seus trânsitos, camadas, bordas criativas e comunicacionais.

Desde 1999 ministrava cursos regularmente na Universidade de Limoges, na França onde desenvolveu com os colegas Jacques Migozzi e Claude Filteau todo um trabalho sobre Cultura e Memória, e sobre o Livro Popular. Conferencista convidada em diversas instituições de pesquisa no Brasil e no exterior, a exemplo de Limoges e da Universidade Autônoma de Barcelona, Jerusa também poetava.

Na impossibilidade de fechar essa bionota com alguma imagem poética que faça jus à sua imensidão pulsante e vivaz, empresto dela mesma a palavra, de seus *Sete Cromos para Breves*, 2010, livreto impresso, “pequeno testemunho poético do amor pelo Pará”, fruto dos seminários em que lá realizou.

A rede do sono
Vem de repente
O medo de não poder
se levantar
da rede e da cama
do sono
todo dia qualquer dia
mais um desaparece
e nem sua voz seu olho
tato cheiro
conseguem alcançar
vivos ou mortos fogem todos
em fila direta e silenciosa.

Sugestões de obras da perfilada:

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Leituras imediatas**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019 (livro póstumo).

FERREIRA, Jerusa. C. Pires; PINHEIRO, J. Amálio B. (Org.). **Jornada Internacional América Latina: conceitos e experiências**. 1. ed. São Paulo: Intermeios/Memorial da América Latina, 2017. v. 1. 108p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Cavalaria em Cordel: o passo das águas mortas**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2016. v. 1. 216p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Matrizes Impressas do Oral:** conto russo no sertão. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. v. 1. 218p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Cultura das Bordas:** edição, comunicação, leitura. 1. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. v. 1. 186p.

SCHNAIDERMAN, Boris; FERREIRA, Jerusa. C. P. (Org.). **Guenádi Aigui:** Clamor e Silêncio. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. v. 1. 141p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires; Vilma Arêas (Org.) **Marlyse Meyer nos Caminhos do Imaginário.** 1. ed. São Paulo: Edusp, 2009. v. 1. 244 p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Rubens Francisco Lucchetti:** o Homem de 1000 Livros. 1. ed. São Paulo: COM-ARTE, 2008. v. 1. 158p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Tereza Batista:** Texto e Imagem - Um livro de exemplos. 1. ed. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 2006. 67p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires; BERNARDINI, Aurora Fornoni (Org.). **Mitopoéticas** - da Rússia às Américas. São Paulo: Humanitas, 2006. 194p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Os Trabalhos da Luz.** 1. ed. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2006. 38p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Armadilhas da Memória e Outros Ensaios**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2004. 176p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Editando o Editor 6** - Claudio Giordano. São Paulo: Edusp/ Com-Arte, 2003. v. 6. 89p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Editando o editor 5**: Jorge Zahar. 1. ed. São Paulo: EDUSP E COM/ARTE, 2001. v. 1. 130p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Fausto no Horizonte**. 1ª. ed. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1995. 165p

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Editando O Editor**: no. 4 -Arlindo Pinto de Souza. 1ª. ed. São Paulo: Com-arte/EDUSP, 1994.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Cavalaria em Cordel**: o passo das águas mortas. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993. 140p.

CABRINI, Conceição A.; GUEDES, Maria do Carmo; FERREIRA, Jerusa Carvalho P. (org.). **Editando O Editor 2** - Flavio Aderaldo. São Paulo: EDUSP/COM-ARTE, 1992. 58p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. (Org.). **Editando O Editor 3** - Enio Silveira. São Paulo: EDUSP/COM-ARTE, 1992. 160p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **O Livro de São Cipriano: Uma Legenda de Massas**. São Paulo: Perspectiva, 1992. 162p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Armadilhas da Memória**. Salvador: Fundacao Casa Jorge Amado, 1991. 100p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Editando o Editor 1** - Jacó Guinsburg. São Paulo: Edusp/ Com Arte, 1989. v. 1. 76p.

FERREIRA, Jerusa. C. Pires. **Cavalaria em Cordel**. São Paulo: Hucitec, 1979. 170 p.

Referências bibliográficas

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2058347517961211> Acesso em 07 de jul. 2023.

MEIRELLES, Lucila; FREIRE, Norma. Dossiê Jerusa Pires Ferreira. **Revista Intermédias**. Disponível em <http://www.hudsonmoura.net/dossie-jerusa>. Acesso em 07 de jul. 2023.

Fontes Orais:

FERREIRA FILHO, Ricardo Pires. **Informações concedidas** à Mônica Rebecca Ferrari Nunes. 07 de jul. 2023, SP.

SOUSA, Adriano de. **Informações concedidas** à Mônica Rebecca Ferrari Nunes. 05 de jul. 2023, SP.

SOTILO, Caroline. **Informações concedidas** à Mônica Rebecca Ferrari Nunes. 05 de jul. 2023, SP.

Sobre a autoria da bionota:

Monica Nunes

Bolsista Produtividade do CNPq (nível 2). Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo, PPGCOM-ESPM, desde 2012. Líder do Grupo de Pesquisa Mnemon - memória, comunicação e consumo (ESPM/CNPq). Coordenadora do GT Estudos de Memória e Comunicação, da COMPÓS, (2020-2022). E-mail: monicarinunes@espm.br

LUCIA ISALTINA CLEMENTE LEÃO (LUCIA LEÃO)

por Nara Lya Cabral Scabin

Lucia Isaltina Clemente Leão – mais conhecida como Lucia Leão, como assina seus trabalhos – nasceu na cidade de São Paulo, em 21 de novembro de 1963. Artista multidisciplinar, educadora, escritora e pesquisadora de tecnologias digitais, estudou em escolas tradicionais da capital paulista, como o Colégio Santa Cruz, instituição de ensino privada situada no bairro de Alto de Pinheiros. Em 1982, ingressou no Bacharelado em Artes Plásticas na Faculdade Santa Marcelina (FASM), em São Paulo, formando-se em 1985. Em seguida, iniciou um curso de especialização em Ação Cultural pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), formação concluída no ano de 1988.

Em 1993, Lucia Leão iniciou o Mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PPGCOS-PUC/SP), onde defendeu, em 1997, a dissertação intitulada *Labirinto I. A arquitetura da hiper-mídia*, desenvolvida sob orientação de Arlindo Machado e com apoio

da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Conforme escreve a autora, em 1998, no texto de apresentação de seu livro *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*, publicado em 1999 pela Fapesp/Iluminuras, sua pesquisa de Mestrado – uma abordagem interdisciplinar sobre tecnologia hipermediática e estruturas labirínticas – teria nascido da proposta de realização de um trabalho poético em hipermídia, experiência que a colocou diante da ideia do “labirinto” como metáfora da complexidade.

Ainda em 1997, Lucia Leão ingressou no Doutorado em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Em 2001, defendeu a tese intitulada *A estética do labirinto*, realizada com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), novamente sob orientação de Arlindo Machado. Com base na perspectiva da “modelagem cognitiva” – em que, do confronto/cotejo entre dois campos de saber, emerge um terceiro, que ilumina e ressignifica os dois primeiros –, a autora traça uma cartografia de tipologias labirínticas e explora o tensionamento da bidimensionalidade da cartografia tradicional pelos mapas do ciberespaço, percorrendo (e realizando) experimentações poéticas. A pesquisa deu origem a livro homônimo, publicado pela Editora da Universidade Anhembi Morumbi, em 2002. No mesmo ano, Lucia Leão editou a coletânea *InterLab: labirintos do pensamento contemporâneo* (Iluminuras/Fapesp), indicada ao Prêmio Jabuti 2003, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria “Ciências Exatas, Tecnologia e Informática”.

Também em 2002, iniciou pesquisa de pós-doutorado junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-Unicamp), concluída em 2004.

Ao longo de sua carreira docente, Lucia Leão lecionou em diferentes instituições de ensino superior em São Paulo. Em 1989, antes mesmo de iniciar o Mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, tornou-se professora na Faculdade Santa Marcelina (FASM), onde trabalhou até 1997. Na instituição, esteve à frente de disciplinas de vídeo e multimídia ministradas para os cursos de Bacharelado em Desenho de Moda e Artes Plásticas, além de ter sido responsável pela criação e coordenação do CAT – Centro de Arte e Tecnologia e pela coordenação do curso de Bacharelado em Artes Plásticas.

Já cursando o Doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, ingressou como docente nas Faculdades SENAC, lecionando no curso de graduação em Design em Multimídia e na pós-graduação *lato sensu* em Design. Em 2003, tornou-se professora titular do Mestrado em Moda, Cultura e Arte do Centro Universitário Senac, passando a ministrar as disciplinas “Laboratório de Criação”, “Processos Investigativos na Arte Contemporânea” e “Seminário temático: Moda e arte”. Na instituição, orientou mais de 30 trabalhos de conclusão de curso de graduação, além de diversas monografias de conclusão de curso de pós-graduação *lato sensu* e dissertação de mestrado.

Atualmente, Lucia Leão é professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), onde leciona há mais de 20 anos. Desde 2002, ministra diversas disciplinas em cursos de graduação da instituição, com destaque para o curso de Comunicação e Multimeios, cujo Núcleo Docente Estruturante (NDE) integra desde 2010. Na pós-graduação *stricto sensu*, atuou como docente, entre 2006 e 2009, do Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, vinculado à Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia. Desde 2009, atua como docente do Programa de

Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, vinculado à Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, tendo assumido a coordenação desse Programa em 2020.

No Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, insere-se na linha de pesquisa “Processos de criação na comunicação e na cultura”, ministrando, entre outras, as disciplinas “Teorias da Complexidades na Comunicação: métodos de pesquisa, colaboração e transdisciplinaridade” e “Processos de mediação da cultura: comunicação e transformação social”. Lidera o Grupo de Pesquisa em Comunicação e Criação nas Mídias – InterLab21CCM (<https://interlab21ccm.com/>), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que desenvolve pesquisas no campo da Comunicação em interface com a cultura, a educação, a política, a divulgação científica, a saúde e as artes. Até o momento de redação desta bionota, Lucia Leão orientou quase 40 dissertações de mestrado e mais de 20 teses de doutorado junto ao PPGCOS-PUC/SP.

Em relação à sua atuação em associações de pesquisa da área da Comunicação, Lucia Leão passou a integrar, em 2020, o Conselho da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós); e desempenhou, no biênio 2021-2023, a função de Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (Abciber). Lucia Leão também atua como parecerista *ad hoc* de periódicos científicos qualificados – como a revista *Galáxia*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP – e de órgãos públicos de fomento, como Fapesp e CNPq.

Como artista, Lucia Leão expôs em importantes centros culturais de diversos países, como é o caso do 10th International

Symposium on Electronic Art – ISEA 2000, realizado no Forum des Images, em Paris, em dezembro de 2000; o FILE – Festival Internacional da Linguagem Eletrônica, em sua edição de 2002, realizada no Paço das Artes, em São Paulo; a XV Bienal de São Paulo e a II Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, ambas realizadas em 2002; e a Mostra Cinético Digital, realizada pelo Itaú Cultural, em 2005. Seu trabalho artístico encontra-se catalogado no Rhizome Art Database (<https://rhizome.org/>), base de dados internacional sobre cultura e arte digital.

Nos últimos anos, Lucia Leão vem se dedicando à pesquisa sobre processos de criação em mídias e redes digitais, tema transversal aos diversos projetos desenvolvidos pela pesquisadora na última década. É o caso do projeto intitulado “Processos de criação nas mídias digitais: o imaginário nas passagens entre linguagens”, conduzido entre 2012 e 2014, com apoio do CNPq, que investigou os processos criativos originados nas passagens entre linguagens no ciberespaço, cujas características fomentam processos de tradução entre meios, incluídas aí práticas como as de colagem, montagem, releitura, adaptação e remixagem. Mais recentemente, o projeto “Audiovisualidades: um estudo dos processos de criação em cinema, TV e vídeo na cultura das redes”, conduzido entre 2018 e 2021, buscou traçar cartografias da produção audiovisual contemporânea, considerando procedimentos de criação e imaginários que emergem no universo das redes digitais, em que convivem fenômenos tão diversos quanto narrativas complexas, narrativas seriadas, webséries e filmes caseiros.

Desde 2021, Lucia Leão dedica-se ao Projeto Temático com apoio do CNPq “Inovação e convergências tecnológicas em tempos de hipermídia: perspectivas da produção de conhecimento nos processos

comunicacionais”. Desenvolvido no PPGCOS-PUC/SP, o projeto busca investigar o papel da linguagem da hipermídia para a inovação e produção de conhecimento, considerando suas intersecções com a cultura e a política. Em sintonia com essa proposta, Lucia Leão tem se voltado também ao estudo das potenciais contribuições dos processos comunicacionais em hipermídia para a redução de desigualdades, considerando questões em torno da diversidade socioeconômica, étnico-cultural, de gênero, empresarial e organizacional, os processos tecnológicos e culturais de conhecimento em mídias digitais e as possibilidades de performatividade e fabulação nas redes sociais.

Já seu projeto artístico e de extensão mais recente procura articular estudos relacionados à neurobiologia das plantas ao campo da Comunicação, percorrendo aspectos educacionais, de consciência ecológica e divulgação científica.

Entre as principais publicações de Lucia Leão, incluem-se as obras autorais *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço* (São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1999) e *A estética do labirinto* (São Paulo: Ed. Universidade Anhembi Morumbi, 2002). Também se destacam as coletâneas organizadas pela pesquisadora: *InterLab: labirintos do pensamento contemporâneo* (São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2002); *Cibercultura 2.0* (São Paulo: U.N. Nojosa, 2003); *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias* (São Paulo: Ed. Senac, 2005); *Derivas: cartografias do ciberespaço* (São Paulo: Annablume, 2004); e *Processos do Imaginário* (São Paulo: Kéops, 2016).

Da fundamental contribuição de Lucia Leão ao campo da Comunicação, merece destaque a proposição do método de investigação baseado em “cartografias de imaginários”, perspectiva que

articula, de modo transdisciplinar, a semiótica de Peirce, o conceito de cartografia em Deleuze e Guattari e os estudos do imaginário de Bachelard, Durand e Maffesoli. Ao mesmo tempo, sua trajetória de investigações sobre arte e tecnologia em redes no contexto da cibercultura evidencia caminhos para a superação de olhares viciados em contrapor tecnologia e cultura na pesquisa em Comunicação.

Sobre a autoria da bionota:

Nara Lya Cabral Scabin

Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Diretora Editorial da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) - Gestão 2023-2026. É vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídia e Narrativa (PUC Minas). E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br

LUCRÉCIA D’ALESSIO FERRARA

por Camila Escudeiro

Lucrécia D’Alessio Ferrara, professora titular emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora titular aposentada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), é considerada uma das maiores teóricas da área de Comunicação no Brasil.

Filha de Filomena Frugis D’Alessio e Vito D’Alessio, Lucrécia nasceu em Lins, no interior de São Paulo, no dia 12 de setembro de 1936. Iniciou seus estudos de nível superior em 1956, no curso de graduação em Letras Néo Latinas, na Faculdade Sedes Sapientiae, localizada na capital paulista. Após a conclusão, quatro anos depois, em 1959, sua carreira acadêmica foi se moldando, com o doutorado em Letras concluído em 1964, na PUC-SP, e a livre docência, finalizada em 1980, na FAU-USP.

A trajetória profissional de Lucrécia teve início em 1967, quando começou a trabalhar como professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, criada na PUC-SP em 1908. A partir disso, ocupou outros

cargos na instituição, entre eles o de coordenadora do Departamento de Artes e Técnicas da Comunicação, e foi responsável pela implantação do setor de Pós-Graduação da PUC-SP e do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, posteriormente denominado Comunicação e Semiótica e, na atualidade, reconhecido como um dos principais programas de pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação do país.

Em 1974, Lucrécia ingressou no Departamento de Projeto / Núcleo de Disciplinas em Desenho Industrial da FAU-USP, onde atuou por mais de 20 anos, até 1998. Como docente uspiana, implantou e solidificou o Programa de Pós-Graduação em Estruturas Ambientais Urbanas, o qual, ainda coordenou entre 1988 e 1990. Teve ainda uma breve passagem pela Universidade Tuiuti do Paraná, como professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, entre 1998 e 2005.

No início, as atividades de pesquisas de Lucrécia se voltaram para a Literatura Brasileira e a Teoria Literária, com um estudo, no doutorado, sobre o caipira a partir dos contos do regionalista Valdomiro Silveira (1873 – 1941). A conexão da área de Letras com a Comunicação se deu a partir de atividades voltadas para o exercício de orientação de pesquisas nos níveis mestrado e doutorado, nas quais os trabalhos desenvolvidos pelos alunos a estimularam a estudar, comparativamente, a literatura em contato com outras produções comunicativas, levando-a a investigar as relações entre a linguagem verbal e as não verbais, que resultou no livro *Leitura sem Palavras* (Ed. Ática, 2007).

À frente, também, de disciplinas voltadas para a orientação na elaboração de projetos de pesquisa de dissertações e teses, Lucrécia passou a se interessar em definir o que poderia ser considerado pesquisa em Comunicação como área científica. Como distinguir dissertações e teses enquanto produções científicas? Como entender o papel da

empíria na comunicação? Qual é a diferença entre objetos empíricos e epistemológicos? Como distinguir metodologia e epistemologia em pesquisas? Qual a diferença entre metodologia e estratégia de pesquisa? Qual a diferença entre um tema e uma questão investigativa? Qual o papel de hipóteses de pesquisa? O que é fundamentação teórica em pesquisa? Como montar a formatação de uma tese ou dissertação? Como apresentar e defender uma asserção investigativa? Todas essas questões se tornaram constantes em seus trabalhos norteando inúmeras publicações, entre artigos, capítulos de livros, obras coletivas e individuais.

Considerando essas atividades iniciais, o interesse de investigação prioritário de Lucrecia se voltou, então, para a Epistemologia da Comunicação e começou a trabalhar questões epistemológicas da comunicação como área científica. Assim, seus interesses prioritários podem ser resumidos em alguns núcleos básicos, entre eles: relações entre a comunicação e as ciências sociais aplicadas; à comunicação como ciência empírica; o uso das teorias críticas da comunicação para a área enquanto ciência; o papel das teorias para além de instrumento aplicativo/explicativo em uma investigação; a interdisciplinaridade (ou não) da comunicação; o lugar político e cultural da comunicação; meio comunicativo e mídia; a compreensão do modo comunicativo da questão da diferença enquanto dimensão política na modernidade; ação e potencialidade comunicativa; comportamentos de profissionais da comunicação; e fenomenologia da comunicação em ambientes informacionais.

Ao longo desses anos todos de docência, pesquisas e experiências – inclusive como representante nacional da área da comunicação junto a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de

Nível Superior (Capes), entre 1985 e 1987 – Lucrécia observa, na atualidade, uma sedimentação da área da comunicação como domínio científico. É constante seu desejo de alcançar um estágio científico autônomo, apesar de considerar persistente a tendência de reduzir a comunicação a um método como modelo de desenvolvimento de investigações da área. Afinal, segundo a pesquisadora, autonomia não se confunde com norma ou prescrição do modo de atuar cientificamente. Nesse sentido, ela coloca que parece ser indispensável desenvolver esforços para que a epistemologia da comunicação se torne matriz que sedimenta as atividades dos programas de pós-graduação em comunicação como área de concentração e consequentes linhas de pesquisa que constituem definições obrigatórias para todas as atividades de pós-graduação no Brasil.

Atualmente, Lucrécia lidera o Grupo de Pesquisa Espaço-Visualidade / Comunicação-Cultura (ESPACC), além de ter sido bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq, entre 2009 e 2022. Entre suas obras mais importantes, destacam-se *A Estratégia dos signos* (Ed. Perspectiva, 2009), *Olhar Periférico* (Edusp/Fapesp, 1998), *Os Nomes da Comunicação* (Ed. Annablume, 2012), *A Comunicação que Não Vemos* (Ed. Paulus, 2018) e *Comunicação Mediações e Interações* (Ed. Paulus, 2015), este último vencedor do Prêmio Jabuti de 2016.

Sobre a autoria da bionota:

Camila Escudeiro

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente-pesquisadora do Programa de

Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Coordenadora de Brasileiros no exterior: Plataforma de dados sobre a migração brasileira (www.brasileirosnoexterior.org).
E-mail: camila.escudero@metodista.br

MALENA SEGURA CONTRERAS (MALENA CONTRERA)

por Priscila Gonçalves Magossi

Malena Segura Contrera nasceu em 13/06/1964, na Cidade de São Paulo. Sua trajetória acadêmica iniciou-se em 1983, ao ingressar no curso de Língua e Literatura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Ao se formar, em 1988, sua professora da graduação, Silvia Coneglian Vasconcelo, a convidou para substituí-la nas aulas de Teoria Literária, Literatura e Análise do Discurso, para o curso de Tradutor-Intérprete da Faculdade Ibero-Americana. Assim, as portas da docência no ensino superior foram abertas. Neste momento, Malena adentrou o universo da universidade para não mais deixá-lo.

Motivada pelas aulas de Literatura da Graduação, lecionadas pelo professor Samir Meserani, a autora iniciou seus estudos em Mitologia Grega por meio de cursos livres entre 1988 e 1991. Seu professor a apresentou à Mitologia Grega e aos contos russos. Simultaneamente, Malena começou a estudar Astrologia. Assim, percebeu que o conhecimento preciso sobre Mitologia seria fundamental em sua vida. Nesse mesmo período, encantou-se por Jung. A partir de

então, iniciou seus estudos sobre psicologia analítica. Ocorre, assim, a união entre Comunicação e Jung pela primeira vez na área.

Logo em seguida, em 1991, ingressou no Mestrado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, apresentando um trabalho pioneiro de reflexão sobre o mito na mídia. Sua dissertação de mestrado refletiu na obra “*O mito na mídia*”, uma reflexão sobre os elementos arcaicos na mídia de massa, sob orientação do Prof. Norval Baitello Jr.

Em 1992, esteve presente na reunião de fundação do CISC — Centro Interdisciplinar de Comunicação e Semiótica. Malena participou ativamente na organização dos congressos, reuniões científicas e ocupou cargos de diretoria entre 1992 a 2018. Até hoje é membra da comissão científica do grupo de pesquisa.

Decidida de que a academia era o seu lugar no mundo, Malena ingressou no Doutorado em 1997, no mesmo programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, com o mesmo orientador. Entre os anos de 1997 a 2001, sua tese trabalhou o fenômeno do pânico na mídia. Durante esse período, Malena realizou estágios de pesquisas internacionais: em Viena, Áustria, sobre *Multiculturalismo e Mídia* (1998), e, em Sevilha, Espanha, sobre *Política da Comunicação* (2000). A tese resultou na obra “*O pânico na mídia*”, uma das mais valiosas para a área no que tange o estudo da saturação da informação, violência e crise cultural na mídia.

Em 1995, Malena ingressou no Mackenzie como professora de Graduação. Seu espírito inquieto e inovador a levou a planejar em 1999 o curso de Jornalismo. Com o apoio do diretor da Faculdade de Comunicação e Artes, Osvaldo Hatori, a primeira turma foi aberta logo no ano seguinte, em 2000. A proposta era única no país: um curso de jornalismo voltado à reflexão teórica, estímulo ao pensamento crítico,

com foco no Jornalismo Cultural. Este perfil do curso foi posteriormente alterado pela Instituição.

Como docente e coordenadora do curso até 2004, Malena contribuiu para a formação de profissionais atuantes na área de comunicação do Estado de São Paulo. Os formandos do período até hoje se lembram emocionados da qualidade do ensino oferecido pela universidade sob coordenação de Malena.

Durante o mesmo período, Malena foi professora da Faculdade de Comunicação, Letras e Filosofia da PUC-SP. Realizou estágios de pesquisa e cursos no exterior, parcerias internacionais, e publicações científicas em Sevilla (Espanha), Berlim (Alemanha) e São Petersburgo (Rússia).

Em 2005, Malena iniciou sua trajetória no PPGCOM da UNIP, desligando-se, assim, do programa de Comunicação do Mackenzie. Há 17 anos, é professora titular dos cursos de Mestrado e Doutorado em Comunicação da Universidade Paulista e as disciplinas: Teorias da Comunicação, Teorias do Imaginário e Teorias da Mídia. Ao longo de todos esses anos, Malena foi vice-coordenadora do programa de pós-graduação, formou uma vasta gama de mestres, doutores e pós-doutores. Bem qualificados e confiantes, esses profissionais atuam hoje na pesquisa científica, lecionam em universidades por toda parte do país e publicam livros no Brasil e no exterior.

Em 2007, criou o Grupo de Pesquisa em *Mídia e Estudos do Imaginário*, dedicado às pesquisas com foco no imaginário cultural. Entre os anos de 2007 a 2008, realizou pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob supervisão do Prof. Dr. Muniz Sodré (bolsa CNPq, 2007-2008) e estágio de pesquisa em Berlim,

Alemanha, sobre *Mimese e Rituais Mediáticos* (2010) com o Prof. Dr. Christoph Wulf.

Em 2013, especializou-se em Psicologia Junguiana (FACIS-IJEP) e um novo capítulo da sua vida começou: a clínica junguiana. Após mais de 30 anos de estudos da obra de Jung e 10 anos de experiência clínica, Malena fundou o *Instituto do Imaginário* em 2023. Trata-se de um espaço dedicado à reflexão sobre a relação homem e mundo, em busca de ferramentas que construam uma ação mais consciente, potente e qualificada dos sujeitos em seus campos de ação profissionais e existenciais.

No decorrer dessa história de quase 40 anos de vida acadêmica, a autora empenhou-se em estabelecer diálogo entre diferentes áreas do saber e parcerias com grupos de pesquisa por todo o país. Assim, desdobrou-se para construir pontes entre os campos da comunicação, das teorias do imaginário e da psicologia analítica, inspirada na Teoria da Complexidade proposta por Edgar Morin.

Fora o vínculo acadêmico, Malena tem um forte lado artístico. Em 2022 lançou seu primeiro livro de poesias, “*Naufrágio*”, que traz aquarelas de sua filha, Maria Eduarda. Além disso, é astróloga, atendendo há mais de 30 anos.

A trajetória de Malena demonstra que o improvável não é impossível. A autora é consolidadora da área de Comunicação no Brasil, sobretudo no que tange a abertura de caminhos para pesquisas que versam sobre a relação entre Comunicação e Culturas Arcaicas, Teorias do Imaginário, Mitologia e Psicologia Junguiana. Seu legado inclui as obras: “*O Mito na Mídia*” (1996), “*Mídia e Pânico*” (2002), “*Jornalismo e Realidade*” (2004), “*Mediosfera*” (2010), e inúmeros

outros artigos e capítulos de livros publicados em coletâneas e revistas científicas, com destaque para Brasil, América Latina e Europa.

Sugestões de obras da perfilada:

CONTRERA, Malena Segura. **Naufrágio**: poemas. São Paulo: Ed. da Autora, 2022.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**: medios, imaginario y desencantamiento del mundo. Sevilla: ArCiBel, 2013.

CONTRERA, Malena Segura. **Jornalismo e Realidade**: a crise de representação do real e a construção simbólica da realidade. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.

CONTRERA, Malena Segura. **O Mito na Mídia**: a presença de conteúdos arcaicos nos textos da mídia. São Paulo: Annablume, 1996.

Sobre a autoria da bionota:

Priscila Gonçalves Magossi

Diretora Editorial da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, biênio 2023-2025). É colunista permanente do

Portal Juristas e integra o Fórum das Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Letras, Linguística e Artes (FCHSSALLA), a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) e o Observatório Ético. E-mail: pgmagossi@gmail.com

MARGARIDA MARIA KROHLING KUNSCH

por Maria Aparecida Ferrari

Na serra capixaba, nos domínios do município de Domingos Martins, no Espírito Santo, conhecida como berço da imigração alemã, italiana e de pomeranos, nasceu Margarida Maria Krohling Kunsch, um dos nove filhos do casal João Pedro Krohling e de Maria Margarida Thomas. Seu pai era trabalhador rural e sua mãe dona de casa. Sua educação básica foi realizada no Ginásio Jesus Cristo Rei e, em seguida, seguiu seus estudos na Escola Normal Nossa Senhora Rainha, ambas instituições na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo.

Aos 23 anos de idade veio para São Paulo e passou a morar com seus irmãos Lino e Cicília que já viviam no bairro de Santo Amaro. Com muita vontade de estudar e vencer na vida, Margarida trabalhou como auxiliar de Relações Públicas para o Hospital Albert Einstein. Em seguida, com o contato de Publicidade na Albeisa do Brasil, editora do Cadastro Delta/anuário.

Em 1973 passou no vestibular para cursar Relações Públicas, na época chamada de Faculdade de Comunicação Social Anhembí. A partir de 1974 trabalhou na Cia. Pereira Barreto de Automóveis como auxiliar de Relações Públicas.

Ao finalizar o curso de Relações Públicas, Margarida passou a multiplicar seus ensinamentos ao se desempenhar como docente em várias instituições de ensino, como a Organização Mogiana de Educação e Cultura, em Mogi das Cruzes, entre 1977 a 1979. Em 1978 começou a lecionar na Faculdade de Turismo de Santo Amaro, chegando ao cargo de coordenadora de curso. Neste mesmo ano inicia sua trajetória na Universidade Metodista de São Paulo, permanecendo por 11 anos como professora e, mais tarde, assumindo a coordenação do curso de Relações Públicas (1981 – 1984). Também deixou seu exemplo e paixão pelas Relações Públicas no curso da Faculdade Cásper Líbero, exercendo o cargo de professora do curso de RP, entre 1984 a 1988.

Em 1979, após ser aprovada em concurso público, passou a se desempenhar como docente em tempo integral na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É a partir desta data que seu trabalho na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) se multiplica e passa a ser reconhecido nacional e internacionalmente, graças a sua dedicação.

Na ECA-USP realizou seu mestrado sob a orientação do o Prof. Dr. Cândido Teobaldo de Souza Andrade, com a dissertação “Planejamento de relações públicas: em função da comunicação integrada nas organizações sociais” (1979-1985).

O título de Doutorado veio em 1991, também na área de Ciências da Comunicação, na ECA/USP, com a tese “Universidade e comunicação na edificação da sociedade”, orientada pela Profa. Dra. Sarah Chucid Da Viá.

Em 1996, defendeu sua Livre-Docência, na ECA/USP com o projeto “As relações públicas e suas interfaces com a comunicação organizacional no Brasil”. Obteve o título de Professora Titular da ECA/

USP em 2005, com a apresentação do trabalho: “Relações públicas e comunicação organizacional: interfaces e perspectivas como campos acadêmicos de estudos?”.

Em 22 de novembro de 2022, veio o coroamento de sua carreira ao ser homenageada com o título de Professora Emérita da ECA/USP, por sua trajetória profissional e acadêmica e notável produção científica, principalmente na área das Relações Públicas.

Na sua vida como acadêmica, Margarida não se limitou a dar aulas e orientar trabalhos de conclusão de curso no programa de graduação em Relações Públicas da ECA/USP. Há que se destacar que no programa de graduação ela orientou 55 trabalhos de conclusão de cursos da graduação e 47 projetos de iniciação científica, até 2022. Com 16 projetos de pesquisa já concluídos, hoje desenvolve cinco projetos de pesquisa e cinco de extensão.

Produziu seu primeiro livro em 1986, “Planejamento de relações públicas na comunicação integrada”, pela editora Summus, hoje na 4ª. edição (2003). Nesta obra, Margarida apresenta o conceito comunicação integrada definindo-o “como uma filosofia capaz de nortear e orientar toda a comunicação que é gerada na organização, como um fator estratégico para o desenvolvimento organizacional na sociedade globalizada” (1999, P. 74). Desde então, esse conceito tem sido aplicado por estudantes, acadêmicos e profissionais da área.

Passou a fazer parte do programa de Pós-Graduação da ECA/USP a partir de 1994 e, desde então, tem orientado dissertações de mestrado e teses de doutorado. Nos seus 29 anos como docente do programa de *stricto sensu*, Margarida já orientou 33 teses de doutorados, 28 dissertações de mestrado, 12 supervisões de posdoc e 147 monografias de especialização.

Sua dedicação ao ensino, pesquisa e extensão na ECA/USP fez com que assumisse funções relevantes na área de gestão, a saber:

2022-2027 - Coordenadora do eixo temático de Comunicação e Difusão Científica- a ciência cidadã para educação alimentar do projeto INCT- CNPq “Combate à Fome: estratégias e políticas públicas para a realização do direito humano à alimentação adequada - abordagem transdisciplinar de sistemas alimentares com apoio de Inteligência Artificial”

2021-2023 - Coordenadora de Comunicação do Grupo de Trabalho USP “Políticas Públicas de Combate à Fome e à Insegurança Alimentar”

2018-2021 - Pró-Reitora Adjunta de Cultura e Extensão

2013-2017 - Diretora da Escola de Comunicações e Artes

2010-2013 - Chefe do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA

2009-2010 - Presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA

2006-2010 - Vice-presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA

2003-2009 - Coordenadora do curso de Relações Públicas da ECA

1994-2000 - Assessora da Coordenadoria de Comunicação Social

1986-atual - Docente de graduação e pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes

Além da sua incansável atividade docente, Margarida também se dedicou às entidades da categoria, abrindo espaços e convocando

alunos, docentes e profissionais a se dedicarem a atuar, de forma voluntária, às causas da atividade de Relações Públicas e Comunicação Organizacional. A lista é grande e são mencionadas algumas de suas participações:

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, INTERCOM, Brasil.

1991-1993: Presidente

1987-1989: Presidente

2018-atual: Presidente do Conselho Curador

Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, ALAIC, Brasil.

2002-2008: Presidente

1992-1998: Vice-presidente

Membro do Conselho Consultivo

Associação Ibero-Americana de Comunicação, ASSIBERCOM, Portugal.

2008-2019: Vice-presidente

2000-2004: Presidente do Conselho Fiscal

Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação – SOCICOM, Brasil.

2010-2014: Presidente

2014-2016: Presidente do Conselho Deliberativo

2018 e 2020: Presidente do Conselho Deliberativo

Latin American Communication Monitor 2018-2019, LACM, Espanha.

2018-atual- Conselheira

Seu espírito arrojado tornou sonhos em realidade ao criar e estabelecer pontes entre a academia e o mercado. Em 1999, na ECA/USP, Margarida inovou com a criação do curso de Especialização *Lato Sensu*, GESTCORP (Gestão Estratégica da Comunicação

Organizacional e Relações Públicas) em 1999, tendo especializado mais de 830 profissionais de mercado.

Atuou fortemente nas entidades da categoria, como o CONRERP - SP/PR e a ABRP – SP/PR, assumindo funções de destaque na promoção da profissão.

Criadora e diretora das revistas científicas “Organicom - Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas” em 2004 (ECA-USP) e da “Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación” (Alaic).

Em 2006 fundou a Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp). Foi presidente nas gestões 2006 a 2010 e 2018 a 2020 e hoje é membro do conselho consultivo. Seu trabalho inovador e dedicado conseguiu tornar a Abrapcorp como a entidade mais reconhecida no âmbito das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no país. Anualmente realiza seu congresso anual com a presença de pesquisadores nacionais e internacionais nas áreas da comunicação organizacional e relações públicas. A interlocução produzida junto a representantes da sociedade civil e dos ambientes corporativo e governamental tem sido enriquecedora e expressa que esse campo acadêmico-científico, como integrante das ciências sociais aplicadas, não pode se isolar e alienar-se das demandas sociais e das práticas de comunicação que acontecem no cotidiano das organizações.

Seu comprometimento se deu também junto às entidades de fomento à pesquisa no Brasil; participa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e representou a área de Comunicação e Informação no Comitê Assessor (CA-AC) do CNPq entre 2019 a 2022. É consultora ad hoc da Fapesp e CNPq.

É membro do Conselho Consultivo da Aberje. Na Fundação Cásper Líbero ocupou a função de membro do Conselho Curador de 2006 a até 2023. É membro do Conselho de Ética da Abracom (Associação Brasileira das Agências de Comunicação).

Ao lado da docência, pesquisa, extensão e gestão, Margarida organizou e participou dos mais importantes eventos científicos da área e abriu espaço para as jovens gerações e ainda encontrou entusiasmo para produzir obras que permitiram um avanço a novos conhecimentos e perspectivas das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional, ampliando a produção bibliográfica nacional. Disseminou o conhecimento produzido no Brasil em muitos países dos hemisférios norte e sul, apresentando o Brasil como um dos países que mais produz literatura sobre Relações Públicas no mundo.

Nesse quesito, vale destacar sua magnífica produção científica de livros, capítulos e artigos nacionais e internacionais. Até o momento Margarida publicou 44 livros, 42 publicações em periódicos de alto impacto e 98 capítulos em livros.

Entre as contribuições para o campo das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional, se destacam suas obras:

Sugestões de obras da perfilada

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003. v. 1. 424p.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional**. 4. ed. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2006

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. 1. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1992.

Além dos livros de sua autoria, também é organizadora de inúmeras obras de Relações Públicas e Comunicação Organizacional:

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.) **Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas**. 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz. **Relações públicas comunitárias: a comunicação numa perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.). **Comunicação organizacional – Vol. 1**. Histórico, fundamentos e processos. São Paulo, Saraiva, 2009: 387p.; **Comunicação organizacional – Vol. 2**. Linguagem, gestão e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2009.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. 1. ed. São Caetano do Sul, SC: Difusão Editora, 2011.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org). **Comunicação organizacional estratégica: aportes conceituais e aplicados**. São Paulo: Summus Editorial, 2016.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **A comunicação como fator de humanização das organizações**. 1. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2010.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Relações públicas: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas**. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2009.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling; MACHADO, Maria Aparecida de Andrade Moreira (orgs.). **Políticas Públicas para o combate à fome**. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, 2021. e (livro eletrônico).

Seu legado é incontestável, sua trajetória mostra o dinamismo e a excelência em tudo o que se propôs a fazer. Em uma de suas últimas publicações, o capítulo denominado “Relações públicas no Brasil: retrospectiva, evolução conceitual e das práticas profissionais”, do e-book Comunicação organizacional e relações públicas: 15 anos da Abrapcorp (2022), organizada pela professora Margarida, ela traz uma relevante discussão sobre a regulamentação da profissão e denomina de “novos olhares sobre as relações públicas” nas dimensões socioculturais, numa perspectiva crítica, comunitária. Seu legado tem estimulado alunos e comunicadores a conquistar sonhos e a legitimar a prática das Relações Públicas e da Comunicação Organizacional no Brasil e no exterior.

Sobre a autoria da bionota:

Maria Aparecida Ferrari

Professora Associada II da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Livre-docente em Relações Públicas. Desenvolve pesquisas com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Lidera o grupo de pesquisa Diversidades, interculturalidade, comunicação e linguagens culturais (Dicult). E-mail: maferrar@usp.br

MARIA APARECIDA BACCEGA (PROFESSORA BACCEGA)

Por Roseli Figaro

Maria Aparecida Baccega, professora, intelectual, militante das causas da emancipação social, nasceu em 14 de abril de 1943, na cidade de Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Filha de migrantes italianos, pai operário e músico, gostava de cantar e estudar. Como aluna muito dedicada, no grupo escolar Instituto de Educação Otoniel Mota, foi aprovada em primeiro lugar no exame de admissão para o Ginásio Estadual da cidade, feito muito relevante nos anos de 1950, quando apenas os filhos de classes mais abastadas conseguiam continuar os estudos e ainda em escola pública.

Fez o Curso Normal e depois a graduação em Direito, na Faculdade de Direito Laudo de Camargo, em Ribeirão Preto. Desde a primeira série do Ginásio, Maria Aparecida Baccega participou da vida política em movimentos de estudantes, culturais e de trabalhadores que aconteciam na cidade. A compreensão sobre a importância da participação política para a mudança social marcou toda sua trajetória de vida.

Ainda durante a Faculdade de Direito (1963-1964), teve a oportunidade de trabalhar, em Brasília, com Paulo Freire, na

organização dos círculos de cultura. O trabalho foi interrompido pelo Golpe Civil-Militar, mas as ideias de Paulo Freire calaram fundo na sua concepção de educação e prática de ensino.

Baccega, no período de Faculdade, foi professora de Escola de Fazenda e também atuou na escola do Sesi em Ribeirão Preto. Conheceu de perto a dramática situação de crianças que não conseguiam se alfabetizar, filhos da desnutrição e do abandono do Estado. Terminada a faculdade, Baccega vem para São Paulo fazer pós-graduação em Direito, mas desiste. Faz vestibular para Letras, entra no curso na FFLCH-USP, no entanto, não pode cursar: o AI-5, o golpe dentro do golpe, leva Baccega e seu companheiro Granville à prisão. São presos políticos, veem os amigos desaparecerem nos porões da ditadura.

Baccega foi professora no Sesi e no Colégio e Escola Normal Antônio Raposo Tavares (Ceneart), ambas em Osasco, cidade operária da Região Metropolitana de São Paulo. O Ceneart era um dos dois ginásios públicos de Osasco, que atendia, com cursos noturnos, à demanda por qualificação dos operários, entre os quais jovens em idade escolar. Em Osasco, Baccega teve destacada participação na luta operária. Conheceu e atuou com lideranças e amigos como: Barreto, Dorival, Ibrahim e Neto, também perseguidos pela ditadura e, no caso de Barreto e Dorival, assassinados pelos militares.

Ela só consegue voltar para a USP, para cursar Letras, em 1972. Dois anos depois, transfere-se para o recém criado curso de Linguística e também atua como professora de Português em outras instituições de ensino da cidade de São Paulo. Deu aulas em cursinhos, curso de madureza e faculdades. Entre 1976-1977, foi professora assistente voluntária no curso de Linguística da FFLCH-USP, período em que a Universidade permitia o trabalho sem remuneração. Era o momento

também de grande perseguição por parte do serviço de segurança do DOPS, infiltrado na Universidade. Essa situação só passa a mudar quando se instala uma Comissão Especial de Inquérito – CEI, assim eram denominadas à época, na Assembleia Legislativa de São Paulo. O professor Antônio Candido teve papel importante nas denúncias sobre a existência da perseguição política dentro da Universidade.

Em 1978, Baccega presta concurso interno para um cargo de professora de Comunicação Linguística, na Escola de Comunicações e Artes da USP. Na ECA, Baccega se apaixona pela comunicação e trabalha com Comunicação e Linguagem até sua aposentadoria em 2003. O mestrado e o doutorado foram feitos nos anos de 1980. Em 1981, a dissertação trata das “Redações de vestibulandos: valores inculcados e desempenho linguístico”. No doutorado, concluído em 1986, a tese trata do romance angolano: “Mayombe: ficção e história (uma leitura em movimento)”. A livre docência foi obtida em 1991, com o trabalho “Comunicação, ficção e história: a construção da literatura angolana”. No departamento de Comunicações e Artes, onde atuou em seus anos na ECA, foi professora e chefe de departamento durante duas gestões (1992-1996).

Baccega também travou bravas lutas políticas na ECA-USP. Sempre militou pela educação humanística que conjuga teoria e prática, colocando-se contrária às concepções que não compreendem que o diferencial na universidade pública é garantir a formação conceitual sólida, que dê condições aos estudantes de enfrentarem as constantes mudanças tecnológicas. Com essa filosofia foi visionária ao fundar, em 1993, o curso de especialização lato sensu Gestão de Processos Comunicacionais; e, em 1994, a revista Comunicação & Educação. O curso de Gestão formou, durante 20 anos, uma plêiade de profissionais

do mais alto nível; e a revista Comunicação & Educação permanece já com seus 30 anos a serem completados em 2024.

Foram as iniciativas de Baccega e de seus colegas professores que impediram o fechamento do Departamento de Comunicações e Artes em 1993. É época em que grassava na Escola uma concepção limitada sobre o trabalho teórico na formação dos comunicadores e artistas. É neste período, que as reflexões de Baccega sobre o campo da Comunicação frutificam nas iniciativas do curso de Gestão, na revista e na publicação de textos seminais nos quais ela argumenta sobre a formação de campo de conhecimento próprio da área da Comunicação.

A prática da pesquisa esteve presente na vida acadêmica de Baccega desde as aulas de graduação, nas quais orientava os alunos a entrevistarem pessoas sobre os sentidos que apreendiam dos meios de comunicação a que tinham acesso. Praticava com os alunos os estudos de recepção ao estudar todo o processo comunicacional – do veículo, do produto aos sentidos apreendidos pelos cidadãos. Foi a primeira a discutir o signo ideológico na tecla ensinado por Volochinov/Bakhtin, trazendo para a pós-graduação a concepção da relevância da filosofia da linguagem e da análise do discurso.

Contribuiu decisivamente para a criação do Centro de Estudos em Telenovela, na ECA-USP, em um período em que tratar do tema telenovela na universidade era tabu. A revista Veja, em seus áureos tempos, publicou entrevista com Maria Aparecida Baccega, nas chamadas páginas amarelas, sobre o tema da telenovela ser estudada na Universidade de São Paulo. À época, a entrevista causou certo furor, porque Baccega defendeu seu estudo e afirmou: “novela é cultura”. Permaneceu como pesquisadora do Observatório de de telenovela, que ajudou a fundar, até sua morte em 2020.

Sem dúvida, o tema da comunicação/educação foi o que mais recebeu contribuições de Baccega. Além da criação e da direção editorial da revista *Comunicação & Educação*, atuou como uma das lideranças intelectuais do que veio posteriormente a ser denominado de curso de Licenciatura em Educomunicação, nome, aliás, de que não apreciava. Afirmou sempre que é do campo da comunicação que estudamos a educação e não o contrário, como sugere o nome. Mas, mesmo assim, ela foi uma entusiasta do curso de Licenciatura, implantado no CCA, em 2011.

Baccega tinha grande habilidade administrativa e didático-pedagógica, atuando na formação, avaliação de cursos de nível superior, como o bem-sucedido curso de especialização *Gestão de Processos Comunicacionais*. Por esse seu perfil foi convidada a contribuir com a organização do curso de pós-graduação em *Comunicação e Práticas de Consumo* da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. Depois de aposentada na USP, em 2003, transferiu-se para a ESPM, onde permaneceu até 2019.

Na ESPM, além de contribuir decisivamente para a aprovação do Mestrado, também ajudou a fundar a revista *Comunicação, Mídia e Consumo* e, posteriormente, o grupo de pesquisa *Comunicação, Educação e Consumo*, o qual estrutura a Cátedra Maria Aparecida Baccega.

Baccega foi homenageada na cerimônia dos 50 anos do Departamento de Comunicações e Artes em 2016. Foi homenageada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom, com dois prêmios: Luiz Beltrão de Grupo Inovador de Pesquisa em 1999, e de Maturidade Acadêmica em 2013. Ela também recebeu homenagens, em 2015, por ocasião do Jubileu de Prata de associação à entidade.

Em 2010, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP outorgou à Profª. Baccega o prêmio “Mariazinha Fusari de Educomunicação”, honraria nomeada em memória da carismática professora da Faculdade de Educação da USP e cofundadora do NCE. Em 2018, o mesmo núcleo outorgou outra comenda a Maria Aparecida Baccega, celebrando os mais de vinte anos de contribuição da revista Comunicação & Educação ao campo da Educomunicação.

Baccega formou 29 mestres, 18 doutores, 35 especialistas, entre outras orientações. Publicou mais de 70 artigos científicos, 29 livros, 61 capítulos de livros e outras publicações em anais de eventos científicos, artigos em jornais e revistas de divulgação. Sua contribuição para o campo da Comunicação é muito expressiva, podemos citar algumas delas para referência dos leitores.

Sugestões de obras da perfilada:

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: História e Literatura**. São Paulo: Ática, 1995. 90p.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, 1998. v. 1. 127p

BACCEGA, Maria Aparecida. **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002. v. 1. 179p

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Culturas do Consumo**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. v. 1. 229p

CITELLI, Adilson Odair; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo

de (Org.); FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Dicionário de comunicação**: escolas, teorias e autores. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014. v. 1. 557p .

BACCEGA, Maria Aparecida. **Estudos de Comunicação e análise do discurso**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

De forma nenhuma, podemos deixar de citar dois textos fundamentais, um é o texto de apresentação do primeiro número da revista Comunicação & Educação; e o segundo é o capítulo do livro Gestão de Processos Comunicacionais:

BACCEGA, Maria Aparecida. Do mundo editado à edição do mundo. **Comunicação & Educação**, 24(2), 7-11. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p7-11>

BACCEGA, Maria Aparecida. O Gestor e o campo da Comunicação. In: _____ (org.) **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

Referência da autora da bionota

Este texto foi composto a partir de inúmeros outros textos: Memorial, síntese publicada no site da Cátedra Maria Aparecida Baccega de estudos em Comunicação, Educação e Consumo (<https://catedrabaccega.espm.edu.br/memorial/>); Entrevista com Maria

Aparecida Baccega, realizada por Aline Fernandes de Azevedo para a Entremeios - revista de estudos do discurso. n.8, jan/2014 (<http://www.entremeios.inf.br>); Currículo Lattes da Profª. Baccega <http://lattes.cnpq.br/8872152033316612>. Memória - Homenagem a Maria Aparecida Baccega (1943-2020) publicada na revista Comunicação & Educação, v. 24 n. 2 (2019): Edição especial 25 anos - Homenagem à professora Maria Aparecida Baccega. <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165566>; Vídeos de entrevistas com a Profª. Baccega: CCA 50 Anos - Entrevista - Profª Drª Maria Aparecida Baccega: <https://www.youtube.com/watch?v=X5ltBjWciV8>. Vídeo 50 anos da ECA, <https://www.youtube.com/watch?v=iGT44no4sJc>

Sobre a autoria da bionota:

Roseli Figaro

Professora titular da Universidade de São Paulo, bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 2. É coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). Coordena o projeto temático Fapesp (2023-2028) Datificação da atividade de comunicação e trabalho de arranjos de comunicadores: os embates com as determinações das empresas de plataformas. É membro do Conselho gestor do INCT-DSI/ CNPq. E-mail: roseli.figaro@gmail.com

MARIA APARECIDA FERRARI

por Raquel Cabral

Admirada por paisagens, pessoas e culturas distintas, Maria Aparecida Ferrari, a irmã mais velha de uma família de três irmãs, nasceu e cresceu na cidade de São Paulo. E, junto a sua mãe e seu pai, um caixeiro-viajante ávido por explorar novos lugares e diferentes culturas, teve a oportunidade de descobrir o novo e o desconhecido ao realizar várias viagens em família, e perceber que o mundo era muito diverso e bem maior do que uma criança poderia imaginar.

Maria Aparecida Ferrari teve sua formação na infância e adolescência inicialmente no Colégio Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, e depois no Colégio Dante Alighieri, ambos na cidade de São Paulo. Em 1972, muito influenciada por seus professores, a jovem compreendia muito bem o cenário político conturbado do regime militar em que o Brasil vivia, e então ingressa na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) para cursar Ciências Sociais aos 20 anos de idade. Segundo a própria pesquisadora, esta formação pautada nos clássicos da Ciência Política, Sociologia e Antropologia foi fundamental para o

desenvolvimento de uma visão crítica de sociedade, o que contribuiu para maior compreensão da realidade social, das relações humanas e organizacionais, das fissuras e dos tensionamentos entre diferentes paradigmas daquele período histórico e dos que seguiram.

Na metade do curso universitário, Maria Aparecida inicia sua vida profissional como professora da rede pública municipal de educação da cidade de São Paulo. Ao término da universidade, decide então realizar uma experiência de intercâmbio por seis meses na cidade de Fairfield em Illinois nos Estados Unidos. Essa primeira e mais intensa experiência intercultural também foi essencial para ampliar sua visão de mundo e concepção sobre a educação e desigualdade social entre países desenvolvidos e o Brasil, revelando as imensas disparidades socioeconômicas existentes entre grupos sociais em nosso território em comparação a outras regiões do mundo. Essa experiência também será importante para ampliação de repertório a respeito da vivência e da comunicação intercultural, que marcam substancialmente a sua trajetória profissional e de pesquisa.

Ao término do intercâmbio, de volta ao Brasil, Maria Aparecida recebe a oferta de uma vaga de trabalho como monitora no Museu do Telefone, à época pertencente à Telesp. O referido Museu estava vinculado ao Departamento de Relações Públicas (RP) da instituição, e é então quando a pesquisadora tem seu primeiro contato com a área de RP.

Imersa profissionalmente na área, em 1978, Maria Aparecida ingressou no curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social Anhembi em São Paulo. Já naquele momento, ela renuncia às suas aulas da rede pública de educação municipal, e se aproxima da ABRP-SP/PR – Associação Brasileira de Relações Públicas, na

qual se torna estagiária não remunerada, o que lhe permitiu acumular experiência profissional, além de tecer vários contatos e ampliar sua rede de relacionamentos. A partir desse momento, Maria Aparecida teve a oportunidade de atuar em importantes agências de comunicação, tais como a Agência ADS de Relações Públicas, além da grande multinacional, General Motors (GM), trabalhando diretamente no departamento de RP.

Ao finalizar o curso de Relações Públicas em 1981, Maria Aparecida finaliza seu período de estágio na GM. Em abril de 1982, ela é contratada pelo Senai de São Paulo para atuar no departamento de Comunicação Social. Ali permaneceu vinculada profissionalmente por 10 anos, nos quais pôde desenvolver várias atividades e competências em comunicação, aplicando conhecimentos específicos de Relações Públicas, promovendo a imagem e reputação institucional. Nesse mesmo período, continuou atuando junto à ABRP-SP e se registrou ao Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas - Conrerp SP/PR.

Em 1987, Maria Aparecida Ferrari é convidada pela Prof^a Dra. Margarida M. K. Kunsch para assumir algumas disciplinas no curso de Relações Públicas do Instituto Metodista de Ensino Superior. Em 1989, Maria Aparecida inicia seu Mestrado na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP sob orientação do Prof. Dr. Cândido Teobaldo de Souza Andrade, trabalhando o tema sobre o processo de Relações Públicas em organizações sem ânimo de lucro, tendo o SENAI-SP como objeto de estudo, e o finaliza em 1993.

Do ponto de vista pessoal e profissional, a experiência intercultural sempre fez parte de sua vida com profundas implicações em sua produção como pesquisadora. Assim, em janeiro de 1992, Maria

Aparecida solicita afastamento sem vencimentos do Senai-SP, e também do Instituto Metodista de Ensino Superior, no qual já lecionava há cinco anos, e passa a viver em Santiago no Chile. Em abril daquele mesmo ano, ela é contratada para ser professora do primeiro curso universitário da Universidad de Viña del Mar. Ela se torna a primeira professora com formação na área de Relações Públicas na história do Chile.

A vivência de 1992 a 1996 em que a docente e pesquisadora se estabelece no Chile foi marcante, uma vez que foram anos de uma experiência intercultural e profunda imersão, permitindo-lhe compreender as relações sociopolíticas e culturais da sociedade chilena, muito sensíveis à longa ditadura militar de Pinochet e suas consequências.

Como dito antes, Maria Aparecida vivenciou um período de intensas atividades no Chile. Trabalhou junto à Bárbara Délano na Agência Santa Bárbara Relaciones Públicas y Publicidad, com a qual realizou diversos eventos internacionais envolvendo os presidentes do Chile e da Argentina, e também encontros comerciais com embaixadores e cônsules de vários países. Além disso, também trabalhou no Centro de Extensión de la Pontificia Universidad Católica de Chile, no qual organizava cursos de extensão na área de RP para executivos do mercado.

Com toda essa experiência profissional e vivência, Maria Aparecida e Bárbara Délano organizam um seminário internacional para executivos e pesquisadores de Relações Públicas em 1993 com o Prof. Otto Lerbinger, Ph.D. da Boston University, Estados Unidos. É neste momento que a pesquisadora tem seu primeiro contato com o Prof. James Grunig da Universidade de Maryland. No ano seguinte, realizam um novo seminário internacional contando com a presença do

Prof. Melvin Sharpe, Ph.D. da Ball State University. Hoje, observa-se que estes dois eventos foram fundamentais para ampliar a compreensão mais precisa entre as Relações Públicas táticas e as Relações Públicas estratégicas desenvolvidas no Chile. Entre 1994 a 1996, Maria Aparecida continua a atuar na Universidad de Viña del Mar, na Pontificia Universidad Católica de Chile e inicia aulas no curso de Relações Públicas da Universidad del Pacífico em Santiago.

A aproximação com os trabalhos do Prof. James Grunig contribuiu para que a pesquisadora começasse a pensar em seu futuro projeto de doutorado, e assim iniciou leituras mais direcionadas com essa finalidade. Assim, com o objetivo de iniciar seu doutoramento, Maria Aparecida e seu esposo retornam ao Brasil em 1996. Foi uma decisão difícil devido aos laços profissionais e pessoais consolidados no Chile. Porém, não havia um programa de doutorado na área de Relações Públicas no país, o que a fez decidir retornar ao Brasil.

Maria Aparecida participa do processo seletivo no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP e é aprovada para ser orientanda da Prof^a Margarida Kunsch em 1997. Concomitantemente ao início das aulas do doutorado, ela também passa a colaborar com as professoras Margarida e Sidinéia Gomes Freitas em algumas disciplinas da graduação no curso de Relações Públicas da ECA/USP. Durante os quatro anos de doutorado, Maria Aparecida foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o que a permitiu desenvolver dedicação integral à pesquisa, que tinha como proposta um estudo comparativo entre as práticas de Relações Públicas em organizações brasileiras e chilenas envolvendo conteúdos de gestão, cultura e comunicação. O objetivo era avaliar de que modo os valores organizacionais podiam influenciar

as práticas das Relações Públicas em organizações de ambos os países. O tema original partia do referencial teórico dos trabalhos de James Grunig e sua equipe de pesquisadores em torno da discussão sobre as tipologias dos modelos de práticas de RP. Mais tarde se ampliou para a Teoria Geral de Relações Públicas.

Simultaneamente a esse debate teórico-prático, outro referencial relevante para a pesquisa doutoral foi a questão da cultura nacional e sua relação com a cultura das organizações como um elemento central para compreender a dinâmica organizacional e seus valores. Acionando sua formação em Ciências Sociais, a pesquisadora pôde relacionar elementos teórico-práticos que evidenciam uma visão crítica do contexto, visibilizando suas implicações em normas, diretrizes, ritos e mitos nas organizações.

Em maio de 1998, Maria Aparecida realiza uma viagem aos Estados Unidos para conhecer pessoalmente o Prof. James Grunig e para discutir com ele os propósitos de sua tese doutoral. Esse contato foi muito produtivo e ela retorna com muito material para a pesquisa. Logo, a pesquisadora passou um mês no Chile realizando 26 entrevistas com executivos chilenos, e em 1999 realiza 44 entrevistas com executivos brasileiros. Na sequência, Maria Aparecida passa pelo processo de qualificação e retorno aos Estados Unidos para acompanhar as aulas e terminar as análises das entrevistas com o Prof. James Grunig na universidade de Maryland.

Em 1999, a Prof^a Dra. Margarida Kunsch criou o curso de Pós-graduação Lato Sensu de Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Gestcorp) ligado à ECA/USP, e Maria Aparecida é convidada a participar do corpo docente logo na primeira turma e segue até hoje. São mais de 100 monografias

de conclusão de curso orientadas, que sinalizam o compromisso da pesquisadora com a formação de profissionais, pesquisadoras e pesquisadores da área de Relações Públicas e Comunicação Organizacional.

Em 2000, Maria Aparecida defende sua tese doutoral e, simultaneamente, presta concurso para professora assistente em regime RTC na ECA/USP e é aprovada. Naquele mesmo ano, foi convidada a coordenar o curso de Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo. Ao mesmo tempo, o Prof. James Grunig visita o Brasil participando como conferencista principal no Congresso Internacional da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje).

Apesar de atuante no Brasil, desde 1998, Maria Aparecida é sempre convidada a ministrar cursos, participar de eventos internacionais, bancas de mestrado ou doutorado em países, como Chile, Colômbia, Perú, Bolívia, Equador, entre outros. Essa realidade revela a manutenção dos laços consolidados no exterior, e o sério legado do trabalho intelectual que mantém.

Em 2003 forma chapa Abertura para concorrer às eleições da nova gestão do CONRERP SP/PR e vence. Entre 2001 a 2008 foi diretora da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo. Entre 2005 a 2010, Maria Aparecida é convidada a fazer parte do corpo docente do Programa de Doutorado Virtual da Universidad San Martín de Porres, em Lima, Perú. Em 2010 começa a ministrar a disciplina Seminario de Relaciones Públicas no curso de Especialização na Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia. Entre 2011 e 2013 ministrou vários seminários de Relações Públicas, na Universidad Técnica Profesional de Loja, no Equador. De 2014 até o momento participa como professora convidada no mestrado em Comunicación Estratégica da Universidad de

La Sabana e, a partir de 2020 passa a integrar o quadro docente no mestrado em Relações Públicas da Universidad del Norte, Barranquilla, ambas na Colômbia.

Além disso, Maria Aparecida teve a oportunidade de acompanhar importantes congressos internacionais de Relações Públicas, tais como o que se realiza em Bled, na Eslovenia em 2002, 2008 e 2011. Em 2013 e 2015 participou do Congresso Internacional de Responsabilidade Social Corporativa na Eslovenia, Dinamarca e Holanda.

Como consequência de sua participação nesses grandes eventos, Maria Aparecida foi convidada a publicar em importantes obras da área de Relações Públicas, tais como: na obra *The Global Public Relations Handbook: theory, research and practice*, com o capítulo “*Public Relations in Chile: searching for identity amid imported models*” em 2003 e, em 2009, a nova edição do *The Global Public Relations Handbook – theory, research and practice*, com os capítulos “*Overview of Public Relations in South America*” e “*Public Relation in Chile: searching for identity amid imported models*”; ambos os livros foram publicados pelas editoras Lawrence Erlbaum e Rotledge, respectivamente sediadas nos Estados Unidos.

Outro importante obra de referência na trajetória profissional de Maria Aparecida Ferrari é o lançamento do livro “*Relações Públicas: teoria, contexto e relacionamento*”, que escreveu em co-autoria com James Grunig e Fábio França, produzido pela Editora Difusão e publicado em 2009.

A partir de janeiro de 2010, Maria Aparecida se desliga da Universidade Metodista de São Paulo e se torna professora em regime RDIDP na USP, momento em que passa a integrar o Programa de Pós-Graduação da ECA/USP. Até o presente, concluiu a orientação de

18 dissertações de mestrado, sendo três no Equador e duas na Colômbia e sete teses de doutorado, sendo uma no Peru e outra na Argentina.

Em 2011, diante das audiências latinas às quais interagiu, a pesquisadora decide publicar um livro em espanhol: “*Relaciones Públicas: naturaleza, función y gestión de las organizaciones contemporáneas*”, em co-autoria com Fábio França, pela editora La Crujía, Buenos Aires, Argentina. Em seguida, em 2012 foi publicado o livro “*Gestión de Relaciones Públicas para el éxito de las organizaciones*”, pela editora da Universidad San Martín de Porres, Lima, Peru, também em co-autoria de Fábio França, um amigo de percurso e de proficuas reflexões intelectuais ao longo dos anos.

Além disso, Maria Aparecida tem sido organizadora de importantes dossiês temáticos de periódicos, como a Revista *Organicom*, tais como: o dossiê 16 e 17 “*Comunicação e Saúde*” em 2012; o dossiê 21 “*Interculturalidade e Organizações*” em 2014; o dossiê 28 “*Comunicação, Violência Organizacional e Estudos para Paz*” em 2018 junto à pesquisadora Raquel Cabral; o dossiê 32 “*Formação de professores e práticas pedagógicas emergentes na área da Comunicação*” em 2020 junto à pesquisadora Juliane Martins; e os dossiês 40 e 41 “*Mulheres e Feminismos*” junto à Sheila Prado em 2022 e 2023.

Entre 2008 a 2014 ocupou cargos na Diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Abrapcorp), e desde 2019 é coordenadora do GT 5 – Comunicação Intercultural e Interseccionalidades do Congresso Abrapcorp junto com Raquel Cabral.

Desde 2019 é coordenadora do Colóquio Acadêmico da Abrapcorp, espaço qualificado para coordenadores e professores dos cursos de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, com o

objetivo de refletir sobre o cenário educacional contemporâneo, perfis docentes e discentes, além do processo ensino-aprendizagem.

Nos VII e VIII Congressos da Abrapcorp foi responsável pela coordenação dos livros em parceria com Claudia Peixoto Moura, sob o título “*A Pesquisa em Comunicação Organizacional e Relações Públicas: metodologias entre a tradição e a inovação*”, publicado pela editora EDIPUCRS, em 2014; e o livro “*Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade*”, também publicado pela EDIPUCRS, em 2015.

De 2009 a 2014, com o financiamento da IABC Foundation – Fundação da Associação Internacional de Comunicadores de Empresas, participou do projeto “*Study on communication department design and effectiveness*”. Aplicada nos cinco continentes simultaneamente, a pesquisa tratou de averiguar se as estruturas organizacionais influíam ou não no processo de comunicação das organizações. O grupo foi formado por cinco pesquisadores de países como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. Maria Aparecida representava o Brasil e a América Latina na pesquisa.

Em 2017 se tornou Livre-docente em “Relações Públicas: pressupostos teóricos e históricos” pela USP. Atualmente, lidera o grupo de pesquisa CNPQ “Diversidades, interculturalidade, comunicação e linguagens culturais (Dicult)”. Durante toda sua trajetória até a atualidade, e tendo em vista sua vivência intercultural que a aproximou de várias realidades socioculturais e políticas, e ampliou seu olhar para fenômenos sociais e organizacionais em distintos contextos culturais, Maria Aparecida tem se dedicado à pesquisa e produção de livros e artigos relacionados a temas, tais como: o ensino-aprendizagem em Relações Públicas, comunicação intercultural, a gestão da diversidade

nas organizações, entre outros. Atuou e ainda atua na formação de vários profissionais, professores, pesquisadoras e pesquisadores da área no Brasil e América Latina, e tem contribuído substancialmente com pesquisas relacionadas à área de RP na intersecção entre culturas, modelos de gestão nas organizações e interseccionalidades. Sem dúvida, se trata de um legado intelectual essencial para pensar as Relações Públicas a partir das distintas culturas de nossa região latino-americana, portanto, fundamental para a consolidação da área no Brasil e América Latina.

Sobre a autoria da bionota:

Raquel Cabral

Pesquisadora e professora da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Brasil. Pesquisadora externa do Instituto de Desarrollo Social y Paz (Iudesp) da Universitat Jaume I e Universitat de Alicante (Espanha). É coordenadora da Rede Temática de Extensão Unesp Agenda 2030. E-mail: raquel.cabral@unesp.br

MARIA CLOTILDE PEREZ RODRIGUES

por Daniela Osvald Ramos

O nome Clotilde tem origem germânica (*Chlodhilde*), foi posteriormente vertido para a versão em espanhol (Clotilde), e carrega significados facilmente identificáveis na trajetória de Clotilde Perez no campo da Comunicação no Brasil: *hluot* (glória, fama) e *hild* (batalha, combate), podendo ser entendido como “sucesso no combate”. No caso, o bom combate da consolidação de um campo inovador na Comunicação brasileira, o da pesquisa em Consumo na área de Publicidade e Propaganda, com articulações teóricas fundamentadas na Semiótica de Charles Sanders Peirce, na Antropologia e, mais recentemente, na Psicanálise.

Filha de imigrantes espanhóis que vieram de Santiago de Compostela, Galícia, para São Paulo, em busca de melhores condições de vida ao fim da Segunda Guerra Mundial, o valor e o respeito ao trabalho foram transmitidos por seus pais, Agustin Perez Magariños e Carmen Rodriguez (o sobrenome foi aportuguesado no Brasil, grafado erroneamente com S).

Aluna de escolas públicas, Clotilde se formou em Magistério, mas não se via dando aulas para crianças. Ingressou no curso

de Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no mesmo ano que entrou em seu primeiro emprego, no Banco Francês, podendo então arcar com os custos da graduação. Permaneceu por dez anos neste emprego, e sua área de atuação era o Marketing. Assim, a perspectiva da comunicação está presente desde o início da vida adulta, e continuou durante o Mestrado, também na PUC, onde vivenciou um ambiente humanista, reflexivo e comunitário, o que ajudou a consolidar sua formação política de esquerda. Um dos fatos marcantes neste período foi o velório de Paulo Freire no teatro da PUC, que era então professor nesta instituição, em 1997.

No primeiro ano do mestrado, que foi na área de Administração, mas sempre com foco em Publicidade e Propaganda (PP) e Marketing, Clotilde iniciou também sua carreira docente, e ingressou como Professora Auxiliar com aulas de Marketing para os cursos de PP e Administração. A primeira virada de chave teórica da sua carreira acadêmica se deu na continuidade para o Doutorado, quando percebeu que os recursos do campo no qual estava haviam se esgotado para sua inclinação em se aprofundar nas experiências adquiridas no mercado e na academia. Foi assim que chegou à Semiótica, sendo orientada pela papisa da área da tradição peirceana, Lucia Santaella. Neste momento, entendeu que o caminho era mesmo o de ser pesquisadora.

A defesa da tese foi em novembro de 2001, e em setembro de 2002 ingressou por concurso público na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no Departamento de Publicidade, Relações Públicas e Turismo. Em 2003, decidida a continuar como pesquisadora, enviou projeto de pesquisa para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA, na época em reestruturação. Intitulado “Desenvolvimento de metodologias para

análise das expressões de Marca”, oxigenou o programa, assim como a oferta do primeiro curso, “Semiótica das expressividades da marca”, oferecido em 2004, iniciando a fundação do estudo de Publicidade, Marca e Consumo a partir da semiótica peirceana, associação ainda inédita na ECA.

Coordenadora deste mesmo PPGCOM de 2021 até o momento em que esta bionota é redigida, em 2023, quando já alcança a marca de formação de 31 mestres e 11 doutores, Clotilde passou por diversos cargos de gestão na ECA, como membro, vice-presidente e presidente de comissões, tendo sido também chefe de departamento, de 2017 a 2021. Seu engajamento nas questões administrativas de uma universidade pública não impediu que, também em 2023, pedisse a renovação da bolsa de Produtividade 2 do CNPq – e por que cito estes fatos no mesmo parágrafo como se fossem impeditivos um do outro? Quem conhece a estrutura da gestão pública sabe o quanto estas tarefas demandam tempo, paciência e comprometimento, tanto quanto uma trajetória de pesquisa acadêmica. Assim, o envolvimento na gestão para o coletivo anda lado a lado em sua trajetória uspiana. Em 2007, fez o concurso interno para a livre docência. Diferente das universidades federais, na USP a LD é um concurso do mesmo porte do de ingresso. É preciso compor uma banca, apresentar memorial, redigir uma nova tese ou uma sistematização da produção acadêmica e passar por uma prova. Fez outro concurso interno em 2017, para Professora Titular em Publicidade e Semiótica. Novamente, a distribuição de vagas para professores titulares na USP é diferente das outras universidades públicas. Nem todos chegarão nesta progressão da carreira, o que confere ainda mais mérito ao posto.

Nos anos seguintes à livre docência, continuou sua formação de pesquisa em uma sequência de três pós-doutorados. De 2008 a

2009, na Universidad de Murcia, Espanha, com bolsa da Fundacion Carolina, em Ciências Sociais Aplicadas e Publicidade. Em 2010 e 2011, na Universidade Católica Portuguesa, Porto, também nestas áreas; e em 2013, na Stanford University, nos Estados Unidos, em *Design Thinking*. Neste último pós-doc, buscava entender com mais subsídio o pensamento por trás da criatividade empreendedora popular brasileira, pois fazia nesta época uma pesquisa com imersão etnográfica em várias regiões do Brasil para entrevistar e conhecer locais e pessoas que vivessem de soluções inovadoras para sua subsistência. No entanto, a experiência na América do Norte revelou o rolê ou giro epistemológico (Rufino, 2019) que o colonizador não conseguiu fazer ao apresentar soluções analíticas que não contemplavam a realidade de sua pesquisa.

As experiências consolidaram não só suas pesquisas na área da Publicidade e Consumo, como também a abordagem antroposemiótica, já que neste momento já tinha incorporado a Antropologia Visual (em curso de extensão de 2003 a 2004 na Universidade Aberta do Porto, Portugal) e o método etnográfico de pesquisa. Os resultados e o processo do(s) pós-doc(s) articularam também parcerias com uma rede de pesquisadores ibéricos que se consolidou ao longo destes anos, e resultou em convênios de mobilidade internacional para alunos de graduação e pós-graduação da ECA, a criação de um Master em Tendencias Socioculturales, na Espanha e a participação em projetos de formação da Universidade Católica Portuguesa (UCP). A atuação desta rede, aliada a universidades e pesquisadores de outros países da América Latina, como Chile, Peru e Argentina, culminou, entre outros projetos, publicações e pesquisas, na criação do *Observatorio de la Pandemia*, em 2020, no qual a rede analisou como as marcas se

manifestaram durante o marco da pandemia de Covid19; no Brasil, com acesso ao Arquivo da Propaganda, a amostra empírica foi de 2.500 anúncios.

No Brasil, a consolidação do campo de pesquisa da área de PP e Consumo se deu ao longo de anos com a criação e coordenação do Grupo de Pesquisa Publicidade e Propaganda, no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, o Intercom, maior evento científico do campo no país e participação na criação e coordenação do Grupo de Trabalho Consumos e Processos de Comunicação da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, a Compós. Além destas importantes entidades de produção e circulação de pesquisa, Perez, em conjunto com Eneus Trindade, também da ECA, fundou em 2007 a Associação Brasileira dos Pesquisadores em Publicidade e Propaganda (ABP2), o Grupo de Estudos em Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo (GESC3) e a revista *Signos do Consumo*, uma composição estratégica triádica de produção e circulação de pesquisa.

Entre o diálogo constante com a academia e o mercado, foi fundadora da Casa Semio (<http://casasemio.com.br/new/>), em 2015, que aplica a Semiótica às relações entre marcas e pessoas, consolidando uma prática de quase duas décadas. Tem clientes de diferentes segmentos, como o automobilístico, supermercados, empresas de mídia, entre outros. É um caso raro de união entre semiótica, uma filosofia da linguagem que pode ser incompreendida por ser “muita teórica” e aparentemente isolada das interfaces práticas, com seu aparente oposto, o mercado de bens simbólicos. Uma inovação de mercado, e também acadêmica, pois promove o intercâmbio entre o que seria um conhecimento restrito de forma mais ampla, cumprindo também

o papel da divulgação científica. Foi na Casa Semio que Clotilde iniciou também uma formação em Psicanálise, em conjunto com o grupo Associação Livre SP, por perceber que o consumo envolve não só dimensões práticas e visíveis (como valor de compra, o produto em si, tendências), mas também a dimensão inconsciente da formação do desejo.

Caminhando pela Comunicação e PP, Consumo, Semiótica, Antropologia, Psicanálise, sua pesquisa se desenvolveu para o entendimento dos rituais de consumo. Ao contrário de Han (2021), para quem os rituais desapareceram, Clotilde aponta para um ritual bastante presente do dia a dia de milhares de pessoas: os rituais de consumo. Pegou o celular e sentou no sofá para espairecer depois de horas no computador? Lembre da cena e visualize se não há um ritual de consumo de aplicativos, e em que ordem isso acontece. Nos artigos “A mediação algorítmica nos rituais de consumo e a criatividade programada na cultura sneaker” (2022) e “Os rituais do brincar midiaticizado: uma reflexão sobre a articulação de sentidos na produção e no consumo no brincar online da criança conectada” (2021), e no livro “*Há limites para o consumo?*” (2020), fica claro que sim, os rituais resistem, mas mudaram. Outros temas de consumo, como moda e a publicidade de causas sociais permeiam os últimos artigos completos publicados em periódicos. O livro mais recente da pesquisadora, “Charles Sanders Peirce - A Fixação da Crença”, da Editora Paulus, contribui para o entendimento de fenômenos contemporâneos que vão da desinformação às teorias da conspiração – quais os modos da crença, como elas se fixam e se estabelecem? Como persistem? Perguntas urgentes para as quais este livro nos ajuda, senão a responder, a elaborar.

O pioneirismo de Clotilde está também na área de extensão da USP, especialmente na criação, coordenação e docência de dois cursos de especialização que valem a menção, pois foram produtos também da encruzilhada teórica citada acima. O “MBA Negócios e Estética da Moda” (<https://mbaecausp.com.br/curso-moda/>) é o primeiro curso totalmente à distância, na modalidade Ensino à Distância da ECA, está na segunda edição e atinge 220 alunos no país inteiro, de maneira inclusiva pois chega às áreas mais distantes e distintas deste país continental. “Cultura Material & Consumo, Perspectivas Semiopsicanalíticas” (<https://cmc.eca.usp.br/>) está na sexta edição e oferece aprofundamento teórico, preparando os alunos também para a entrada no *stricto sensu*, se assim o desejarem.

Por falar em desejo, o que nos move? “Do um nasce o dois, do dois nasce o três, e do três nascem as 10 mil coisas”, diz Lao Tsé no Tao Te Ching, ou “O livro do caminho”. No movimento da vida, assim como na Semiótica, as fronteiras se movem e o novo sempre nasce. Evoco a imagem da encruzilhada como “(...) disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção (...)” (Rufino, 2019), como forma de finalizar esta breve narrativa da inspiradora trajetória dos bons combates e esforços constantes na disciplina do trabalho que Clotilde Perez trilhou e continua trilhando.

Sugestões de obras da perfilada:

HELLÍN, Pedro; CONTRERAS, Fernando; PEREZ, Clotilde; ROMERA, César. **Cultura Global Publicitária. Una epistemología visual sobre estética y consumo en la era digital.** Salamanca: Comunicación Social Ediciones, 2023

PEREZ, Clotilde. **Charles Sanders Peirce: a fixação da crença**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2023. 155p.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2020.

PEREZ, Clotilde. **Mascotes, semiótica da vida imaginária**. 1. ed. São Paulo: Cengage, 2011. v. 1. 144p .

PEREZ, Clotilde. **Signos da marca - Expressividade e sensorialidade**. 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2017. 184p .

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Marcelo; PEREZ, Clotilde. Os rituais do brincar midiático: uma reflexão sobre a articulação de sentidos na produção e no consumo no brincar online da criança conectada. **Revista Contracampo**, v. 40, p. 01-15, 2021.

FARIA, Mauricio G.; PEREZ, Clotilde; POMPEU, Bruno. A mediação algorítmica nos rituais de consumo e a criatividade programada na cultura sneaker. **Signos do Consumo**, v. 14, p. 1, 2022.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021.

PEREZ, Clotilde; TRINDADE, Eneus; LOPES, Maria Immacolata Vassallo; OHLSON, Márcia Pinheiro (orgs). **PPGCOM-USP 50 anos: entre o passado e o futuro, nosso percurso.** Barueri (SP): Estação das Letras e Cores, 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos.** Como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2000.

Sobre a autoria da bionota:

Daniela Osvald Ramos

Professora do curso de Educomunicação no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e do Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) na mesma instituição. Coordenadora do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM). E-mail: dramos@usp.br

MARIA CRISTINA CASTILHO COSTA (CRISTINA COSTA)

por Carla de Araujo Risso

Maria Cristina Castilho Costa – ou apenas Cristina Costa, como é mais conhecida, fundadora e membro do Conselho Deliberativo do Núcleo de Apoio à Pesquisa Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura – OBCOM/USP, é referência nos estudos sobre censura e liberdade de expressão no país. Ela também é psicanalista formada pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Psicanálise e atua em clínica psicanalítica.

Nascida na cidade de São Paulo em 19 de dezembro de 1949, é filha do advogado Oswaldo Mariano da Costa e da professora Elza Mariano da Costa. Sua tia, Dra. Lavínia Costa Raymond, formanda da primeira turma da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, foi assistente do Prof. Dr. Roger Bastide e professora de Florestan Fernandes. Lavínia, cujo doutorado teve como objeto o samba rural paulista, foi a inspiração de Cristina para cursar Ciências Sociais e estudar a cultura brasileira. Mais tarde, sua tia ganhou bolsa de estudos nos Estados Unidos, onde se tornou professora na De Paul

University, em Chicago. Em terras norte-americanas casou-se e não voltou mais a morar no Brasil.

Cristina Costa, quando jovem, foi artista plástica e dedicou-se à pintura, desenho, cerâmica e gravura. Esse interesse por artes e narrativas percorreu intensamente suas pesquisas.

Em 1973, graduou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Iniciou a pós-graduação nessa mesma Universidade mas, depois, transferiu-se para a renomeada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – a sucessora da antiga FFCL onde sua tia havia se formado. Na FFLCH, Cristina concluiu o mestrado em Antropologia com a dissertação “O retrato feminino na Pintura Brasileira – do realismo ao romantismo – análise estética e sociológica”, em 1985. O doutorado foi defendido no mesmo programa, em 1990, com a tese “A pintura do Barroco Mineiro – mitos e história”.

Durante o período da pós-graduação, ela fez parte do Centro de Estudos de Sociologia da Arte na mesma faculdade, onde atuou em inúmeros seminários e cursos com professores como Rui Galvão de Andrada Coelho, Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, Timochenko Wehbi, Lisbeth Rebollo Gonçalves, Dilma de Mello e Silva, entre outros. A convivência com nomes emblemáticos da pesquisa voltada à cultura brasileira acabou por pavimentar o caminho que Cristina Costa trilharia nos anos seguintes.

Fora da vida acadêmica, Cristina Costa manteve atividades intensas. Trabalhou por cinco anos no então Instituto Cultural Itaú, tendo chegado a ser Superintendente Cultural – a primeira mulher a ocupar esse cargo no grupo Itaúsa. Entre 1994 e 1995, ela foi assessora especial da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, sob a

administração de Ricardo Ohtake, sendo a responsável por auxiliá-lo na municipalização dos museus do Estado.

Em 1996, foi aprovada em concurso público para lecionar na Escola de Comunicações e Artes da USP, em regime de RDIDP, com dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa. Lá, ela logo passou a fazer parte do Centro de Estudos de Telenovela – um dos principais centros brasileiros de pesquisa sobre teledramaturgia –, tendo defendido sua Livre-Docência – “O gancho da telenovela – análise estética e sociológica”, em 1997. Na ECA, ela foi diversas vezes vice-chefe de Departamento, editora da revista Comunicação e Educação, coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu Gestão de Processos Comunicacionais e presidente da Comissão de Pesquisa da unidade.

No ano 2000, como Presidente da Comissão de Biblioteca da ECA, tornou-se responsável pelo arquivo organizado inicialmente pelo pesquisador e professor Miroel Silveira, composto por 6137 processos de censura prévia ao teatro em São Paulo, originados do Serviço de Censura do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo (DDP-SP), que atuou durante 40 anos nas atividades culturais do Estado de São Paulo. A partir deste material, que estava sob a guarda da biblioteca, surgiu o Projeto Temático ‘Comunicação e Censura: análise teórica e documental de processos censórios a partir do Arquivo Miroel Silveira da biblioteca da ECA/USP’, iniciado em 2009 com financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Cristina Costa formou um grupo de estudos que trabalhou com essa documentação até 2020. Em reconhecimento ao trabalho desenvolvido pelos pesquisadores do Arquivo Miroel Silveira, o NPCC – Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Censura foi institucionalizado em agosto de 2009.

Resultado de dez anos de pesquisa do antigo NPCC, o Núcleo de Apoio à Pesquisa Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura – Obcom-USP foi esquematizado e fundado por Cristina em agosto de 2012 com a intenção de mapear as formas de censura existentes na sociedade – registrar, classificar, interpretar, estudar e analisar os recursos contemporâneos de controle e cerceamento da informação e da produção simbólica.

Professora titular em Comunicação e Cultura da ECA-USP, Cristina fez dois Pós-Doutoramentos: na Universidade de Coimbra e no Centro de Investigação Media e Jornalismo – CIMJ – de Lisboa (Portugal), sediado na Universidade Nova de Lisboa, analisando comparativamente os documentos de processos censórios criados no período ditatorial de Getúlio Vargas, no Brasil, e Antonio de Oliveira Salazar em Portugal.

Aposentou-se em 2020 e é Professora Sênior do Departamento de Comunicações e Artes da USP desde 2021. Tem Bolsa de Produtividade em Pesquisa desde 2008 e sua atual pesquisa, já em andamento – que deverá se encerrar em 2025 – se intitula “Educomunicação – a arte e o saber – Estudo das manifestações da ciência sobre a arte e da arte sobre a educação”.

Sugestões de obras da perfilada:

COSTA, Cristina. **Arte: resistências e rupturas**. São Paulo: Moderna, 1998. 103p.

COSTA, Cristina. **Caminhando contra o vento**. Uma adolescente nos anos 60. São Paulo: Moderna, 1995. 1a ed. 126p.

COSTA, Cristina. **Censura em cena.** São Paulo: EDUSP/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2006. 296p.

COSTA, Cristina. **Democracia.** São Paulo: Global, 1986. 96p.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias.** São Paulo: Cortez, 2005. 1a ed. 198p.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias.** São Paulo: Cortez, 2013. 2a ed. 208p.

COSTA, Cristina. **Ficção, comunicação e mídias.** São Paulo: SENAC, 2002. 128p.

COSTA, Cristina. **Os grilos da galera.** São Paulo: Moderna, 1996. 1a ed. 248p.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher** – um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: SENAC RIO, 2002. 200p.

COSTA, Cristina. **Leituras e Releituras.** Sete peças vetadas pela censura, lidas e analisadas na atualidade. São Paulo: Palavra Aberta, 157p.

COSTA, Cristina. **Liberdade de expressão e seus limites.** São Paulo: OBCOM/Palavra Aberta, 2015. 192p.

COSTA, Cristina. **Luto, ritos e memória**. Belo Horizonte: Artesã, 2019. 139p.

COSTA, Cristina. **A milésima segunda noite**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000. 227p.

COSTA, Cristina. **Questões de arte**. São Paulo: Moderna, 1a ed. 1999. 111p.

COSTA, Cristina. **Questões de arte**. São Paulo: Moderna, 2004. 2a ed. 248p.

COSTA, Cristina. **Sociologia**. Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1987. 1a ed. 248p.

COSTA, Cristina. **Sociologia**. Introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 2016. 5a ed. 544p.

COSTA, Cristina. **Sociologia**. Questões da atualidade. São Paulo: Moderna, 2010. 216p

COSTA, Cristina. **Teatro e Censura** – Vargas e Salazar. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2010. 216p.

Livros organizados:

COSTA, Cristina (org). **Censura em debate**. São Paulo: ECA/USP, 2014. 224p.

COSTA, Cristina (org). **Censura e Liberdade de Expressão.** Brasil e Portugal São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/ USP, 2014. 184p.

COSTA, Cristina(org). **Censura, repressão e resistência no teatro brasileiro.** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008. 145p.

COSTA, Cristina (org). **Comunicação e censura.** O circo-teatro. São Paulo: Terceira Margem, 2006. 244p.

COSTA, Cristina (org). **Comunicação, mídias e liberdade de expressão.** São Paulo: INTERCOM, 2013. 471p.

COSTA, Cristina; BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Gestão da comunicação.** São Paulo: Paulinas, 2009. 222p.

COSTA, Cristina; BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Gestão da comunicação.** Projetos de intervenção. São Paulo: Paulinas, 2009. 238p.

COSTA, Cristina (org). **Gestão da comunicação.** Terceiro Setor, Organizações não-governamentais, responsabilidade social e novas formas de cidadania. São Paulo: Atlas, 2006. 102p.

COSTA, Maria Cristina Castilho (org). **Liberdade e interdição:** pontos de vista. São Paulo: ECA-USP, 2016. 223p.

COSTA, Cristina (org). **Privacidade, sigilo e compartilhamento**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2017. 207p.

COSTA, Cristina(org). **Seminários sobre censura**. São Paulo: Balão, 2012. 302p.

COSTA, Cristina (org). **Teatro, comunicação e censura**. São Paulo: Terceira Margem/FAPESP, 2006. 180p.

Sobre a autoria da bionota:

Carla de Araujo Risso

Professora Adjunto IV da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e está vinculada aos Grupos de Pesquisas: Núcleo 3. Grupo de estudo e pesquisa de práticas e de produtos discursivos da cultura midiática e Núcleo de Apoio à Pesquisa - Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da USP (OBCOM). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Design, ambos da Escola de Belas Artes da UFBA. E-mail: comunica@ufba.br

MARIA CRISTINA GOBBI

por Ofélia Torres de Morales

A Consolidadora Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi representa de forma emblemática a força e a determinação da mulher na área da comunicação social brasileira. Livre-docente, professora, pesquisadora e líder de grupos de pesquisa, Cristina integrou de forma harmoniosa seu caminho profissional e sua vida familiar no desenvolvimento de sólida trajetória no campo das ciências da comunicação.

Natural da cidade de São Paulo, SP, Cristina encontra inspiração, determinação e dedicação no apoio da sua família, integrada pela sua mãe, filhos e netos. Sua filha Juliana é jornalista, seguindo caminhos acadêmicos da comunicação na área radiofônica e da pesquisa, sendo Doutora e Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O cerne da questão é a trajetória da Consolidadora Cristina a qual tem como eixo o fortalecimento do campo científico na comunicação a partir da teoria e pesquisa, construindo interfaces para a compreensão do mundo atual, na perspectiva da cidadania e dos laços

de cooperação brasileira principalmente na região latino-americana, da mídia regional e do resgate histórico da comunicação.

Sendo assim, a formação acadêmica de Cristina evidencia o percurso de aprofundamento nas Ciências da Comunicação a partir de sua dedicação nas temáticas escolhidas especialmente no estudo das vertentes latino-americanas e brasileiras da pesquisa nessa área. É Livre-Docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática na América Latina (2014) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Ela concluiu o Pós-doutorado (2008) no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam) da Universidade de São Paulo (USP). Realizou Doutorado em Comunicação Social (2002) pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), com a tese intitulada “Escola Latino-Americana de Comunicação: o legado dos pioneiros”, sob orientação do prof. dr. José Marques de Melo. Finalizou o Mestrado em Comunicação Social (1999) pela mesma instituição, com a dissertação intitulada “Na trilha juvenil da mídia impressa: identificação, perfil e análise dos suplementos para jovens veiculados nos jornais diários do Brasil”, sob orientação do prof. dr. José Marques de Melo. Ela tem graduação em Bacharelado e em Licenciatura Plena na área de Matemática (1986) pelo Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), em São Paulo, Brasil, e dessa forma tem aplicado também esses conhecimentos advindos das ciências exatas como, por exemplo, na pesquisa e na estatística aplicada na área da comunicação social. Sua formação complementar buscando ampliar seus conhecimentos, é contínua e sempre atualizada com cursos em temáticas especializadas.

A atuação profissional da Cristina na Comunicação Social é abrangente já que atua com dinamismo como docente universitária, pesquisadora, coordenadora de projetos, conselheira editorial, consultora, líder de grupos de pesquisa, integrando associações brasileiras e latino-americanas, entre outras atividades.

Por um lado, na área da docência na graduação Cristina ministrou disciplinas em reconhecidas instituições particulares e universidade pública no estado de São Paulo. Como docente, iniciou sua carreira em 1987, nas cidades de Santo André e São Bernardo do Campo (SP), ministrando aulas como professora relacionadas à sua formação em Matemática como Processamento de Dados, Lógica e Linguagem de programação.

A partir de 1998, Cristina inicia seus caminhos na docência na área da Comunicação Social, com 25 anos de dedicada e próspera trajetória tendo ministrado disciplinas em graduação, especialização e cursos de pós-graduação como Doutorado e Mestrado.

Na Universidade Metodista de São Paulo (1998-2010) foi professora nas áreas do jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas e comunicação mercadológica ministrando disciplinas na graduação e na pós graduação Lato Sensu tais como: Estatística Aplicada; Metodologia da Pesquisa; Pesquisa de Mercado; Metodologia dos Projetos Experimentais; Pesquisa em Comunicação; Teorias da Comunicação e Teoria da Opinião Pública. Foi coordenadora dos Projetos Experimentais do curso de jornalismo, também coordenando as monografias do curso (2000-2005) e realizou atividades de extensão no Núcleo de Educação a Distância, cursos de especialização em docência do ensino superior, treinamentos, entre outros.

Foi docente em outras instituições particulares tais como: Centro Universitário Alcântara Machado (Unifiam) (2002), Faculdade Editora Nacional, Faenac (2003), Universidade Católica de Santos, Unisantos (2003), Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, Unipac (2006) e na Universidade de Sorocaba, Uniso (2010).

Na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do Campus Bauru, SP (2008 - Atual), Cristina ministra aulas na graduação, especialização e na pós-graduação no Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e em Mídia e Tecnologia. As disciplinas que ministra para alunos em graduação são nas áreas da pesquisa em comunicação e jornalismo, história da comunicação e do jornalismo como evidenciam as disciplinas ministradas como Métodos de Pesquisa em Jornalismo; Pensamento Jornalístico na América Latina; História do Jornalismo; Teorias da Comunicação; Teorias do Jornalismo; Projeto Experimental e Estágio Curricular; História da Comunicação; Metodologia da Pesquisa em Comunicação; Teoria e Métodos da Pesquisa em Comunicação e Planejamento de Projetos (turma de Relações Públicas).

No Programa de Pós-graduação em Comunicação/Unesp (Mestrado e Doutorado) e no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia PPGMiT/Unesp, ela ministra disciplinas como Pesquisa em Mídia e Tecnologia: procedimentos e técnicas; Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas; Pesquisa aplicada: aspectos críticos, quanti e qualitativos; Teorias da Comunicação; Metodologia da Pesquisa em Comunicação; Teorias da Comunicação; Conhecimento, Informação e Inovações Tecnológicas e desenvolve projetos de pesquisa vinculados.

A sua trajetória na docência abrange não somente aulas mas também a orientação de acadêmicos de graduação e pós graduação nos seus trabalhos de conclusão de curso e de especialização, nas suas dissertações de mestrado e teses de doutorado, sendo uma professora e orientadora sempre presente no acompanhamento dos seus orientados. Com dedicação, incentivo e determinação para com seus alunos, ela indica leituras e bibliografias adequadas para o desenvolvimento das pesquisas, sendo inspiração para que muitos dos seus orientandos trilhem caminhos na academia, continuando mestrados e doutorados, inclusive tendo sido homenageada como paraninfa de turma. Outrossim, acompanhou como supervisora a doutores nos seus projetos de Pós Doutorado, no âmbito do Programa Nacional de Pós Doutorado na Pós-Graduação em Comunicação da Unesp e na Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (Cátedra Unesco/ Umesp), sempre dialogando, trazendo intercâmbio com pontos de vista inovadores que acrescentassem nas pesquisas em desenvolvimento.

Além disso, como professora concursada na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp (2008 - Atual), Cristina desenvolveu atividades como Chefa do Departamento de Jornalismo (2024-2026) e do Departamento de Comunicação Social (2017-2019) e é professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCom) e em Mídia e Tecnologia (PPGMiT). Foi vice-coordenadora (2009-2017) e professora do mestrado profissional (2009-2019) sendo que, a partir de 2017, é professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia PPGMiT/Unesp (doutorado acadêmico). É membro da Comissão Administrativa, Representação docente do Conselho, Representante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, integrante da Congregação, da Comissão

Permanente de Ensino e do Comitê de Ética da Pesquisa da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC). Na área de extensão universitária, ela coordena o acervo audiovisual do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) da FAAC-Unesp (2016) e, também, participa da Empresa Júnior de Engenharia e Arquitetura da Unesp de Bauru - divisão de Comunicação (2019).

Sua dedicação na atuação como docente trouxe o seu espírito de desenvolvimento de projetos de pesquisa nas Ciências da Comunicação especialmente nas áreas de História da Comunicação e da Cultura Midiática, História e Memória (Comunicação); Comunicação Latino-Americana; Culturas Juvenis; Cultura Popular; Diversidade Cultural; Gênero; Perfis midiáticos-culturais (instituições e personalidades); Teorias da Comunicação e da Cultura na América Latina; Jornalismo e suas nuances sociais e tecnológicas na América Latina. Cristina desenvolve linhas de pesquisa nas áreas de Estudos de Comunicação e Identidades Midiático-Culturais na América Latina: condicionantes e perspectivas, uma perspectiva exploratória; Pensamento comunicacional brasileiro; Gestão e Políticas de Informação e da Comunicação Midiática; Processos Midiáticos e Práticas Socioculturais; Comunicação Cidadã nos espaços situados em Regiões Midiáticas; Gestão da Informação e Comunicação para Televisão Digital; Pesquisa Ecologia da Mídia: Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social; Ambientes de Mídia e Tecnologias Midiáticas. Da mesma forma, Cristina continua nas atividades de pesquisa na Rede Latino-Americana de Cátedras e Observatórios de Comunicação e Informação para a cidadania e para a cultura (2022) e desenvolve seu projeto de pesquisa intitulado “Do silenciamento à palavra: a presença da mulher nos estudos em comunicação na América Latina e a Agenda 2030” (2022).

Por outro lado, com atuante desenvolvimento de pesquisas e projetos, Cristina é Bolsista de Produtividade em Pesquisa - Nível 2, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), devido a sua significativa produção teórica evidenciada em inúmeras publicações como artigos, livros, capítulos de livros, entre outros, assim como cooperação e parcerias em projetos de pesquisa. Ela é coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) do CNPq e atualmente é bolsista Fapesp (2023-2025) com o projeto Enciclopédia Digital do Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) - Seção MULHERES na Comunicação. Também foi bolsista do Instituto de Pesquisa Aplicada – IPEA (2010-2013), sendo bolsista responsável pela pesquisa “Panorama das Comunicações e Telecomunicações no Brasil 2011”. Foi avaliadora e consultora ad-hoc (Institucional e dos Cursos de Comunicação) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação (INEP/MEC).

Além disso, Cristina é membro de corpo editorial de diversas revistas brasileiras e latino-americanas, sendo sócia de entidades relacionadas à comunicação social como Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Da mesma forma, a partir de 2008 integrou-se à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - (Intercom), uma das instituições mais antigas (1977) e sólidas na área da Comunicação no país já que foi Diretora de Documentação (2008 – 2011) e membro do Conselho Fiscal (2017 – 2019) desta entidade, tendo coordenado grupos de trabalho temáticos e realizado diversas ações de divulgação do campo científico da comunicação. Foi Diretora Administrativa (gestão 2013-2016) da Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de

Comunicação (Socicom) e Diretora-secretária e membro do Conselho Fiscal da Rede Folkcom (2012 – 2018). Presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCom), nas gestões 2019 - 2021 e 2023. É Diretora Administrativa da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic). Integra a Red Iberoamericana de Investigadores en Cultura y conocimiento de los Sistemas Alimentarios (México). Pesquisadora da Rede INCT Caleidoscópio – Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas múltiplas Insurgências, e como pesquisadora associada (coordenadora e integrante o grupo fundador) da Red Latinoamericana de Cátedras y Observatorios de Comunicación e Información, Cultura, Desarrollo Social y Derechos Humanos, congregada pelos países: Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Ecuador, Perú, México. Signatário: Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), com sede em Quito, no Equador. Coordenadora do Grupo 8: Estudos de gênero, democracia e justiça social/Estudios de género, democracia y justicia social do Congreso Internacional Media Ecology and Image Studies (Meistudies) e o Grupo História da Comunicação do Colóquio Internacional Lusofonia em Debate em conjunto com Grupo de estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios (Genem) e a Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal).

As atividades desenvolvidas por Cristina mostram seu dinamismo na construção de pontes acadêmicos assim como contribuindo na formação de redes de colaboração, laços cooperantes e parcerias de pesquisadores e instituições nacionais e estrangeiras da área, não somente universidades, centros de pesquisa e fomento como também

empresas da comunicação do exterior objetivando ampliar a cooperação e intercâmbio de informações, publicações e projetos em comum. Nesse sentido, na Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (Cátedra Unesco/Umesp) sob a inspiração e liderança na direção do professor doutor José Marques de Melo, a participação ativa de Cristina foi relevante já que desenvolveu atividades como Diretora Suplente, atuando na coordenação das Comissões e Consultorias, no Conselho Editorial da publicação do Anuário Unesco e foi Coordenadora de Publicação e Documentação da Cátedra Unesco/Umesp. (1998-2010). Outrossim, destaca-se que a Consolidadora Cristina foi ganhadora do Prêmio Luiz Beltrão - Categoria: Maturidade Acadêmica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2014).

Na sua ampla trajetória no campo da comunicação, Cristina tem extensa e profunda produção como autora de publicações, unindo sua determinação, criatividade, dedicação e curiosidade intelectual para delimitação dos objetos de pesquisa em projetos que reverberam em publicações elucidativas como livros, capítulos de livro, coletâneas, artigos em periódicos científicos, entre outros. Suas principais publicações estão vinculadas ao desenvolvimento de pesquisas como “Escola Latino-Americana de Comunicação: o legado dos pioneiros” (2002), “Mídia Cidadã. Utopia brasileira” (2006), “A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos da Alaic” (2008), “Estudos de Comunicação e Identidades Midiático-Culturais na América Latina: condicionantes e perspectivas” (Pesquisa de livre-docência Faac/Umesp, 2014), entre outras. A partir de 2005, ela tem relevante contribuição no desenvolvimento da “Enciclopédia da Pensamento

Comunicacional Latino-Americano (PCLA)” e a “Seção Mulheres na Comunicação”, atualizada em versão digital (2023).

Recomenda-se as seguintes produções bibliográficas para leitura: GOBBI, Maria Cristina. Do silenciamento à palavra. Mulheres nos estudos em Comunicação na América Latina. 1. ed. Portugal: Ria Editorial, 2023. v. 1. 202p.; GOBBI, Maria Cristina; LARA, Eloína Castro. Voces insurgente del género en América Latina: otra comunicación es posible. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 21, p. 23-25, 2022; PERUZZO, Cicilia M. K.; GOBBI, Maria Cristina Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã - Abpcom. In: DEL BIANCO, Nélia R.; LOPES, Ruy Sardinha. (Org.). O campo da comunicação. Epistemologia e contribuições científicas. 1ed. São Paulo: Socicom, 2020, v. 1, p. 397-414; MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina. Da distopia à utopia Latino Americana: rompendo o silêncio e superando o reboquismo comunicativo: 40 anos da ALAIC. In: Delia Covi Druetta; Gustavo Cimadevilla. (Org.). Del mimeógrafo a las redes digitales. Narrativas, testimonios y análisis del campo comunicacional en el 40 aniversario de ALAIC. 1ed. México: Ediciones La Biblioteca, 2018, v. 1, p. 151-160; ANGELUCI, Alan César Belo; CALIXTO, Gustavo Moreira; BEVILAQUA, Leire Mara; BERNARDINI, Gleice; GOBBI, Maria Cristina. QRcode, hashtag or audio watermark? A case study on second screening. Multimedia Tools and Applications, v. 1, p. 1-16, 2016.

O reconhecimento da pesquisadora Maria Cristina Gobbi como Consolidadora toma como prerrogativa o seu trabalho e determinação pela sua significativa contribuição no campo da comunicação em vários setores como na pesquisa, na docência, na organização e liderança

de equipes, possibilitando parcerias, colaboração e integração entre os pesquisadores brasileiros e do exterior, a partir do crescimento de publicações de trabalhos em comum, e proporcionando resgate da memória e história da comunicação na região latino-americana.

Referência da autora da bionota

A presente Bionota toma como base dados profissionais e bibliográficos da pesquisadora Maria Cristina Gobbi disponibilizados na Plataforma Lattes <http://lattes.cnpq.br/2302756561160804>, na Biblioteca Virtual da Fapesp como Fonte referencial de informação para a Pesquisa Apoiada pela Fapesp <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/92731/maria-cristina-gobbi/>, na rede Orcid - Connecting research and researchers <https://orcid.org/0000-0001-5629-5010> , entre outras.

Sobre a autoria da bionota:

Ofélia Torres de Morales

Pós Doutora pela Cátedra Unesco da Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Doutora em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professora adjunta Nível A na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e no Decom da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

MARIA CRISTINA PALMA MUNGIOLI

por Ligia Prezia Lemos

Maria Cristina Palma Munglioli é professora e pesquisadora com uma trajetória exemplar, filha da dona de casa Maria de Lourdes Garavello Palma e do motorista Ezequiel Palma Peres. Nasceu no dia 11 de dezembro de 1958 na cidade de São Paulo, e é a quinta filha entre sete irmãos. Casou-se em 1981 com Antônio Saverio Rincon Munglioli, engenheiro pela Escola Politécnica da USP, onde, posteriormente obteve o título de doutor em Sistemas de Automação. O casal tem três filhos – Rafael, Daniela e Artur – e quatro netos, Ruth, Cecilia, Julia e Martin.

Cristina começou sua carreira docente quando ainda estava no 2º ano do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. A primeira disciplina que ministrou foi Língua Portuguesa em um curso de Magistério na Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Estava, então, com apenas 19 anos, praticamente a mesma idade de suas alunas, e suas primeiras experiências docentes ainda na faculdade foram fundamentais para sua opção pela carreira de magistério. Concluiu o bacharelado em Alemão e Português em

1980 e a Licenciatura em Português em 1981. A seguir, passou três anos em Grenoble, na França, e, ao retornar ao Brasil, concluiu a Licenciatura de Língua Alemã, em 1986.

Ainda em 1986, prestou concurso para o cargo de Professor III na Rede Estadual de Ensino, porém, logo no ano seguinte pediu exoneração devido a problemas de saúde de um de seus filhos. Apenas em 1990, retomou a carreira de professora em escolas da rede privada na cidade de São Paulo. Foram essas primeiras experiências como professora que a instigaram a conhecer melhor as questões relacionadas ao ensino e, assim, quase como uma consequência, em 1992 voltou a estudar, desta vez na Faculdade de Educação da USP, no curso de Pedagogia. Seu interesse por metodologia e, em especial, por metodologia de ensino de língua portuguesa se ampliou. Estimulada pelas aulas e conselhos da Profa. Mariazinha Fusari, professora atenta aos interesses de seus alunos, começou, já naquele momento, a pensar em um projeto de mestrado, com vistas ao estudo da linguagem a partir de uma perspectiva comunicacional.

Enquanto isso, realizou parte dos estágios obrigatórios da licenciatura em Pedagogia no Cefam Butantã. Neste espaço, teve a oportunidade de participar da vida de uma escola que se voltava, no antigo curso de Magistério, para a educação em tempo integral com um projeto político pedagógico democrático. Ao terminar os estágios obrigatórios, foi convidada pela direção da escola a assumir as aulas de Língua Portuguesa e de Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. Fato que a fez prestar novamente concurso, em 1995, para Professora III da Secretaria de Estado da Educação e a assumir o cargo no próprio Cefam Butantã. Devido à extinção do projeto Cefam pela Secretaria Estadual de Ensino, Cristina exonera-se do cargo em 1996.

Havia finalizado o curso de Pedagogia em 1994 e a habilitação em Administração Escolar em 1995. No ano seguinte, começou o Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da USP, na área de Linguagem e Educação, orientada pela Profa. Dra. Alice Vieira. Ao longo do mestrado, em disciplinas com as professoras Mariazinha Fusari e Maria Thereza Fraga Rocco, as questões da comunicação e sua interface com a educação se adensam. Em toda sua trajetória Cristina teve seus estudos de linguagem perpassados pelos trânsitos possíveis entre essas duas grandes áreas.

Ainda em 1995, começou a trabalhar no Colégio Galileu Galilei e, envolvida com o projeto pedagógico da escola, foi eleita para a função de Organizadora da Área de Língua Portuguesa e Filosofia. Naquele ano, passou a atuar no ensino superior privado.

O título de Mestre em Educação veio em 2000, com a dissertação *Narrativas e computador: diálogos entre mundos reais e mundos possíveis*. Os resultados dessa pesquisa levaram Cristina a considerar com seriedade uma perspectiva que privilegiasse a comunicação em seus diversos aspectos. Tal percepção se encaminhou no sentido de articular estudos sobre comunicação iniciados na graduação e mestrado com a Profa. Mariazinha Fusari e com a Profa. Maria Thereza Fraga Rocco. Assim, em 2002, prestou o exame para doutorado na Escola de Comunicação e Artes da USP e, aprovada, passou a ser orientada pela Profa. Dra. Maria Lourdes Motter, que havia conhecido em sua banca de mestrado.

De 2001 a 2003 Cristina se dedicou a lecionar na Faculdade Integração Zona Oeste, FIZO, nos cursos de Publicidade e Propaganda, de Pedagogia e de Letras. Localizada na cidade de Osasco, na grande São Paulo, a faculdade tinha coordenação pedagógica da Profa. Vera

Lúcia Trevisan de Souza que procurava estimular a reflexão crítica em torno das práticas docentes. Ali, foram seus colegas os professores Christian Pelegrini, atualmente professor na Universidade Federal de Juiz de Fora, com quem Cristina tem realizado pesquisas sobre ficção televisiva, e Rogério Almeida, atualmente professor da FE-USP, com quem tem participado de bancas e exames na ECA.

Foram fundamentais para sua trajetória tanto o estágio no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) na ECA, realizado de 2003 a 2005, quando acompanhou a disciplina Língua Portuguesa, Redação e Expressão Oral II, quanto as monitorias na disciplina de pós-graduação Ficção e História: comunicação e construção da realidade, de 2004 e 2005, ambas ministradas pela Profa. Maria Lourdes Motter.

Sua tese de doutorado, *Minissérie Grande Sertão Veredas: gêneros e temas construindo um sentido identitário de nação* foi defendida em setembro de 2006. Cristina buscava compreender ali a articulação entre gêneros literários, gêneros do discurso, gêneros televisuais e o acabamento temático a partir de uma perspectiva de construção histórica de um sentido identitário de nação. Após o depósito do doutorado, voltou a exercer a atividade docente na Faculdade Fizo no curso de Pedagogia e Letras.

Em 2008, foi aprovada em concurso para Professora Doutora, no Departamento de Comunicações e Artes da ECA, onde vem lecionando desde então. Na instituição, nos cursos de Graduação, é professora das disciplinas Linguagem Verbal nos Meios de Comunicação I e II; Metodologia do Ensino da Comunicação com Estágio Supervisionado; e atuou na disciplina Metodologia do Ensino da Educomunicação com Estágio Supervisionado; também orienta trabalhos de conclusão de curso na Licenciatura em Educomunicação.

No Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, USP, ministrou a disciplina: Narrativas Televisuais e Identidades, de 2009 a 2016. Atualmente ministra duas disciplinas: Narrativas Televisivas de Ficção: Discursos, Gêneros e Formatos, e Métodos e Técnicas Aplicadas à Pesquisa em Comunicação, esta última em parceria com colegas do PPGCom.

Como pesquisadora atuou de 2008 a 2015 no Centro de Estudos de Telenovela da ECA-USP (CETVN), onde desenvolveu pesquisas sobre ficção televisiva seriada sob a perspectiva dos estudos de linguagem. Também foi pesquisadora do OBITEL, Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva. No período de 2013 a 2015 foi vice-coordenadora do Obitel e do Centro.

Em 2015 criou e passou a liderar o Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELiDis). O grupo é certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA, USP). Entre os objetivos do GELiDis estão: estudar formatos, gêneros e temas de produtos de ficção televisiva (telenovelas, séries, minisséries, telefilmes) em diferentes suportes e dispositivos; analisar a construção verbo-visual da narrativa e do roteiro televisivo; estudar a produção de sentido na construção de identidades geracionais, de gênero e de classe social, bem como a cultura popular nos meios de comunicação; e analisar a produção ficcional de televisão a partir de sua complexidade narrativa e social. O instrumental teórico-metodológico do grupo engloba estudos de linguagem e estética de Bakhtin, Análise do Discurso (A.D.) e estudos de televisão a partir dos Estudos Culturais e dos estudos de Martín-Barbero.

No âmbito da gestão universitária, Cristina foi Coordenadora da Licenciatura em Educomunicação da ECA-USP entre 2014 e 2016 e, entre 2015 e 2017, foi Presidente da Comissão de Relações Internacionais da ECA.

Dando continuidade a suas pesquisas, em 2016 realizou estágio pós-doutoral, com bolsa parcial da FAPESP, no Ceisme, Centre d'Étude sur les Images et les Sons Médiatiques, da Universidade Sorbonne Nouvelle, coordenado pelo Professor François Jost.

Em seu retorno, em 2016, foi eleita para a Chefia do Departamento de Comunicações e Artes da ECA, USP, onde permaneceu até 2020. Desde 2021, é vice-chefe do mesmo departamento. Durante toda sua trajetória, tem participado ativamente de congressos e eventos. Foi Coordenadora do GP Ficção Seriada da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) de 2011 a 2014 e, na ALAIC (Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação) atuou em diversas frentes como Coordenadora do GI Ficção Televisiva e Narrativa Transmedia de 2014 a 2016 e como uma das coordenadoras do GI Culturas, comunicación y narrativas transmedia: ficcionalidades y prácticas de consumo, no congresso da entidade em 2022. É Editora adjunta da Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación e Coordenadora do GT GT Estudios de Televisión y Streaming na mesma associação.

Atualmente Cristina é Professora Livre-docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, título obtido em 2021 com a tese *Narrativas televisivas de ficção: discursos, gêneros e formatos*. Além de continuar atuando como docente, é Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo.

Vem desenvolvendo seus projetos de pesquisa desde 2008 e, hoje, os projetos em andamento sob sua responsabilidade são: *Séries brasileiras no cenário da internacionalização e da transnacionalização: um estudo sobre a mediação local na constituição de formatos e gêneros ficcionais na plataforma Globoplay no período de 2016 a 2020*, com apoio de Bolsa Produtividade PQ2-CNPq; *Séries brasileiras de televisão: um estudo sobre a mediação local na constituição de formatos e gêneros ficcionais na plataforma Globoplay no período de 2016 a 2022*, com apoio de bolsa de IC do CNPq; *Um estudo das séries brasileiras originais na plataforma Netflix no cenário de internacionalização e transnacionalização de gêneros/formatos*; *Um estudo das séries brasileiras originais na plataforma HBO Max no cenário de internacionalização e transnacionalização de gêneros/formatos*, os dois últimos com apoio do Programa Unificado de Bolsas da USP.

Em termos amplos, suas pesquisas estão relacionadas às temáticas da comunicação, estudos de televisão, formatos e linguagem televisuais, teledramaturgia, narrativa transmídia e identidades; linguagem e cognição; cultura narrativa; e Educomunicação. Seus objetos de estudo se direcionam para o discurso verbal, a narrativa televisiva ficcional e o contexto dos gêneros e formatos televisivos ficcionais, sendo que o eixo de seu trabalho, primeiramente se estabelece a partir da construção social e materialidade dos discursos e, também, se organiza em torno das narrativas ficcionais da televisão – telenovelas, séries, minisséries, telefilmes e outros. Seus referenciais teóricos imbricam Estudos Culturais, Estudos de Televisão, estudos de linguagem de matriz bakhtiniana e Análise do Discurso (A.D.). Tais referenciais se orientam no sentido da compreensão do formato

e do gênero televisivos tanto como formas culturais (Williams, 2016) quanto como mediações (Martín-Barbero, 2001).

Ainda com relação às atividades de pesquisa, Cristina tem atuado na formação de quadros e, desde 2012, orientou, no PPGCOM, USP, oito mestrados e oito doutorados. Orienta, atualmente, cinco pesquisas de doutorado e duas de mestrado.

Entre suas principais publicações e contribuições para o campo da comunicação, além das sugestões que trazemos abaixo, destacamos aqueles primeiros artigos, em parceria com Maria Lourdes Motter, em que já se aproximava de reflexões sobre os discursos do gênero teledramatúrgico, temática que viria a orientar seus estudos futuros. Em *Gênero teledramatúrgico entre a imposição e a criatividade*, publicado pela Revista USP em 2008, as autoras discutem como o Brasil se conhece por meio do gênero televisivo, capaz de indicar novas formas de enxergar a sociedade e as instituições.

Com algumas parcerias, seus trabalhos renderam debates específicos que seguem contribuindo para o ensino e desenvolvimento de pesquisas do campo como, por exemplo, o capítulo com Ana Maria Balogh, *Adaptações e remakes: entrando no jardim dos caminhos que se cruzam*, de 2009, que até hoje é referência nos estudos de adaptações e remakes de telenovelas e minisséries. O mesmo acontece em relação às discussões sobre narrativa fantástica na ficção televisiva brasileira, tratadas em *Narrativa fantástica e identidade brasileira na minissérie A Cura*, que Cristina escreveu com suas então orientandas Ligia Preziosa Lemos e Issaaf Karhawi, em 2013. Ou, ainda, *Cândido, ou o otimismo multimidiático: da literatura francesa ao cinema e televisão brasileiros*, de 2017, escrito com Anderson Lopes da Silva e Daniela Jakubaszko, em que são analisadas as possíveis correlações

e interdiscursos entre três obras, com foco em adaptação de formatos audiovisuais, especialmente do melodrama e do folhetim.

Destacamos, ainda, suas produções mais recentes, já como coordenadora do grupo GELiDis, em que demonstra sua maturidade acadêmica tanto em termos de articulações teóricas, quanto de manejo empírico de estudos de casos, especialmente com objetos de estudo complexos como as plataformas de streaming ou questões relacionadas a gênero e raça.

Suas qualidades e conquistas acadêmicas se revelam, ainda, nos resultados de pesquisa de seus orientandos, desde a graduação até a pós-graduação, com estudos abrangentes, premiados e reconhecidos, tanto no Brasil quanto no exterior.

Sugestões de obras da perfilada:

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. (Org.). **Cronotopo, gêneros e discursos em ficções na TV e no streaming**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; Ikeda, F. S. M. Um Estudo do catálogo das séries originais Globoplay no período de 2018 a 2022. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 21, p. 112-123, 2022. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/948> Acesso em ago/2023.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Poética das Séries de Televisão: elementos para conceituação e análise. In: Christian Pelegrini e Felipe Muanis (Orgs.) **Perspectivas do audiovisual contemporâneo: urgências, conteúdos**

e espaços. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora/wp-content/uploads/sites/113/2021/06/PERSPECTIVAS-DO-AUDIOVISUAL-CONTEMPOR%C3%82NEO.pdf> Acesso em ago/2023.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; Pellegrini, C. Narrativas complexas na ficção televisiva. **Contracampo**, v. 1, p. 21-37, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17488> Acesso em ago/2023.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Minisséries Brasileiras: um lugar de memória e de (re)escrita da nação. In: Gisela Grangeiro da Silva Castro e Maria Aparecida Baccega (Orgs.). **Comunicação e consumo nas culturas locais e global.** São Paulo: ESPM, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/35589035/MINISS%C3%89RIES_BRASILEIRAS_um_lugar_de_mem%C3%B3ria_e_de_re_escrita_da_na%C3%A7%C3%A3o_MUNGIOLI_pdf. Acesso em ago/2023.

Referências

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

Motter, Maria Lourdes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Gênero teledramatúrgico entre a imposição e a criatividade. **Revista USP**, v. 0, p. 157-165, 2008.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; BALOGH, Anna Maria. Adaptações e remakes: entrando no jardim dos caminhos que se cruzam. In: Maria Immacolata V. de Lopes (Org.). **Ficção televisiva no Brasil**: temas e perspectivas. São Paulo: Globo, 2009.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; LEMOS, Ligia Maria Prezia; KARHAWI, Issaaf. Narrativa fantástica e identidade brasileira na minissérie A cura. **Rumores**, v. 7, p. 218-238, 2013.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; SILVA, Anderson Lopes da; JAKUBASZKO, Daniela. Cândido, ou o otimista multimidiático: da literatura francesa ao cinema e televisão brasileiros. In: Sandra Reimão e Michel Riaudel (Org.). **Livros, literatura e história: passagens Brasil-França**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2017.

WILLIAMS, Raymond **Televisão**: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2016.

Sobre a autoria da bionota:

Ligia Prezia Lemos

Concluiu em 2021 Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo, na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação, GELiDis (ECA-USP) e do Grupo de Análise de

Produtos Audiovisuais, GRUPA (UNIP-SP). Membro da Screenwriting Research Network (SRN). É Roteirista e Produtora de Conteúdo.
E-mail: ligia.lemos@gmail.com

MARIA DORA GENIS MOURÃO (DORA MOURÃO)

por Gabriela Machado Ramos de Almeida

Maria Dora Genis Mourão, conhecida como Dora Mourão, é uma figura central no desenvolvimento do ensino e da gestão em cinema e audiovisual no Brasil, com uma trajetória que abrange mais de cinco décadas dedicadas ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), bem como a diversas instituições culturais e eventos.

Sua trajetória acadêmica e intelectual teve início em 1967, quando ingressou na segunda turma do curso de Cinema da ECA/USP. Concluiu a graduação em 1971 e, posteriormente, obteve o título de mestre, em 1980, com pesquisa sobre o papel da montagem em filmes policiais, sob orientação do professor Eduardo Peñuela Cañizal. Em 1988, obteve o título de doutora com a tese *Que viva Eisenstein*, referência ao cineasta soviético Sergei Eisenstein e seu filme *¡Qué Viva México!*, orientada pelo professor Eduardo Leone.

Em um percurso profissional e intelectual que se mistura à própria história do curso de Cinema da USP, ainda em 1972 Dora

iniciou a docência na ECA, na mesma área de montagem cinematográfica, à qual se dedicou como pesquisadora e também como montadora de filmes, como será abordado adiante. Desde a década de 1970, então, esteve envolvida com a docência na USP, em nível de Graduação e posteriormente de Pós-graduação, além da gestão universitária, exercendo também importante liderança política na universidade. Foi chefe de Departamento em três mandatos, bem como vice-diretora da ECA, entre 2009 e 2013. Foi responsável ainda pela criação do Cinusp Paulo Emílio, do qual também foi diretora, e que se constitui atualmente num dos mais consolidados e estáveis cinemas universitários do Brasil, como sessões regulares e gratuitas em duas salas distintas, uma no próprio campus da USP, no bairro do Butantã, em São Paulo, e outra na região central da cidade, no Centro Cultural Maria Antônia, no bairro da Vila Buarque.

Inaugurado em 1993, o Cinusp realiza diversas mostras e atividades educativas com a presença de convidados externos, a exemplo de sessões comentadas e palestras com cineastas, difundindo a cinefilia, buscando valorizar a produção brasileira e oferecendo à cidade de São Paulo a possibilidade de acessar obras audiovisuais selecionadas a partir de uma curadoria rigorosa feita por estudantes do curso de Cinema. Entre os anos de 1993 e 2007, Dora Mourão esteve envolvida na gestão do Cinusp, uma das atividades de extensão mais bem sucedidas da área cultural na USP.

Ao longo de décadas de trabalho na ECA, a atuação docente de Dora acompanhou as mudanças sociais e tecnológicas do cinema e da comunicação. Ministrou disciplinas de montagem cinematográfica; técnicas de edição; edição não-linear; cinema documentário; teoria da fotografia; novas tecnologias e linguagem cinematográfica; teoria

das mídias e do audiovisual e, de forma pioneira, ainda nos anos de 1990, inteligência artificial.

Em 1997, Dora Mourão obteve pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, na França, período no qual também consolidou sua atuação internacional junto a entidades de ensino e audiovisual. Entre 1992 e 2000, exerceu os cargos de vice-presidente e presidente da Federação de Escolas de Imagem e Som da América Latina (FEISAL), sediada na Argentina, e em 1993 passou a atuar também no Centre International De Liaison Des Écoles de Cinéma Et Télévision, (CILECT), da França, que reúne mais de 150 escolas de cinema de todo o mundo, e do qual foi eleita presidente em 2011.

Da pesquisa sobre impactos das novas tecnologias no audiovisual desenvolvida no pós-doutorado teve origem sua tese de livre-docência, defendida em 1998 e intitulada *Reflexões sobre o cinema e o movimento das novas tecnologias*. Em 2005, Dora Mourão se tornou professora titular do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA e, em 2023, pouco depois de sua aposentadoria, após 50 anos de dedicação à universidade como docente e de 55 anos de vida vinculados à instituição, recebeu o título de professora emérita da ECA, tendo sido a 21ª docente da Escola a obter a distinção.

Como articuladora e líder em instituições públicas e entidades de ensino, pesquisa e preservação em cinema e audiovisual, Dora esteve à frente do Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine), do qual foi presidente entre 2001 e 2007, e da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), tendo sido presidente nas gestões 2009-2011 e 2011-2013. Integrou os conselhos deliberativos da Associação de Amigos do Centro Cultural São Paulo

(2001-2003) e da Sociedade Amigos do Museu da Imagem e do Som (2004-2006). Na Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, foi nomeada membro da Comissão de Artes Visuais, cargo que ocupou entre 2003 e 2005. Posteriormente, desenvolveu atividades também no Ministério da Cultura, tendo sido integrante do Conselho Consultivo da Secretaria do Audiovisual de 2003 a 2008.

Ainda em 2022, ao se aposentar da USP, Dora Mourão assumiu a Diretoria Geral da Cinemateca Brasileira, passando a atuar diretamente também na preservação da memória do cinema e do audiovisual nacionais. Além de exposições regulares, mostras especiais e sessões de filmes de importantes festivais, a Cinemateca é responsável pela memória do cinema brasileiro, uma vez que todas as obras produzidas com financiamento público no país precisam ter uma cópia entregue à instituição. Um dos projetos desenvolvidos na gestão de Dora é o Viva Cinemateca, patrocinado por instituições privadas, cujo objetivo é recuperar, duplicar e exibir o acervo de filmes produzidos até a década de 1940 em nitrato de celulose, composto químico inflamável e explosivo.

Com um acervo de mais de 250 mil filmes, a Cinemateca Brasileira é considerada a quinta maior do mundo em restauro, e tem o maior acervo de imagens em movimento da América do Sul. Fechada durante um ano e meio, entre 2020 e 2021, após suspensão de repasses à instituição mantenedora pelo governo do presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro, a Cinemateca reabriu em maio de 2022 e, já no ano seguinte, recebeu 200 mil visitantes, sendo 72 mil espectadores.

A dedicação de Dora Mourão ao cinema se estende também à prática profissional. Entre os projetos que montou, como filmes, vídeos

e materiais de pesquisa, destacam-se os documentários *São Paulo, Sinfonia e Cacofonia*, dirigido pelo cineasta e professor Jean Claude Bernardet, seu colega no curso de Cinema da USP, e *São Paulo Cinemacidade*, dirigido por Aloysio Raulino.

No campo do pensamento sobre cinema e audiovisual, as contribuições de Dora Mourão incluem o livro *Cinema do Real* (2005), co-organizado em parceria com Amir Labaki e lançado pela editora Cosac Naify. Editado como resultado da *Conferência Internacional de Documentário É Tudo Verdade – Cinusp*, promovida durante as edições anuais do festival É Tudo Verdade, o livro conta com ensaios e transcrições de conferências de cineastas e pesquisadores como Eduardo Coutinho, Brian Winston, João Moreira Salles, Andrés di Tella, Esther Hamburguer, Eduardo Escorel e Michael Renov. Durante a década de 2000, quando os livros dedicados ao cinema documentário publicados no Brasil eram raros, *Cinema do Real* foi uma das contribuições mais relevantes para o pensamento cinematográfico nacional. O volume ganhou tradução para espanhol e publicação na Argentina, com o título *El Cine de lo Real*. Dora Mourão também foi co-organizadora, em parceria com Maria do Rosário Caetano e Laura Bacque, do livro *Jean Claude Bernardet: uma homenagem* (2007), editado pela Cinemateca Brasileira e Imprensa Oficial.

Prestes a completar 60 anos de dedicação ao estudo, ensino, prática e preservação do cinema, Maria Dora Mourão atuou em diversas instituições públicas e sociedades científicas, todas elas comprometidas com o interesse público, a soberania cultural do Brasil e a democracia.

Sugestões de obras da autora:

MOURÃO, Maria Dora, LABAKI, Amir (Orgs.). **O Cinema do Real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOURÃO, Maria Dora, DENNISON, Stephanie RAMOS, Fernão (Orgs.) **World Cinema: As novas cartografias do cinema mundial**. Campinas: Papirus Editora, 2013.

MOURÃO, Maria Dora, AMADO, Ana. **Images from the South: Contemporary Documentary in Argentina and Brazil**. In: WINSTON, Brian (Org.). **The Documentary Film Book**. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.

Sobre a autoria da bionota:

Gabriela Machado Ramos de Almeida

Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP. Doutora em Comunicação pela UFRGS, é bolsista de produtividade do CNPq (nível C), coordena o grupo de pesquisa Sense e atua na Mostra de Cinemas Africanos. E-mail: gabriela.almeida@espm.br

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES

por Clarice Greco Alves

Maria Immacolata Vassallo de Lopes nasceu na Itália, na pequena cidade de Laurito, na região de Campania e província de Salerno. Foi uma criança dinâmica, puxava a reza em latim na igreja e na escola era convidada pela professora a auxiliar na classe, em estratégia pela qual a professora tenta conter a bagunça com ajuda da aluna mais levada.

Por ocasião do pós-guerra, seu pai Francesco, que havia prestado serviço militar na Etiópia, imigrou para o Brasil quando ainda era recém-nascida. Após a instalação de Francesco em São Paulo, ele fez o chamado ato de *chiamata* para a vinda de sua esposa, Caterina, e seus três filhos, dos quais Immacolata era caçula. Inicia-se então o processo de imigração, que Immacolata chama de primeiro grande marco da sua vida.

A família Vassallo chegou ao Brasil em 1952, mas a euforia da criança de sete anos de idade não foi prontamente compartilhada por toda sua família, que levou mais tempo para adaptação. Pela pouca idade, interessava-se pelas novidades e teve de ser realfabetizada, o

que, segundo ela, a fez perder o sotaque. Instalaram-se na Bela Vista, na região hoje conhecida como Bixiga, famosa pela colônia italiana que lá se formou.

De um sobrado na Rua Major Diogo, Immacolata teve seu primeiro contato com o universo da cultura e do audiovisual, quando assistia a gravações de filmes do Mazzaropi nessa rua, que era também onde ficava o Teatro Brasileiro de Comédia. Mais tarde, quando foi morar na Rua dos Ingleses, teve como vizinhos o Teatro Ruth Escobar e o Teatro Oficina. Quando fazia o secundário e depois a USP da Maria Antônia, frequentou o cine Bijou, onde conheceu obras de Bergman e Fellini. A televisão, que futuramente se tornaria um dos seus principais objetos de estudo, era ainda vista com ressalvas durante sua juventude (especialmente quando do início da formação intelectual frankfurtiana), mas a exibição da telenovela *Redenção* na sala de casa não passava despercebida.

Cursou o secundário no Colégio Frederico Ozanan, que então ficava na Praça Roosevelt - instituição na qual, anos mais tarde e em outro endereço, Immacolata lecionou suas primeiras aulas de sociologia. Ela foi também a primeira da família a obter um diploma universitário – considerado por ela o segundo grande marco de sua vida. Fez cursinho no bairro da Liberdade, período ao qual atribui o início de seu círculo de amizades e de ‘tomada de consciência’ para uma mentalidade progressista. Formou-se em Ciências Sociais na FFLCH-USP, que ficava na Rua Maria Antônia. Durante o curso, foi muitas vezes para a faculdade em um fusca verde claro, o primeiro carro da família, comprado por seu irmão, e que foi levado à igreja para ser abençoado porque símbolo de melhoria de vida. Talvez os trajetos no carro abençoado tenham colaborado para bendizer também sua trajetória acadêmica.

O terceiro marco de sua trajetória pessoal e profissional se deu quando, já cursando Ciências Sociais na USP, Immacolata se depara com o dilema da escolha profissional. Frente à necessidade de um emprego fixo para ajudar a família, ela encara a pressão por decidir se seguiria dando aulas esporádicas ou em emprego estável num banco, com chances de progressão de carreira. Para a fortuna do campo acadêmico, ela opta pela continuidade na atuação como professora de sociologia no Colégio Frederico Ozanan, que então se situava na Rua Augusta. A escolha foi profícua. Ainda que fosse mais nova que muitos alunos – em maioria homens - ela lecionou aulas críticas em plena ditadura, criou um cineclube com projeção de filmes alugados seguido de debates, e conheceu o professor de filosofia, também da USP, e que se tornaria seu marido, João Aloisio Lopes, com quem teria duas filhas: Maira e Nadia.

Immacolata e João Aloisio, além da parceria pessoal, tiveram atuações profissionais alinhadas. Recém-casados, moraram por pouco tempo em Itu para dar aulas, antes de arriscarem investimento em uma boutique na badalada Rua Augusta e em uma fábrica de roupas (na qual Immacolata se arriscou até como estilista!). Posteriormente, retornaram à USP para pós-graduação e docência, onde se fixaram.

A inserção de Immacolata na Comunicação se inicia pelo mestrado. Após se formar em Ciências Sociais, o plano era seguir com a pós-graduação em sociologia, com orientação de Octavio Ianni, com quem mantinha bom diálogo teórico, especialmente no interesse por questões de classe e na abordagem de Gramsci. No entanto, Ianni fez parte do grupo de professores que foram demitidos compulsoriamente do Departamento de Sociologia nos anos 1970, pela ditadura militar. Com a saída de seus principais mestres da FFLCH, Immacolata vai

para a Escola de Comunicação e Artes, estimulada pelo gosto adquirido pela disciplina de sociologia da comunicação, que havia cursado com Gabriel Cohn.

Na ECA, Immacolata desenvolveu seu mestrado sob orientação de Nelly de Camargo. Seu interesse inicial já era pela televisão – ou melhor, por aquilo que fosse *popular*. O objeto de pesquisa mudou quando, além de notar a dificuldade de acesso a materiais para análise, como videotapes, Immacolata ouviu de Ruth Cardoso, em um curso, que seria impossível falar sobre TV no Brasil sem antes estudar o rádio. Surge, assim, a pesquisa de mestrado que gerou sua obra *O Rádio dos Pobres. Comunicação de Massa, Ideologia e Marginalidade Social*, defendida em 1983 e publicada pela editora Loyola em 1988.

Na pesquisa, Immacolata aponta os preconceitos e as distinções de classe que acometem o rádio enquanto meio de comunicação de massa. A ‘rádio dos pobres’ seria nada mais do que a rádio que entretém, que ‘distrai’, que diverte. O termo é colocado em oposição a uma suposta ‘rádio dos ricos’, que deveria informar e gerar conhecimento. A perspectiva de ruptura que Immacolata traz sobre o entretenimento popular se associa à sua própria experiência, de uma família imigrante italiana que se fascinou pelo rádio, pela música e pela radionovela. Esta última seria o pontapé inicial para o longo apreço que sustenta pela dramaturgia e pelas telenovelas até hoje.

Após o mestrado, seguiu para o doutorado, também na ECA, sob orientação de Sarah Chucid da Viá, especialista em metodologia quantitativa. O projeto inicial propunha desenvolver uma meta investigação por meio do levantamento das teses e dissertações sobre o popular defendidas na ECA. No entanto, por razões de volume de material e de anonimato dos autores das pesquisas, Immacolata optou

apresentar como tese o modelo metodológico criado para e usado na desconstrução dos trabalhos. O resultado é um dos livros mais utilizados no campo da comunicação: *Pesquisa em Comunicação*, lançado em 1990 pela editora Loyola. Derivado de sua tese de doutorado defendida em 1988, seu modelo metodológico se tornou bibliografia básica em disciplinas de metodologia em universidades de todos os estados do Brasil, chegando à sua 12ª edição em 2014.

Seguindo o percurso da metodologia, Immacolata passa a integrar um grupo de pesquisa que se dedicava a mapear alunos egressos dos cursos de comunicação social, ainda com dados quantitativos. A pesquisa, de alcance nacional, propôs modelo metodológico de categorização e base de dados do mercado de trabalho da comunicação, e se tornou sua tese de Livre Docência, concluída em 1998 e intitulada *Mercado de Trabalho dos Egressos dos Cursos de Comunicação Social no Brasil*.

Paralelamente, Immacolata, que nunca se afastou de seu interesse pelo popular, começa a se aproximar dos estudos de televisão e da telenovela. Esses estudos na ECA, conforme Immacolata já contou em diversas entrevistas, resultaram da gestão de José Marques de Melo como diretor, que marcou época como um grande incentivador intelectual de objetos empíricos ‘periféricos’ ou pouco usuais, como telenovela e quadrinhos. O primeiro grande estudo sobre telenovela foi chamado ‘projeto’ e tinha coordenação geral de Maria Aparecida Baccega, com quem Immacolata manteve grande amizade e parceria intelectual. Na equipe estava Anamaria Fadul, que foi a primeira coordenadora do Núcleo de Estudos de Telenovela –NPTN- e que mais tarde mudaria para CETVN - Centro de Estudos de Telenovela - e teria Immacolata como coordenadora.

Porém, a adoção da telenovela como objeto de estudo pela vida afora veio por meio do que Martín-Barbero chamou de ‘calafrio epistemológico’¹, que provoca ruptura da cognição a partir do afeto – no caso, advindo de sua identificação e encantamento pela cultura popular. Tal calafrio se une à convocação do próprio Martín-Barbero para que os pesquisadores latino-americanos estudassem seu principal produto cultural: a telenovela. Dessa convocação, surge outra produção que certamente se insere entre as mais importantes contribuições para o campo dos estudos de recepção na comunicação: o livro *Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade*, de 2002.

Essa pesquisa interdisciplinar e interinstitucional foi desenvolvida com Silvia Borelli (PUC-SP) e Vera da Rocha Resende (UNESP), além de outros pesquisadores parceiros, pós-graduandos e estudantes de graduação. O grupo acompanhou quatro famílias de diferentes estratos sociais na assistência da telenovela *A Indomada* (Globo, 1997). A vivência etnográfica no espaço doméstico foi, segundo Immacolata, uma novidade metodológica e um pioneirismo nas pesquisas em comunicação. O projeto foi, também, o primeiro encontro de vários objetos de seu afeto, por unir o popular, a telenovela, as mediações de Martín-Barbero, a América Latina, a recepção e a experimentação metodológica.

Desde então, a telenovela passa a ser um dos objetos que nunca mais sairiam do escopo de pesquisas de Immacolata, assim como a epistemologia. Suas pesquisas não mais se desvencilharam desse binômio com o qual celebrou inúmeras conquistas e superou

1. Ver LOPES, M. I. V. A Teoria Barberiana da Comunicação. *MATRIZES*, v. 12 - nº 1 jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/view/145750> Acesso em 14 ago 2023

obstáculos. Um deles foi o incêndio que atingiu a ECA, em 2001, que eliminou grande parte do acervo sobre teledramaturgia reunido ao longo de anos. Sem mídias digitais para propagar o clamor, foi lançada uma campanha ‘SOS Telenovela’ para angariar materiais para recompor um novo acervo. A resposta da população ao bem-amado produto foi massiva e emocionante.

Assim, entre desafios e esforços, a menina que escrevia intensivamente cartas que cruzavam o oceano para chegar aos familiares italianos se tornou autora de mais de 200 textos acadêmicos (entre artigos e capítulos de livro), além de quase 80 livros organizados. Entre suas proposições conceituais mais relevantes estão a telenovela como *narrativa da nação* - noção pela qual evidenciou como a telenovela, ao acionar mecanismos de conversação, de compartilhamento e de participação promove um imaginário e identidade nacionais - e a telenovela como *recurso comunicativo*, por sua capacidade de fomentar a discussão de temáticas sociais e alavancar ações concretas na realidade cultural, social e política.

Por meio da ficção televisiva (assim chamada por englobar também séries, minisséries e outros formatos televisivos ficcionais), Immacolata conseguiu reunir inúmeros pesquisadores em diálogos nacionais e internacionais, especialmente a partir da criação do Observatório Iberoamericano de Ficção Televisiva, o Obitel. O Observatório deriva de seu pós-doutorado na Universidade de Florença, Itália, onde foi buscar inspiração no grupo de pesquisa Eurofiction, coordenado por Milly Buonanno.

A rede internacional Obitel merece destaque por muitos aspectos, mas iniciarei com reverência à sua consistência teórico-metodológica. Além do processo de monitoramento anual de formatos de

ficção televisiva, a rede produziu trocas teóricas e inferências analíticas por mais de 15 anos entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Tendo como base um protocolo metodológico unificado, os diversos grupos ibero-americanos mantêm o alinhamento intelectual e o rigor nos métodos de pesquisa. Depois da criação do Observatório, em 2005, Immacolata fundou a rede Obitel Brasil, braço nacional do Obitel cujos membros pesquisam, em projetos bienais, uma temática conjunta sobre ficção televisiva brasileira. As duas redes publicaram mais de 20 livros até o momento – 16 da rede internacional, com pesquisadores de países da América Latina, além de Estados Unidos (hispanico), Portugal e Espanha e 07 da rede nacional, com grupos de pesquisa de universidades brasileiras, das diferentes regiões.

A coordenação de Immacolata – e falo como alguém que a acompanhou por 10 anos – é fortemente pautada no estímulo ao pensamento inovador, crítico, original e criterioso. Isso conduz a outro ponto de destaque: a permanente vigília a temas correntes e instigantes. A atenção aos acontecimentos de destaque, de rupturas ou novidades tecnológicas, sociais ou teóricas é uma marca latente em Immacolata. A cada ano, o Anuário Obitel traz dados sobre o panorama da ficção televisiva ibero-americana e aponta para temáticas que chamam atenção, por meio do ‘tema do ano’. Igualmente, a cada biênio, a rede Obitel Brasil produz pesquisas com olhar sobre temas atuais e emergentes no audiovisual nacional. Por fim, destaco no Obitel uma característica importante e não tão comum: o diálogo entre o campo acadêmico e o mercado audiovisual. Por meio das parcerias com a Kantar Ibope Media e com a Globo, a rede rompeu fronteiras necessárias ao avanço não só da pesquisa em comunicação, mas da sociedade, da arte e da cultura.

Todas essas contribuições, teóricas e empíricas, simbólicas ou concretas, foram acompanhadas por uma constante preocupação com o campo da comunicação e suas instituições. A perspectiva de Bourdieu sobre o campo acadêmico e suas lutas são perceptíveis na dedicação de Immacolata para ajudar a desenhar o campo da comunicação no Brasil, assumindo importantes cargos de gestão. Em âmbito nacional, foi presidente da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), de 1995 a 1997 e Representante da Área de Comunicação no Comitê Assessor CA-AC do CNPq, de 2004 a 2007. No plano interno da USP, coordenou o PPGCOM-USP (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo), de 2001 a 2012. Atualmente, é coordenadora do CETVN-ECA-USP (Centro de Estudos de Telenovela da ECA-USP) e é diretora da Revista MATRIZES (Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP) pertencente ao mais alto estrato de classificação de periódicos da Capes (Qualis A1).

No âmbito internacional, foi presidente da Assibercom (Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação), de 2015-2019. Nessa época, eu já convivía com Immacolata e me recordo do dia em que a questioneei, abertamente, por que ela queria assumir um compromisso tão árduo se já tinha enorme volume de compromissos, já era reconhecida no campo e que deveria diminuir o ritmo de trabalho. Ela me respondeu, com um suspiro, que a Associação estava em um momento difícil e ela acreditava que poderia contribuir. Não havia em seu olhar qualquer traço egocêntrico, apenas uma genuína preocupação com as importantes instituições e um compromisso, que ela parecia ter consigo mesma, de se dedicar a preservar tudo o que foi construído em anos de luta pelo campo da comunicação.

Atualmente, na esteira dos projetos colaborativos que marcam o CETVN, Immacolata se dedica a dois projetos. O primeiro, em parceria com pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba, propõe o mapeamento, a exploração empírica e o debate sobre a produção audiovisual independente no Brasil. Novamente, o diálogo entre academia e o mercado permeia as pesquisas nas quais ela se envolve. O segundo projeto, mais conectado ao panorama teórico-social das pesquisas teleficcionais já desenvolvidas pelo Obitel Brasil, pretende apontar e explorar a longa conexão da telenovela como recurso para a construção da cidadania. Espera-se um profícuo diálogo entre a academia e as instituições políticas do país.

Apesar da trajetória merituosa, do nome respeitado e da mais alta titulação em pesquisa – pesquisadora 1A do CNPq – Immacolata mantém uma empolgação quase juvenil sobre suas conquistas e sobre os assuntos de seu domínio. Ela celebra cada resumo aceito em congresso; responde com brilho nos olhos a cada aluno de graduação que faça uma pergunta sobre sociologia básica; leciona com júbilo cada aula de metodologia; aciona um olhar de curiosidade infantil sobre novos objetos de pesquisa, e por vezes se perde nas conversas sobre novela em reuniões do CETVN. Ela adora se envolver em discussões sobre seus assuntos de interesse, seja com bolsistas iniciantes na pesquisa, em entrevistas sobre telenovela a veículos da mídia ou com grandes nomes da televisão, como quando esteve recentemente junto a autores renomados de telenovela na mesa de debate no lançamento do livro de Rosane Svartman, ao lado de Walcyr Carrasco.

Como ela mesma afirmou em recente entrevista sobre os 30 anos do CETVN e que foi publicada em MATRIZES²: “a trajetória intelectual está dentro da história de vida da pessoa, são as nossas marcas pessoais”. Se é assim, em sua robusta trajetória, Immacolata transparece vários excertos de si: a pesquisadora, a professora, a socióloga, a orientadora, a epistemóloga. Mais do que isso, ela contorna uma observadora curiosa, uma pensadora inquieta, uma imigrante, uma noveleira e uma aca-fã.

Sugestões de obras da autora:

LOPES, M. I. V. *Rádio dos pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo: Loyola, 1988.

LOPES, M. I. V. *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico*. 1ª edição. São Paulo: Loyola, 1990.

LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. R. *Vivendo com a telenovela: medições, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.

LOPES, M. I. V. A Telenovela Brasileira: uma Narrativa Sobre a Nação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 26, jan./abr, p. 17-34, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469> Acesso em 14 ago 2023.

2. Maria Immacolata Vassallo de Lopes e os 30 anos do Centro de Estudos de Telenovela da USP: uma jornada narrada pela teleficcão. Entrevista a Marcel Antonio Verrumo, Lourdes Ana Pereira Silva e Renata Pinheiro Loyola. *MATRIZES*. Vol. .17 - Nº 1 jan./abr. 2023, p. 103-112. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/210692> Acesso em 14.08.23

LOPES, M. I. V. de. Telenovela como recurso comunicativo. *MATRIZES*, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2011. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v3i1> Acesso em: 21 jul. 2023.

Sobre a autoria da bionota:

Clarice Greco Alves

Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Doutora e mestre pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Co-coordenadora do Grupo de Estudos de Análise de Produtos Audiovisuais (GRUPA). E-mail: claricegreco@gmail.com

MARIA LUCIA SANTAELLA BRAGA (LUCIA SANTAELLA)

por Clotilde Perez

Maria Lucia Santaella Braga, conhecida como Lucia Santaella, nasceu em Catanduva, interior do Estado de São Paulo, em 13 de agosto de 1944. É uma destacada professora e pesquisadora da área da Comunicação e Semiótica, em diálogos e atuações de pesquisa e formação com as Tecnologias Digitais, Estéticas Tecnológicas, Inteligência Artificial e Metodologia da Ciência.

Filha de pais de ascendência espanhola e italiana, viveu na sua cidade natal, juntamente com sua irmã e outros dois irmãos, até o segundo grau (ensino médio), quando se mudou para a cidade de São Paulo e ingressou no colégio Sedes Sapientae, no bairro de Perdizes, onde vive até hoje. Graduiu-se em Letras Português e Inglês, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no ano de 1966. Tem doutoramento em Teoria Literária na PUCSP, obtido em 1973, sob a orientação de Lucrécia D’Alessio Ferrara, com a pesquisa intitulada “Manuel Bandeira e a Poética do Elemento Lexical”. Fez sua Livre-Docência em Ciências da Comunicação na Escola de

Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no ano de 1993, com tese intitulada Metodologia Semiótica.

Desde 1967 é professora da PUC SP, sendo professora titular do Departamento de Arte da então Confil – Faculdade de Filosofia, Comunicação Letras e Artes, atual Faficla – Faculdade Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. No início de sua trajetória docente ministrou as disciplinas Teoria Literária, Semiótica e Teoria da Comunicação, nos cursos de Letras e de Comunicação. Já em 1978 ingressa como docente na Pós-graduação, que havia acabado de passar por uma reestruturação deixando de ser um programa de pós-graduação em Teoria Literária para Comunicação e Semiótica, manifestando o entendimento interdisciplinar do corpo docente abrangendo literatura, artes, música e meios de comunicação, tendo a semiótica como eixo teórico e conceitual integrador. Desde os inícios no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, mais conhecido como COS, ministrou as disciplinas Conceitos de Literatura, Semiótica Geral, Semiótica Peirceana, Estética e Percepção e Metodologia da Pesquisa Científica, em diferentes períodos.

Em 1998 em um esforço de integrar professores e pesquisadores provenientes de três diferentes Centros da PUC-SP, o Centro das Ciências Exatas e Tecnologia, o Centro de Educação e o Centro de Ciências Humanas, aglutinando competências científicas, humanísticas, educacionais, artísticas e técnicas, nasceu, um ano depois, o curso de graduação interdisciplinar em Tecnologia e Mídias Digitais, com o oferecimento de três habilitações: (1) Design de Interfaces, (2) Educação à Distância e (3) Arte e Tecnologia. Na sequência, o mesmo grupo de pesquisadores cria em 2006, o programa de pós-graduação TIDD – Tecnologias da Inteligência e Design Digital, atualmente com

nota 5 na avaliação 2017-2020, da Capes. Santaella esteve à frente destes projetos, manifestando sua característica empreendedora e inovadora na pesquisa e da formação de novos pesquisadores, em campos ainda inexplorados.

A professora tem ampla trajetória de atuação internacional em diferentes parâmetros. Foi professora convidada pelo DAAD na Universidade Livre de Berlin, em 1987, na Universidade de Valencia, em 2004, na Universidade de Kassel, em 2009, na Universidade de Évora em 2010, na Universidad Nacional de las Artes, Buenos Aires, 2014, na Universidade Michoacana de San Hidalgo, México, 2015 e na Universidade de Caldas, Colômbia, a partir de 2018. Foi ainda pesquisadora associada no Research Center for Language and Semiotic Studies em Bloomington, Universidade de Indiana, em estágios de pesquisa, especialmente em 1988, com bolsa da Fulbright. Nessa mesma universidade, fez pós-doutorado em 1993, com bolsa do CNPq. Desde 1996, tem feito estágios de pós-doutorado em Kassel, Berlin e Dagstuhl, Alemanha, sob os auspícios do DAAD/Fapesp. É presidente honorária da Federação Latino-Americana de Semiótica e Membro Executivo da Asociación Mundial de Semiótica Massmediática y Comunicación Global, sediada no México, desde 2004. É correspondente brasileira da Academia Argentina de Belas Artes, eleita em 2002. Foi eleita presidente para o ano de 2007 da Charles Sanders Peirce Society, USA. É também um dos membros do Advisory Board do Peirce Edition Project em Indianapolis, USA e um dos membros do Bureau de Coordenadores Regionais do International Communicology Institute. Foi ainda membro associado do Interdisziplinäre Arbeitsgruppe für Kulturforschung (Centro de Pesquisa Interdisciplinar em Cultura), da Universidade de Kassel, de 1999 até 2009.

São mais de 230 artigos publicados em periódicos qualificados no Brasil e no exterior. Mais de 80 livros publicados com autoria individual, em coautoria ou organizados. São 270 capítulos de livros, 500 apresentações em congressos e mais de 60 textos publicados em mídias diversas, ao longo de sua carreira como pesquisadora. Em sua trajetória de professora e orientadora na pós-graduação da PUC SP, orientou e levou a defesa aproximadamente 300 mestres e doutores, sendo o primeiro mestre formado em 1978, Tarcísio Justino Loro, com a dissertação intitulada “A decodificação do cartaz de cinema” e o primeiro doutor formado em 1985, foi Júlio Plaza, com a tese intitulada “Sobre tradição intersemiótica”. Da sua vasta produção, destacam-se ainda nos anos 90, os livros *Estética: de Platão a Peirce*, editado pela Experimento, em 1994 e *Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração*, com edição pela Ática, em 1995 e reeditado em pela Pioneira/Thomson, em 2000. No primeiro, a autora explora os meandros do entendimento inovador de Peirce sobre a estética, confrontando a tradição grega ligada à perfeição, e apresenta a concepção de admirável, o *sumum bonum*, nas palavras do autor. Em *Teoria Geral dos Signos*, Santaella trata em detalhes do eixo estruturante do pensamento de Charles Peirce, dando sustentação ao método semiótico, adotado por centenas de semioticistas nos mais variados campos da investigação, das humanidades às ciências básicas. Portanto, duas obras referenciais e das mais citadas no campo da Comunicação no país. Já no novo milênio, a obra *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal*, publicada pela editora Iluminuras, em 2001, demonstra a maturidade da pesquisadora, o que possibilitou aprofundamento nos meandros das linguagens híbridas do nosso tempo, com desdobramentos para a compreensão da Inteligência Artificial e

seus impactos no desenvolvimento cognitivo humano, reflexão que se destacou no livro Neo-Humano. A sétima revolução cognitiva do Sapiens, publicado pela editora Paulus, em 2022.

Um reconhecimento destacável é a sequência de indicações ao prêmio Jabuti recebidas em 2002, 2009, 2011 e 2014, além do Prêmio Sergio Motta, Liber, em Arte e Tecnologia, recebido em 2005 e o prêmio Luiz Beltrão-maturidade acadêmica, em 2010, conferido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Outro destaque em sua trajetória foi a indicação que recebeu para ocupar a Cátedra Oscar Sala, no Instituto de Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo. A cátedra é uma parceria da USP com o CGI.br Comitê Gestor da Internet e tem como executores o IEA e o Núcleo de Informação, Coordenação do Ponto BR (NIC.br) e coordenação acadêmica de Eugenio Bucci, da ECA USP. Santaella assumiu a cátedra em 16 de abril de 2021 e instaurou o Grupo de Estudos Simbioses Humano-Tecnologias, contando com um time executivo composto pelos pesquisadores Bruno Pompeu (ECA USP), Eneus Trindade (ECA USP), Clayton Policarpo (ECA USP), Guilherme Cestari (PUC SP), Luiz Felipe Napole e Silvio Sato (ECA USP e ESPM), tendo como assistente Magaly Prado (ECA USP) e assistente técnico Rafael Orlandini (ECA USP). Um dos produtos da cátedra foi a publicação do livro Simbioses do Humano & Tecnologias: Impasses, Dilemas e Desafios, organizado por Lucia Santaella, e editado pela Edusp, em 2022, com textos de pesquisadores convidados que ministraram conferências e seminários durante a vigência da gestão da catedrática, encerrada em abril de 2022.

Santaella é professora emérita da PUC SP e pesquisadora 1A do CNPq, condição de reconhecimento pela maturidade na pesquisa

e formação de novos pesquisadores, no campo da Comunicação e se mantém inovadora e inspiradora para gerações atuais e futuras.

Sugestões de obras da perfilada:

SANTAELLA, Lucia. **A inteligência artificial é inteligente?**. 1. ed. São Paulo: Edições 70 Almedina, 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Inteligência contínua: A sétima revolução cognitiva do Sapiens**. TRANS/FORM/AÇÃO, UNESP. Marília, v. 46, p. 347-362, 2023

SANTAELLA, Lucia. **Neo-Humano**. A sétima revolução cognitiva do Sapiens. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022

SANTAELLA, Lucia. **Simbioses do humano e tecnologias**. 1. ed. São Paulo: Edusp/IEA, 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Desafios humanos no contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

Sobre a autoria da bionota:

Clotilde Perez

Professora titular de Publicidade e Semiótica da ECA - USP (2017). Bolsista Produtividade CNPq. Livre-docente em Ciências da Comunicação pela ECA - USP (2007). Professora do CRP ECA USP

(desde 2002). Diretora da Escola de Comunicações e Artes - ECA USP (2025-2028). Membro do Conselho Deliberativo do IEA - Instituto de Estudos Avançados da USP (2025-2027). E-mail: clopez@usp.br

MARIA TERESA MICELI KERBAUY

por Roseane Andrelo

Enquanto parte da sociedade científica defende a ampla segmentação, com o aprofundamento em determinada temática, como sinônimo de expertise, Teresa demonstra uma imensa capacidade de transitar pelas diversas áreas de conhecimento, seja na pesquisa ou na vida pessoal. Na área acadêmica, transita pelas Ciências Sociais, Ciência Política, Educação e Comunicação. Na vida privada, conhece parte importante do mundo, cozinha bem e um pouco de tudo, integra uma confraria de vinho, faz trabalho voluntário como diretora financeira de uma entidade assistencial e é síndica do condomínio onde mora.

A formação sólida, as experiências de vida, o olhar crítico, a curiosidade e a simpatia tornam Teresa uma incrível e generosa interlocutora, seja ao dar inúmeras entrevistas em jornais para analisar cenários políticos, ao participar de bancas de mestrado ou doutorado ou durante um simples bate-papo. Uma mulher interessante, com a qual é possível conversar, no sentido mais amplo do diálogo – Teresa tem repertório para falar e sabe ouvir e o resultado são trocas verdadeiras e divertidas. Que o digam seus orientados e ex-orientandos que

tiveram o prazer de conviver com uma das principais pesquisadoras de poder local, no Brasil.

Maria Teresa Miceli Kerbauy nasceu em São Carlos, em uma família de imigrantes italianos, mais especificamente da Calábria, região ensolarada de montanhas, aldeias e litoral. É casada com o empresário, da área de engenharia, Milton José Kerbauy, com quem tem três filhos, Aron, Fabiana, Maurício, e seis netos, João Victor, Carolina, Isabela, Pedro Vinicius, Amanda, Giulia. Aos finais de semana, no Natal e no Reveillon, quando se reúne, a família degusta dos pratos feitos pela esposa, mãe e avó, que podem ser de origem italiana, árabe, francesa ou mesmo brasileira.

No que diz respeito à sua trajetória acadêmica, Teresa se formou em 1968 na terceira turma de Ciências Sociais da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Araraquara, na época um Instituto Isolado que mais tarde foi incorporado à Universidade Estadual Paulista (Unesp). A época, marcada pela repressão da ditadura militar, teve ares mais desafiadores à graduação. Greve geral envolvendo estudantes e docentes, intervenção policial na faculdade, professores denunciados e um militante de esquerda de Araraquara morto pela ditadura fazem parte da memória de Teresa.

Seguindo com os estudos, Teresa foi para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde foi orientada pelo renomado sociólogo e cientista político Bolívar Lamounier, tanto no mestrado, concluído em 1979, quanto no doutorado, finalizado em 1992, ambos na área de Ciências Sociais. Em 2011, Teresa foi para a Espanha realizar pós-doutorado em Ciência Política pelo Instituto de Cooperacion Iberoamericana, da Universidade de Salamanca.

A carreira docente começou cedo – em 1969, na mesma faculdade na qual se formou e, em 1998, se aposentou, mas onde permanece como professora contratada ou voluntária. Teresa participa ativamente dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e em Educação Escolar, ambos na Unesp de Araraquara; de Comunicação, na Unesp de Bauru, e de Ciência Política e de Ciência, Tecnologia e Sociedade, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

A transição entre as diferentes (mas não antagônicas) áreas se dá pela via da política pública, caminho que permite a ela transitar pelos programas de pós-graduação, contribuindo para a ampliação do diálogo. Na Educação, por exemplo, Teresa compõe o quadro de professores da linha de Política e Gestão Educacional. No programa de Comunicação, ela integra a linha Gestão e Políticas da Informação e da Comunicação Midiática.

O direcionamento dos olhares à política começou cedo, ainda na graduação, quando foi editora de um boletim de ciência política. Talvez, tenha começado ainda antes, já que as conversas sobre política que tinha com a família a incentivaram a buscar estudos e profissão que envolvessem o tema. Mas, nem tudo foi fácil, sobretudo porque Teresa escolheu se dedicar a um assunto pouco valorizado academicamente naquele momento: o poder local, mais especificamente como os municípios estão inseridos na configuração federalista e como políticas públicas são implementadas na esfera local.

A posição secundária que a política municipal ocupava nos estudos brasileiros se devia, sobretudo, ao fato de os municípios serem compreendidos como uma instância administrativa de execução. A virada de chave aconteceu a partir de 1988, com a promulgação da Constituição, que passou a considerar os municípios como entes

federados. Mas, ainda quando o tema tinha posição marginal, Teresa investiu nele - de 1966, quando foi monitora de ciência política na graduação, até hoje, o que a faz autoridade em pesquisas sobre poder local.

Com a Constituição, o tema começou a sair da periferia das pesquisas, porém, ainda com mais espaço ao que acontecia nas capitais. Teresa, com o olhar mais amplo, contou com o apoio de Bolívar Lamounier e terminou o doutorado com a tese “A morte dos coronéis: política interiorana e poder local”, defendida em 1992 e considerada um marco e, portanto, uma referência, na área. Nela, faz uma discussão sobre um conceito fundamental na ciência política e que também é trabalhado na comunicação – a ideia de coronelismo.

De 1988 para cá, o poder local ganhou mais espaço nos debates universitários, mas Teresa avalia que o protagonismo dos municípios se tornou evidente de fato na pandemia de Covid-19. Foi neste momento que a ciência política compreendeu de vez que os municípios são fundamentais para refletir sobre a governança, tanto do ponto de vista mais local como na relação com o governo federal.

No que diz respeito a sua chegada na área de Comunicação, ela remete a 1988, quando a Fundação Educacional de Bauru foi encampada pela Unesp. Na ocasião, Teresa foi convidada a mudar de campus, porém, com a carreira construída e consolidada em Araraquara, negou o convite e se comprometeu a participar do programa de pós-graduação que ainda estava por surgir. Assim, participou dos primeiros projetos da FAAC, incluindo o Programa de Comunicação e Poéticas Visuais, criado em 1999 e que, em 2002, foi alterado para Comunicação.

Nesta parceria de quase três décadas, Teresa lembra que a relação entre políticas públicas e comunicação surgiu de forma mais

restrita, com um olhar mais técnico e instrumental. Cabia, portanto, uma percepção mais adequada do processo de política de comunicação, considerando, por exemplo, como o governo interferia ou não na área; quais políticas eram decididas para que a comunicação tivesse um determinado formato e como e porque o sistema de comunicação brasileiro adquiriu o perfil que tem hoje.

Neste debate, que segue em aberto, duas vertentes se destacam: de que o estado deve ser o único responsável pela decisão das políticas e da interferência privada nessas políticas. O assunto ganha mais espaço na agenda pública com a presença dos conglomerados de mídia privados e com a ubiquidade das mídias sociais. Teresa defende que é cada vez mais fundamental entender como o Estado regula (ou não) o acesso às plataformas. Afinal, o debate perpassa obrigatoriamente pela noção de liberdade de expressão e, como consequência, de cidadania. Como bem analisa a cientista política, as redes sociais não estão suficientemente reguladas, não na forma de uma regulação autoritária, mas no sentido de impedir o cenário de desinformação.

Entre os desafios da regulação, está o fato de envolver empresas globais que dominam o sistema de comunicação e de informação, o que traz a pauta da questão da soberania. Nesse cenário, a discussão sobre globalização cede espaço a questões como em que medida os Estados são relativamente autônomos para decidir a regulação das redes sociais que são internacionais.

A pauta da regulação no Brasil é tema, por exemplo, o texto Lei das Telecomunicações e órgão regulador no Brasil: desafios e obstáculos à luz da experiência britânica e europeia, que Teresa publicou com Danilo Rothberg na Revista Estudos de Sociologia (2008). O texto sintetiza lições trazidas pela construção do quadro regulatório do Reino

Unido, um modelo importante sobre o tema, e da União Europeia e analisa as barreiras à implementação deste modelo no Brasil.

As ações de segmentos da sociedade frente à questão ganham olhares pertinentes na obra de Teresa, sobretudo no que diz respeito ao Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC). No trabalho apresentado e publicado em anais da X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã (2015), e elaborado com Paula Cecilia de Miranda Marques, encontra-se uma importante reflexão sobre a consulta realizada em 2011 pelo FNDC sobre o marco regulatório das comunicações no país.

Nesse contexto, estão as dificuldades enfrentadas pelo movimento social brasileiro para obter avanços na agenda da democratização da comunicação. A ausência de ações do poder público somada ao poder exercido pelo empresariado da radiodifusão comercial são, certamente, entraves para o setor. Frente a isso, a necessidade da sociedade ter maior mobilização para interferir nas políticas de comunicação e ocasionar transformações no setor é debatida no texto “O movimento pela democratização da Comunicação no Brasil; Desafios e Perspectivas”, produzido com Carlos Henrique Demarchi e publicado na Revista Alceu (2019).

As ações do poder público, em relação às campanhas eleitorais, são de competência do Superior Tribunal Eleitoral (STE), mas também é possível estabelecer conexões com o poder local. Teresa exemplifica como as campanhas eleitorais nos pequenos municípios, mudaram seu perfil, ao utilizarem as redes sociais, na propaganda eleitoral. Processos antes quase amadores cederam espaço à busca de engajamento mais do que de audiência. A interface entre a política e a comunicação se torna mais evidente, envolvendo temas complexos,

como o financiamento das campanhas, inclusive advindo de emendas parlamentares.

Pautas como essa são debatidas por Teresa, não apenas nos quase cem artigos científicos; nos 72 capítulos ou nos 15 livros publicados ou organizados, mas também pelas *lives* exibidas semanalmente pelo Canal Ciências em Diálogo, divulgado no Youtube. Trata-se de uma iniciativa do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, com a proposta de compartilhar com a comunidade universitária e a sociedade em geral discussões sobre temas atuais e de interesse a todos. Já foram realizadas cerca de trezentas entrevistas sobre temas diversos o que demonstra mais uma forma de Teresa se relacionar com a comunicação.

Teresa é bolsista Produtividade em Pesquisa 1C – PQ, do CNPq; é colaboradora do projeto “Educação, Tecnologia e Comunicação: articulações entre saberes e estudo do impacto das estratégias pedagógicas e midiáticas utilizadas pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia) durante o período de aulas remotas”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig); é pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Centro de Estudos de Opinião Pública” e do Centro de Estudos de Opinião Publicaz, ambos da Universidade de Campinas (Unicamp); pesquisadora do Grupo de pesquisa “Partidos e Eleições Subnacionais de Governo” da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar); membro do Grupo de Pesquisa Gecappe- Grupo de Estudos sobre Comunidades de Aprendizagem e Políticas Públicas Educacionais equitativas: planejamento, gestão e avaliação de formação de professores (Unesp) e líder do Grupo de Pesquisa Estado e Governo, do CNPq (Unesp).

Uma olhada pelo seu currículo lattes, permite conhecer publicações, muitas com seus orientandos e com outros pesquisadores, sobre temas como o uso exclusivo de smartphones para o acesso à internet no Brasil; considerações sobre habilidades digitais e inclusão a partir da pesquisa TIC domicílios; o uso das redes sociais pelas parlamentares; participação e representação das mulheres na política; o movimento pela democratização da comunicação no Brasil; busca de parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento da *information literacy*.

Os números também impressionam no que diz respeito à formação de pesquisadores, afinal, já orientou 73 teses de doutorado; 86 dissertações de mestrado; 72 monografias de especialização; 45 trabalhos de conclusão de curso; 51 iniciações científicas e foi responsável por 12 supervisões de pós-doutorado. O trabalho como orientadora junto ao de professora representa uma parcela significativa da vida profissionais de Maria Teresa Miceli Kerbauy. Afinal, quando questionada sobre o que gosta de fazer, a resposta vem rápida: formar gente.

A área da Comunicação, certamente, tem muitos pesquisadores e professores que, ao serem formados por Teresa, incorporaram em suas práticas profissionais conceitos da ciência política. Uma relação importante e profícua, que vem fortalecendo as pesquisas sobre políticas de comunicação.

A comunicação, inegavelmente, é caracterizada pela interdisciplinaridade com as mais diversas áreas e é, ao assumir essa condição, que pesquisadores contribuem para compreender a sociedade a partir de uma visão plural. Assim, mais do que um instrumento, a comunicação torna-se um caminho para compreender o mundo cada vez mais complexo. No caso de Teresa, sua trajetória traz interfaces com

temas caros à atualidade, tais como cidadania, democracia e liberdade de expressão. A comunicação, enquanto área, e seus pesquisadores e profissionais agradecem!

Sobre a autoria da bionota:

Roseane Andrelo

Livre-docência em Letramento Midiático pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Desenvolveu estágio na Université Paris III - Sorbonne Nouvelle, como bolsista da CAPES. É professora da graduação e da pós-graduação em Comunicação da Unesp, campus de Bauru. E-mail: roseane.andrelo@unesp.br

MARLI DOS SANTOS

por Alexandra Fante

Marli dos Santos é uma pesquisadora reconhecida e respeitada na área da Comunicação e uma importante figura na consolidação da Universidade Metodista de São Paulo, como uma das principais instituições de ensino da Comunicação no Brasil, onde atuou como docente, coordenadora de Graduação no curso de Jornalismo e também do PósCom, além de ocupar cadeiras de membra e presidenta de comitês importantes, como o de Ética e pesquisa, entre outros. Foram mais de duas décadas de dedicação à Instituição. A história da pesquisadora também se destaca pela liderança na coordenação dos mais relevantes grupos de pesquisa e trabalho no Brasil e na América Latina.

Marli nasceu em São Paulo, capital, em 17 de junho de 1958. Vinda de uma família de imigrantes, operários e comerciantes, é filha de Iveraldo dos Santos Oliveira e Helena Kinhel dos Santos. Os pais nasceram na Mooca e são filhos de imigrantes europeus: por parte pai, portugueses, por parte de mãe, Montenegro (país dos Bálcãs, que pertencia a ex-Iugoslávia). Devido à diáspora que ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, com a dissolução do império Austro-Húngaro,

em 1918, houve dispersão da família e dos avós maternos; no caso dos avós paternos, eles vieram no ritmo da imigração de portugueses ao Brasil. Foi apenas na geração da Marli, entre irmã e primos, que a dedicação ao estudo foi possível.

Aluna de escola pública em São Caetano do Sul, a estudiosa construiu a vida acadêmica na área da Comunicação. A primeira graduação foi em Publicidade e Propaganda, em 1979, na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), e depois, em Jornalismo, em 1989, devido às atividades profissionais que acabaram a levando para a área. Passados 14 anos de atuação no mercado profissional, em Jornalismo Institucional, assessoria de imprensa e gerência de comunicação, Marli mudou a trajetória para a área acadêmica.

Neste momento, voltou à UMESP em 1996, para fazer o mestrado em Comunicação Social. Sob a orientação do saudoso prof. José Marques de Melo e como bolsista da Capes, a dissertação abordou sobre o Jornalismo, com o tema “O homem que mordeu o cão - Um estudo exploratório sobre a linguagem sensacionalista nas reportagens do telejornal Aqui Agora”, defendida em 1998. O doutorado foi pela Universidade de São Paulo (USP). Orientada pelo prof. Manuel Carlos da Conceição Chaparro, a tese versou sobre “Cenas e sentidos na tribo raver: a ordem da fusão”, e estuda a recepção sobre conteúdos jornalísticos a respeito de drogas ilícitas. Defendida em 2004, a tese ganhou distinção pela metodologia e texto. O estágio pós-doutoral foi concluído em 2020, na Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a supervisão de Ana Carolina Temer. O título da pesquisa foi “Formas de participação no jornalismo contemporâneo”. O trabalho foi apresentado em evento da SBPJOR e um dos desdobramentos da pesquisa, que também dialogava com a educação midiática, gerou a publicação

“Desinformação e Fact-checking: Reflexões sobre a credibilidade no jornalismo e as experiências de checagem no Brasil”.

Desde 1980 a 2007 Marli trabalhou com planejamento e execução de eventos, redação de textos em comunicação, repórter, editora, assessora de imprensa, gerente de Comunicação, consultoria em Comunicação interna, treinamentos, elaboração de audiovisual e cases para concursos, em empresas como a Cooperativa de Consumo da Volkswagen (Coopervolks), Interlocadora S/A, Cooperativa de Consumo da Mercedes-Benz, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento de Mercado (IPDM), Instituto Carrefour e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (SJPSP).

A carreira acadêmica começou na UMESP, em 1999, onde permaneceu até 2017. Neste período ministrou disciplinas como Teoria do Jornalismo, Oficina de Jornalismo, Planejamento Gráfico e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa, e Comunicação Empresarial na pós-graduação. Na instituição atuou como coordenadora do curso de Jornalismo, orientou Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias, artigos científicos de iniciação científica e especialização, além de dissertações e teses. Marli também coordenou os Trabalhos de Conclusão de Curso em Jornalismo, diversas publicações laboratoriais como o site Impressão Digital, a agência de notícias Metodista Ciência, a revista Jornalismo em ação, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e teve como linhas de pesquisa o Jornalismo e novas práticas de produção e difusão, Jornalismo participativo e colaborativo, Jornalismo e narrativas, Jornalismo e gêneros. Entre as funções de membra e presidenta, esteve no Comitê de Ética e Pesquisa, de Pós-Graduação, de Ensino, de Tecnologia, na Comissão Setorial

de Avaliação da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas e no Colegiado do curso de Jornalismo.

De 2002 a 2010 começou, paralelamente, a ministrar cursos na pós-graduação em Comunicação Jornalística na PUC-SP. Atuou também em cursos de formação no Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo de 2003 a 2008. Elaborou, de 2009 a 2010 para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), entrevistas e textos para inserção de capítulo em um dos volumes da coleção Explorando o Ensino, distribuído aos professores de Filosofia do Ensino Médio da rede pública de ensino.

Na Faculdade Cásper Líbero (FCL), onde atua desde 2018 como professora do Mestrado, coordenou a pós-graduação *Stricto Sensu* (até 2023) e coordena a pós-graduação *Lato Sensu*. Marli é, ainda, coordenadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) e pesquisadora nas linhas de Jornalismo, Imagem e Entretenimento.

Atualmente também é docente consultora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e pesquisadora na Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Entre os projetos na carreira docente destacam-se a coordenação de Iniciação Científica (UMESP), a criação de um Laboratório de Pesquisa em Comunicação (LabPósCom) com equipe multidisciplinar nas áreas da Comunicação entre Graduação e Pós-Graduação, produção da Revista Comunicação & Sociedade, o Laboratório de Jornalismo Interinstitucional ligados a Programas de Pós-graduação e linhas de pesquisa em Jornalismo com intercâmbios nacionais e internacionais com pesquisadores da área e a participação no Conselho Editorial para a criação de um dicionário de Jornalismo no Brasil.

Alguns dos projetos de pesquisa coordenados pela pesquisadora são “A percepção da credibilidade do Jornalismo no contexto da desinformação, que surge a partir do panorama comunicacional contemporâneo sobre o tema da credibilidade do jornalismo profissional e a desinformação; o “Jornalismo contemporâneo e fact-checking: estratégias para o combate da desinformação / fake news”, que apresenta a contribuição dos projetos de fact-checking no Brasil para a educação midiática; o estudo “A influência do público nas práticas jornalísticas”, apresenta as mudanças estruturais do jornalismo a partir da perspectivas de importantes autores; a pesquisa sobre a “Produção e circulação de conteúdo no Jornalismo do século XXI”, que considera as mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas, alterando as formas de produção e circulação da notícia; e “Práticas de investigação jornalística na contemporaneidade e relações de gênero”, a partir do jornalismo investigativo, que abrange desde entrevistas secundárias a fontes especializadas, além da observação, coleta e tratamento de dados, entre outras metodologias.

Marli atuou como pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) entre 2017 e 2019, do qual resultou o livro *Práticas de Produção no Webjornalismo*.

Atualmente é coordenadora do Grupo de Pesquisa Gêneros jornalísticos da Intercom (desde 2020) e do Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação - Alaic (desde 2018). Coordenou o Prêmio Adelmo Genro Filho em 2019 e 2020, promovido pela SBPJOR. Antes, foi avaliadora de dissertações e teses do prêmio.

Lidera o Grupo de Pesquisa EmancipaJor - Jornalismo Contemporâneo, práticas para a emancipação social na cultura tecnológica,

com a realização de inúmeros eventos, especialmente em dois Seminários de Jornalismo na Cásper Líbero em 2021 e 2022.

Marli é também vice-presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã (ABPCOM) e tem se dedicado às pesquisas voltadas à credibilidade jornalística no contexto da desinformação e a interface com a educação midiática.

Entre os periódicos que participou como membra do corpo editorial estão o *Líbero* (2020-2023); *Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM* (2017-2019); *E-Compós* (2017-2022); *Comunicação, Mídia e Consumo* (2016-2021); *Comunicação & Sociedade* (2014-2017); *Comunicação, Mídia e Consumo* (2012-2014); *Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação - JBCC* (2011-2016); e a *Revista Altejour do Núcleo de Jornalismo e Editoração da USP* (2009-2014).

Marli dos Santos tem no currículo 21 prêmios acadêmicos, e entre artigos e resumos publicados, capítulos de livros, apresentações em congressos e produções técnicas, a estudiosa acumula 339 publicações durante a vida acadêmica. São estudos densos que contribuem de forma relevante para a formação de novos profissionais e para o avanço da ciência e da pesquisa em Comunicação.

Sugestões de obras da autora:

A primeira sugestão tem ligação com o início da carreira docente na Graduação e traz um estudo de recepção de jovens ravers sobre conteúdos jornalísticos relacionados a drogas ilícitas.

SANTOS, Marli. Cenas e sentidos na tribo raver: a ordem da fusão. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 1, p. 158-167, 2004.

A segunda e terceira sugestões abordam sobre a narrativa e formatos jornalísticos e se dão diante da segunda fase da carreira, quando a pesquisadora assume como professora colaboradora do PósCom da Umesp, ao propor um projeto de pesquisa relacionando jornalismo e gênero.

SANTOS, Marli; GONÇALVES, Elizabeth M. Um novo ambiente para as produções narrativas: a influência dos em sujeitos(re)ação. **Palabra Clave**, v. 19, p. 450-472, 2016.

MARADEI, Anelise; SANTOS, Marli dos. **Violência contra as mulheres**: o caso do estupro coletivo na esfera pública digital. Intercom (São Paulo. impresso), v. 40, p. 143-168, 2017.

As próximas sugestões são indicadas a partir dos estudos sobre jornalismo, desinformação, educação midiática / mídia educação.

SANTOS, Marli dos; CAPRINO, Mônica. Covid-19 e desinformação: ações de fact checking e educação midiática. **Comunicação & Inovação** (online), v. 21, p. 39-62, 2020.

LONGO, Julia Andrade; SANTOS, Marli. Documentários jornalísticos como práxis emancipadora de adolescentes: diálogos entre cidadania comunicativa e educomunicação.

Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui, v. 1, p. 81-98, 2023.

Em livros, as inspirações são voltadas às práticas jornalísticas, ao jornalismo e desinformação e jornalismo e gênero são:

SANTOS, Marli; TEMER, Ana Carolina R. P. (Org.).
Mulheres no jornalismo, práticas e emancipação social.
1. ed. São Paulo e Goiânia: Selo Cásper Líbero e UFG, 2018.
v. 1. 218p

SANTOS, Marli. **Práticas de Produção no Webjornalismo:**
Estudo sobre portais e sites jornalísticos da grande mídia e da
mídia independente. 1. ed. São Paulo: Cásper Líbero, 2020.
v. 1. 92p.

SANTOS, Marli.; TEMER, Ana Carolina R. P. (Org.).
Desinformação e fact-checking: reflexões sobre a
credibilidade no jornalismo e as experiências de checagem no
Brasil. 1. ed. Goiânia: Cegraf-UFG, 2021. v. 1. 238p.

Sobre a autoria da bionota:

Alexandra Fante

Jornalista e assessora de Comunicação e Imprensa. Pós-doutora em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo em cotutela com a Universidade da Beira Interior - UBI

(Portugal). Especialista em Comunicação e Educação. Superintendente da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Maringá-PR.
E-mail: alexandrafante@gmail.com

MAYRA RODRIGUES GOMES

por Eliza Bachega Casadei

Mayra Rodrigues Gomes (20/01/1947 -), é reconhecida por suas contribuições significativas em ensino, pesquisa e extensão na Universidade de São Paulo, com trabalhos acadêmicos focados nas interseções entre Ciências da Linguagem e Estudos Comunicacionais, além das pesquisas sobre Censura e Liberdade de Expressão. Professora Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, ela possui Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP), além de ter feito estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP).

Sua trajetória profissional se desdobrou em múltiplas fases, caracterizadas por sua habilidade em tecer comunicação, linguagem, psicanálise e discurso em suas investigações. Com uma preocupação em torná-las formas a partir das quais bordamos o manto do mundo (Coleção Bordando o manto do mundo - volumes 1, 2 e 3), a professora Mayra, em seus trabalhos de pesquisa no campo da comunicação, dá

destaque à condição imaginária da realidade vivida, posto que são as histórias que contamos, os discursos aos quais nos agenciamos e as formas simbólicas a partir das quais habitamos o mundo que perfazem os ingredientes centrais que compõem a malha a partir da qual compreendemos a nossa existência. Ao entender as mídias como atores privilegiados na construção e mediação desses imaginários que compõem a realidade social, as principais contribuições teóricas da professora Mayra estão, justamente, na proposição de vinculações entre o campo comunicacional e os estudos de discurso, em sua condição estruturante das estórias que formam uma noção de coletividade. Os estudos de narrativa também são destaque em sua produção acadêmica, especialmente vinculadas ao entendimento de que as estórias contadas nos meios de comunicação de massa reverberam estruturas discursivas que compõem um repertório social rico e complexo.

Formação e Primeiros Passos

Os fundamentos da carreira universitária de Mayra tiveram início nas décadas de 60 e 70, marcadas por estudos na graduação em Filosofia, na Universidade de São Paulo, entre 1966 e 1971. Ela também cursou parcialmente a Faculdade de Direito da USP, entre 1967 e 1968, embora não tenha concluído o curso. A experiência deu início à construção de suas bases teóricas, mais tarde aplicadas à Comunicação. Foi também nessa época que Mayra iniciou suas primeiras experiências na docência, ao ministrar aulas de gramática no Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia.

Aos 22 anos, Mayra se muda para os Estados Unidos com a sua família e, ali, pôde ter contato com outros interesses de estudos,

como antropologia cultural – com uma proposta de estudos sobre a comunicabilidade de chimpanzés em cativeiro (em continuidade aos estudos de Jane Godall), além de ter ministrado aulas particulares de filosofia extraoficialmente para filhos de famílias europeias de imigrantes.

Seu retorno ao Brasil marcou uma nova fase em sua trajetória, quando o convite da professora Dulcília Buitoni para ingressar no mestrado na Escola de Comunicações e Artes da USP a introduziu ao campo da Comunicação. Mayra abraçou essa oportunidade e, sob uma abordagem hermenêutica, explorou as interseções entre linguagem e comunicação, concentrando-se nas capas da revista *Veja*. Isso deu origem à dissertação “Um texto icônico/verbal por semana: vendo/lendo as capas de *Veja*”, defendida em 1992.

No doutorado, desenvolvido também na ECA-USP entre 1994 e 1997, as preocupações de Mayra voltaram-se para o tema “Colóquio ou solilóquio? O imperativo da interatividade e as aporias da comunicação”, também orientado pela professora Dulcília Buitoni. É nessa época também que a professora Mayra se aproxima do Núcleo de Jornalismo e Linguagem e do Centro de Estudos em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura (NTC), onde tem um contato maior com importantes interlocutores sobre linguagem e psicanálise, bem como companhia para discussão de leituras importantes como Lyotard, Foucault, Deleuze, Lacan e Derrida – que alicerçam as contribuições teóricas centrais de Mayra para o campo da comunicação.

Depois de sua pesquisa de doutorado, Mayra realiza um estágio de pós-doutorado na PUC-SP, em 1997, também centrada em problemáticas da interface comunicação e ciências da linguagem.

Atuação profissional como docente

Embora ela atuasse como professora convidada ou conferencista regularmente desde 1994, em maio de 1999, Mayra é aprovada em um concurso que consolida sua posição como docente no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Dentre as várias disciplinas ministradas, destaca-se o conjunto de quatro disciplinas que compõem o núcleo “Ciências da Linguagem: fundamentos das práticas midiáticas”; “Ética e Jornalismo” e “Pensamento Filosófico”, revelando o amplo espectro de diálogos estabelecido entre o campo da comunicação e o campo mais amplo das ciências humanas.

Mayra também desempenhou papéis importantes na gestão acadêmica, com contribuições significativas para o Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Sua atuação abrange cargos de liderança, como Chefe do Departamento (de 2012 a 2014), além de participação em comissões e conselhos, onde trabalhou para aprimorar processos institucionais. Ao longo de sua carreira, ela atuou em diversas frentes administrativas como, por exemplo, membro do Conselho do Departamento, membro da Comissão de Pós-graduação, membro Titular da Congregação, Presidente da Comissão de Biblioteca, Membro da Comissão de Avaliação Setorial (CAS) Letras e Linguística, Vice-Presidente da Comissão de Pesquisa, entre outras comissões – em uma perspectiva de envolvimento e de melhoria dos processos nos quais esteve envolvida.

Como docente, destaca-se também a atuação da professora Mayra na coordenação, em conjunto com a professora Rosana de Lima Soares, do Grupo de Pesquisa Mediato Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas – grupo esse responsável pela formação de diversos pesquisadores hoje atuantes na área de pesquisa em comunicação.

Um outro fato digno de nota refere-se às ações desenvolvidas, na ECA USP, que são indicativas da valorização de seu trabalho junto aos alunos de graduação.

Uma das materialidades disso está na fundação da revista *Anagrama* – revista científica interdisciplinar da graduação, editada em conjunto com a professora Rosana de Lima Soares e seus orientandos. A revista começou a ser editada em 2007, em parceria com alunos de graduação e de pós, partindo do reconhecimento de que alunos envolvidos em programas de iniciação científica e de conclusão de curso produziam pesquisas de alta qualidade, porém enfrentavam limitações na sua divulgação adequada. *Anagrama* está em vigência ainda hoje e já publicou mais de 450 artigos científicos de alunos de graduação – dando um pontapé importante para pesquisadores que depois se tornaram renomados no campo da Comunicação.

Outra iniciativa importante em relação a essa valorização da graduação está no âmbito do projeto Wiki. Trata-se de um projeto experimental-didático, desenvolvido entre 2005 e 2015, que tinha como proposta central a produção colaborativa e hipertextual dos conhecimentos do campo das ciências da linguagem, em uma perspectiva de divulgação científica, feita por alunos de graduação. O projeto faz parte do reconhecimento que o conhecimento teórico não deveria ficar apenas no âmbito da academia, mas que é necessário um esforço para que ele possa atingir públicos mais amplos.

Contribuições Teóricas e Projeto Temático

Os artigos e livros científicos publicados pela professora Mayra desde o início dos anos 2000 consolidam contribuições muito

significativas para o campo da comunicação sobre como os discursos, as narrativas e as formas de materialização dos imaginários sociais são elementos centrais no entendimento dos meios de comunicação de massa. Trata-se de reflexões importantes que nos ajudam a enxergar a malha simbólica que sustenta as produções midiáticas. A produção teórica da professora Mayra lança luz às linhas invisíveis que sustentam as formas do comunicar, em diálogo com autores que, em suas produções originais, não estavam preocupados com o campo comunicacional, mas que, a partir das reflexões de Mayra, iluminam teias que escoram a produção midiática.

Dentre a sua vasta contribuição teórica no campo dos estudos de linguagem e comunicação, destacam-se os artigos “Palavra de ordem/dispositivo disciplinar” (onde ela faz um exercício de aplicação desses conceitos e demonstra que, na produção jornalística, também é possível encontrar esses termos que carregam uma visão de mundo e operam como direcionamento a tomadas de posição e obrigações sociais); “As materialidades e seus discursos” (onde explora o conceito discurso e examina suas materialidades a partir de publicidades voltadas para o público infantil) e “Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo” (onde ela pavimentar um trajeto demonstrativo do conceito de interdiscurso e evidencia algumas ocorrências substantivas nas produções comunicacionais).

A partir de 2005, um outro interesse de pesquisa passa a habitar as preocupações de Mayra. Em conjunto com as professoras Cristina Costa e Roseli Fígaro, é articulado o Projeto Temático, com apoio Fapesp, intitulado A Cena Paulista, um estudo da produção cultural de São Paulo de 1930 a 1970 a partir do Arquivo Miroel Silveira. Esse projeto era responsável pela catalogação, conservação

e estudos de um amplo acervo, originado no Serviço de Censura do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo (DDP-SP), que atuou durante 40 anos nas atividades culturais. Ali, é possível encontrar peças teatrais que passaram pelo processo administrativo da censura, com a marcação dos termos e cenas censuradas. Os cortes poderiam compor desde palavras específicas até produções inteiras. Os períodos ditatoriais no Brasil, como a era Vargas (1930-1945) e o início da Ditadura Militar (1964-1970), são abordados nos processos, o que possibilita analisar as etapas dos atos de censura e como eles impactaram a produção artística brasileira.

Inicialmente, a professora Mayra coordenou o Eixo Temático “O Poder e a Fala na Cena Paulista”, que tinha como objetivo reunir um grupo de pesquisadores que investigava as palavras censuradas, submetendo-as à Análise de Discurso e à conexão com as relações de poder. A partir dos estudos de discurso, o grupo de pesquisadores que ela coordenava buscava investigar por que alguns termos haviam sido censurados.

A coordenação do Arquivo Miroel Silveira desdobrou-se em outras perspectivas de pesquisa em torno da censura e da liberdade de expressão. A partir de 2009, a professora Mayra coordenará o eixo temático “Liberdade de Expressão: Manifestações no Jornalismo”. Essa nova fase tinha como proposta realizar uma análise teórica e documental de processos censórios no Arquivo Miroel Silveira e propor, a partir dela, o estudo em acervos jornalísticos das manifestações que possam ter ocorrido em relação à censura. Em 2012, inicia-se o projeto “Dimensões Sócio-Discursivas da Censura”, com apoio do CNPq e, a partir de 2015, a pesquisa “Discurso, Hegemonia e Classificação Indicativa”, também financiada pelo CNPq.

A urdidura entre os estudos do discurso para entender os processos censórios e suas interfaces no jornalismo gerou uma série de reflexões importantes para o campo da Comunicação, publicizadas em artigos de revistas científicas e congressos. Dentre esses, destacam-se os textos: “A colonização da cultura: ainda sobre Classificação Indicativa” (onde Mayra discute o controle do fluxo de produtos culturais através de variadas estratégias normativas e seus diferentes modos, formais e informais, de cerceamentos); “Sobre supervisão e controle: um exercício em torno da classificação indicativa” (em que são evidenciados os deslocamentos e reagrupamentos de palavras e discursos que sustentam processos de controle) e “Palavras proibidas: conclusões de um estudo sobre expressões censuradas em peças teatrais” (que rastreia pressupostos e subentendidos expostos na ação dos censores em peças do Arquivo Miroel Silveira).

De 1995 a 2023, a professora Mayra publicou 66 artigos em periódicos científicos, 18 livros e 34 capítulos de livros. Além disso, orientou 23 dissertações de mestrado, 26 teses de doutorado, 50 pesquisas de conclusão de curso e 40 de iniciação científica.

O reconhecimento dos pares em relação às suas reflexões teóricas e como docente veio também na forma de uma Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, bem como em inúmeros apoios à pesquisa por parte das agências de fomento ao longo dos anos.

Os livros publicados por Mayra são também indicativos importantes de sua contribuição intelectual, dos quais destacam-se: *Comunicação e Identificação. Ressonâncias no jornalismo* (Cotia: Ateliê Editorial, 2008); *Ética e jornalismo* (São Paulo: Escrituras, 2004); *Jornalismo e filosofia da comunicação* (São Paulo: Escrituras, 2004) e *Poder no Jornalismo* (São Paulo: Hacker e Edusp, 2003).

Mayra Rodrigues Gomes trouxe debates relevantes para o campo da Comunicação por meio de suas contribuições teóricas e práticas, sua orientação e influência sobre várias gerações de acadêmicos e suas investigações sobre discursos, linguagem e mídia. Sua jornada acadêmica, que abrangeu mais de quatro décadas, continua a inspirar e moldar o campo da Comunicação

Sugestões de obras da autora:

GOMES, Mayra Rodrigues. Palavra de ordem/dispositivo disciplinar. **Galáxia**, São Paulo, v. 5, p. 91-108, 2003.

GOMES, Mayra Rodrigues. Palavras proibidas: conclusões de um estudo sobre expressões censuradas em peças teatrais. **Media & Jornalismo**, v. 12, p. 95-114, 2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. Sobre supervisão e controle: um exercício em torno da classificação indicativa. **Matrizes**, v. 7, p. 127-147, 2013.

GOMES, Mayra Rodrigues. A colonização da cultura: ainda sobre Classificação Indicativa. **Rumores**, v. 11, p. 203-223, 2017.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Coleção Bordando o manto do mundo** (volumes 1, 2 e 3). São Paulo: ECA-USP, 2018.

GOMES, M. R. As materialidades e seus discursos. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 16, p. 271-290, 2019.

GOMES, Mayra Rodrigues. Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo. **Matrizes**, v. 15, p. 57-76, 2021.

Sobre a autoria da bionota:

Eliza Bachega Casadei

Pós-doutorado pelo programa de pós-graduação em Comunicação Midiática da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FAAC-UNESP). Professor Titular e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM-ESPM).
E-mail: eliza.casadei@espm.br

NELLY DE CAMARGO

por Nádya da Cruz Senna e Pollyana Notargiacomo

Nelly de Camargo (1930, Itatinga, SP) nasceu para ser professora e essa foi a carreira que abraçou e se dedicou integralmente. Se graduou em Pedagogia (USP, 1957), cursou o mestrado em *Education-Communication Technology Leadership* pela Indiana University (EUA, 1961) e o doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (1972). Seu compromisso com a formação qualificada capaz de atender demandas crescentes de desenvolvimento social e cultural lhe motivou a estudar comunicações e tecnologias na interface com a educação. Esse pioneirismo está na origem da Escola de Comunicação e Artes da USP. Ao longo de sua trajetória estabeleceu parcerias, nacionais e internacionais, relevantes para a pesquisa, o ensino e a produção de conhecimento em comunicação, nas suas inter-relações com tecnologias da informação, cultura e cidadania. Foi Conselheira Regional de Comunicação da Unesco para a América Latina e Caribe promovendo o intercâmbio com programas científicos e acordos de cooperação internacionais que possibilitaram a implantação de projetos inovadores, com experimentação de metodologias

alternativas envolvendo novas práticas de ensinar e aprender em face das mídias contemporâneas. A professora contribuiu para a implantação dos programas de pós-graduação em comunicação da USP e Unicamp, lugares em que conduziu e orientou pesquisas de mestrado e doutorado, sendo responsável pela formação de dezenas de profissionais e docentes, que fizeram reverberar seus ensinamentos pelo Brasil e exterior. Sua relevante contribuição é reconhecida, tendo sido premiada por diferentes instituições e entidades, com destaque para o título de professora emérita, que lhe foi outorgado pela USP em 2013, distinguindo a magnitude de sua atuação acadêmica.

A menina que ensinava para as suas bonecas no interior de São Paulo se formou na Escola Normal e veio para a capital cursar Pedagogia na USP, concomitante atuava como professora de ensino primário. Concluída a graduação em 1957, passou a lecionar nos cursos de formação de professores. A continuidade de seu aprimoramento inclui o curso de especialização em Filosofia e Psicologia realizado na USP, em 1959. Porém, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos em educação e comunicação, se deu por meio de um projeto do Ministério da Educação, uma parceria Brasil-EUA, para instalar em São Paulo um Instituto de Recursos Audiovisuais e Desenvolvimento da Educação. A professora concorreu e foi selecionada para fazer o curso na cidade de Bloomington, Indiana (EUA), que naquela época já investigava a TV como recurso educativo. O intercâmbio com a Universidade de Indiana se ampliou por meio do seu ingresso no curso de Mestrado em *Education-Communication Technology Leadership*. Sob orientação do professor B. J. Knowles conduziu a dissertação “*Leadership in Communication: a Study in Public Opinion*”, defendida em 1961.

De volta ao Brasil, atendeu às demandas do Instituto, participando de encontros internacionais com profissionais de diversos países interessados na formação de recursos humanos diferenciados, para promover o desenvolvimento científico, literário, artístico e filosófico. Estavam lançados os primeiros esboços que projetaram os cursos de formação em comunicação em nosso país. A acolhida do projeto por parte do professor Júlio Garcia Morejon, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, deu início à Escola de Comunicações Culturais, onde ele foi o primeiro diretor, em 1966. Nelly de Camargo ingressa como professora concursada em 1967, sendo responsável pela cátedra de Teoria da Comunicação e pela chefia do futuro Departamento de Comunicações, que reunia os demais docentes da Escola. Assim, nasceu um curso básico de dois anos que tinha no currículo: teoria da comunicação, história, filosofia, estética, português e línguas estrangeiras (espanhol, inglês, francês e alemão). Nos anos seguintes se dava a etapa de profissionalização, em que o aluno podia escolher entre: Relações Públicas, Rádio e TV, Cinema, Jornalismo, Biblioteconomia e Documentação. Em 1969, a escola passa a oferecer formação em artes, alterando o nome para Escola de Comunicações e Artes.

Os anos finais da década de 60 e a década de 70 do século XX, foram marcados por revoluções culturais que impactaram os modos de percepção em escala mundial, repercutindo sobre todas as esferas da vida em sociedade, sobretudo na educação, em função do engajamento político dos jovens. Os cursos foram sendo reformulados e os currículos se adequam para atender interesses e transformações que incidem sobre as práticas profissionais. Isso vai gerar desdobramentos e uma organização mais autônoma para os Departamentos que tinham

sido criados. Também é nessa época, que a Universidade investe na qualificação de seus professores e reivindica a necessidade de aprimoramento para os profissionais formados. Surgem os primeiros cursos de mestrado e doutorado, que serão frequentados nesses anos iniciais pelos próprios professores da Instituição.

Inclusive, em agosto 1970, ao oferecer aos estudantes do recém criado curso de Comunicação da ECA-USP a disciplina de “Fundamentos Científicos da Comunicação II”, a professora Nelly de Camargo entregou um roteiro de aula (no formato datilografado) consolidado em duas apostilas. Destaca-se, a relevância destes documentos para os estudos epistemológicos da comunicação, assim como registro histórico da área, mais especificamente do delineamento da Teoria da Comunicação a partir de suas estruturas epistemológicas, constituindo um dos únicos registros históricos publicados sobre o Ensino de Teoria da Comunicação.

A professora Nelly de Camargo participou do primeiro Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (USP), em nível de doutorado, realizando a tese “A TV e o Quadro de Referência Sócio-Cultural: o Público dos Telepostos de São Luiz do Maranhão” sob orientação do Prof. Egon Schaden, defendida em 1972. Uma investigação precursora dos estudos de recepção, evidenciando a necessidade de articular a comunicação com problemas práticos de desenvolvimento. A pesquisa foi conduzida de forma criteriosa para reconhecer os quadros socioculturais de referência dos públicos dessa mídia (ainda incipiente na época), para, a partir dos dados encontrados, propor uma programação que alcance dimensões culturais e educacionais, para além do mero entretenimento. Se destaca nesse estudo o diálogo interdisciplinar, a perspectiva científica para compreender os

processos comunicacionais, evidenciando vinculações entre teoria e prática, aspectos políticos, mudanças sociais e culturais. São questões que vão continuar e fomentar o debate, estimulando o pensamento crítico, o surgimento de linhas de investigação, novos enfoques teóricos e metodológicos.

A busca e a experimentação com novos referenciais e métodos vão impulsionar as pesquisas em comunicação desenvolvidas nos anos 80, constituindo pilares referenciais que influenciam este campo de conhecimento ao longo das décadas. Esse foi o foco da investigação realizada junto a Universidade de Stanford (EUA), em 1981: “*Theory and research methods of communication for purpose of developing graduate curriculum*”. A professora ativou o intercâmbio com o *Institute for Communication Research*, ministrando cursos, realizando palestras e pesquisas, conforme termo de compromisso da bolsista com o Programa *Fulbright* para Professores Visitantes.

Nelly de Camargo atuou como professora na USP de 1967 a 1983, e na Unicamp de 1984 a 2000. Nessas duas Instituições ministrou aulas na graduação e na pós-graduação, foi chefe do Departamento de Comunicações e Artes (USP) e do Departamento de Multimeios (Unicamp), integrou comissões pedagógicas e núcleos de pesquisa em prol da melhoria do ensino e qualificação da formação. Coordenou projetos e foi contemplada com recursos de agências de fomentos para implantação e modernização de laboratórios de imagem e som. Conduziu projetos de extensão reunindo profissionais e estudantes de áreas diversas, em busca de soluções para problemas específicos, visando atender demandas da comunidade, entre tantas, destacamos a campanha de educação ambiental referente ao problema do lixo na cidade de São Paulo. Foi consultora de agências e associações, atuou

de 1972 a 2000 como vice-presidente da IAMCR (*International Association for Media and Communication Research*), assim como, até os dias atuais, desenvolve atividades como consultora sênior da CETCO (*Center for Transdisciplinary Studies in Communication*).

Nesta trajetória ímpar, a professora Nelly de Camargo orientou 51 trabalhos de Pós-Graduação num período profícuo de 28 anos (1980 a 2008), sendo que os estudantes que orientou tornaram-se multiplicadores de aspectos envolvidos na Teoria da Comunicação em suas aulas, contribuindo para a instituição do *corpus* desta área na contemporaneidade. Além disso, mas não menos importante, destaca-se que suas contribuições se direcionam fundamentalmente para a Teoria da Comunicação, para a Comunicação Comparada, para a Comunicação de Massa, assim como para os processos envolvidos na Educação, na Arte e, também, nas relações estabelecida com Artefatos Tecnológicos e seus desdobramentos Midiáticos numa perspectiva transdisciplinar. Outro aspecto a ser destacado é pertinente à sua participação na Comissão de Redação da Revista da Escola de Comunicações Culturais nos anos de 1967 e 1968, assim como foi do conselho editorial da Revista de Comunicações e Artes de 1970 a 2000 e colaborou no número 1 desta última.

Dentre as publicações que a professora Nelly de Camargo fez ao longo da carreira, se destacam trabalhos que versam sobre comunicação: “Comunicação: uma nova perspectiva no campo das ciências do comportamento” publicado na Revista da Escola de Comunicações Culturais, São Paulo, USP, v. 1, n. 1, p. 153, 1967 e “A busca de uma filosofia para o ensino da comunicação” publicado na Revista de Comunicação e Artes, n. 6, 1971. Ambos abordam perspectivas para a pesquisa em comunicação, situando fundamentos

e epistemologias baseadas no diálogo com diferentes saberes. Sobre educação: “Problemas da educação e comunicação no Brasil contemporâneo”. São Paulo, USP/ ECA, 1970 e “Um comunicador/educador sob medida: o profissional da cultura”, publicado em *Logos*, v. 2, n. 2, p. 23-28, 1995. Esse último se constitui como um texto de referência, que aponta para a necessidade de formar um profissional – o animador cultural – habilitado para desempenhar ações e promover a cultura, dar acesso à informação e oportunizar a melhoria da vida e a superação das desigualdades, o estudo apresenta e discute os componentes teóricos e práticos essenciais para essa formação. O artigo foi publicado originalmente em inglês: “*The formation of Cultural Workers: Considerations on Latin American Experiencies*” In Part V – *On Communication and Development Mass Communication RESEARCH: On problems and polices- The art of asking the right questions*. Norwood, New Jersey, Ablex Publishing Company, 1994, p 291-305.

Também publicou trabalhos que compartilham resultados de pesquisas e experiências sobre comportamento e suas inter-relações com mídias, indústria cultural e produtos de comunicação de massa. “Televisão na praça: redefinição cultural e nova sintaxe do lazer” publicado em *Comunicações e Artes*, n. 9, 1980, amplia reflexões em torno da TV como meio que possibilita o acesso do público aos produtos culturais no Brasil, com destaque para o papel que desempenha dentro do lazer cotidiano, avançando sobre a compreensão da comunicação no contexto das interações sociais. Sobre a indústria cultural, destacamos: “Indústria cultural: o caso brasileiro”. Campinas: Trilhas - Revista do Instituto de Artes da Unicamp, v. 4, n. 1, Jan./Dez. de 1993 e “Indústria cultural, educacional e formação estética numa abordagem holística: música, literatura e identidade cultural”

publicado na revista *Logos: Comunicação e Universidade*, v. 3, n. 1, p. 37-38, 1996. O relato contempla uma experiência educativa, bem sucedida, com turmas de 2º grau, em torno de um produto da indústria cultural, o disco *Mensagem*, 1986. A produção reuniu instrumentistas, compositores e cantores que partiram da poesia de Fernando Pessoa para construir uma obra musical. O uso pedagógico da obra, experimentado em perspectiva interdisciplinar, promoveu o estudo contextualizado, a percepção das relações e variáveis que identificam as diferentes linguagens, as identidades culturais, a expressão e fruição estética, proporcionando uma experiência integradora e significativa para todos os envolvidos.

É notável a contribuição da professora Nelly de Camargo para a instauração, sistematização e consolidação dos estudos de comunicação no Brasil. Sua longa carreira perpassa a fundação da ECA/USP e do Departamento de Multimeios na Unicamp, instituições responsáveis pela implantação e valorização dessa área de conhecimento. Como docente, pesquisadora e consultora formou gerações de profissionais e investigadores comprometidos em ampliar a compreensão da comunicação, atentando para os desafios que se impõem diante das transformações e implicações educacionais, culturais, sociais e políticas. Uma característica marcante da atuação da professora é a abordagem interdisciplinar para dar conta dos processos da comunicação, seja em sala de aula, na orientação de pesquisas ou na condução de projetos que sempre reuniam profissionais e estudantes de diferentes áreas de formação. Seu protagonismo junto a Instituições internacionais dos EUA e América Latina, inaugurou convênios e parcerias que possibilitaram intercâmbios, qualificando docentes e pós-graduandos, estabelecendo redes de cooperação que se mantêm e se ampliaram.

A professora integra essa coletânea pela sua condição de fundadora dos estudos sobre a Comunicação em nosso país, pelo reconhecimento do potencial da comunicação, como campo de conhecimento, evidenciando interfaces possíveis, em prol de uma formação humanista, ética e criativa.

Sobre a autoria da bionota:

Nádia da Cruz Senna

Realizou estágio Pós-Doutoral na Universidade do Algarve (2016). Atualmente é professora associada do Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora adjunta do PPGArtes - UFPel. Participa do Grupo de Pesquisa Caixa de Pandora: Estudos de Arte, Gênero e Memória. Coordena o Projeto Arte na Escola - Polo Pelotas. Professora Associada à Federação de Arte/Educadores do Brasil. E-mail: senna@ufpel.edu.br

Pollyana Notargiacomo

Mestrado (1999) e Doutorado (2003) em Educação, ambos pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Engenharia Elétrica (2015) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Coordenadora do Grupo CNPq GETS (Games, Educação, Tecnologia e Sociedade) e Líder do JAS3 Lab. (Laboratório de Jogos, Aprendizagem, Simulação, Sistemas e Sinais). E-mail: pollyana.notargiacomo@mackenzie.br

REGINA CELIA BAPTISTA BELLUZZO

por Beatriz Carvalho de Souza

A história de Regina Celia Baptista Belluzzo começa com o encantamento e a curiosidade que os livros provocaram desde o primeiro capítulo da narrativa da nossa entrevistada. Ainda menina, em Santos, recebeu do pai uma coleção de Monteiro Lobato. Antes mesmo de dominar plenamente a leitura da palavra, insistia em decifrar as letras e descobrir universos, sílaba por sílaba. Lia tudo o que via pela frente: livros, jornais e revistas. O gosto pela leitura chegou sorrateiro, com cheiro de páginas novas, e nunca mais a deixou.

“Eu nem sabia ler direito, mas me esforçava para entender”, lembra. Aquela relação inicial com os livros se tornaria, anos depois, o fio condutor de uma trajetória acadêmica que atravessaria bibliotecas universitárias, programas de pós-graduação e debates internacionais sobre alfabetização informacional.

Sua relação com o conhecimento não nasceu apenas do hábito de ler, ela também se construiu a partir de experiências da infância que a impactaram de diversas formas. Regina ainda guarda na memória a lembrança dos deslizamentos nos morros de Santos, episódio marcante

que levou sua mãe a enviá-la para São Carlos, para viver com os avós. Foi ali, já no interior paulista, que outro acontecimento marcou a sua trajetória: a inauguração de uma biblioteca infantil em seu colégio.

Escolhida como “anjo da guarda” da chave da biblioteca no dia da abertura, viveu um rito simbólico que, décadas depois, continua aceso em sua lembrança. Primeiro vieram os livros, depois, a biblioteca como espaço vivo de encontros e descobertas.

Foi assim que a biblioteconomia surgiu em seu caminho, não como escolha pragmática, mas como desdobramento natural. Em São Carlos, ingressou no curso de Biblioteconomia e Documentação, oferecido em parceria com a Escola de Engenharia da USP. Encontrou ali não apenas uma formação, mas uma série de experiências que foram decisivas para o processo de desenvolvimento da sua própria identidade. Regina fala da profissão com orgulho e afeto: “acima de tudo, sou bibliotecária!”

Mais tarde, buscou também o Direito. Não para abandonar sua área de origem, mas para ampliar sua leitura de mundo e fortalecer sua capacidade de decisão. A formação jurídica, segundo ela, complementou sua trajetória, especialmente nos momentos em que precisou exercer liderança, conduzir equipes e enfrentar escolhas complexas. Em vez de ruptura, fez do segundo curso uma expansão de repertório.

Sua carreira, porém, nunca coube em um único lugar. Ainda jovem, começou a lecionar, dando aulas na escola onde estudava. Prestou concurso para integrar a primeira turma de mulheres do Banespa e atuou na organização da biblioteca pública em Bariri.

Entre os muitos caminhos que a biblioteconomia abriu em sua vida, um deles também foi o do afeto. Foi durante a organização dessa biblioteca pública que Regina viveu um encontro que se tornaria

parte de sua história. Em meio às estantes e à circulação de leitores pelo espaço que tanto amava, um jovem se aproximou, iniciou uma conversa e passou a voltar outras vezes. Aos poucos, o diálogo cotidiano, que começou com a literatura, transformou-se em namoro e, mais tarde, em casamento. Entre lembranças e sorrisos, Regina costuma dizer que a biblioteconomia lhe trouxe muito, inclusive alguém com quem compartilhar a vida.

Ao longo das décadas, Regina consolidou uma trajetória que articula técnica, docência, gestão e pensamento crítico. Trabalhou por quase 30 anos na Biblioteca da FOB-USP, em Bauru, onde chegou à direção. Paralelamente, lecionou durante 27 anos na Unesp de Marília, no curso que hoje se tornou referência em Ciência da Informação. Mais tarde, também atuou na pós-graduação da Unesp em Comunicação Midiática e, desde 2006, segue vinculada como professora voluntária, escolha que aparece em sua fala como forma de compromisso coletivo.

Esse processo diz muito sobre sua visão de mundo. Regina não trata a docência apenas como ocupação profissional, mas como partilha. Para ela, orientar não é apenas supervisionar prazos, corrigir textos ou indicar referenciais teóricos. É acompanhar trajetórias, abrir caminhos, sustentar e expandir narrativas. Em sua fala, a alegria de auxiliar a jornada acadêmica de um orientando para o desenvolvimento de uma dissertação ou tese aparece como uma das maiores recompensas de sua vida profissional.

Regina compreende a biblioteconomia como um campo que vai além da dimensão técnica. Em nossa conversa, a pesquisadora destaca a biblioteca como um espaço de serviço, acolhimento e formação humana. Para ela, organizar, indexar, catalogar e sistematizar nunca foram fins em si mesmos e ganham sentido quando possibilitam ao

outro acessar a informação, construir conhecimento e fazer escolhas mais conscientes.

Talvez por isso sua trajetória naturalmente tenha se ampliado para campos relacionados à metodologia científica, gestão de pessoas, comunicação e às competências informacionais, midiáticas, digitais e, mais recentemente, à competência em inteligência artificial. Regina enxerga essas dimensões como camadas interligadas de um mesmo processo: aprender a acessar, avaliar, interpretar, produzir e compartilhar informação de forma crítica e responsável. Para ela, a base está sempre na informação e é dela que derivam as demais competências exigidas pela vida contemporânea.

Seu pensamento, no entanto, não se rende ao deslumbramento tecnológico. Ao falar sobre inteligência artificial, redes sociais e digitalização do mundo, Regina faz um alerta contínuo para a centralidade da experiência humana. A pesquisadora enxerga a tecnologia como ferramenta capaz de ampliar capacidades, democratizar acessos e agilizar processos, mas que, ainda assim, depende da ação humana, das escolhas e, sobretudo, da ética. Em um cenário marcado pela velocidade, pela explosão informacional e pela desinformação, ela vê nas competências críticas uma forma de proteção e emancipação educacional.

Essa perspectiva tem um horizonte nítido: cidadania. Regina reconhece que o conceito de competência, em certos contextos, foi apropriado por lógicas produtivistas, ligadas ao desempenho e à lucratividade. Mas reivindica outro sentido para ele. Em seu trabalho, desenvolver competências não é formar sujeitos mais úteis ao mercado, e sim mais capazes de exercer direitos, interpretar a realidade,

participar da vida coletiva e sobreviver com dignidade em um mundo cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais.

Seus referenciais também ajudam a entender quem ela é. Entre as figuras decisivas em sua formação, Regina cita professoras como Laila Haddad, Carminda Nogueira de Castro Ferreira e Neusa Dias de Macedo, mulheres que lhe ofereceram não apenas conhecimento, mas modelos de compromisso intelectual e sensibilidade.

Ao longo da carreira, integrou a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), da qual foi vice-presidente, e participou de redes internacionais como a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias da América Latina e do Caribe (IFLALAC), levando a produção brasileira para debates em vários países da América Latina, África e Europa.

Recebeu o Prêmio Laura Russo, concedido pelo Conselho Regional de Biblioteconomia, e teve seu nome atribuído a uma premiação da área de Competência em Informação em um programa de pós-graduação em Santa Catarina. No entanto, nada disso aparece, em sua maneira de contar a própria história, como exaltação individual. Regina parece narrar as conquistas como frutos de uma vida dedicada a causas maiores do que ela mesma.

Esse posicionamento fica ainda mais evidente quando fala do que a move. Entre referências acadêmicas, projetos, orientações e livros, sua fala é atravessada por palavras menos frequentes no vocabulário universitário, mas fundamentais em sua ética pessoal: amor, solidariedade, fé e esperança. Não como abstrações, mas como princípios de ação. Regina acredita que toda trajetória precisa deixar

um “sentido e significado de vida”, algo que permaneça de forma benéfica para os outros.

Quando pensa em autoras que a marcaram, cita Cora Coralina. Regina admira a sabedoria da poetisa goiana de quem compreende o futuro como construção cotidiana, feita no agora, nas escolhas e nas marcas que cada um deixa no mundo.

Hoje, aos quase 80 anos, continua criando disciplinas, organizando materiais, escrevendo, disponibilizando gratuitamente publicações no Núcleo de Pesquisa *Labirinto do Saber*, acompanhando o desenvolvimento de trabalhos dos estudantes no Departamento de Mídia e Tecnologia e pensando os desafios do presente. Sua trajetória, atravessada por bibliotecas, universidades, redes e relações afetivas, revela uma mulher que nunca perdeu a disposição de aprender e ensinar.

Regina Belluzzo é reconhecida como uma das principais referências brasileiras no campo da competência em informação, um conceito central para compreender como as pessoas acessam, avaliam e utilizam informações na sociedade contemporânea, mas talvez o melhor retrato de Regina não esteja nos cargos que ocupou, e sim na forma como escolheu estar no mundo.

Bibliotecária, professora, pesquisadora e orientadora, ela ultrapassa os limites da técnica e transforma a informação em prática de cuidado, partilha e expansão do conhecimento. Regina Célia Baptista Belluzzo nos ensina, sobretudo, que conhecer é também um ato de responsabilidade com o outro e que o verdadeiro legado de uma trajetória não está apenas no que se produz, mas no sentido que se deixa nas pessoas, nas escolhas e nos caminhos que ajudamos a construir.

Sobre a autoria da bionota:

Beatriz Carvalho de Souza

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Comunicação pela mesma instituição.

E-mail: bc.souza@unesp.br

ROSANA DE LIMA SOARES

por Marcio Serelle

Rosana de Lima Soares é Professora livre-docente na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Seus estudos de crítica e de análise discursiva das mídias trazem importante contribuição à área da Comunicação Social, notadamente ao campo da cultura audiovisual. As pesquisas de Rosana Soares abordam as estéticas do cinema ficcional e documental e ampliam o escopo do audiovisual para reportagens televisivas e outras manifestações em circulação nas mídias digitais, pensadas a partir de questões que envolvem principalmente as representações sociais, seus estereótipos e estigmas.

Nasceu em São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo, no dia 21 de julho de 1968. Possui um irmão e uma irmã, sendo a filha mais velha de Sinclair Correa Soares e Zeni de Lima Soares, casal que dedicou a carreira à educação. O pai, Sinclair, fez magistério e pedagogia e mestrado em Educação. Trabalhou em escolas públicas e particulares, atuando em diversos níveis de ensino, do antigo primário à faculdade. A mãe, Zeni, foi pedagoga e trabalhou na educação de

crianças e adolescentes. Atuou como educadora popular e coordenadora do Projeto Meninos e Meninas de Rua, em São Bernardo do Campo, ligado ao movimento nacional que participou na articulação para aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. Os pais de Rosana Soares estão, assim como ela, entre os muitos professores da família, que tem a educação como uma de suas vocações.

Rosana Soares é graduada em Comunicação, na habilitação de Jornalismo, pela Universidade Metodista de São Paulo (1986-1989), e em Filosofia (bacharelado e licenciatura, cursados entre 1989 e 1995). No diálogo entre um campo e outro, percorridos na graduação, por vezes simultaneamente, encontra-se a base da pesquisadora e de seus estudos. Realizou o mestrado em Ciências da Comunicação na ECA-USP, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e sob orientação da professora Jeanne Marie Machado de Freitas, entre 1995 e 1997. Sua dissertação, intitulada “Imagens veladas, imagens reveladas: narrativas da Aids nos escritos do jornal *Folha de S. Paulo*”, posteriormente publicada em livro, questiona o papel e a atuação do jornalismo como articulador de discursos e de uma narrativa sobre a doença.

O curso de doutorado foi iniciado no ano seguinte, em 1998, no mesmo programa em Ciências da Comunicação, da ECA-USP, desta vez com financiamento da Fundação de Ampara à Pesquisa (Fapesp). A tese “Margens da comunicação: discurso e mídias”, também orientada por Jeanne Marie e publicada em livro, foi defendida em 2002. Em 2015, já atuando como docente da USP desde 2003, Rosana Soares tornou-se professora livre-docente da instituição. Em sua formação, ressaltam-se, ainda, os estágios pós-doutorais realizados no Programa de Pós-Graduação em Multimeios, da Universidade de Campinas (2012),

no King's College de Londres, na Inglaterra (2014) e na Universidad de Manizales, na Colômbia (2019). Esse último estágio foi realizado com bolsa do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), a partir da Rede de Infâncias e Juventudes. A pesquisadora integra o Grupo de Trabalho Imagens, Metrôpoles e Culturas Juvenis, na PUC de São Paulo, e o Grupo de Trabalho Juventudes e Infâncias da Clacso.

Na ECA-USP, Rosana atua, desde o referido ingresso em 2003, no Departamento de Jornalismo e Editoração, lecionando as disciplinas de Ciências de Linguagem e Práticas Midiáticas. Integrou o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação entre 2003 e 2009 e, em 2010, tornou-se pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais, onde atua até o momento. É, desde 2009, bolsista em Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq). Em sua intensa atividade na pós-graduação, onde coordena, desde 2006, o grupo de pesquisa Midiato, Rosana Soares orientou, até o momento, 27 alunos, sendo 12 teses de doutorado e 15 dissertações de mestrado. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho Cultura das Mídias da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação (Compós) de 2006 a 2008 e vice-coordenadora do mesmo grupo durante os biênios 2016-2017 e 2023-2024. Atuou entre 2007 e 2009 na Secretaria da Associação Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine).

Além das pesquisas de caráter acadêmico, com publicação de vários artigos em periódicos e livros autorais e de coletâneas, Rosana Soares exerce importante papel como divulgadora científica. Edita, desde 2007, a revista RuMoRes: revista online de comunicação, linguagem e mídias e o selo digital Kritikos, de *ebooks* que reúnem pesquisas desenvolvidas no grupo Midiato e na Rede de Pesquisa em

Cultura Midiática, Metacrítica. Integrou também os projetos editoriais das revistas Caligrama, Anagrama, Matrizes e Significação. Atua ainda, junto aos pesquisadores do Midiato, na produção de material didático para plataformas digitais com o intuito de ampliar o uso social das mídias e de difundir pesquisas em forma de textos, vídeos e áudios para um público amplo. Dessa forma, articula sua importante contribuição à formação de novos pesquisadores e professores com a difusão social do conhecimento produzido na área.

Sugestões de obras da autora:

SOARES, Rosana de Lima. **Sutileza e grosseria da exclusão nas mídias**. São Paulo (SP): Alameda Casa Editorial, 2020, 362pp. (livro).

SOARES, Rosana de Lima. **Margens da comunicação: discurso e mídias**. São Paulo (SP): Annablume/Fapesp, 2009, 228pp. (livro).

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume Editora, 2001, 208pp. (livro).

BORELLI, Sílvia Helena Simões; SOARES, Rosana de Lima. Trajetos metodológicos: experiências com coletivos juvenis na cidade de São Paulo (Brasil). In: **Violencias, contra-hegemonías y re(ex)istencias en clave de niñeces y juventudes latinoamericanas**. Buenos Aires (Argentina): Clacso (Buenos Aires); Cinde (Manizales), 2023, p. 333-367 (capítulo).

SOARES, Rosana de Lima; VICENTE, Eduardo.
Radio Ambulante e a tradição do podcast narrativo no
radiojornalismo norte-americano. **Revista Estudos de
Jornalismo e Mídia**, v.18, p.257-269, 2021 (artigo).

Pelos estudos que desenvolve sobre crítica e representações midiáticas, na articulação entre comunicação e filosofia, Rosana de Lima Soares é uma importante pesquisadora da área, com valiosas contribuições para a formação de docentes e para a divulgação científica.

Sobre a autoria da bionota:

Marcio Serelle

Professor adjunto IV do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), onde coordena o grupo de pesquisa Mídia e Narrativa. Pesquisador do CNPq (Bolsista de produtividade, nível 2), atua, desde 2023, como um dos editores da revista Rumores (ECA USP). E-mail: marcio.serelle@gmail.com

ROSE DE MELO ROCHA

por Simone Luci Pereira

Rose de Melo Rocha, nascida Rosamaria Luiza, é mineira de Belo Horizonte, filha de Vera Iolanda Luiza de Melo Rocha, uma amante das artes plásticas e da moda, e de Osiris Rocha, um renomado jurista, juiz de direito e professor universitário na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com vasta produção bibliográfica em suas áreas de conhecimento. Uma de suas tias maternas, Maria Luisa Melo, foi bibliotecária na Escola de Engenharia da mesma universidade, instituição na qual também trabalha, como professor de Letras, seu sobrinho mais velho, Bruno Neves Rati de Melo Rocha. Sua irmã Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske é arquiteta na área de patrimônio histórico junto à Prefeitura Municipal de Joinville (SC); e seu irmão Marcus Vinícius de Melo Rocha é analista de suporte junto à Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Possui ascendência mineira, sergipana, gaúcha, indígena e italiana. Cedo interessou-se pela militância política, pelo teatro e pela literatura, tendo desde muito jovem recebido premiações por seus escritos poéticos. O encanto pela escrita e pela vida cultural

metropolitana levou-a a se mudar para a cidade de São Paulo, onde radicou-se, descobrindo sua vocação para a pesquisa e a docência no ensino superior.

Rose possui uma trajetória destacada e relevante no campo da Comunicação. Pesquisadora, escritora e intelectual, seu extenso e profícuo trabalho de investigação, reflexão teórica, publicação de artigos e livros, formação de pesquisadores, gestão acadêmica e liderança de grupos de pesquisa atestam seu papel como partícipe da consolidação dessa área disciplinar, em especial na articulação entre os campos da comunicação, da estética e da política e na atuação como juvenóloga. Seus orientandos receberam importantes premiações, destacando-se Frederico Jorge Tavares de Oliveira, com o Prêmio Vera Giangrande de Iniciação Científica (Intercom) em 2009, e Aline Borges Rezende, com o Prêmio Compós de Teses e Dissertações/Categoria Mestrado em 2018.

Em Belo Horizonte, Minas Gerais, cursou na UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais a graduação em Comunicação Social, tendo realizado seu primeiro estágio de pesquisa sob orientação da prof.a Dra. Vera Regina Veiga França, cujo estímulo foi posteriormente decisivo para que ela prosseguisse seus estudos a nível de pós-graduação. Assim, já em São Paulo, cursou o mestrado em Comunicação na UMESP - Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação do prof. Dr. Wilson Bueno e co-orientação informal de Ciro Marcondes Filho, tendo como tema de pesquisa as manifestações do grafite na cidade e as transformações da comunicação, do espaço e do tempo urbanos. Vale destacar que o tema da comunicação, das culturas urbanas e das imagens acompanharia a pesquisadora ao longo de sua trajetória.

Seu doutorado foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da USP - Universidade de São Paulo. Sua carreira acadêmica mostra-se profundamente marcada por esta formação e atuação sob orientação do prof. Dr. Ciro Marcondes Filho junto ao NTC - Centro de Estudos e Pesquisas em Novas Tecnologias, Comunicação e Cultura, do qual foi membro fundadora. Ali desenvolveu sua tese doutoral “Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios”, que versou - de maneira instigante e inovadora - sobre a articulação das questões ligadas à violência, comunicação, linguagens, cidade e estetização, tendo recebido o Prêmio Intercom de melhor tese de doutorado em 1999.

Após o doutorado, Rose de Melo Rocha realizou três pós-doutorados nas últimas duas décadas. O primeiro, no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Antropologia da PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, junto ao Nucleo de Estudos da Complexidade e sob a supervisão do prof. Dr. Edgar de Assis Carvalho, tendo contado com bolsa da FAPESP - Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo. O segundo, foi realizado no Programa Postdoctoral en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, organizado e oferecido pela Clacso - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales e Red INJU – Red de Posgrados en Infancias y Juventudes, efetivado entre os anos 2020 e 2021 com bolsa da Clacso e sob supervisão da prof.a Dra. Esperanza Paredes. Já o terceiro, no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA- Universidade Federal da Bahia, foi um pós-doutorado sênior que contou com bolsa do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e realizou-se junto à linha de pesquisa em Artes, Gêneros e Sexualidades do NuCuS - Núcleo de Pesquisa

e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades, sob supervisão do prof. Dr. Leandro Colling. Os dois últimos estágios pós-doutorais demarcam o direcionamento das pesquisas de Rose para as questões de sexualidade e gênero, bem como consolidam um investimento sistemático no estudo de manifestações artivistas e estético-políticas no âmbito das culturas juvenis.

Tendo desempenhado atividades como jornalista, redatora e assessora de comunicação nos primeiros anos após sua formação na graduação, trabalhou em jornais e também na Associação Nacional do Solo Urbano – Ansur, em São Paulo. Como professora, iniciou sua carreira docente em 2000 na Faculdade Senac, em São Paulo, onde ministrou disciplinas de “Antropologia Visual”, “Análise da Imagem” e “Metodologia” em cursos de graduação e especialização nas áreas de Design e Fotografia, tendo sido também pesquisadora e coordenadora de linha de pesquisa. No mesmo ano, Rose ingressaria como docente na PUC-SP nos cursos de Comunicação Social / Publicidade e Propaganda e Mídias e cursos de especialização, em disciplinas como “Publicidade e cenários urbanos”, “Publicidade e cinema”, “Novas tecnologias”, “Teoria da Mídia”, “Comunicação Comparada”, “Pós-Modernidade e as Novas Racionalidades Técnicas” e “Sociedade de Redes”. Na mesma instituição foi ainda membro e pesquisadora do Complexus - Núcleo de Pesquisa sobre Estudos da Complexidade, liderado pelo Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho, atuando também como pesquisadora na Linha de Pesquisa “Metrópole, consumo e culturas Juvenis”, no PPG Ciências Sociais.

Esta última inserção mostra-se marcante na trajetória de Rose de Melo Rocha por ter sido o momento de construção, desenvolvimento e consolidação de um largo caminho compartilhado de pesquisas e

projetos com a prof.a Dra. Silvia Helena Simões Borelli, pesquisadora e docente do PPG Ciências Sociais da PUC-SP e que havia composto sua banca examinadora de doutorado. O compartilhamento e construção coletiva (em colaboração com outros pesquisadores) de uma agenda de reflexão e pesquisas sobre juventudes, culturas urbanas, imagens, consumo e cenários midiáticos fez e faz com que ambas ocupem lugar destacado neste campo de estudos na interface entre a Comunicação e a Antropologia, gerando frutos em forma de projetos de investigação, publicações e a fundação, no ano de 2005, do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Culturas Urbanas” na Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, ainda hoje vigente e atuante¹.

Em 2003, Rose de Melo Rocha ingressou na Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP, onde trabalha até hoje. Nesta instituição teve oportunidade de conviver com a Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega, que foi fundamental em sua compreensão das dimensões políticas e pedagógicas do consumo. Docente titular e pesquisadora da Linha de Pesquisa “Comunicação, consumo e contextos de recepção” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo (PPGCOM-ESPM) desde a sua fundação, tem orientado diversos trabalhos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como de Iniciação Científica, ministrado aulas, coordenado comissões e projetos de extensão. Foi coordenadora desse PPG entre 2012 e 2015 (tendo sido coordenadora adjunta entre 2008

1. O GP atualmente tem o nome “Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas”. Teve como coordenadores: Silvia Borelli (2005-2008), Rose de Melo Rocha (2009-2012), Josimey Costa da Silva (2013-2016), Simone Luci Pereira (2017-2020) e Fernanda Budag (2021-atual). Foram vice-coordenadores: Ricardo Ferreira Freitas (2013-2016), Mayka Castellano (2017-2018) e Thiago Tavares das Neves (2019-atual).

e 2011) e coordenou o Programa de Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Consumo ESPM/IELUSC (2020-2022). Entre 2009 e 2019 foi ainda professora colaboradora no PPG Estudos de Mídia da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ressalta-se também seu trabalho como fundadora e líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Juvenalia - questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero na comunicação e no consumo” desde 2015, espaço destacado de investigações, orientações, formação de novos pesquisadores, encontros/eventos de pesquisa e publicações, reunindo investigadores de diversas instituições do Brasil e do exterior. No âmbito de suas atividades no PPG Comunicação e Práticas do Consumo da ESPM-SP, vale lembrar ainda a coordenação do GT “Comunicação, consumo e novos fluxos políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra hegemônicas” dentro do evento científico Comunicon (Congresso Internacional de Comunicação e Consumo) que ocorre anual ou bianualmente ao longo da última década.

No âmbito internacional, Rose de Melo Rocha é integrante e pesquisadora desde 2009 da rede de investigação constituída junto ao Grupo de Trabalho “Infancias y juventudes en América Latina” no Clacso - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, tendo sido uma de suas fundadoras e participando atualmente da equipe de comunicação e da coordenação de eixo “Hegemonías, violencias y prácticas culturales y políticas de resistencia y re-existencia”. No âmbito do GT Clacso e da Red INJU, tem atuado como uma das coordenadoras do Observatorio de Infancias y Juventudes e como professora no Diplomado Superior en Juventudes da Clacso.

Entre os seus trabalhos de editoria, destaca-se a participação nos comitês editoriais de importantes periódicos nacionais como

E-Compós, Contracampo, Significação, Rumores, Matrizes, Galáxia, entre outros; e na Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, da Colômbia. Além disso, organizou diversos livros e coletâneas ao longo de sua carreira.

Revelam-se como contribuições ao campo da Comunicação alguns focos temáticos e de investigação em seu trajeto acadêmico, tais como: as relações entre imagens e imaginários; estética, política, comunicação e consumo; comunicação, e questões de gênero; e, mais recentemente, os ativismos musicais de gênero, tema sobre o qual tem publicado inúmeros artigos e livros nos últimos sete anos. Soma-se a este enfoque, seu papel como uma das proponentes do Grupo de Trabalho “Comunicação, Gêneros e Sexualidades” da Compós (Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação em comunicação), do qual foi coordenadora entre os anos de 2021 e 2022.

Salienta-se ainda, entre seus interesses prioritários de reflexão e pesquisa, a investigação das culturas juvenis e urbanas brasileiras; temática e abordagem que se evidenciam como importantes aportes de Rose de Melo Rocha ao campo comunicacional. Isso é corroborado pelos projetos de investigação liderados e pelos diversos e relevantes livros e artigos publicados em periódicos pela pesquisadora nas últimas duas décadas no Brasil e na América Latina. Uma abordagem que, atualmente, se faz sob três enfoques principais: 1) a relação entre ativismos, politicidades, audiovisibilidades e entretenimento, com ênfase em questões raciais, geracionais e de gênero; 2) o experimentalismo juvenil transfeminista; 3) e a articulação entre expressões estéticas, comunicação e consumo, com destaque para as experiências e formas dissensuais e desviantes.

Sugestões de obras da autora:

ROCHA, Rose de Melo. **Artivismos musicais de gênero**: bandivas, travestis, gays, drags, trans, não-binários. 1. ed. Salvador: Devires, 2021. v. 1. 164 p.

ROCHA, Rose de Melo. Artivismos juveniles de género en São Paulo: Flujos diaspóricos y modos de resistencia estético-políticas. In: ALVARADO, Sara Victoria; JARAMILLO, Oscar Armando (Orgs.). **Violencias, contra-hegemonías y re(ex)istencias en clave de niñeces y juventudes latinoamericanas**. 1ed. Buenos Aires; Manizales: CLACSO; CINDE; Universidad de Manizales, 2023, v. 1, p. 191-222.

ARAUJO, Denise; BARROS, Ana Thais; CONTRERA, Malena; ROCHA, Rose de Melo (Orgs.). **Imag(em)inário**: Imagens e imaginário na comunicação. 1. ed. Porto Alegre: Imaginalis e Editora Council, 2018. v. 1. 509 p.

ROCHA, Rose de Melo; BORELLI, Silvia; OLIVEIRA, Rita de Cassia; SILVA, Josimey; SOARES, Rosana; SILVA, Gislene da. **Jovens na cena metropolitana**: percepções, narrativas e modos de comunicação. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. v. 1. 184 p.

ROCHA, Rose de Melo. Comunicación y consumo: por una lectura política de los modos de consumir. In: BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). **Comunicación y culturas del consumo**. 1ed. Barcelona: Comunicación Social Ediciones, 2012, v. 1, p. 145-158.

Sobre a autoria da bionota:

Simone Luci Pereira

Pesquisadora do CNPq - Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2). Professora Permanente do PPG Comunicação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Paulista - UNIP, onde coordena o GP (CNPq) URBESOM - Culturas Urbanas, Música e Comunicação. Professora Colaboradora do PPG Comunicação da UERJ. E-mail: simonelp@uol.com.br

ROSELI APARECIDA FIGARO (ROSELI FIGARO)

por Cláudia Nonato

Roseli Aparecida Figaro Paulino nasceu em 1959 no bairro da Vila Prudente, Zona Leste de São Paulo. Passou a maior parte da infância e adolescência na Vila Ema, mesma região. Seus avós paternos, migrantes italianos, vieram para o Brasil no início do século XX e trabalharam no campo, na colheita de café. Por parte de mãe só conheceu a avó, também filha de migrantes italianos, trabalhadora da roça no pequeno sítio da família em Cabreúva, interior de São Paulo. Seu pai trabalhou no campo e aposentou-se como funcionário público; a mãe saiu do interior aos 18 anos, apenas com o quarto ano primário, e foi para São Paulo trabalhar como empregada doméstica e babá, até se casar. As relações familiares, os professores e colegas do bairro marcaram profundamente as suas escolhas e percurso de pesquisa.

É professora titular de Comunicação da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Graduiu-se em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero (1981). Com a dissertação *Discurso da Imprensa Sindical: Formas e Usos*,

titulou-se Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (1993) e fez doutorado em Ciências da Comunicação (1999) na mesma instituição, ambos sob orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Baccega (in memorian). Sua tese *Comunicação e Trabalho. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação*, publicada em 2001, pela Editora Anita Garibaldi, com apoio da Fapesp, definiu a sua jornada acadêmica. Posteriormente, cumpriu estágio de pesquisa pós-doutoral no Ciespal (2016) e pós-doutorado pela Universidade Aix-Marseille, França (2007). Foi Professora convidada da Celsa - Sorbonne Université (2018) e do Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, Iteso, México (2016).

Começou a trabalhar em 1975, aos 15 anos. Foi auxiliar de escritório, caixa de loja, auxiliar de recursos humanos, alfabetizadora de adultos, tecelã, jornalista e assessora de comunicação, até se tornar mestre em Ciências da Comunicação e iniciar a jornada como professora e pesquisadora universitária. Lecionou durante pouco mais quatro anos na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e um ano na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, ambas em São Paulo. Deu aulas em cursos de graduação e pós-graduação lato sensu em diferentes instituições de ensino; ministrou disciplinas voltadas a teorias da comunicação, à comunicação comunitária, à introdução ao jornalismo, à comunicação e educação e à introdução à linguística.

Em 2001 passou no concurso para professora na ECA/USP, credenciando-se no Programa de pós-graduação em 2005. Desde então, oferece disciplinas voltadas para o estudo do binômio Comunicação e Trabalho. É também nessa temática que tem desenvolvido pesquisas e orientações, tornando-se uma referência para a área. Na pós-graduação, concluiu a orientação de quinze mestrados e dez doutorados. Também

supervisionou três pós-doutorados. Fundou e coordena desde 2004 o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), registrado no CNPq, e que desde o seu início abriga pesquisadores de todos os níveis: da iniciação científica ao pós-doutorado.

À frente da gestão universitária, deparou-se, em dois momentos diferentes, com grandes desafios. Como chefe do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) implantou, ao lado da equipe de professores do CCA, a Licenciatura em Educomunicação, aprovada pela Universidade de São Paulo em 2009/2010, e cujo primeiro vestibular foi em 2011. Acompanha desde então toda a trajetória da pesquisa e produção teórica sobre comunicação e educação que se deu no Departamento e na ECA. Além disso, atua desde 1995 na revista Comunicação & Educação, e hoje divide a direção da revista com o professor Adilson Citelli.

Entre 2017 e 2021, coordenou e reformulou a estrutura do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP. Criou uma única área de pesquisa com três linhas e tornou o programa mais adequado aos tempos atuais, sem perder o perfil de um PPGCOM amplo e atento aos aspectos multi e transdisciplinares da Comunicação.

Além de atuar no ensino de graduação e pós-graduação, na pesquisa, na gestão e na extensão, Roseli Figaro tem atuação consolidada em entidades científicas da área e participação crescente na internacionalização das atividades de pesquisa e extensão. No que diz respeito à atuação internacional, é coordenadora de três convênios de intercâmbio de alunos de graduação, professores e técnicos com as Universidades: Carlos III, de Madri; Aix-Marseille, França; Celsa-Sorbonne, França. Coordena Grupos de Pesquisa na Alaic, Associação

Latino-americana de Investigadores em Comunicação, na Assibercom - Sociedade Ibero-Americana de Ciências da Comunicação e na Intercom. Também foi coordenadora do convênio de pesquisa com a Universidade de Oxford para a investigação sobre condições decentes de trabalho em empresas de plataformas, o projeto Fairwork Brasil (2023). Em relação à atuação nas entidades científicas, foi diretora de relações internacionais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no período de 2017-2020. É sócia dessa instituição há 30 anos. Também foi do Conselho consultivo da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo no período de 2019 a 2021. Entre 2021 e 2023 foi presidenta da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação, Compós, função que exigiu o acompanhamento das políticas de ensino e pesquisa e posições firmes em relação à defesa da ciência e do ensino no País.

Ao longo desses mais de vinte anos de carreira acadêmica, os temas que a pesquisadora tem estudado são reconhecidamente importantes para a área. A formulação do binômio Comunicação e Trabalho para pensar as Ciências da Comunicação é uma contribuição efetiva e foi tema do seu pós-doutorado e do seu concurso de livre-docência. Está no cerne de suas pesquisas sobre o mundo do trabalho dos comunicadores, sobre os processos de recepção e usos culturais das mídias e na compreensão do que são as plataformas de trabalho, empresas de novo tipo que dependem dos processos comunicacionais.

Sugestões de obras da autora:

FIGARO, Roseli et. al. Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19. 1. ed. São Paulo: ECA-USP, 2021. v. 2. 150p .

FIGARO, Roseli; SILVA, A. F. M. et. al. **Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. 1. ed. São Paulo: ECA-USP, 2021. v. 2. 465p .

FIGARO, Roseli. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídias**. 1. ed. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 2018. v. 1. 245p .

FÍGARO, Roseli; NONATO, C.; GROHMANN, Rafael. **Los cambios en el mundo del trabajo del periodista**. 1. ed. Barcelona: Atlántica - UOC, 2015. v. 1. 280p .

FÍGARO, Roseli; NONATO, C.; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. 1. ed. São Paulo: Salta/Atlas, 2013. v. 1. 344p .

FIGARO, Roseli; BACCEGA, M. A.; BRAIT, Beth; BRANDÃO, Helena Nagamine; CITELLI, A.; FIORIN, José Luiz; SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. (orgs.). **Comunicação e Análise do Discurso**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012. v. 1. 150p .

FIGARO, Roseli. **Relações de Comunicação no mundo do trabalho**. 1. ed. Sao Paulo: Anna Blume, 2008. v. I. 160p .

PAULINO, R. A. Figaro. **Gestão da comunicação no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005. v. 1. 166p .

PAULINO, R. A. Figaro. **Comunicação e trabalho** - estudo de recepção o mundo do trabalho como mediação da comunicação. 1. ed. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001. v. 1. 330p .

Sobre a autoria da bionota:

Claudia Nonato

Pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo. Professora do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/ECA-USP). E-mail: claudia.nonato@usp.br

SIMONE LUCI PEREIRA

por Fernanda Elouise Budag e Thiago Tavares das Neves

Simone Luci Pereira é paulistana e, como irmã caçula de outros dois irmãos, aprendeu a valorizar desde cedo o conhecimento de pessoas mais velhas, assim como a convivência com elas e sua sabedoria. Além da literatura e do cinema, teve contato desde a infância, junto de seus irmãos, com a música por ser integrante de uma família muito musical: irmãos e avós tocavam instrumentos, pai escutava bolero e todos cantavam muito cotidianamente. Portanto, a música, que viria a ser um de seus grandes objetos de estudo, forjou sua subjetividade desde muito cedo.

Em São Paulo mesmo se deu sua formação da graduação ao doutorado. Coursou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP a graduação (bacharelado e licenciatura plena) em História (1991-1994). O ingresso no Ensino Superior pode ser considerado um marco em sua trajetória pessoal no sentido de marcar o início da politização de sua vida, iniciada com a militância estudantil. Ainda, foi na graduação que disciplinas de Antropologia despertaram o interesse da pesquisadora por este campo, que depois viria a ser

sempre uma ciência que atravessa seus estudos, enquanto perspectiva teórico-metodológica. Na parte final do curso, orientanda pela profa. Heloiza Cruz, Simone Luci Pereira desenvolveu um artigo científico que envolveu a análise de canções da Bossa Nova e sua relação com o momento histórico. Foi então neste momento que a música alçava formalmente um patamar mais alto em sua existência, para além dos gostos pessoais e familiares.

Depois, na mesma instituição, cursou o mestrado, também em História (1995-1998), sob orientação da profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos. Na intenção de responder a hipóteses que o estudo na graduação havia trazido, seu estudo, “Bossa Nova é sal, é sol, é sul: música e experiências urbanas (Rio de Janeiro, 1954-1964)”, versava novamente sobre a relação entre a Bossa Nova e a dinâmica das cidades. Ou seja, a pesquisadora analisava tanto o que as canções desse estilo musical dizem sobre a cidade, quanto os reflexos delas sobre as formas de se ver e viver o urbano, incidindo na questão da Bossa Nova como um estilo de vida, não se resumindo apenas a um estilo musical.

O mestrado clareou ainda mais uma inclinação interdisciplinar da pesquisadora, flertando com outros campos, como a Sociologia e a Antropologia, que estariam dali para frente sempre presentes em seu caminho. Portanto, dando seguimento a sua formação, seu doutorado foi realizado também na PUC-SP, mas agora em Ciências Sociais – Antropologia (1999-2004). Seu estudo, intitulado “Escutas da memória: os ouvintes das canções da Bossa Nova (Rio de Janeiro, décadas de 1950 e 1960)”, deu sequência, complexidade e aprofundamento às discussões iniciadas na graduação e no mestrado sobre a Bossa Nova; dessa vez tendo como fio condutor a memória e as experiências de

ouvintes desse gênero, com um olhar para os temas sociais que eram mobilizados pelas canções e revelam sobre a sociedade da época e da que viria a nascer. Por sua vez, o doutorado firmou a inserção de Simone Luci Pereira na Comunicação – num diálogo da Antropologia com a Comunicação –, dado que seu objeto de estudo também solicitava essa aproximação, visto que estava se propondo a pensar as questões de recepção da cultura midiática-musical. Essa conversa com a Comunicação também foi propiciada pela vasta experiência de sua orientadora, a profa. Dra. Silvia Helena Simões Borelli, com vasta trajetória articulando Comunicação e Antropologia em seus estudos. A profa. Silvia Borelli, com toda a sua generosidade nas trocas formais e informais de conhecimento, viria a tornar-se grande parceira de reflexões e projetos de pesquisa em espaços, como o Grupo de Pesquisa CNPq Jovens Urbanos “Imagens, metrópoles e culturas juvenis” (PUC-SP) e o Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, fundado por Silvia Borelli junto à Intercom e do qual Simone Luci Pereira viria a ser coordenadora entre os anos de 2017 e 2020.

Finalizado o doutorado, no período entre 2004 e 2011 Simone Luci Pereira dedicou-se à docência, assunto tratado mais à frente. Seguindo com o panorama de sua formação e percurso de pesquisa, realizou até o momento três estágios pós-doutorais. No que tange o primeiro, logo após a defesa de sua tese, ao participar do V Congresso da Seção Latino-americana da Associação Internacional do estudo da Música Popular – IASPM-LA, Simone Luci Pereira conheceu a profa. Dra. Martha Ulhôa, que viria a ser sua supervisora em seu primeiro estágio pós-doutoral (2011-2013), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, junto ao Grupo de Pesquisa Música Urbana no Brasil. Tendo o grupo interesses voltados à produção, circulação e

recepção de práticas musicais populares, Simone Luci Pereira estudou a escuta do bolero entre migrantes caribenhos no Brasil, observando, entre outros aspectos, o papel da música na reconfiguração de identidades nacionais e culturais. Em contraponto à Bossa Nova, seu objeto empírico até então, o bolero é encarado como possibilidade de escuta do outro, e para fazer pensar sobre textos culturais na contemporaneidade. Da parceria com sua supervisora nesta pesquisa, resultou um livro sobre gêneros musicais latino-americanos: *Canção romântica: intimidade, mediação e identidade na América Latina (Folio Digital, 2016)*.

Dando continuidade, Simone Luci Pereira realizou, como segundo estágio pós-doutoral, um pós-doutorado internacional no Programa de Investigación Posdoctoral en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Red Clacso de Posgrados e Red INJU), supervisionado pelo Prof. Dr. José Manuel Valenzuela Arce (2014-2016). Do estágio pós-doutoral anterior, a intenção foi aprofundar neste as especificidades latino-americanas; agora observando práticas musicais-midiáticas de jovens migrantes “latinos” em São Paulo. Por fim, seu terceiro estágio pós-doutoral (2016-2017) deu-se no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, junto ao Grupo de Pesquisa CNPq Nepcom (Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação), com supervisão do Prof. Dr. Micael Herschmann. Neste momento, respondendo também a preocupações do grupo em que estava inserida, seu olhar se volta às relações entre juventudes, música, culturas urbanas e formas alternativas de gestão da produção musical dentro de um sistema capitalista em crise. Mais particularmente, os circuitos de consumo alternativos e as apropriações da cidade.

Paralelamente ao longo de toda essa sua vasta formação, Simone Luci Pereira iniciou e foi avançando em sua carreira docente, primeiramente nos níveis Fundamental e Médio, com aulas de História. Depois teve passagens em cursos de Graduação na capital e no interior do estado de São Paulo (respectivamente na Fundação Escola Álvares Penteado – FECAP e na Escola Superior de Administração e Comunicação – Esamc). Em seguida, desde 2013 até os dias atuais, é docente e pesquisadora titular permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Paulista – UNIP, inserida na Linha 2 - Papel das mídias na interação entre os grupos sociais, onde é Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) do CNPq e coordena o Grupo de Pesquisa CNPq Urbesom – Culturas Urbanas, Música e Comunicação.

O GP Urbesom foi fundado oficialmente por Simone em 2019, formalizando um espaço de discussão em torno de suas pesquisas de longa data. Partindo da premissa de que estudar os espaços urbanos hoje implica estudar a comunicação, porque ela os atravessa imperiosamente, o grupo mobiliza pesquisas e reflexões acerca dos variados desenhos da comunicação urbana contemporânea, além das ressonâncias das práticas artísticas – sobretudo musicais – sobre a vida urbana.

Portanto nesse espaço da pesquisa e da docência, Simone Luci Pereira desenvolve atividades de ensino em graduação e pós-graduação; orientação de trabalhos de alunos em nível de graduação e de pós-graduação; coordenação e participação em projetos de pesquisa (nacionais e internacionais); participação em redes internacionais de pesquisa; coordenação de grupo de pesquisa, organização de eventos acadêmicos; coordenação de Grupos de Trabalho em congressos e

associações científicas; participação em bancas de avaliação/conclusão; atividades de extensão; parecerista/avaliadora; atividades editoriais; e demais trabalhos técnicos e bibliográficos.

Complementarmente às suas investigações individuais, como pesquisa nunca se faz de modo isolado, e fazendo jus à sua essência antropológica, Simone Luci Pereira vem participando de uma série de associações e redes de pesquisa proeminentes nos diversos campos que tangencia. Em 2004 ingressou no GP CNPq Musimid (Centro de Estudos em Música e Mídia), ligado à Escola de Comunicação e Artes ECA-USP, do qual hoje ainda prestigia eventos e publicações. Atualmente é vice-presidente da Asociación internacional para el estudio de la musica popular – rama Latinoamericana (IASPM-LA); participa da rede internacional de investigação do Grupo de Trabalho Clacso Juventudes y Infancias en América Latina desde 2015; é pesquisadora do GP CNPq Jovens Urbanos (PUC-SP), ligado ao GT Clacso; editora associada do IASPM Journal (International Association for the Study of Popular Music) (2021-2025) e coordenadora do GT Estudos de Som e Música da Compós (2023-2024).

Sua produção acadêmica, enfim, é construída na intersecção entre três campos principais: Antropologia, Comunicação e Música, além da História; suas áreas de formação e de atuação. Esse olhar interdisciplinar inclusive pode ser destacado como uma de suas contribuições, que agregam nuances e complexidades a seus achados de pesquisa na Comunicação. Essa confluência é a perspectiva a partir da qual suas reflexões e pesquisas assumem há mais de 25 anos, versando sobre alguns eixos centrais, como: culturas urbanas/cidades; juventudes/culturas juvenis; práticas musicais e comunicação/cultura midiática; artivismos; migrantes e práticas comunicacionais; memória

e identidades vinculadas às práticas musicais. Nisso, as práticas musicais são compreendidas como grandes mediadoras e porta de entrada para a discussão de aspectos socioculturais, econômicos e políticos em cidades cada vez mais comunicacionais.

Como resultado desse esforço, a pesquisadora tem uma larga produção de artigos em anais de eventos e em periódicos qualificados. Dessa gama, além da obra de 2016 já mencionada (*Canção romântica: intimidade, mediação e identidade na América Latina*), destacam-se livros organizados mais recentes: (1) fruto de seu terceiro pós-doc, em parceria com Heloisa Valente e Raphael Farias, *Uma vereda tropical – a presença da canção hispânica no Brasil* (Letra e Voz, 2020); (2) consolidando o seu período de coordenação do GP Comunicação e Culturas Urbanas, em parceria com Thiago Tavares das Neves e Fernanda Elouise Budag, *Comunicação e culturas urbanas: temas, debates e perspectivas* (Intercom, 2021); e em conjunto com Cintia Fernandes, Micael Herschmann e Rose de Melo Rocha, *Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgência* (Sulina, 2022).

Portanto, a solidez que se entrevê na trajetória de Simone Luci Pereira, consistente no enfrentamento de objetos de estudo da cultura musical-midiática em conexão com as culturas urbanas; a atenção às especificidades latinas, perseguindo inclusive uma perspectiva decolonial na construção do saber científico; o acompanhamento das mudanças socioculturais; e o olhar sensível às nuances de seus achados de pesquisa corroboram com o seu destaque enquanto mulher pesquisadora consolidada no campo das pesquisas em Comunicação no Brasil.

Sobre a autoria da bionota:

Fernanda Elouise Budag

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP. Professora da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP). Professora credenciada do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). E-mail: fernanda.budag@gmail.com

Thiago Tavares das Neves

Pós-doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. Doutor e Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Vice coordenador do Grupo de Pesquisa “Comunicação e Culturas Urbanas” da Intercom. Pesquisador do GP Juvenália (ESPM-CNPq). E-mail: nevesthiago@hotmail.com

SONIA MARIA BIBE LUYTEN

por Waldomiro Vergueiro

Filha de Maria Di Monaco Bibe e de David Bibe, Sonia Maria Bibe Luyten é descendente de italianos pelo lado materno e de italianos e ucranianos pelo lado paterno. Nasceu em 1948, na cidade de São Paulo. Passou a infância no bairro do Paraíso, onde seu avô paterno havia comprado terras e fixado a família. Seus progenitores eram pessoas abertas, à frente de seu tempo, e lhe inculcaram a visão de futuro que cultivou durante toda sua vida. Seu pai lhe comprou os primeiros livros e revistas em quadrinhos e sua mãe, que trabalhou na Rádio Educadora, preparou-a para a vida profissional, incentivando-a aprender inglês desde cedo e a ingressar no escotismo.

O Luyten de seu nome veio de sua união com o holandês Joseph, também ele professor de comunicação, com quem fez uma verdadeira dupla dinâmica por quase 40 anos de união, desde o casamento, em 1968, até a morte do companheiro, ocorrida em 2006. Tiveram três filhas.

Estudou inicialmente na Escola Estadual Rodrigues Alves, no bairro do Paraíso, onde completou o curso primário e recebeu os

primeiros incentivos para se tornar escritora. O ginásio e o colegial foram cursados no Colégio Nossa Senhora do Rosário, de irmãs dominicanas, no bairro de Mirandópolis. Ao chegar a época de ingressar no curso superior, optou pelo Jornalismo, que cursou na Faculdade Casper Líbero, em São Paulo, de 1967 a 1971.

Aí começa sua atuação na área de Comunicação.

Já na graduação, começou a trabalhar, em 1967, na Associated Press. É época da ditadura, Sonia recebeu seu batismo de fogo quando teve que se esconder atrás da mesa após jogarem uma bomba no prédio do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde trabalhava. Dias difíceis, tensos, mas também de aprendizado, que lhe possibilitaram conhecer os mecanismos e as políticas das agências de notícias – AP, UPI, Reuters, France Press, ANSA, etc. -, e a forma como as notícias distribuídas por elas eram absorvidas e disseminadas pelos jornais, muitas vezes de forma parcial e de acordo com o posicionamento político dos proprietários do veículo de imprensa. Conhecimentos que se mostrariam valiosos para a sua prática docente posterior.

Enquanto cursava a faculdade, ocorreu seu contato profissional com as histórias em quadrinhos, pois o contato pessoal, o gosto pela leitura desse material, já existia desde a infância e persistira nos anos de adolescência e juventude. Pode-se dizer que o aspecto profissional veio por acaso: uma colega de faculdade, que fazia traduções de tiras de histórias em quadrinhos para os jornais, decidiu tirar licença e lhe ofereceu o lugar. Assim, Sonia entrou para o *Jornal da Tarde* e *O Estado de S. Paulo* para ser tradutora de quadrinhos. Para o primeiro jornal traduziu as tiras de *Peanuts*, *AC* e *Wizard of Id* e *Andy Capp* (*Zé do Boné*, no Brasil), consideradas revolucionárias em sua época; para o

segundo jornal traduziu, entre outras, as histórias de Tintin, herói dos quadrinhos europeus, criadas pelo belga Hergé.

As portas do mundo dos quadrinhos começaram a se abrir para ela. Ao trabalho de tradutora nos jornais citados, surgiu a oportunidade de traduzir quadrinhos para editoras da área. Foi assim que lhe caíram nas mãos as histórias do norte-americano Robert Crumb, ícone do quadrinho *underground* estadunidense, que ela traduziu para a revista *Grilo*, a primeira a publicar no Brasil histórias desse autor. Infelizmente, a revista durou apenas 48 edições, de 1971 a 1972. Ao conhecer Crumb em 2010, Sonia lhe falou que havia sido a primeira a traduzir suas histórias para o português e este, em agradecimento, fez-lhe um desenho, que ela guarda com carinho até hoje.

Preocupada em conhecer mais os quadrinhos, um meio de expressão tão influente, passou também a frequentar os eventos na área e a conhecer os grandes artistas brasileiros e internacionais. Assim, ao longo de seu curso de Jornalismo, frequentou todos os eventos ligados às histórias em quadrinhos, como o Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos realizado no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1970, onde teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Lee Falk, criador dos famosos personagens Fantasma e Mandrake.

Terminado o curso de Jornalismo em 1971, já no ano seguinte começou a atuar na docência em nível superior, inicialmente nas Faculdade Integradas Alcântara Machado (FIAM) onde ministrou as disciplinas de Introdução a Editoração, Fundamentos Científicos da Comunicação e Introdução ao Jornalismo e Editoração. Permaneceu na FIAM até 1975.

No mesmo ano de 1972, recebeu convite do Prof. Dr. José Marques de Melo, seu professor na Cásper Líbero, para ministrar uma

disciplina de histórias em quadrinhos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Assim, ingressou como docente na Escola, onde permaneceu até 1984. Optando pela jornada em turno completo (24 horas semanais), também atuou em outras instituições de ensino superior durante esse período, como a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM, 1975-1977), Universidade Paulista (UNIP, 1976), Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, 1977), Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1978), Escola de Artes RIAN (1982-1983), além de ter atuado na Assessoria de Imprensa da Glasslite S/A Indústria de Plásticos (1981-1982).

Mas foi na ECA/USP o espaço em que mais pode atuar e deixar sua marca em termos profissionais. A disciplina que criou no Curso de Editoração da Escola, Editoração de Histórias em Quadrinhos, se transformaria num marco nos estudos acadêmicos sobre quadrinhos: iniciada em 1972, continua até hoje a ser oferecida anualmente não apenas aos alunos do Curso de Editoração, mas de toda a USP, com uma média de 120 alunos a cada ano. Tendo completado 50 anos de oferecimento em 2022, constitui-se na mais duradoura disciplina sobre quadrinhos oferecida em uma universidade. No mundo.

Juntamente ao ingresso na docência da ECA, Sonia iniciou seus estudos de pós-graduação. Com um projeto de dissertação de mestrado voltado para as histórias em quadrinhos, foi aceita pelo Prof. Freitas Nobre no curso de Direito Autoral. No entanto, com o afastamento do professor por motivos políticos, teve que mudar seu enfoque de pesquisa, aceitando a oferta do Prof. Egon Schaden para ingressar na área de Comunicação e Aculturação, onde realizou pesquisa de mestrado sobre colonização holandesa no Brasil. Concluiu

sua dissertação de mestrado, intitulada *O papel da comunicação na aculturação dos holandeses no Paraná*, em 1979, e publicada em livro, pela Editora Loyola, de São Paulo, em 1981, com o título *Comunicação e Aculturação*.

A par do curso de pós-graduação e das diversas atividades que desenvolvia na Escola de Comunicações e Artes – como a docência de diversas disciplinas de Jornalismo, a participação em comissões, a editoria do *Jornal do Campus*, jornal-laboratório do Departamento de Jornalismo e Editoração, a coordenação do Curso de Editoração, entre outras -, Sonia enfronhou-se cada vez mais no campo científico das histórias em quadrinhos. Foi nesse período que engendrou a revista experimental que ficaria famosa na história editorial de histórias em quadrinhos no Brasil, a *Quadreca*, que compunha junto com os alunos durante a disciplina de Editoração de Histórias em Quadrinhos. Criada em 1977, a revista representa um exemplo de persistência e crença na força das histórias em quadrinhos em ambiente universitário. Sob a batuta da professora foram publicadas 7 edições da publicação. Destaques especial deve ser dado a seu quarto número, publicado em 1978, totalmente dedicado aos quadrinhos japoneses, os mangás, tema ao qual Sonia iria se dedicar a fundo nos anos seguintes.

Logo que chegou à Escola de Comunicações e Artes, Sonia fundou, também, uma gibiteca, (embora o nome ainda não existisse). Tratava-se, no caso, do primeiro museu de quadrinhos do Brasil, chamado Júlio de Mesquita Filho, por causa de uma grande doação que tinha sido feita para a ECA. O acervo foi posteriormente repassado à biblioteca da Escola, onde permanece até hoje.

Durante todo o tempo em que lecionou na ECA, Sonia participou ativamente de todos os eventos ligados ao setor de quadrinhos.

Um deles foi o nostálgico Congresso de HQ de Avaré, onde ela apresentou seu primeiro *paper* referente aos mangás e conheceu o quadrinista norte-americano Will Eisner, que chegou a lhe propor uma obra a quatro mãos a respeito do assunto. Infelizmente, assoberbada com atividades familiares e profissionais, ela não pode levar adiante a ideia. Nesse período na ECA, elaborou e publicou na conceituada Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, de São Paulo, o volume referente à arte gráfica sequencial, *O que é história em quadrinhos*, via de entrada para muitos que passaram a estudar o tema desde então.

O aprofundamento dos estudos sobre mangás viria com seu doutorado, iniciado na mesma ECA-USP, em 1980. Seu orientador nessa segunda fase de sua carreira foi o sociólogo Hiroshi Saito, do Departamento de Comunicações e Artes. Infelizmente, o falecimento do professor, em 1983, levou a nova mudança de orientação, assumida pelo historiador Virgílio Noya Pinto, professor emérito da ECA e um dos grandes estudiosos da História da Comunicação no Brasil.

Seu doutoramento na Escola de Comunicações e Artes lhe abriu muitas portas e a colocou na berlinda dos Estudos de Comunicação no Brasil. Constituindo uma pesquisa pioneira na área no Brasil, foi concluída em 1988 e teve como título *O poder de difusão das histórias em quadrinhos japonesas como reflexo da sociedade nipônica*. Foi premiada internacionalmente com o Prêmio Romano Calisi de melhor tese acadêmica sobre histórias em quadrinhos, no Festival Internacional de Quadrinhos de Lucca, Itália. Publicada em livro em 1990, pela Editora Estação Liberdade, de São Paulo, com o título “*Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*”, recebeu no ano seguinte o prêmio HQ-Mix de “Melhor Livro Teórico” sobre quadrinhos. Teve posteriormente mais duas edições pela Editora Hedra, de São Paulo, em 2002 e 2012.

Grande parte da pesquisa de doutoramento de Sonia Luyten foi realizada fora do Brasil. Na realidade, ela se deu no próprio berço dos mangás, pois em 1984 ela aceitou o convite da Osaka Gaidai – Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka, Japão, para atuar como professora visitante naquela instituição, lecionando disciplinas como Cultura e Literatura Brasileira, Redação e Português como Segunda Língua. Ali permaneceu até o final de 1987, transferindo-se, no ano seguinte, para a Tokyo Gaidai – Universidade de Estudos Estrangeiros, na capital do país, onde continuou lecionando Cultura e Literatura Brasileira e Português como Segunda Língua, até 1990. Em 1990, esteve ligada durante alguns meses à Universidade de Tsukuba, onde pode propor e ministrar para os japoneses uma disciplina tratando diretamente de histórias em quadrinhos, Cultura Comparada através das Histórias em Quadrinhos, na qual discutia aspectos culturais presentes principalmente em quadrinhos brasileiros e japoneses, comparando as duas culturas por meio de suas produções quadrinistas.

No período que passou no Japão, tentou participar de tudo que se referia aos mangás. Esteve no Festival Internacional em Osaka, em 1985, deu muitas palestras, introduziu quadrinhos brasileiros nos cursos que ministrava na universidade e teve a audácia de ir ao Estúdio do artista Osamu Tezuka, em Tóquio, por conta própria, onde conheceu e entrevistou o célebre produtor cultural, conhecido no país como “o Deus do mangá”.

Os anos passados no Japão foram muito intensos em termos de conhecimento e familiarização com a cultura nipônica, mas não o foram menos no que diz respeito ao aprofundamento no mundo das histórias em quadrinhos em geral e na produção acadêmica. Mesmo afastada do Brasil, ela jamais perdeu o contato com alunos, estudiosos

e produtores de quadrinhos, realizando uma intensa atividade de troca de informações e retornando periodicamente ao país para eventos de quadrinhos e lançamento de livros. Seu prestígio no meio acadêmico e das histórias em quadrinhos apenas cresceu nesse período. Em 1985, por exemplo, publicou pelas Edições Paulinas o livro *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*, que organizou a partir das colaborações de alunos e colegas na disciplina de pós-graduação que ministrou sobre quadrinhos na ECA-USP.

Seu périplo internacional duraria ainda alguns anos. De 1991 a 1996 trabalhou na Holanda, terra natal de seu marido Joseph Luyten, primeiramente na Teikyo University Holland, em Maastricht (1991-1992), onde ministrou Seminários em Comunicação e Cultura Comparada, e depois na Universidade Real de Utrecht (1993-1996) onde se dedicou a disciplinas acadêmicas como Cultura Brasileira (1993/96), Negros e Mulatos na Literatura Brasileira (1994/96) e Índios e Caboclos na Literatura Brasileira (1994/96). De 1998 a 1999, ainda residindo na Holanda, foi professora visitante na Universidade de Poitiers, França, onde ministrou as disciplinas de Literatura Oral e Vínculos entre a literatura popular e as histórias em quadrinhos.

Sua estadia na Europa foi tão proveitosa e ativa quanto a do Japão. A convite do Festival de Haarlem, ministrou palestra no museu de Artes e Ciências Tylers Museum abordando o tema “Os quadrinhos como a forma de arte mais importante do século XX”. Na Holanda, foi uma das curadoras, na Embaixada Brasileira em Haia, da mostra do artista ítalo-brasileiro Angelo Agostini, Fez várias curadorias no Festival de Quadrinhos de Amadora, Portugal, ao qual se mantém ligada desde então.

No ano 2000 retornou definitivamente ao Brasil.

Ao retornar ao país, depois de rápida passagem pela Universidade Dinâmica Cataratas, na cidade de Foz do Iguaçu, foi contratada pela Universidade Católica de Santos (Unisantos), em 2001. Decidiu, então, fixar residência na baixada santista. Permaneceu na Unisantos até 2005, exercendo diversas atividades de coordenação, orientando pesquisas de mestrado e ministrando disciplinas de graduação e de pós.

A partir de seu retorno ao Brasil, Sonia, intensificou suas atividades na área de histórias em quadrinhos, organizando livros (como *Cultura Pop e mangá*, pela Editora Prancheta, em 2003 e *Cultura Pop japonesa: mangá e animê*, pela Editora Hedra, em 2005), elaborando capítulos de livros e produzindo muitos artigos científicos, além de assumir a coordenação da Comissão de Teses do Prêmio HQ-Mix e participar ou presidir júris de festivais de quadrinhos. Seu prestígio na área lhe trouxe dezenas de convites para participação em bancas, ministrar cursos, palestras e conferências, elaborar prefácios e apresentações de obras, realizar curadorias, etc. O reconhecimento formal de sua contribuição à área foi expresso em várias oportunidades, nos diversos prêmios que recebeu, como o de “Apoio ao Mangá, o quadrinho japonês”, da Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Animê (Abrademi), em 2001; o de “Atuação relevante em prol do Humor Gráfico”, da Associação dos Cartunistas de Pernambuco (ACAPE), em 2004; o Prêmio Angelo Agostini como “Mestre do Quadrinho Nacional”, da Associação dos Cartunistas do Brasil, em 2006; o de Honra ao Mérito como “Pioneira pelos estudos acadêmicos Cultura Pop japonesa”, do Ministério de Negócios Estrangeiros do Japão e o Troféu HQ Mix, da Associação dos Cartunistas do Brasil, ambos em 2008; e o prêmio por “Trabalho, empenho e estudos dedicados à área de Histórias em quadrinhos”, concedido pela Prefeitura de Santos, em 2018.

Ao longo de sua carreira, Sonia Luyten publicou uma grande variedade de artigos científicos, matérias jornalísticas, capítulos em livros teóricos e livros próprios ou organizados por ela, juntamente com seus alunos. Dentre essa extensa produção, destacam-se especialmente sua tese de doutorado, já em sua terceira edição no formato livro - LUYTEN, Sonia. *Mangá, o poder dos quadrinhos japoneses*. 3a. ed. São Paulo: Editora Hedra, 2012 -, o livro que elaborou para a coleção primeiros passos - LUYTEN, Sonia. *O que é história em quadrinhos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993 -, a abordagem que fez com seus alunos de pós-graduação, relacionando histórias em quadrinhos e educação - LUYTEN, Sonia. *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. 3. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 1989 -, e os dois livros que organizou relacionando mangás e cultura pop - LUYTEN, Sonia et al. *Cultura Pop japonesa: mangá e animê*. São Paulo: Hedra, 2005 e LUYTEN, Sonia et al. *Cultura Pop e mangá*. 1. ed. São Paulo: Prancheta, 2003.

A professora Sonia Maria Bibe Luyten representa um marco nos estudos sobre histórias em quadrinhos no Brasil, sob o ponto de vista do campo científico da Comunicação Não apenas porque esteve entre os primeiros pesquisadores da área no país – juntamente com os professores Álvaro de Moya, Moacyr Cirne e Antonio Luiz Cagnin -, mas também por ter optado por um enfoque muito específico do tema - o dos quadrinhos japoneses -, diferenciando-se dos demais. Foi uma pioneira nos estudos da área, colaborando substancialmente para o reconhecimento e afirmação dos estudos de quadrinhos (*comics studies*) no país.

Sobre a autoria da bionota:

Waldomiro Vergueiro

Professor titular aposentado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP. E-mail: wdcsverg@usp.br

TÂNIA MÁRCIA CÉZAR HOFF (TÂNIA HOFF)

por Aliana Barbosa Aires

Tânia Hoff é uma professora e pesquisadora de destaque no campo da Comunicação na cidade de São Paulo, especialmente a partir da sua contribuição para o debate acadêmico sobre as articulações comunicação e consumo e para a implantação e consolidação do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) em São Paulo, referência nacional nos estudos de comunicação e consumo em perspectiva sociocultural.

Nasceu na cidade de Taubaté, São Paulo, no dia 20/05/1962. Pioneira desde o nascimento, Tânia é a primeira filha de quatro irmãos e primeira neta dos avós paternos. Seu pai, Adolpho José Moreira Hoff, filho de tradicional família rural da cidade de Taubaté, se casou com Maria Izabel Cezar Hoff, natural de Lagoinha, professora primária de escola pública que, na maturidade, aos 57 anos, formou-se em psicologia e atualmente dedica-se a escrever poesias, memórias e contos.

Tendo em vista entrar numa boa escola, Tânia foi morar com os avós paternos dos 6 aos 14 anos de idade. Fez o curso primário na

Escola estadual Dom Pereira de Barros; o ginásio na Escola Municipal e o colegial em escola particular técnica Alfredo Balbi. Mais tarde, aos 17 anos, foi fazer faculdade na cidade de São Paulo, onde conheceu Francisco Carlos Camargo, com quem se casou em 1984.

Em 1983, Tânia se formou Bacharel em Tradutor e Intérprete e Licenciatura Plena pela faculdade Iberoamericana. Desde o segundo ano de faculdade, já atuava profissionalmente como professora de português e literatura no segundo grau e supletivo. Para aprofundar seus conhecimentos, iniciou o curso de Letras Clássicas e Vernáculas (grego e latim) na FFLCH-USP em 1985, no entanto, em 1987, ao ser aprovada no processo seletivo do mestrado em Artes Dramáticas na ECA, interrompeu o curso de graduação para dedicar-se à pós-graduação. A defesa da dissertação “Duas Electras brasileiras”, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Célia Berretini, foi realizada em 1992.

Ao longo do mestrado, Tânia também lecionava na rede estadual de ensino e na rede particular da cidade de São Paulo, em colégios tradicionais como Bandeirantes e Bialik. Em 1994, ingressou no Doutorado na FFLCH e, em 1999, defendeu a tese “O argumento Emocional na Publicidade”, orientada pela Profa. Dra. Elisa Guimarães. Depois de mais de uma década, nos anos de 2013 a 2015, Tânia cursou pós-Doutorado em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, orientada pelo professor Aidar Prado.

Com vasta atuação em cursos de graduação na área de Comunicação em faculdades renomadas de São Paulo como PUC, FAAP e UNIP, Tânia iniciou suas atividades na ESPM em 1999, no curso de graduação, habilitação em Comunicação Social, ministrando disciplinas como Língua Portuguesa/Redação publicitária e Teoria da

Comunicação. Em 2003, foi convidada para se juntar ao núcleo de pesquisa em Comunicação e Práticas de Consumo, liderado pelo Prof. Dr. Vladimir Safatle, responsável pelo desenvolvimento da proposta de curso de pós-graduação *stricto sensu* da ESPM. Em 2006, com a aprovação do curso pela CAPES, ela inicia atuação como docente no primeiro Mestrado Acadêmico em Comunicação e Práticas de Consumo do Brasil, ao lado dos professores Maria Aparecida Baccega, João Carrascoza, Rose de Melo Rocha, Clóvis de Barros, Gisela Castro, dentre outros.

No PPGCOM-ESPM, Tânia tem trabalhado para a qualificação do programa, tendo atuado como vice coordenadora no período de 2011 a 2014 e como coordenadora de 2015 a 2019. Foi Editora da Revista Comunicação, Mídia e Consumo de 2006 e 2014, tendo retornado a esta função recentemente, em 2023. Em 2012, juntamente com os demais professores do PPGCOM, contribuiu para a concepção do Congresso Internacional em Comunicação e Consumo - Comunicon, do qual faz parte do comitê científico e coordena o GT “Comunicação, diversidade e biopolíticas do consumo” desde a 1ª edição do evento. Também coordenou o Comitê de Ética em Pesquisa da ESPM no período de agosto/2019 a agosto/2021, e desde 2019 até o presente momento coordena a Cátedra Maria Aparecida Baccega em Comunicação, Educação e consumo.

Em 2015 fundou o Grupo de pesquisa certificado pelo CNPq “Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo (Biocon)”, do qual é coordenadora. No âmbito do grupo de pesquisa, idealizou e organiza desde 2017 dois eventos regulares: o Colóquio Mundos Possíveis e o encontro Cara a Cara Biocon. No Colóquio Mundos Possíveis, a proposta é problematizar algum tema polêmico na esfera

da comunicação e do consumo e vislumbrar possíveis brechas e possibilidades para resolução de conflitos de ordem teórica, epistemológica ou prática, respondendo à pergunta: é possível mudar? O encontro Cara a Cara Biocon tem como objetivo levar a pesquisa acadêmica para fora dos muros da universidade, trazendo importantes pesquisadores/palestrantes para um bate-papo. Neste período, no âmbito dos trabalhos do Grupo de Pesquisa, tem construído parcerias com pesquisadores internacionais que resultaram em seminários, pesquisas e produção acadêmica, e contribuíram para internacionalização do PPGCOM.

Desde 2007, Tânia é avaliadora do Sistema Nacional de Avaliação da Educação superior, Ministério da Educação – MEC. É membra do corpo editorial de alguns periódicos do campo da Comunicação, tendo participado da comissão editorial da Revista E-Compós de agosto a dezembro de 2022. Em 2016, também participou, juntamente com pesquisadores da área, da criação do GT Consumos e Processos de comunicação na Compós, que coordenou no período de 2016-2017. Em 2018, organizou o pré-evento do Comunicon II “Fórum +Fashion”, e desde 2021 coordena o GT em Moda, Diversidade e Consumo no Colóquio Internacional de Moda.

Tânia publica regularmente trabalhos em periódicos e coletâneas do campo da comunicação, sobre temas que circundam imaginários de corpo e de consumo na mídia; regimes de visibilidade de corpos diferentes; transformações do discurso publicitário; constituição dos discursos do consumo; desenvolvimento das culturas do consumo no Brasil; biopolíticas e biossociabilidades do consumo.

É organizadora das coletâneas “Comunicação publicitária: dos regimes de visibilidade do corpo diferente às biossociabilidades do consumo” (2016); “O que é consumo: comunicação, dinâmicas

produtivas e constituição de subjetividades” (2016); e “Discursos mediáticos sobre la diferencia en América Latina y el Caribe” (2017), dentre outras. Publicou, em coautoria com Francisco Camargo, “Erotismo e Mídia” (2002) e com Lourdes Gabrielli “Redação Publicitária” (2004 e 2017). Nas últimas décadas, Tânia tem sido contemplada em alguns editais de agências de fomento como CNPq e CAPES, tendo recebido em 2023 bolsa de produtividade em pesquisadora CNPq nível 2.

Ao longo de sua atuação no PPG em Comunicação e Práticas de Consumo, Tânia Hoff tem contribuído para o avanço dos estudos em Comunicação e Consumo, especialmente no que diz respeito ao corpo, biopolítica, diversidade e análise de discurso. Orientando regularmente dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, ela vem pavimentando uma sólida estrada que leva à formação de novos profissionais para atuação em pesquisa e docência em cursos superiores, especialmente no campo da Comunicação, nos mais diversos estados brasileiros, de Norte a Sul, influenciando a educação brasileira em direção à construção de saberes ancorados nos desafios da atualidade.

Sugestões de obras da autora:

HOFF, T. M. C. **Entrelaçamentos**: moda plus size e biopolíticas do consumo para o corpo gordo. REVISTA D’OBRAS (ONLINE), v. 33, p. 56-74, 2021.

HOFF, T. M. C.; VIZCARONTO, D. M. (Org.). **Discursos mediáticos sobre la diferencia en América Latina y el Caribe**. 1. ed. Barcelona: UOC, v. 1. 214p, 2017.

HOFF, T. M. C. **Corpos discursivos**: dos regimes de visibilidade às biossociabilidades do consumo. 1. ed. Recife: Editora UFPE, v. 1. 200p, 2016.

HOFF, T. M. C.; GABRIELLI, L. **Redação Publicitária**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, v. 1000. 123p, 2004.

HOFF, T. M. C.; Francisco Carlos Camargo. **Erotismo e Mídia**. 1. ed. São Paulo: Expressão e Arte, v. 1300. 126p, 2002.

Sobre a autoria da bionota:

Aliana Barbosa Aires

Doutora em Comunicação e Práticas de Consumo – PPGCOM ESPM. Professora efetiva na UFPI - Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua como pesquisadora no grupo de pesquisas em Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo da ESPM e no grupo de pesquisa Estudos em Design de Moda, Tecnologia e Inovação na UFPI. E-mail: alianaaaires@ufpi.edu.br

Sobre as organizadoras

Maria Cristina Gobbi

Pesquisadora Livre-Docente em História da Comunicação e da Cultura Midiática na América Latina (2014) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista de Produtividade do CNPq. Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). Diretora Administrativa da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC). Professora Associada (RDIDP) da UNESP, nos cursos de graduação e nos programas de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) e Comunicação (PPGCom), desde 2008. Coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre o Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA) do CNPq e da Enciclopédia Digital Pensamento Comunicacional Latino-Americano - Seção Mulheres na Comunicação. Ganhadora do Prêmio Luiz Beltrão - Categoria: Maturidade Acadêmica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2014). Integra o INCT Caleidoscópio – Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências. E-mail: cristina.gobbi@unesp.br

Juliana Gobbi Betti

Doutora e Mestra em Jornalismo (UFSC), pós-graduada em Filosofia e Direitos Humanos (PUC-PR) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (Metodista/SP). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, com bolsa institucional (UFOP). Diretora Científica da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - ALCAR (2025-2027). Co-coordenadora do Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (UFOP). Integrante Grupo de Pesquisa PCLA - Pensamento Comunicacional Latino-Americano (UNESP) e do Observatório da Região Sul-Sudeste do INCT Caleidoscópio - Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas Múltiplas Insurgências. E-mail: jugobbibetti@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

B

Baccega 18, 131, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 240, 262, 275, 343, 349, 346, 352, 375

Balogh 18, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 260, 263

Belluzzo 327, 332

Buitoni 18, 102, 103, 140, 310

C

Camargo 19, 206, 274, 318, 320, 321, 322, 323, 325, 374, 377, 378

Castro 18, 127, 131, 169, 251, 262, 331, 375

Contrera 190, 194, 346

Costa 18, 45, 106, 156, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 313, 343

F

Fadul 18, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 275

Ferrara 18, 185, 283

Ferrari 18, 19, 176, 177, 196, 205, 214, 216, 221

Ferreira 3, 18, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 331, 343

Figaro 19, 20, 206, 213, 348, 350, 351, 352, 353

Freitas 18, 46, 162, 169, 218, 335, 343, 365

G

Gobbi 2, 3, 4, 6, 14, 16, 18, 21, 32, 48, 242, 251, 252, 380

Gomes 18, 19, 46, 104, 162, 168, 218, 308, 316, 317

H

Hamburger 18, 119, 120, 122, 124, 125

Hoff 19, 132, 373, 377, 378

J

Jaguaribe 18, 66, 67, 68, 69, 70

K

Kerbaury 18, 51, 290, 291, 297

Koshiyama 18, 23, 26, 27, 30, 31, 32, 33

Kunsch 18, 196, 202, 203, 204, 216, 218, 219

L

Lago 18, 88, 89, 91, 92, 93

Leão 18, 178, 179, 180, 181, 182, 183

Lopes 3, 18, 50, 56, 57, 60, 91, 260, 211, 233, 251, 263, 271, 273, 276, 281, 282

Luyten 19, 107, 108, 362, 368, 369, 371

M

Machado 18, 19, 92, 109, 139, 145, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 178, 179, 204, 245, 265, 270, 335, 364

Medina 18, 94, 95, 96, 98, 100, 101

Médola 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Mourão 18, 265, 266, 267, 268, 269, 270

Mungiolli 18, 253, 261, 262, 263

N

Nobre 18, 144, 152, 365

O

Oliveira 18, 19, 23, 33, 34, 37, 39, 40,
45, 46, 52, 57, 108, 127, 133, 135,
154, 161, 172, 237, 299, 340, 346

Ortriwano 18, 136, 137, 138, 141, 142

P

Passarelli 18, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Pereira 3, 19, 20, 56, 68, 94, 124, 196,
281, 339, 343, 347, 354, 355, 356,
357, 358, 359, 360, 374

R

Retz 18, 19, 83, 86, 87

Rocha 19, 46, 77, 276, 339, 341, 342,
343, 344, 345, 346, 360, 375

Rodrigues 18, 19, 138, 162, 168, 225,
308, 316, 317, 362

S

Saad 18, 111, 112, 113, 114, 115, 116,
117

Santaella 18, 109, 157, 226, 233, 283,
285, 286, 287, 288

Santos 3, 18, 19, 46, 83, 86, 87, 245,
299, 304, 305, 306, 327, 355, 370

Soares 19, 50, 108, 311, 312, 334, 335,
336, 337, 338, 346

RIA

Editorial